A HISTORIA ECONOMICA

(HISTORIA UNIVERSAL DO COMMERCIO
E DA INDUSTRIA)

VOLUME V

EDADE MODERNA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Os Réprobos (poema) — Esgotado.
O Poema do Trabalho.
A Eleição Camararia do Porto e a politica actual do Paiz (1895).
A Historia Economica. Vol. I — *Edade antiga.*
A Historia Economica. Vol. II — *Edade media.*
A Historia Economica. Vol. III — *Edade media.*
A Historia Economica. Vol. IV — *Edade moderna.*
A Historia Economica. Vol. V — *Edade moderna.*
Na Penitenciaria (poemeto).
Entre o Breviario (poemeto).
A Lista Civil, discurso proferido na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de julho de 1908.
A Crise Vinicola, discursos proferidos na Camara dos Deputados, nas sessões de 6 e 7 de agosto de 1908.
Projectos Parlamentares.
Novos Projectos Parlamentares.
O Poema da Vida.
Comentario ao Codigo Commercial Portuguez. Vol. I.
Comentario ao Codigo Commercial Portuguez. Vol. II.
O Direito Aéreo.
O Poema da Amargura.
Hespanha e Portugal e suas affinidades.

A ENTRAR NO PRÉLO

A Historia Economica — *Edade contemporanea.* (2 volumes).
O Direito Internacional.

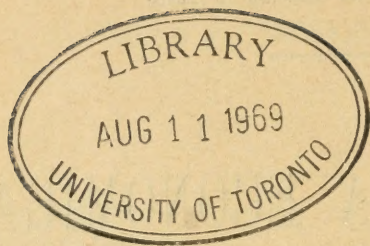
ADRIANO ANTHERO
Da Academia das Sciencias de Lisboa

A HISTORIA ECONOMICA

(HISTORIA UNIVERSAL DO COMMERCIO
E DA INDUSTRIA)

VOLUME V

EDADE MODERNA

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112
1921

Este volume, por baixo do simples titulo A Historia Economica *dos volumes antecedentes, leva a maior, em parenthese,* (HISTORIA UNIVERSAL DO COMMERCIO E DA INDUSTRIA).

É, realmente, d'essa historia universal do commercio e da industria que se tracta n'este volume, e se tractou nos outros, já publicados, como tambem se tractará nos dois volumes que resta publicar.

O titulo de Historia Economica *é o titulo official, pelo qual, segundo a reforma dos Institutos Industriaes e Commerciaes de Emygdio Navarro, sob cuja reforma começou a escrever-se esta obra, era conhecida a cadeira que tratava da historia do commercio e da industria. E bem appropriada foi essa denominação, porque a historia do commercio e da industria tracta das condições de riqueza dos differentes povos ou nações. Essas condições de riqueza chamam-se* factores economicos, *e os principaes d'elles são a situação, a superficie, o aspecto, o clima,*

a população, os productos, as industrias, e, portanto, o commercio e a marinha, e as communicações, como tudo explicamos no prefacio do primeiro volume, onde tambem puzemos em relêvo a influencia de cada um d'esses factores, e justificámos o methodo scientifico seguido n'esta obra. Por isso, o titulo A Historia Economica *significa bem que se tracta da historia de todos os factores economicos, e, assim, tambem do commercio e da industria.*

Ora, do geral da imprensa do nosso paiz os poucos jornaes que se dignaram accusar a recepção dos volumes anteriores, e até, com honrosas excepções, alguns d'aquelles que os apreciaram, referiram-se a esses livros, como sendo a historia da Economia Politica, e ao auctor, como sendo um economista.

Nada d'isso é exacto. A Historia Economica *já abrange a historia especial da Economia Politica. Mas, como fica expendido, e se vê dos volumes publicados, o assumpto é muito mais vasto, porque, até no campo das*

sciencias, esta obra tem abarcado não só essa, mas outras mais; e abrange, como dissemos, todos os factores economicos, e não sómente o factor economico de qualquer sciencia.

E, quanto ao auctor do livro, não somos economista, somos apenas um humilde historiador.

Desgraçada terra em que, para fazer saber a amplitude do titulo de uma obra historica, é preciso dar estas explicações!

Resta-nos a consolação de que, na Hespanha, na Italia e no Brazil, de cujos principaes historiadores temos cartas em nosso poder, não foi preciso ensinar o que significa A Historia Economica. *É uma triste compensação do dinheiro, tempo, trabalho e saude que temos perdido com a publicação d'esta obra.*

A HISTORIA ECONOMICA

CAPITULO I

Ligeiro esboço da historia politica da França na edade moderna

No volume antecedente, depois de termos desinvolvido o quadro geral do movimento economico da edade moderna, tractámos especialmente de Portugal, Hespanha, Hollanda, Belgica e Inglaterra [1].

Cumpre-nos agora examinar tambem o movimento economico dos outros povos; e, por isso, começaremos pela França.

Segundo o methodo explanado no 1.º volume [2], convem apresentar, a proposito de cada paiz, uma rapida exposição da sua historia politica; não só porque ella influe ordinariamente no movimento economico, e explica até os accidentes industriaes e commerciaes; mas tambem porque fornece pontos de referencia para as graduações d'aquella influencia.

---

[1] Não foi arbitraria a ordem que seguimos no volume IV; antes essa ordem representa a successão cronologica do desinvolvimento de cada uma das nações, combinada com a importancia d'esse desinvolvimento.

[2] *A Historia Economica*, vol. I — Introducção.

Ora, a historia politica da França, na edade moderna, começou cronologicamente com Luiz XII; mas vinha já de Luiz XI o movimento impulsor da nova civilisação.

Quando este rei subiu ao throno (1461-1483), tudo tendia na Europa, e, sobretudo, na França, para a chamada centralisação da monarchia [1]. Luiz XI secundou esse movimento, mais que nenhum outro monarca; mas á franca brutalidade que vinha dos tempos barbaros, substituiu a impostura, o fingimento e o prejurio, e soube disfarçar a traição com a astucia, a mais habilidosa.

A feudalidade soberana, elevada por apanagios e privilegios, estava ainda arrogante e de pé; e elle tractou de a abaixar, apoiando-se para isso nas classes trabalhadoras, d'onde proveiu o seu auxilio ás jurandas e mestrias; de modo que, n'essa parte, o interesse nacional estava de accordo com o seu.

Os grandes formaram, então, contra Luiz XI a Liga chamada do *Bem Publico* [2]. Mas, depois da batalha de Montlheri, o rei póde desfazer essa liga; e, em seguida, conseguiu abater os nobres, para depois opprimir o povo, tornando-se um despota do mais cruel absolutismo.

Comtudo, no meio das suas crueldades e despotismos, e a par da sua astucia e das suas traições, augmentou enormemente o poder real, e

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 6.

[2] É vulgar que a impropriedade dos nomes disfarce a impropriedade das intenções.

unificou a França, acabando com as casas de Alençon, Perche, Armagnac, Nemours, Saint-Pol e d'Albert; adquirindo a provincia de Picardia, o Artois com o ducado e condado de Bolonha, Charolais, Auxerre, Anjou, Maine, Provença, Rossilhão e Cerdanha; e alcançando tambem a Borgonha, excepto a região de Flandres, que ficou pertencendo a Maximiliano d'Austria, pelo seu casamento com Maria de Borgonha, filha do fallecido conde de Borgonha, Carlos o Temerario, d'onde se originaram differentes guerras com a França.

Por outro lado, desinvolveu o commercio e a industria. Foi o 1.º rei que estabeleceu a ordem na administração. Organisou os correios, embora sómente para a correspondencia official. Decretou a unidade de pezos e medidas e a egualdade de leis para todo o paiz. Pugnou pela bôa execução da justiça; e até, em muitas das cartas organicas das communas, consignou a garantia da fiança criminal. E, embora muitas d'essas medidas fossem inspiradas pelo interesse da realeza, e não pelo amor do progresso, é positivo que os resultados reverteram em proveito geral da França [1].

[1] Com effeito, se Luiz XI animou a industria, fel-o tambem por avareza, e para obter mais impostos, e, portanto, mais rendimento para a corôa, como, por exemplo, conseguiu na reforma das jurandas e mestrias. Se estabeleceu os correios, foi tambem para ter communicações promptas e seguras, na revolução da *Liga do Bem Publico*. Se quiz a ordem na administração, foi porque ella tambem se tornava necessaria ao despotismo. Se quiz a applicação rigorosa da justiça, é que um rei absoluto não tem nada a temer da egualdade dos seus escravos.

Os ultimos annos de Luiz XI foram cheios de terrores e de crimes. Encerrado n'uma fortaleza, tremia dos subditos, dos creados, e até do proprio filho.

Este rei fez executar quatro mil francezes, e praticou as maiores arbitrariedades e crueldades. A sua maxima era: *Quem não sabe dissimular, não sabe reinar.*

Succedeu-lhe o filho Carlos VIII (1483-1498), que só tinha 13 annos de edade, e que, depois d'isso, pelo casamento com Anna de Bretanha, reuniu este paiz á França.

Houve na menoridade d'elle uma reacção contra muitas das medidas de Luiz XI e a favor dos nobres, por este perseguidos, reacção que trouxe todo o reino agitado; e essa agitação deu logar á convocação dos Estados Geraes, em 1484, que foi verdadeiramente a primeira assembleia nacional da França [1]. Mas cedo se voltou á politica do rei defunto, animando a producção nacional, permittindo o luxo, confirmando e ampliando os privilegios industriaes.

Carlos VIII lembrou-se de fazer reviver as pretensões do direito que os reis da França julgavam ter, pela casa de Anjou, sobre o reino de Napoles; e tentou, por isso, conquistar a Italia. N'esse sentido, aproveitando o ensejo que se lhe proporcionou, quando os feudaes, nobres e barões napolita-

---

[1] Duruy — *Hist. de France,* vol. I. pag. 563.

nos pediram o seu auxilio contra o rei de Napoles, que os despojara dos seus privilegios, preparava-se para invadir a Italia. Mas, como a França tinha augmentado muito, pela acquisição da Bretanha, Henrique VII de Inglaterra, Maximiliano d'Austria e os reis de Hespanha, Isabel e Fernando, o *Catholico*, colligaram-se contra o mesmo Carlos VIII; e este, para accomodal-os, prometteu pagar em 15 annos uma grande somma ao cubiçoso Henrique VII [1]; deu a Cerdanha e o Rossilhão á Hespanha, apesar dos protestos de Perpinhão, que queria ficar francez; e deu a Maximiliano para seu filho o Franche Conté e o Charleroi, conquistas que tinham sido de Luiz XI (1493).

Seguiu-se a invasão da Italia. Carlos VIII chegou, então, a conquistar grande parte da peninsula, fazendo-se coroar rei de Napoles, imperador do Oriente e rei de Jerusalem. Mas, em breve, sendo o exercito francez perseguido pelo general hespanhol Gonçalo de Cordova, ás ordens do rei de Hespanha, teve de abandonar a conquista.

Carlos VIII, chegando á França, falleceu de uma apoplexia [2]; e, como não deixasse filhos, succedeu-lhe, por isso, o primo e cunhado Luiz XII (1498-1513) que era duque de Orleans; d'onde proveiu a dymnastia Valois-Orleans.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 646.

[2] Commines nas suas *Memorias*, diz que Carlos VIII tinha um bom coração, mas uma má cabeça.

Luiz XII, logo no principio do seu reinado, repudiou a primeira mulher, para casar com a viuva de Carlos VIII, Anna de Bretanha, afim de reter esta provincia nos dominios da França; e depois continuou a guerra com a Italia. Tendo conquistado o Millanez, lembrou-se de conquistar tambem o reino de Napoles; e, para isso, fez um tratado com a Hespanha, para dividirem a conquista. Mas, depois d'esse tratado, as duas nações desavieram-se na partilha; e, por esse motivo, seguiu-se a guerra, entre ambas ellas, em que os Francezes foram expulsos d'aquelle reino.

Luiz XII teve de luctar tambem contra a republica de Veneza, contra o papa Julio II, e contra os Suissos, ao mesmo tempo que luctava contra as tropas hespanholas; até que perdeu de todo a Italia. E, ainda depois d'isso, teve guerra com os Inglezes.

Este rei teve por ministro o cardeal Amboise; e, graças ao auxilio d'esse ministro, os rendimentos publicos foram escrupulosamente empregados no soldo dos militares, na animação da industria e da agricultura, nas construcções de utilidade publica; e tambem no embellezamento dos castellos reaes, o que representava ainda outra utilidade publica, quando esse embellezamento era feito n'um sentido artistico. Além d'isso, uma ordenança de 1506 auctorisou os particulares a servirem-se dos correios estabelecidos por Luiz XI.

As graças, pensões e festas ruinosas foram supprimidas; e a mais estricta economia regulou as despezas reaes. O rei dizia «antes quero ver sorrir

os castellões da minha avareza do que ver o povo chorar das minhas despezas».

Os lavradores foram libertados das rapinas dos homens de guerra. Os roubos e crimes foram severamente punidos. A agricultura floresceu; o commercio tomou uma extensão, até então desconhecida na França; e a terceira parte do reino foi arroteada em doze annos. Mas, apesar de tudo isto, Luiz XII morreu, sem ter feito á França todo o bem que elle desejava [1].

Succedeu-lhe Francisco I, o chamado *rei cavalleiro* (1515-1547), que iniciou o seu reinado, passando á Italia e conquistando Milão. Estando vago o throno imperial da Allemanha, quiz elle concorrer com Carlos V, herdeiro do fallecido imperador e rei de Hespanha. Mas foi este o que adquiriu aquelle throno; e d'ahi a rivalidade entre os dois monarcas e a guerra entre os dois paizes.

Outro inimigo da França, Leão X, ajudou o imperador Carlos V a tirar o Milanez aos Francezes, que se tinham feito detestar por toda a Europa; mas Francisco I não se intimidou. Passando á Italia, deu a batalha de Pavia, em que ficou prisioneiro de Carlos V; e, para se resgatar, além de outras condi-

[1] Felix Bodin, no *Résumé de L'Histoire de France*, classifica o reinado d'este rei o mais feliz de todos, á parte a politica externa. E tão levantado foi o caracter moral d'elle que os Estados Geraes lhe decretaram o nome de *Pae do povo*. Foi no tempo de Luiz XII, que existiu o celebre capitão Bayard.

ções, teve de renunciar a Napoles e Genova e á suzerania de Flandres e Artois, e de ceder, além d'isso, a Borgonha. Mas o tratado não se executou, porque o Estado de Borgonha se recusou a passar para o jugo estrangeiro.

Depois d'isso, Francisco I, ligando-se com o papa e com os Venezianos, repassou os Alpes, e foi cercar Napoles; mas a peste que deu no seu exercito, fel-o evacuar de novo a Italia.

A paz do Cambrai, em 1529, veiu acabar com essa lucta na Italia; e sobreveiu então a reforma de Luthero, para combater a qual, Francisco I fez queimar muitos protestantes, em França. Em 1538, desavieram-se novamente os dois potentados de França e Hespanha, e Francisco I invadiu outra vez a Italia, ateando-se, por isso, a guerra entre as duas nações; e tambem, como consequencia, entre a França e Hollanda. Houve ainda uma nova paz, em 1538, e uma nova guerra, desde 1542 a 1546.

Para rematar a vida por um acto de extraordinaria injustiça e crueldade, Francisco I, além de fazer queimar muitos protestantes, fez tambem queimar e exterminar toda a população inoffensiva dos Vaudenses, cujas crenças datavam de mais de tres seculos.

Em todo o caso, Francisco I tornou-se, tanto no bem como no mal, um principe notavel. Sua galanteria foi até á devassidão. Sua magnificencia, até o desperdicio. Sua coragem, até á temeridade.

Era violento, caprichoso, entregue a indignos favoritos, injusto, perfido e cruel, sempre abso-

luto nas suas vontades, e um dos reis mais despoticos da França. Acabrunhou o povo d'impostos. Aos Estados Geraes substituiu a Assemblêa dos Notaveis, formada por cortezãos, que approvavam tudo o que elle queria. Sujeitou ao seu poder a egreja gallicana, instituiu a censura, e corrompeu a nação, pelo exemplo e pelos costumes.

Mas protegeu as letras e as artes; desinvolveu muito a marinha, por causa das guerras d'Italia e das expedições maritimas de que adiante fallaremos; e foi elle que criou o porto do Havre. Fundou o collegio de França; tornou obrigatoria a lingua franceza, nos actos officiaes; e, como Luiz XI, quiz tambem estabelecer a unidade de pesos e medidas, porque, n'esse ponto, o decreto d'aquelle rei não tinha radicado.

Succedeu-lhe o filho Henrique II (1547-1559). Tinha com excesso os defeitos do pae, sem possuir nenhuma das suas boas qualidades. Continuou na mesma lucta de Francisco I contra Carlos V, e, depois da abdicação d'este, contra Filippe II, seu filho. Teve de suffocar a revolta da Guyenna, e tomou Calais aos Inglezes.

De uma indole preguiçosa e fraca, nascera para ser governado; e, effectivamente, o seu reinado foi o governo de favoritos e favoritas, como, por exemplo, do marechal de Santo André e Diana de Poitiers.

Foi casado com Catharina de Medicis, a rainha que, durante a vida d'elle, se conservou na penumbra; mas que, nos tres reinados seguintes, ia tomar uma feição predominante, e, por suas intri-

gas e crueldades, encher esses reinados de sangue e de perturbações [1].

Succedeu-lhe Francisco II (1559-1560), ainda na menoridade. Estando acabadas as guerras exteriores, e tendo começado as luctas religiosas, os nobres principiaram a formar varias facções. O principe de Condé e Henrique, rei de Navarra, seu irmão, eram chefes do partido protestante. Guise, tio de Maria Stuart, esposa do rei, dirigia o partido dos catholicos. O condestavel de Montemorency tinha tambem o seu partido. A rainha mãe, Catharina de Medicis, falsa e imperiosa, os protegia a todos, e os trahia ao mesmo tempo. A sua divisa era *dividir para reinar*. E, assim, foi que todo o reinado de Francisco II se passou n'estas dissenções intestinas [2].

---

[1] Foi sob Francisco I e Henrique II que se deu o movimento da renascença. Para a França aproveitar muito, como aproveitou com esse movimento, contribuiram as guerras de Italia, onde colheu o sentimento delicado da fórma, a pureza do gosto e a elegancia, que, depois, tanto a distinguiram em todas as industrias que exigiam estas qualidades. E foi tambem da Italia que a França recebeu a maior parte das industrias artisticas, como a da joalheria, fundição de bronze, lapidação, fabricação de crystal e vidros, moldagem em cêra, flôres artificiaes, gravura ao buril, e, sobretudo, a industria da sêda.

[2] Coincidiram com o reinado de Francisco II as pregações de Calvino. Isso fez atear a lucta religiosa entre os Francezes. O rei, influenciado catholicamente pela rainha mãe, Catharina de Medicis e pela mulher, Maria Stuart, poz-se ardentemente ao lado dos catholicos; e chegou a publicar o edíto de Écouen,

Succedeu-lhe seu irmão Carlos IX (1560-1574), de dez annos de edade, de quem ficou tambem regente a rainha mãe. A lucta de catholicos e protestantes continou, durante o seu reinado. Catharina voltou-se do lado dos calvinistas, que se chamavam *huguenotes*, de uma palavra allemã que significa *confederados*. Quiz terminar essa lucta; mas não pôde conseguil-o. E, comtudo, não decretou a liberdade de consciencia.

Foi, então, que os jesuitas se estabeleceram em França. As violencias commettidas pelos partidarios de Guise, em 1562, occasionaram em Vassy (Champagne), um massacre de huguenotes; e em Tolosa, enforcaram-se tambem quatro mil.

Ateou-se, por isso, a guerra civil, até que, depois de uma fingida paz, na noite de S. Bartholomeu, os huguenotes de Paris foram todos massacrados, sem distincção de sexo nem de edade (1572); e até o proprio rei atirou do seu balcão tambem contra elles. E esses mesmos horrores repetiram-se, á mesma hora, nas provincias, de forma que foram, assim, massacrados cem mil francezes.

Este facto accendeu a guerra civil; e, no anno seguinte (1573), formou-se na propria côrte o partido dos descontentes, aos quaes se junctaram os huguenotes.

Carlos IX morreu, cheio de remorsos, e succe-

---

que applicava a pena de morte aos protestantes e seus cumplices. Combinou-se tambem com Filippe II da Hespanha, para combater a heresia.

deu-lhe Henrique III (1574-1589), outro seu irmão, que antes d'isso, era duque d'Anjou. Foi um rei nullo, esbanjador, preguiçoso, futil, refalsado e devoto, que se entregou a infames libertinagens [1].

Aconselharam-no a poupar os calvinistas; e, pelo contrario, declarou-se contra elles. Seu irmão Francisco, o duque de Alençon, e Henrique de Navarra, que foi mais tarde Henrique IV, uniram-se contra elle; e, com isso, os calvinistas obtiveram vantagens politicas e um edito de pacificação, em 1576, o que indispoz bastante os catholicos contra o rei.

Então, formou-se a *santa liga*, que era uma conjuração de catholicos furiosos, que se obrigavam a defender a religião e o rei, obedecendo cegamente a seu chefe Henrique de Guise, chamado o *Balafré* (acutilado); e começou a guerra chamada dos tres Henriques, a saber: o rei Henrique III, Henrique, o *Bearnnais*, rei de Navarra e Henrique de Guise. N'essa guerra, as victorias de Henrique de Guise e a sua popularidade causaram a inveja de Henrique III; e por isso, querendo o mesmo Guise vir sobre Paris com as suas tropas vencedoras, o rei prohibiu-lh'o: o que deu em resultado que, em 1578, Paris enthusiasta por elle Henrique de Guise

---

[1] Henrique III foi peior ainda que o infame Carlos IX. Este era mau, por colera e por occasião, e cruel, por instigações. Henrique III era-o, por indole e continuamente. Só lia Machiavel, e nem, ao menos, sentiu os remorsos que martyrisaram os ultimos tempos de Carlos IX.

organisou-se n'uma insurreição, sob o nome *Dos Dezaseis*. Eram os dezaseis bairros da communa, que, pouco mais ou menos, correspondiam ás secções de 1792.

A Sorbonna, que os appoiava, decidiu que se podia tirar o governo aos principes incapazes. Os da *liga* dictaram, então, as ordens ao rei; mas este mostrou alguma resistencia, e fez vir os Suissos a Paris. Com isso, os burguezes correram ás armas contra elle, e o rei fugiu. Fez depois assassinar os Guises, e, pactuando a paz com Henrique Bearnnais, marchava instigado por elle, sobre Paris, quando foi morto por Jacques Clement.

Succedeu-lhe aquelle Henrique Bearnnais, sob o nome de Henrique IV (1589-1610).

Começou com elle o ramo Bourbon.

Proclamado rei sómente por algumas provincias, teve de luctar contra o velho cardeal de Bourbon, seu primo, que se tinha declarado tambem rei, sob o nome de Carlos X; e, tendo ganho a batalha de Ivry, cercou Paris. Os da *liga* defendiam-se com furor. A fome tornou-se espantosa. Mas o celebre Farnezio, general Filippe II, veiu fazer levantar o cêrco. Henrique IV cercou tambem Rouen, que Farnezio egualmente livrou; e a guerra accendeu-se em quasi toda a França. Cansados da lucta, os partidos approximaram-se, n'uma conferencia; e Henrique IV, para vencer as difficuldades, decidiu-se a abjurar o protestantismo, dizendo que *Paris valia bem uma missa*. Com essa abjuração, conseguiu elle entrar n'aquella cidade, em 1594.

Teve de sustentar ainda uma outra guerra con-

tra Mayenna, chefe da *liga*, que elle venceu e amnistiou. Teve tambem de combater os Hespanhoes, que tinham invadido a França. Deu aos calvinistas o edíto de Nantes, pelo qual o exercicio da sua religião lhes era tolerado, com certas restricções; e abateu as pretensões dos *Pares*, o que deu logar a uma conspiração do pariato que foi abafada.

Os *Pares* eram os grandes do reino que tinham enormes privilegios, entre esses, o de só poderem ser julgados por seus eguaes. Filippe, o *Bello*, creara novos *Pares*, para enfraquecer e desnaturar esta instituição [1]; mas, ainda assim, ella ficou tão grande que a qualidade de *Par* era superior á de principe de sangue; e, por isso mesmo, Henrique IV diminuiu os seus privilegios. Abateu egualmente o poder dos jesuitas.

Por outro lado, Henrique IV, acabando com as dissidencias, preparou o terreno para o progresso economico. O seu ministro Rosni, elevado por elle a duque de Sully, desinvolveu a agricultura; aboliu as alfandegas internas; expurgou o paiz dos bandos de ladrões, que se tinham formado, á mercê de tão demoradas guerras; e os soldados licenciados foram obrigados a cultivar as terras. Promoveu a plantação de amoreiras e a industria da sêda; estabeleceu um regrado systema de impostos; e cuidou da viação publica [2].

---

[1] Veja-se *A Historia Economica*, vol. III, pag. 194.

[2] Sully não tinha repugnancia pela marinha, mas as colonias distantes aterravam-no. Ora, n'este ponto, as vistas de

Henrique IV foi morto por Ravaillac, em 1609.

Succedeu-lhe Luiz XIII (1610-1643). Tendo unicamente 9 annos de edade, o parlamento deu a regencia a sua mãe, Maria de Medicis. Os beneficios da administração precedente, foram perdidos. Sully foi despedido, e foram gastas as suas economias. O florentino Concini, depois marechal d'Ancre, e sua mulher Leonor Galigai arruinaram a França, governando até na propria regente. Levantaram-se, por isso, os grandes e as facções; e esse levantamento fez convocar os Estados Geraes, cuja reunião se gastou em discussões estereis, e que não tornaram a ser convocados até á revolução franceza.

Um joven, pagem do rei, Luynes, que se tinha apoderado do seu espirito, persuadiu-lhe que se desfizesse do ministro, para sacudir o jugo da regente. O rei, cruel por fraqueza, fez assassinar Concini, e a marechala foi accusada de brucha e queimada. Luiz XIII tractou tambem duramente a sua propria mãe, chegando mesmo a exilal-a, o que a levou a revoltar-se por duas vezes, sustentada por alguns nobres. Os calvinistas insurgi-

---

Henrique IV iam mais longe que as do seu ministro. Elle enviou Champlain á America; e este fundou no Canadá, em 1604, Port Royal, hoje Annapolis, e mais tarde (1608) Quebec. Henrique IV quiz tambem fundar uma companhia das Indias, á imitação da companhia hollandesa; mas não teve tempo de realisar esse projecto. Assignou com a Turquia um tratado de commercio; e desinvolveu as artes e as letras, como tudo adiante veremos.

ram-se tambem, muitas vezes, e obtiveram differentes concessões vantajosas.

Appareceu, então, no meio de tantas desordens, o cardeal Richelieu, que vivia retirado. Este homem tinha uma vontade inflexivel e o desejo de impor essa vontade aos outros: era o despota por excellencia.

Tendo protegido, primeiramente, os calvinistas, tractou depois de os opprimir, tirando-lhes as praças que elles occupavam, unica garantia da sua segurança. Após um cèrco heroico, feito em pessoa por elle cardeal, apoderou-se da Rochella, que uma frota ingleza defendia, e fez arrasar este baluarte da fé calvinista (1627).

Depois d'isso, não se tractou mais de Luiz XIII, mas sim de Richelieu, diante de quem tudo se curvava. O rei não era contado para coisa nenhuma.

O Rossilhão foi conquistado, em 1628. A casa de Austria foi abatida. Foram sustentadas muitas guerras contra os Hespanhoes, com successos diversos. A Catalunha entregou-se á França. E Richelieu manteve gloriosamente o nome francez na Europa.

Comtudo, embora elle attendesse tambem aos interesses materiaes da França, como cuidou, principalmente, da grandeza politica da nação e do abatimento do protestantismo e da nobreza, muitos melhoramentos economicos de Sully foram perdidos.

Houve diversas conspirações contra o mesmo Richelieu, que elle descobriu e abafou.

Á sua morte seguiu-se, com pequeno intervallo, a de Luiz XIII, que, durante o governo d'esse ministro, foi instrumento cego e docil d'elle.

Luiz XIV tinha só cinco annos, quando seu pae morreu (1643-1715), e o parlamento arrogou-se ainda o poder de conferir a regencia. A rainha mãe, Anna de Austria, mulher versatil e *coquette*, obteve essa regencia, mas o cardeal Mazarino governou por ella. Era um homem astuto, que olhava a arte de reinar como arte de enganar. Continuou a guerra com a Austria, em que sobresairam as victorias de Condé e Turenne, e que terminou pela paz de Westephalia, em 1648, pela qual a França adquiriu a Alsacia.

Rebentou depois contra o mesmo cardeal o descontentamento dos grandes, que se alliaram ao parlamento, e começou a guerra civil chamada a *Fronda,* entre o partido da côrte, a saber, entre a regente Anna de Austria e Mazarino, seu principal ministro, e o partido da nobreza e do parlamento, em que Turenne sustentava os realistas e Condé os populares.

Luiz XIV foi declarado de maior edade, em 1651; desposou, em 1659, a infanta Maria Thereza; e, em 1661, tomou por ministro a Colbert.

Depois, em 1662, comprou por cinco milhões ao rei da Inglaterra, Carlos II, o porto de Dunkerke. Invadiu a Hollanda com os seus generaes Condé, Turenne e Luxemburgo, e propoz-lhe condições acabrunhantes. Do desespero nasce a exasperação; e foi por ella que os Hollandezes, rompendo os diques, inundaram o seu territorio, para o conservarem livre. Luiz XIV, por esse motivo, teve de evacual-o, e, a par d'isso, o almirante hollandez Ruyter, bateu, muitas vezes, as tropas francezas e

inglezas. Em todo o caso, com as victorias de Turenne, Condé e Duquesne, fez-se a paz de Nimégue, que consolidou as conquistas francezas do Franche Conté e das Flandres (1678).

Depois d'isso, o stathouder preparou uma invasão na França, mas o marechal Luxemburgo a repulsou. O rei, não contente com essas guerras e victorias, mandou bombardear Alger, para ensinar os piratas a respeitar o commercio francez; e fez egualmente bombardear Genova, por ella ter auxiliado Alger.

Luiz XIV teve, primeiramente, por ministro o cardeal Mazarino, que morreu, em 1661; e, em seguida, Colbert.

Este segundo ministro havia estado muitos annos em Paris e Lyon, a aprender o commercio. Depois, tinha servido de ajudante de um procurador, tabellião e tezoureiro do rei, até que entrou ao serviço d'aquelle cardeal Mazarino. Começou por organisar as finanças, que o governo de Mazarino tinha desorganisado, e castigou severamente os concessionarios.

As alfandegas interiores, abolidas por Sully, tinham sido restabelecidas pelos seus antecessores. Colbert começou tambem por abolir muitas d'ellas e uniformisar e reduzir os direitos d'outras. E, se as não aboliu todas, foi pela opposição de muitas provincias, que pugnaram pelos seus privilegios [1].

---

[1] Octave Noel — *Histoire du Commerce du Monde*, vol. II, pag. 246.

Depois, empregou todos os seus esforços, para desinvolver a marinha, a industria e o commercio; mas, em todo o caso, segundo o systema da epoca, sujeitando-os a muitos regulamentos e restricções.

Colbert publicou, de harmonia com o seu systema protector, a tarifa ou pauta aduaneira de 1667, que augmentou grandemente os direitos sobre as manufacturas inglezas e hollandezas. Essa tarifa trouxe represalias da Inglaterra e Hollanda, que, por seu lado, prohibiram a importação dos vinhos e de outros generos francezes, causando com isso uma grande miseria na França. Seguiu-se até, por esse motivo, a guerra com a Hollanda, em 1672. Mas, nem por isso, Colbert desanimou.

Como Luiz XIV gostava muito de luxo e ostentação, Colbert, lisongeando-lhe o gôsto faustoso, assegurou o futuro das industrias do luxo, d'onde proveiu a preponderancia da França, quanto aos artigos de gôsto e objectos da moda.

Uma das obras mais importantes de Colbert foi a criação da marinha franceza; porque, antes d'elle, o que Richelieu havia feito, e pouco era, desappareceu com Mazarino.

Tambem Colbert abriu o canal de Lanquedoc.

Em relação á agricultura, não teve por ella o mesmo cuidado de Sully; e embaraçou-a com muitas restricções, respeitantes á exportação dos generos: o que deu em resultado que nunca ella esteve mais atrasada que sob Luiz XIV.

As muitas guerras que houve no tempo d'este rei, fizeram que fosse preciso lançar muitos impos-

tos. Colbert, como ministro da fazenda, teve assim, de destruir a sua propria obra; e, por esse motivo, morreu, em 1693, amaldiçoado pelo publico. A França perdeu n'elle o seu bom genio.

Depois, o rei, no cumulo da sua grandeza, lembrou-se ainda de extirpar a herezia; e, por isso, revogou o edíto de Nantes de 1685.

Os templos protestantes foram destruidos, e os filhos arrancados aos paes, para serem feitos catholicos; d'onde resultou que oitocentos mil cidadãos pacificos foram levar ao estrangeiro a sua industria e os seus resentimentos, e que os bens d'elles serviram de recompensa á nobreza.

A Europa, indignada ligou-se, então, contra este despotismo perseguidor, e a alma d'essa liga foi o Stathouder, principe de Orange, depois Guilherme III d'Inglaterra. Esta guerra terminou de cansaço, depois de varios revezes da França, pela paz de Riswick (1697). A França estava arruinada.

Por esta occasião, morreu o rei de Hespanha, Carlos II, que, depois de muitas hesitações entre a França e Austria, se deixara extorquir por Luiz XIV um testamento, em favor de Filippe V, neto do mesmo Luiz XIV. E d'ahi resultou outra guerra, chamada *da successão*, em que a Hespanha e França luctaram contra a Inglaterra, Austria e Portugal, e que terminou pela paz de Utrecht.

Tudo isso fez retroceder a França; e as suas finanças recairam no cahos, d'onde Colbert as tinha levantado.

A nação continuou a ter algum brilho externa-

mente, mas, no interior, a sua ruina foi cada vez maior. Retomou-se o antigo systema da adjudicação dos impostos por arrematação. A usura, a alteração reiterada da moeda e os privilegios e excepções, foram os mais deploraveis fructos das administrações immoraes e inhabeis que se succederam. Accresceram ainda as guerras, que privaram a França de uma grande parte das suas colonias, e a sujeitaram a concessões mercantis prejudiciaes, como, por exemplo, a abolição das tarifas de 1667.

De tudo isto resultou um profundo abalo de credito, numerosas fallencias, o retraimento do numerario, e a diminuição do consumo e do commercio.

A cultura do solo era abandonada, e os trabalhadores emigravam. O povo tinha falta de alimentos e vestuario; os camponezes e burguezes estavam carregados de impostos; as rendas publicas eram sempre consumidas tres annos antes; e a penuria financeira era tal, que, quando Luiz XIV, no fim da sua carreira, precisou de uma somma de oito milhões de francos, foi obrigado a subscrever uma obrigação de 32 milhões.

Succedeu-lhe o neto Luiz XV (1715-1774), que tinha cinco annos, quando o avô falleceu. O parlamento nomeou regente o sobrinho de Luiz XIV, duque de Orleans, que era um libertino muito espirituoso, porém muito desleixado dos negocios publicos.

A grandeza ostentosa do ultimo reinado, juncta aos seus revezes, tinha enfadado os Francezes.

Livres da coacção, que passara do cerimonial e da intolerancia para os costumes, abandonaram-se logo aos abusos de uma louca alegria, como os filhos que escapam á tutella pesada da um pae.

Houve guerra com a Hespanha, que teve a seguinte origem: Filippe v de Hespanha, accusando o regente d'intenções criminosas contra a pessoa do monarca, reivindicava a regencia para elle, e não cedia das suas pretensões á corôa da França, no caso do rei fallecer sem descendentes. Então, a França fez uma alliança desgraçada com a Inglaterra, Hollanda e Austria, porque nada aproveitou com essa alliança; e d'ahi a guerra com a Hespanha, que terminou, ficando a Austria com a preponderancia na Italia, e a Inglaterra sobre o Oceano.

Como a França estava arruinada, o regente fez inuteis esforços, para pagar as dividas de Luiz XIV; e foi, então, que chegou Law a Paris, e que estabeleceu o seu tão celebre systema, que arruinou a França, e do qual nós fallaremos.

O regente e seus libertinos fizeram do vicio a moda, e a cidade foi atrás da côrte.

O rei entrava na maioridade, quando o regente morreu (1723); e teve, então, como ministro, o duque de Bourbon, que sómente assignalou o seu governo, por meio de perseguições contra os protestantes. O abbade de Fleury, que lhe succedeu, já na edade de 73 annos, era muito prudente, e pôde socegar e conciliar os animos e restabelecer alguma ordem nas finanças. Procurou dar á França uma longa paz, que, apesar d'isso, foi

perturbada pela guerra com a Allemanha, a qual tinha por alliada a Russia, então governada por Pedro o Grande, e que terminou pela paz de 1734, favoravel aos Francezes. Era a primeira vez que se fallava da Russia na Europa.

E tambem, em 1740, rebentou outra guerra, pela successão do imperador da Allemanha, Carlos VI, cuja corôa era disputada por differentes pretendentes e, que a herdeira do mesmo imperador, sua filha Maria Thereza, queria conservar intacta. Esta guerra foi menos feliz. A França era, então, alliada da Hespanha, da Prussia, governada por Frederico, o Grande, e do eleitor da Baviera, contra a Austria, que teve por alliados a Inglaterra, Hollanda e Piemonte. A paz de Aix-la-Chapelle coroou a persistencia corajosa de Maria Thereza (1748).

A guerra tinha-se tambem accendido sobre os mares, a principio, com exito favoravel para os mercadores da França, que se apoderaram de Madrasta, e fizeram respeitado nas Indias o nome francez; e, apesar da paz de Aix-la-Chapelle, a guerra colonial continuou com a Inglaterra, até o tratado de Paris (1765), que despojou a França das suas colonias da America, excepto Nova Orleans. A alliança contraida com a Hespanha, sob o nome de *Pacto de familia*, contra a Inglaterra, não foi tambem feliz para a França. É que Chatam governava a Inglaterra, cujo poder elevou ao mais alto grau.

Houve n'este reinado intermінaveis questões religiosas e intrigas politicas, suscitadas pela bulla *Unigenitus*, que suppunha a infalibilidade do papa.

Houve as perseguições exercidas pelos jesuitas e pelo Estado contra os jansenistas e parlamento. Houve o maximo desregramento de costumes da parte do rei e da côrte[1], e a substituição dos juizes integros por cortezãos corruptos.

Ainda assim, o ministerio Choiseul deu á França alguma dignidade no exterior, e conquistou a Corsega. Os jesuitas foram expulsos; e houve o movimento filosofico que produziu a Encyclopedia, a par do grande desinvolvimento dos *economistas*.

A Luiz XV succedeu-lhe Luiz XVI (1774). A revolução franceza estava feita nos espiritos, quando elle subiu ao trono; e a independencia dos Estados Unidos, confirmada pelo tratado de Versalhes, em 1783, contribuiu para ella.

O seu reinado foi agitado, externamente, pela guerra com a Inglaterra, que terminou com a paz de Versalhes, em 1783; e, internamente, pelos esforços financeiros, tendentes a levantar o abatimento economico da nação, sob os ministerios de Quesnay, Turgot, Necker, Calonne e Brienne. O rei era muito dado á geografia, marinha e colonias; e, no tempo d'elle, avultaram as explorações geograficas.

Assim, La Peruse, em 1785, descobriu as ilhas de Necker; e, em 1787, descobriu a ilha de Saghalien, as ilhas dos Amigos, a ilha de Norfolsk. Abordou a Batany-Bay, sobre o littoral do grande continente

---

[1] Ainda hoje são lembradas, com execração da maior immoralidade, as devassidões do Parc-aux Cerfs.

Australiano, e morreu nos recifes da ilha Vanikoro. Entre-Casteaux, indo, em 1791, em procura d'elle, abordou á ilha Van-Diemen.

Este reinado, terminou, em 1793, com a revolução franceza, em que o rei foi decapitado [1].

---

[1] V. Duruy, *Histoire de France*—D'Anquetil, *L'Histoire de France*—Henri Martin, *Historia da França* (traducção portugueza)—Felix Bodin, *Resumé de l'Histoire de France*—Michelet, *Histoire de France*—Voltaire, *Le siécle de Louis XIV*—Lemontey, *L'Essais sur les Etablissements de Louis XIV*, e Levasseur, *Histoire du Commerce de la France.*

Contando desde o começo da edade media, teve a França as seguintes dynastias, até o fim d'este periodo:

1.ª Merovingiana, que principiou em Merovest (448), e acabou em Childerico (752).

2.ª Carlovingiana, que principiou em Pepino, o Pequeno (752), e acabou em Luiz v, o Preguiçoso (986).

3.ª Capêta, que principiou em Hugo Capêto (987), e terminou em Carlos iv, o Bello, filho de Filippe, o Bello (1328).

4.ª Valois, que principiou em Filippe vi, o Valois (1328), e acabou em Carlos viii (1498).

5.ª Valois-Orleans, que principiou em Luiz xii (1498), e terminou em Henrique iii (1589).

A dos Bourbons, que principiou com Henrique iv, em 1589, e durou até á revolução franceza.

CAPITULO II

Historia do movimento colonial da França na edade média

Historia do movimento colonial da França, na edade moderna. —Como a França dirigiu muito tarde as suas vistas para as exploraçõec coloniaes—Razão d'isso—Primeiras expedições coloniaes.—João Ango, Verazanni e Jacques Cartier, no Canadá—Ango e Villegaignon e as suas tentativas sobre o Brazil—Coligny e as expedições á Florida—Ataque dos Hespanhoes, que enforcaram ahi todos os colonos francezes —Gourge e a desforra dos Francezes, que, por seu turno, enforcaram todos os colonos Hespanhoes—Como a França renunciou á Florida—Expedição de Pedro de Monts á Acadia—Expedição de Champlain e fundação de Quebec e Montreal—Rivalidades dos Inglezes e Hollandezes e expulsão dos Francezes—Nova occupação da Acadia pelos Francezes, em 1628, sob Luiz XIII—Como os Inglezes obrigaram os Francezes a evacuar segunda vez a America do Norte—Restituição da Acadia aos Francezes—Situação critica dos Francezes, quando subiu ao trono Luiz XIV—Medidas de Colbert, para remediar essa situação—Nova lucta com os Inglezes—Cedencia feita, por Luiz XIV á Inglaterra do paiz do Cabo Hudson, Terra Nova e Acadia, ficando apenas com o cabo Hudson e S. João—Guerra dos Francezes com os Inglezes e perda de todo o Canadá, que ficou pertencendo aos Inglezes, pela paz de Paris de 1763, e, depois, pela paz Versalhes, que determinou os direitos da pesca da França e lhe confirmou a posse de S. Pedro e Miquelon.

Nova descoberta da Luiziania por Jolliet, em 1763, e pelo jesuita Marquette — Expedições de Lassale — Concessão do commercio da Luziania a Crozart — Ruina de Crozart e cedencia dos seus direitos á Companhia do Occidente, fundada por Law — Despertamento economico da colonia, pela agricultura e pelo commercio dos seus productos agricolas — Cedencia da Luiziania á Hespanha.

Colonias nas Antilhas — S. Christovão — Richelieu e os flibusteiros, e concessão que elle fez do commercio das Antilhas a uma Companhia — Cessão d'esta Companhia a outra, e d'esta outra á Ordem de Malta e a particulares — Contestação com a Hollanda e Inglaterra sobre a propriedade das Antilhas, e convenção de 1660, pela qual Guadelupe, Martinica, Granada e algumas pequenas ilhas ficaram pertencendo á França — Providencias de Colbert e progresso que d'ahi resultou para as Antilhas francezas — Colonisação da Martinica, de Guadelupe e S. Domingos.

Expedição ás Guyanas - Estabelecimento em Cayena — Decadencia da colonia — Occupação pelos Francezes de Santa Lucia, em 1763.

Expedições á Africa — Companhia de Cabo Verde — Decadencia d'essa Companhia — Medidas de Colbert, e nova Companhia a quem elle entregou esse commercio d'Africa — Expulsão dos Francezes do territorio de Gambia, podendo elles sustentar-se apenas no Senegal.

Commercio das Indias — Como a primeira expedição foi a dos negociantes bretões, sob o commando de Pyrard, e triste resultado d'esta expedição — Expedição da Companhia de Rouen — Ainda uma nova expedição de outra companhia, sem resultado — Formação da Companhia das Indias Orientaes, sob Luiz XIV — Estabelecimentos dos negociantes francezes em Surata — Fundação de S. Thomás — Estabelecimento dos negociantes francezes, em Sião e expulsão d'elles — Decadencia da Companhia das Indias Orientaes — Levantamento posterior d'ella — Occupação de Bombaim pelos Francezes — Administração de La Bourdonnais — Feitorias de Patna e Chandernagor — Governo de Dupleix — Augmento das colonias — Tomada de Karikal aos Inglezes —

Alargamento do território de Pondichery e Karikal — Chamamento de Dupleix á França, pelo ciume dos seus compatriotas — Luctas com a Inglaterra, e reducção das colonias francezas, pela paz de Paris.

Conhecendo o modo como a França se constituiu no continente, vejamos as alternativas da sua vida ultramarina.

Não dirigiu ella as suas vistas para as explorações coloniaes, tão cedo como os outros povos; porque a maior parte do seu litoral só foi adquirido mais tarde, segundo vimos [1]; e porque a attenção dos primeiros reis d'este periodo estava dirigida, sobretudo, para a Italia, e o Governo preoccupado com as luctas n'essa peninsula, deixou de prestar auxilio official a taes explorações. E accresceram ainda as perturbações interiores, que desviaram tambem a attenção da monarquia dos grandes interesses do commercio distante e da ideia de explorar as duas Indias. Mas, apesar d'isso, a iniciativa particular, embora mais tarde que nos outros paizes, começou a dirigir-se tambem por esse caminho.

Já antes de 1503, houve differentes expedições transatlanticas, partindo de Dieppe e de Rouen.

Mas a primeira viagem sobre que ha noticias seguras no Novo Mundo foi, em 1503, sob o commando de Goneville, capitão do Honfleur; e a segunda, em 1508, sob João Ango ou Cago, partindo do Dieppe.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 155 e seguintes.

Estes navegadores descobriram o cabo Breton, e exploraram as Costas da Terra Nova, onde fundaram a grande pesca. E este successo levantou por um momento a attenção de Francisco I, que, por isso, tomou ao serviço do Estado o florentino Verrazani, e o encarregou, em 1524, de tentar novas descobertas.

Verrazani, costeando as costas da America do Norte, adiantou-se mais para o sul que os seus predecessores, e desembarcou em diversos pontos das regiões a que mais tarde se deu o nome de Virginia e Carolinas; mas a sua viagem não teve outro resultado, alem da narração das decepções soffridas na procura do ouro e da prata.

Dez annos após, Jacques Cartier, mais feliz que Verrazani, penetrou no golfo que chamou S. Lourenço; subiu o rio em busca d'uma passagem para o nordoeste; visitou as tribus costeiras; trocou com ellas mercadorias europeias por differentes pelles, e voltou a França, depois de obter a certeza de que não havia passagem por essa via.

A elle se deve a descoberta do Canadá, ou, como se dizia, então, da *Nova França*, denominação que se estendeu mais tarde a todas as possessões francezas da America do Norte, inclusivamente á Luiziania. E dizemos que se deve a elle a descoberta do Canadá porque se os inglezes Sebastião Cabot e irmão, já em 1494 e 1497, abordaram a essas paragens; e, se a região limitrofe, Terra do Lavrador, foi, algum tempo depois, tambem abordada por Côrte-Real, essas descobertas não passaram das costas do mar.

Á vista do successo da primeira expedição de Jacques Cartier, Francisco I enthusiasmou-se com o desejo das explorações, e tornou a envial-o em 1540, com cinco navios, para uma nova expedição, dando-lhe o titulo de capitão real, e encarregando-o de fundar no paiz, novamente descoberto, varios estabelecimentos, e, ao mesmo tempo de entabolar com os selvagens um commercio regular de pelles. Cartier fundou, então, varias praças fortes, no cabo Breton e sobre o S. Lourenço, pelas quaes repartiu a sua equipagem; mas a metropole, preoccupada com as guerras de Italia, não tomava nenhum interesse n'estas colonias, que, demais a mais, se não faziam apreciar pelos metaes preciosos. Se não fosse a pesca, teriam até acabado de todo.

E accrescia que os particulares, de per si, eram impotentes para essa obra; e, embora se chegassem a constituir algumas sociedades, para desinvolverem a colonisação, estas sociedades, em vez de se auxiliarem mutuamente, começaram a guerrear-se[1].

Ango, que era um rico armador de Dieppe, mandou tambem varias expedições ao Brazil, que chegaram a criar entre os indigenas simpatias para com os Francezes, e que deram lugar, em 1506, a reclamações de Portugal contra essas expedições.

---

[1] Scherer, *Histoire du Commerce de toutes les Nations* (traducção franceza de Henri Richeliot e Charles Vogel, vol. II — Thomaz Raynal, *Histoire Philosophique et Politique des Etablissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, vols. VII e VIII — Octave Noël, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. II.

Em 1555, Henrique II auctorisou, pela recommendação do almirante Coligny, o cavalleiro de Villegaignon (Nicolau Durand de Villegaignon) a fundar uma colonia no Brazil; e, n'este sentido e n'esse mesmo anno de 1555, entrou elle na bahia do Rio de Janeiro [1], d'onde saiu, poucos annos após, sem ter attingido aquelle desiderato. Continuaram depois as tentativas dos Francezes, que chegaram a estabelecer-se provisoriamente em varios pontos do Brazil, até que se reanimou a coragem dos Portuguezes para os expulsarem.

Sob Carlos IX, os emigrados huguenotes, por instigação do almirante Coligny, emprehenderam tambem differentes expedições á Florida; mas não tiveram melhor successo.

O fim de Coligny era abrir aos seus correligionarios perseguidos um asylo que podesse com o tempo constituir um Estado livre; e, n'este sentido, por mandado d'elle, em 1562, João Ribaud partiu para a Florida com dois navios, e estabeleceu-se no logar onde se eleva hoje S. Agostinho. Mas, por um lado, a França não secundava esses esforços, porque não via metaes preciosos n'aquellas paragens; e, por outro lado, os huguenotes, pertencendo em geral á pequena nobreza, e educados no mister das armas, eram pouco trabalhadores e pouco sobrios. Dedicaram-se, por isso, principal mente á caça e á pesca.

Em todo o caso, a Hespanha, que tinha tomado

---

[1] Rocha Pombo, *Historia do Brazil*, vol. III.

posse da Florida por Ponce Leão, em 1515, julgou-se offendida nos seus direitos, e enviou uma frota para destruir a colonia franceza. Esta, abandonada pela mãe patria, não póde resistir; os Hespanhoes apoderaram-se dos fortes; e os colonos ainda vivos foram enforcados nas árvores, com esta inscripção: *Não como Francezes, mas como hereticos.*

A côrte de França, onde se projectava já o S. Bartholomeu, teve uma viva alegria com isto, e não cuidou de vingar o insulto feito á nação. Essa vingança estava reservada para um bravo gentilhomem gascão, chamado Dominico de Gourgue, que, em 1567, armou á sua custa muitos navios, e, embarcando com amigos que partilhavam os sentimentos d'elle, exerceu vingança terrivel, fazendo enforcar os Hespanhoes, com esta inscripção: *Não como Hespanhoes, mas como assassinos* [1].

Gourgue voltou á França, mas esta, empenhada em crueis guerras civis, estava muito preoccupada pela sua propria existencia, para se importar com as colonias.

*

* *

Os ensaios de colonisação só foram renovados sob Henrique IV. Renunciou-se, então, á Florida, afim de evitar conflictos com a Hespanha, e diri-

---

[1] Noël, *obr. cit.*, vol. II — Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. III.

giu-se a attenção para o norte, onde os primeiros colonos tinham deixado vestigios. Pedro de Monts, gentilhomem protestante, que tinha anteriormente visitado a America septentrional, obteve, por uma carta ou patente real, o direito de occupar todos os paizes habitados por selvagens, desde o 40.° a 46.°, ou a Acadia, sob a condição de dar á corôa o dizimo do ouro, prata e cobre que se explorasse. E, em virtude d'esta patente, fundaram-se duas colonias, a de Porto-Real, na bahia de Fundy, e a da Cruz, na embocadura do rio do mesmo nome.

A intolerancia que reinava na metropole, era avessa a essas colonias protestantes, cujo valor commercial se não podia, então, apreciar. Apesar d'isso, quasi que reduzidos ás suas proprias forças, os colonos conseguiram manter-se e ganhar terreno, e até mesmo penetrar no interior até Penebscot e Kennebec, onde fundaram S. Salvador.

*

* *

A expedição mais importante por seus resultados foi a de Champlain, que explorou o curso de S. Lourenço, e lançou, em 1608, os alicerces de Quebec e Montreal; e, depois, estendendo as suas relações com as duas grandes tribus dos Hurons e Algonquinos, e defendendo-as contra a dos Iroquezes, tribu visinha dos Hurons e do lago Ontario, e separada das outras duas pelo S. Lourenço, assegurou á França toda a America do Norte, desde Quebec á bahia de Hudson e do lago Superior, á bacia do Mississipi.

Este movimento dos Francezes emocionou os Inglezes e Hollandezes, interessados no commercio das pelles, os primeiros pela sociedade de Plimouth [1], e os segundos como senhores de New-York [2]. Os Hollandezes tractaram, por isso, de excitar contra os Francezes os selvagens, fornecendo-lhes armas de fogo e munições; e os Inglezes, recorrendo á força, atacaram Porto-Real e S. Salvador, e expulsaram d'ahi os Francezes. Jayme I quiz até submetter a Acadia inteira e fazer d'ella uma colonia ingleza, sob o nome de *Nova Escossia*; este projecto, porém, encontrou obstaculos que o inutilizaram, apesar da França não estar disposta a fazer grandes sacrificios, para defender o seu direito.

Os Francezes só entraram novamente na posse de toda a Acadia, pelo casamento de Carlos I com a filha de Luiz XIII. Este rei formou, então, em 1628, uma companhia de commercio com o capital de meio milhão de francos, á frente da qual estava o proprio cardeal Richelieu. Com excepção da pesca da baleia e bacalhau, que eram livres para todos os Francezes, todo o commercio por terra ou por mar constituiu um monopolio d'essa companhia. O rei concedeu-lhe, alem d'isto, a isenção dos direitos aduaneiros; fez-lhe presente de dois grandes navios; e conferiu cartas de nobreza a doze de seus principaes accionistas.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 619.

[2] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 501.

Os Francezes occuparam, assim, de novo os pontos abandonados; mas a sua alegria foi de curta duração. Na guerra que logo se ateou com a Inglaterra, em 1627, dois nobres escossezes Kirk e Menstry, a quem Jayme I tinha entregado uma patente que os auctorisava a tomar posse da Acadia, armaram uma flotilha á sua custa; apoderaram-se de Porto-Real e Quebec; e obrigaram os Francezes a evacuar, uma segunda vez, a America do Norte.

Os vencedores dividiram entre si a preza. Kirk ficou com o Canadá ao norte de S. Lourenço, e Menstry com a parte do sul e com a Acadia.

Este ultimo perdeu logo uma porção do seu lote, a saber, a ilha do cabo Breton, onde se estabeleceu um capitão de navio, de Dieppe, chamado Daniel; e abandonou o resto da Acadia, menos Porto-Real, a um protestante francez, Claudio de la Tour, que possuia, desde 1615, diversos estabelecimentos na bahia de Fundy, e que, reconheceu a auctoridade de Carlos I, de Inglaterra.

A casa de Stuart, bem disposta para a França, consentiu, na paz de S. Germano de 1629, em não dar como legitima essa conquista, operada por particulares, e em restituir todo o paiz comprehendido nos antigos limites do tempo de Henrique IV. Os Francezes tomaram, assim, posse, pela terceira vez, da Acadia; e Claudio de la Tour, desligado do seu juramento para Carlos I, reconheceu por soberano da mesma Acadia; a Luiz XIII, que, por seu lado, nomeou o filho d'elle, governador da região.

Kirk devia ser indemnisado do que perdia por

um monopolio commercial na bahia de S. Lourenço e nos paizes visinhos. Mas a França não ratificou este accordo, tanto mais que se propunha restabelecer a antiga companhia do commercio; e esta companhia entrou effectivamente, depois, em actividade com todos os seus abusos.

Ora, com essa companhia, a colonia, que, debaixo d'um bom regimen, poderia prosperar, declinou, a ponto que não só os Inglezes e Hollandezes, mas até os proprios Indios reivindicaram o seu direito á posse do solo, e trataram de expulsar os Francezes. A França enviava muito poucos emigrantes, e os antigos colonos, em vez de se reunirem n'um ponto só, para, depois se irem espalhando, conforme as conveniencias, dessiminaram-se, desde logo, como tantas outras sentinellas perdidas n'um territorio tão vasto. E, demais a mais, não tendo em vista senão o commercio das pelles, foram desprezando a cultura do solo.

N'estas circumstancias, a colonia atacada de todos os lados pelos Indios, estava na mais critica situação, quando, pela subida de Luiz XIV ao trono, e pela nomeação do seu ministro Colbert, um espirito novo e fecundo animou a metropole.

Esse ministro começou por enviar tropas que trucidaram os Indios, e restabeleceram a gloria do nome francez, e, depois de ter assegurado, por essa forma, a honra da colonia, tomou varias medidas, para melhorar as suas condicções materiaes.

Então, o monopolio da Companhia das Indias Occidentaes, de que nós fallaremos, foi estendido á America do Norte; mas, não tardando a dissol-

ver-se esta Companhia, o commercio tornou se livre, excepto o de pelles de castor. Como os braços faltavam, todos os soldados que quizeram estabelecer-se no Novo Mundo, receberam a sua baixa, com a propriedade de um lote de terra. Os condemnados por crimes politicos foram perdoados, com a condição de emigrarem para o Canadá. Os missionarios christãos foram prégar e propagar o evangelho; e, se não aproveitou muito essa propaganda, em relação aos Indios, sempre d'ahi resultou o conhecimento do interior e a maior extensão de colonisação. E, augmentando, assim, a emigração Europea, o paiz foi verdadeiramente colonisado.

A prosperidade nascente do Canadá excitou a inveja dos Inglezes, tornados seus visinhos immediatos, depois da tomada de New-York aos Hollandezes [1].

Como duas tribus bellicosas, os Iroquezes e os Hurons, alimentavam sempre a má vontade contra os Francezes, e estavam sempre desejosos de reivindicar o seu territorio, os Inglezes os animaram, fornecendo-lhes tambem armas, aguardente e munições.

Por outro lado, começaram os Inglezes a attrair para New-York o trafico de pelles, que se tinha até ahi concentrado em Montreal, pagando essas pelles por preços mais elevados, e fornecendo, em troca e de proposito, aos indigenas aquelles outros productos—armas, munições, e aguardente. E, para

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 501.

essa attração do commercio contribuia muito a circunstancia de que os Inglezes tinham tambem uma outra mercadoria que os Indios muito cubiçavam — os pannos de lã grosseira.

Os Francezes, para combaterem essa concorrencia, viram-se obrigados a vender tambem armas e munições, o que anteriormente era prohibido. E isto dava em resultado, fornecer recursos militares aos Inglezes que, de tempos a tempos, atacavam e destruiam os estabelecimentos dos mesmos francezes, e tomavam esses productos.

As guerras de Inglaterra com a França, depois da revolução de 1688, estenderam-se, geralmente, ás colonias. As fronteiras do Canadá e da provincia de New-York tornaram-se sempre o campo de batalha habitual entre os dois paizes, tendo uns e outros os Indios por auxiliares: até que, pela paz de Utrecht, Luiz XIV cedeu á Inglaterra o paiz da bahia de Hudson, a Terra-Nova, e a Acadia. Desejando encobrir um pouco a sua humilhação, antes quiz fazer esses sacrificios além dos mares do que na Europa [1].

A França teve alguma compensação d'estas perdas na ilha do Cabo Breton e S. João, que, por sua situação, dominavam ao mesmo tempo as pesqueiras da Terra-Nova, á entrada do golfo de S. Lourenço e as communicações com o Canadá. E tanto mais que a pesca do bacalhau era conside-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. II — Noel, *obr. cit.*, vol. II.

ravel, mesmo nas costas do Cabo Breton, e alimentava uma grande exportação para as Antilhas, que em troca mandavam café, assucar, mellaço: artigos esses que as colonias da Nova Inglaterra tomavam tambem, por sua vez, em troca de madeiras, cereaes e gado. A pesca franceza, no periodo que mediou entre a paz de Utrecht e a de Paris, era até muito mais importante n'estas paragens que a dos Inglezes.

Independentemente do peixe, o cabo Breton fornecia tambem carvão de pedra, que os navios levavam em lastro. A ilha de S. João, cujo clima era menos rude e cujo solo era mais fertil, prestava-se ao desinvolvimento da cultura; e a metropole julgou conseguir esse desinvolvimento, prohibindo a pesca. Mas baqueou n'esse intento, porque ficou sem pesca e sem cultura [1].

*

* *

No momento em que rebentou a guerra dos Sete Annos, a população do Canadá attingira 90 mil almas. Quebec era a capital, a sede do governo e

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II—Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. II. O primeiro estabelecimento dos Francezes no Canadá era Cataracui ou o forte de Frontenac, edificado, em 1671, á entrada do lago Ontario, para deter as incursões dos Inglezes e Uruquezes. Depois d'esse, foi Détroit. Havia antes d'elles o posto de Michillimakinac, que Détroit fez decair. O governo era uma auctoridade, puramente militar.

o primeiro porto de importação e exportação do paiz; mas o commercio de pelles tinha por entreposto Montreal. Alguns fortes ou postos militares adiantavam-se para o interior, até os lagos Ontario e Eric, e, em 1750, os Francezes tinham já tomado posição em Détroit.

D'este ponto propunham-se elles tapar o caminho aos Inglezes e monopolisar, assim, o commercio das pelles, que de todos os pontos ia lá dar, como n'um centro economico; e, para isso, traçaram, desde o S. Lourenço ao Mississipi, uma linha de demarcação arbitraria, que muniram de fortificações. Trouxe isto novos conflictos; e o commercio inglez, vendo-se ameaçado, reclamou o soccorro da metropole. D'ahi a guerra entre os dois paizes.

Os Inglezes conquistaram, então, em 1758, o cabo Breton; e essa conquista abriu-lhes o Canadá, que submetteram, apesar da sua vigorosa resistencia, e cuja posse lhes foi assegurada, pelo tratado da paz de Paris de 1763. Por esse tratado, que, demais a mais, reduziu muito o direito da pesca da França, juncto da Terra Nova, os Francezes perderam o seu ultimo elemento de resistencia á supremacia commercial d'Inglaterra, na America. Mas, por outro lado, esse facto apressou a separação das colonias da Nova Inglaterra, que livres, então, de um inimigo perigoso, não poderam supportar com a mesma paciencia as pretensões da metropole.

A paz de Versalhes deu á França grande parte do que ella tinha perdido, com respeito á pesca. Assim, os limites das respectivas pesquizas, sempre

contestados antes d'isso, foram determinados com exactidão. A França foi confirmada na posse de S. Pedro e Miquelon; e foi-lhe tambem reconhecido o direito de pescar no golfo de S. Lourenço [1].

*

* *

Ao mesmo tempo que o Canadá, tambem, em 1764, foi arrancada á França a Luiziania, ultima colonia d'ella, no continente norte da America.

Esta região que os Hespanhoes haviam comprehendido na designação de Florida, e que, levados pela cubiça do ouro, tinham percorrido, desde a primeira metade do seculo XVI, sob o commando de Ponce de Léon, Narvaez e Soto, foi descoberta de novo, em 1673, por Jolliet e pelo jesuita Marquette, partindo ambos do Canadá.

Tinham elles ouvido fallar de um grande rio de oeste que se dirigia para o sul, e, sob estes indicios, descobriram o Mississipi, que desceram até Arkansas. Alguns annos mais tarde, um outro explorador, Lasalle, seguindo os vestigios d'aquelles seus predecessores, chegou até á embocadura do mesmo rio; e voltou á França, para elle proprio trazer a noticia d'este acontecimento á metropole, em que o rei e o povo estavam egualmente animados da paixão da gloria pelas grandes emprezas.

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Noël, *obr. cit.*, vol. II — Raynal, *obr. cit.*, vol. VII.

Lasalle assegurou que a França podia alcançar, assim, na America um imperio tão grande como a Hespanha.

Chamou-se a nova região Luiziania, em honra de Luiz XIV; e resolveu-se enviar lá uma expedição, dirigida pelo mesmo Lasalle, que partiu, em 1682. Mas essa expedição deixou a entrada do rio Mississipi, e desembarcou n'uma costa arida e doentia, onde os homens que a compunham, succumbiram logo ás doenças e privações de toda a ordem e ás proprias discordias entre elles.

Nas tentativas posteriores, encontrou se o bom caminho; mas essas tentativas não tiveram melhor resultado, por causa da má escolha dos logares onde os colonos se iam fixando, e da leviandade culposa que presidiu á direcção de taes emprezas.

Trinta annos depois, o numero dos colonos nas margens do Mississipi não era superior a 400 ou 500, e a sua situação era tão deploravel que o governo, em 1712, não hesitou em conceder por 15 annos, a um negociante chamado Crozat, o monopolio do commercio da Luiziania.

Longe, porém, de tirar partido da fertilidade do solo, este especulador não tinha outro fim senão organisar um deposito para o contrabando com as possessões hespanholas das visinhanças e enriquecer-se, por semelhante meio. Frustrado na sua espectativa, e depois de arruinado, julgou-se feliz em ceder, em 1717, o seu privilegio a uma famosa sociedade, que se formou, sob a administração de Law, para a exploração d'este pretendido Eldorado, chamada *Companhia do Occidente*, e que foi, mais

tarde, fundida com outras pelo mesmo Law, n'uma unica, chamada *Companhia das Indias*, como veremos.

Dos desgraçados colonos, que uma cega credulidade attraiu á colonia, a maior parte d'elles Allemães, succumbiram mais de dois terços. Os que sobreviveram, fundaram a Nova Orleans, em 1722, e, para o norte, os estabelecimentos de Natchez, Arkansas e Illinois.

Quando desappareceu a esperança de descobrir ouro, quando a companhia renunciou ao seu monopolio, em 1731, tornando-se o commercio livre, e quando o governo resolveu não receber direitos de importação e exportação, por dez annos, é que se começou a abrir os olhos sobre o verdadeiro destino da região. Em vez de se entregarem ao contrabando e á caça, principiaram os colonos a desbravar as florestas e a cultivar o solo, que bem recompensava todos os esforços. Até ahi, a Luiziania tinha tirado da Europa ou da Nova Inglaterra todos os productos necessarios á vida; mas viu, então, que estava no caso de se alimentar a si propria, e ainda exportar muita coisa. O tabaco e anil constituiam o principal carregamento para a metropole. O assucar e algodão, cuja cultura foi ensaiada, é que não produziram. Parece que só mais tarde se soube cultivar o algodão; e para o assucar é possivel que um solo florestal, apenas desbravado, não fosse proprio para a sua producção, como era o das Antilhas.

Além do desembocadouro commercial da metropole, a Luiziania encontrava um bom mercado nas

Antilhas, onde a madeira de construcção, o alcatrão, o pez, as gorduras, carnes seccas, milho e legumes eram continuamente requisitados.

Esta colonia, porém, não aproveitou logo todas essas vantagens, e ficou atrás das colonias Inglezas, embora estas fossem menos favorecidas da natureza. Explica-se isto, primeiramente, pelo menor genio colonisador das nações latinas. Em segundo logar, porque a França impunha restricções religiosas, emquanto que, nas colonias inglezas, havia liberdade de cultos. Em terceiro logar, por um desgraçado systema da divisão do solo, que, em vez de reunir as forças em volta de um centro commum, as dividia por grandes espaços. Em quarto logar, tambem pelo systema de exacções fiscaes e corrupção dos governadores. E, finalmente, pelo facto da colonia, embora dotada de muito boa madeira, não ter um só navio.

Os trajectos directos entre ella e a França eram tambem muito raros. Ordinariamente, os navios partidos da Europa iam a S. Domingos, onde deixavam a maior parte da carga, e dirigiam-se d'ahi com o resto para o Mississipi, afim de lá procurarem os productos pedidos pela metropole. Mas a producção da Luiziania ficava inteiramente abaixo das necessidades; e essa colonia, que poderia facilmente prover as Antilhas francezas de materiaes de construcção e de generos alimenticios, e fornecer-lhes especialmente os animaes de talho e de carro, viu-se excedida pelas colonias activas da Nova Inglaterra.

Por fim, a França caindo n'um vergonhoso

estado de fraqueza, julgou desembaraçar-se de um encargo pesado, cedendo, em 1764, a Luiziania á Hespanha. Renunciou, assim, a toda a dominação continental no Novo Mundo [1].

*

* *

Os verdadeiros fundadores das colonias francezas, assim como das colonias inglezas, nas Antilhas, foram os flibusteiros [2]. Quando elles se tornaram bastantemente poderosos, para se chamarem legitimos possuidores, collocaram-se debaixo da soberania e protecção dos respectivos Governos, embora a Hespanha protestasse inutilmente contra os factos realisados.

Foi, assim que, em 1625, se constituiu a primeira colonia franceza, em S. Christovão. O cardeal Richelieu confirmou o chefe dos flibusteiros Denambuc, na posse da ilha; concedeu a uma companhia o monopolio do commercio das Antilhas, com auctorisação de formar novos estabelecimentos; reservou apenas para o Estado o dizimo das importações e exportações.

Os flibusteiros conseguiram, então, pela sua bravura, estender o dominio por muitas d'essas

---

[1] Noël, *obr. cit.*, vol. II — Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Raynal, *obr. cit.*, vol. VIII — D'Anquetil, *obr. cit.* — Henri Martin, *obr. cit.*

[2] Sobre os flibusteiros *vide A Historia Economica*, vol. VIII, pag. 365.

ilhas. Mas a avidez da companhia destruiu o resultado d'essa bravura; porque exigiu por todas as mercadorias da Europa uns preços tão exagerados que os colonos se lançaram nos braços dos Hollandezes, que lhes tinham proposto um commercio vantajoso.

A companhia, não estando em condições de sustentar a concorrencia, foi prejudicada, não só nas ilhas, onde as suas importações chegavam, frequentes vezes, muito tarde, mas tambem nos mercados da Europa, onde os contrabandistas vendiam os productos das Indias Occidentaes, muito mais baratos. Por isso, em 1631, essa companhia cedeu a concessão a outra, que, por sua vez, a cedeu tambem, em 1642, a uma outra companhia; e esta vendeu com grande perda, em 1649, as suas possessões e seus direitos a particulares e á ordem de Malta. Os compradores, senhores absolutos das ilhas, nomearam todos os empregos militares e civis, e exerceram absolutamente o direito de vida e de morte e o de perdão.

Depois, esses estabelecimentos voltaram, de facto, á sua antiga independencia. A cultura fez progressos notaveis, debaixo da administração directa dos proprietarios; mas, commercialmente, os Hollandezes ahi dominaram mais do que nunca, e a França não retirou de lá quasi nenhum proveito.

Estava-se, além d'isso, na duvida de saber se certas ilhas que os flibusteiros tomaram em commum, pertenciam á Inglaterra ou á França.

Afim de resolverem a questão, conveiu-se, em 1660, n'uma partilha, pela qual Guadalupe, Mar-

tinica, S. Domingos, Granada e algumas pequenas ilhas ficaram pertencendo á França. Colbert aproveitou esta occasião, para restabelecer a soberania franceza. Deu-se aos antigos possuidores uma indemnisação em dinheiro, e estas ilhas ficaram dependendo da corôa. E, só d'ahi por diante, é que podem ser consideradas verdadeiramente como colonias francezas.

Comtudo o ministro, mal instruido ainda por uma desgraça recente, commetteu a falta de conceder, em 1664, a uma outra companhia o privilegio de todo o commercio da America e da Africa. Ora essa companhia travou, por uma administração negligente e ignorante, a cultura das colonias, e favoreceu, pela arbitrariedade dos seus preços, o contrabando dos Hollandezes, em prejuizo da marinha e da industria franceza. E tudo isso, juncto á infidelidade dos seus agentes, ao descontentamento dos colonos e ás depredações das guerras, trouxe, em 1674, a dissolução d'ella; e as Indias Occidentaes gosaram, desde então, embora nos limites estreitos do systema colonial, e sómente por meio de certos portos, do livre commercio para com a metropole.

Havia, ainda assim, varias restricções; por exemplo, o assucar só podia ser exportado para a França, e não podia ser refinado nas colonias, senão com um direito differencial de tal ordem que tornava inutil essa faculdade. Mas, pelos inconvenientes que resultaram d'essas e outras restricções, um decreto real de 1717 supprimiu os direitos sobre as importações da metropole nas colonias, e

reduziu muito os que inversamente recaiam sobre as importações coloniaes na metropole. A prohibição da exportação do assucar bruto, em proveito das refinações indigenas, foi tambem revogada, e a Europa inteira pôde, então, fazer carregaçõs directas para as Antilhas.

Afim de assegurar a preferencia das manufacturas nacionaes, decretou-se até que mesmo aquelles productos cujo uso não era prohibido, pagariam direitos de entrada, embora destinados ás colonias. Só a carne salgada é que foi dispensada d'isso.

Data d'ahi o progresso das Antilhas francezas. As inglezas, apesar de mais vastas, não tiveram o mesmo progresso, o que foi devido, primeiramente, a que n'aquellas entrou mais cedo a liberdade. Nas inglezas tambem o acto de navegação as prejudicou; e, se, em 1739, se permittiu livremente a exportação do assucar, já as Antilhas francezas tinham tomado a dianteira. Em segundo logar, não tendo a França já na America outras colonias, concentrou n'essas suas Antilhas todos os seus cuidados, como, por exemplo, a immigração maritima, etc. E, finalmente, o solo das colonias francezas tinha maior fertilidade.

A Martinica, Guadalupe e S. Domingos eram as principaes.

Em 1635, Denabuc, de que já fallámos, partiu de S. Christovão, com cem homens, para se estabelecer n'aquella ilha da Martinica; e, depois de luctar ahi com os Caraibas, estes lh'a abandonaram, deixando os Francezes por unicos senhores d'ella.

A principio, occuparam-se estes na plantação

do tabaco, algodão, um pouco de anil e urucu. Em 1650, começou a cultura do assucar. Um judeu, chamado Benjamin Dacosta, introduziu, depois, o cacaueiro; e, tendo-se tornado o chocolate uma bebida da moda na metropole, o ensaio deu alli bom resultado. Mas, em 1727, uma doença destruiu todas as plantações, e os plantadores já se consideravam perdidos, quando a salvação chegou pelos cafezeiros [1].

A posição segura d'esta ilha e o excellente abrigo dos seus portos concentraram n'ella, por muito tempo, o commercio das Indias Occidentaes. Possuia uma marinha consideravel (130 velas), que transportava os carregamentos entre as Antilhas e o Canadá; e achava um emprego lucrativo no contrabando, sobre as costas da America hespanhola. Seu grande entreposto era S. Pedro.

A prosperidade da Martinica declinou, depois da guerra de 1774, que aniquilou o seu commercio com a America hespanhola; e, sobretudo, foi prejudicada pela guerra dos Sete Annos, em que essa colonia esteve, durante 16 mezes, occupada pelos Inglezes, que a restituiram na paz de Paris, mas decadente de todo. Flagellos naturaes, como o insecto que destruia as plantações de assucar, a tempestade de 1766, a mais furiosa de quantas assolaram essa região, que destruiu as searas e

---

[1] Em 1709, foi enviado para essa colonia um pé de cafezeiro, que estava no jardim das plantas de Paris, e que os Hollandezes tinham dado a Luiz XIV; e d'ahi a propagação da planta.

arvores e mesmo os edificios, tudo isto juncto á extrema baixa do preço do café, á falta de braços e ás imposições fiscaes da metropole, que se seguiram rapidamente, depois d'isso, não permittiram que a colonia recuperasse o antigo esplendor. Esteve, comtudo, longe de perder tudo; continuou a occupar o primeiro logar na producção do café, e não abandonou inteiramente a cultura do cacau, tabaco, algodão, anil e assucar. Em 1700, ainda tinha sómente a população de 6:579 brancos, 507 selvagens mulatos ou negros livres e 1:457 escravos, na maior parte Caraibas. Mas, em 1778, contava já 1:200 brancos, 3:000 negros e mais de 80:000 escravos [1].

*

* *

Guadalupe foi occupada, em 1635, por um grupo de aventureiros, vindos directamente de França. Preza de anarquia, em lucta com os Caraibas, saqueada pelos corsarios, e victima de uma fome horrivel, pouco progrediu a principio, apesar da fecundidade do seu solo. Os Inglezes, que se apoderaram d'ella, em 1769, e que a apreciaram pelo seu valor, cultivaram-na com extremo cuidado, cujo resultado foi aproveitado pelos Francezes, quando ella lhes foi restituida na paz. Comtudo, o commercio ficou concentrado na Martinica, onde achava uma situação mais commoda.

---

[1] Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. VII.

De Guadalupe dependia um numero de ilhas pequenas visinhas — Maria Galante, S. Martinho, S. Bartholomeu, Desiderade e as Santas [1]; e, sendo ella submettida, primeiramente, ao administrador de Martinica, obteve, mais tarde uma administração distincta. No fim da epoca moderna, Guadalupe, comprehendendo as ilhas mais ou menos ferteis, sujeitas ao seu Governo, já contava 12:700 homens brancos, 1:300 negros ou mulatos livres e 100:000 escravos. Os rebanhos comprehendiam 9:220 cavallos ou eguas, 15:740 bestas de raça bovina, e 25:400 carneiros, porcos ou cabras. Tinha 449:622 pés de cacau, 11.974:046 pés de algodão, 18.790:680 pés de café, e 388 assucararias, que occupavam 260,88 metros quadrados de terra.

O assucar constituia o producto principal. O Governo, tributos e imposições eram os mesmos da Martinica [2]. Os caminhos da colonia tinham sido reparados, em 1768, e abriu-se uma communicação facil com os centros principaes.

Esses centros principaes eram: Grande Terra, forte S. Carlos e Pointre á Pitre.

*

*   *

A mais preciosa das Antilhas francezas era S. Domingos.

---

[1] São duas pequenas ilhas e uma ilhota formando um triangulo.

[2] Raynal, *obr. cit.*, vol. VII — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

A Hespanha occupava sem resultado esta grande possessão, quando os Inglezes e Francezes, que tinham sido expulsos de S. Christovão, ahi se refugiaram, em 1630; e, para terem um logar seguro para a sua retirada, foram occupar tambem a ilha Tartaruga, que, em breve se povoou. Os habitantes mais pacatos entregavam-se á cultura do tabaco, e os mais ousados iam caçar bois selvagens a S. Domingos, cujas pelles vendiam aos Hollandezes.

Os Hespanhoes atacaram depois aquella ilha da Tartaruga; trucidaram os habitantes que encontraram isolados nas suas habitações; e retiraram-se, mesmo sem deixarem guarnição, por supporem inutil essa cautella, em vista dos massacres que tinham feito. Mas, em seguida, os Inglezes e Francezes, commandados por Willis, retomaram a ilha.

A rivalidade entre uns e outros fez que os Francezes expulsassem os Inglezes, sustentando, em seguida uma lucta contra os Hespanhoes, que, por tres vezes, assaltaram a ilha, até que desistiram das suas pretensões; e, desde então (1659), essa ilha da Tartaruga ficou pertencendo aos Francezes, que, em todo o caso, a evacuaram, quando se sentiram fortemente estabelecidos em S. Domingos, sem renunciarem, comtudo, á sua propriedade. E o Governo tirou sempre de lá a madeira de construcção precisa para o serviço da artilheria e necessidade das tropas.

Ainda assim, a colonisação de S. Domingos caminhava lentamente. Accorriam os caçadores e

os piratas, mas o numero dos cultivadores era muito limitado.

Sentia-se a necessidade de os multiplicar, e o cuidado d'esta obra difficil foi confiado, em 1660, a um gentil homem de Anjou, chamado Bertrand Dugeron, que se estabeleceu com uma colonia, ao longo da costa occidental da ilha, e ahi se manteve contra os Hespanhoes.

A caça dos touros selvagens foi a primeira industria dos novos habitantes, e as pelles d'estes animaes, o seu principal commercio. Mas, quando elles deixaram a vida nomada, para se tornarem sedentarios, cultivavam o tabaco, o algodão, o anil, o cacau e o assucar, que os Hespanhoes tinham cultivado antes d'elles, e que a sède do ouro lhes fizera desprezar.

Experimentava-se, comtudo, no mais alto grau, a falta de capitaes e de braços. Uma companhia obteve, então, em 1698 o monopolio do commercio da ilha, com a condição de fornecer um grande numero de braços e de negros. Este systema, porém, não aproveitou; e a companhia arruinada entregou, em 1720, a sua carta ao Governo.

Assim como as outras Antilhas, S. Domingos aproveitou, egualmente a guerra da *Successão de Hespanha*. E, quando a Companhia das Indias reclamou, em 1722, os direitos da Companhia dissolvida de S. Domingos, e, em particular, o monopolio da venda dos escravos, a colonia oppoz-se pela força a semelhante reclamação; porque a importação dos trabalhadores em grande numero e baratos era a questão essencial para ella; assim como

se lhe tornava de primeira necessidade o participar no beneficio da livre concorrencia que, em 1716, os portos da metropole obtiveram para o tratado dos negros, como realmente participou.

As possessões dos Francezes em S. Domingos estenderam-se, pouco a pouco, sobre as costas septentrionaes e meridionaes; mas Porto Principe, ao oeste, ficou sendo o centro do seu poder e commercio. O interior e a parte oriental reconheciam a soberania da Hespanha, que nada fazia para as cultivar, e cuja apathia era um perigo para as plantações francezas; porque todos os negros evadidos achavam um asylo na parte hespanhola, onde se não trabalhava em serviço tão incommodo, e onde os tratados d'extradicção eram muito mal executados. Assim, se formaram pouco a pouco, nas montanhas inaccessiveis, tribus de negros, vivendo n'um estado de liberdade selvagem, o que deu logar a rebelliões sangrentas, no seculo XVIII, que muito prejudicavam a colonia.

S. Domingos, por sua extensão e por sua população, era a mais importante das Antilhas francezas. Embora não fosse mais fertil que Martinica, era mais bem cultivada, sobretudo, desde 1736, em que o café se naturalisou n'ella com successo, não obstante o assucar representar a sua primeira riqueza. O anil, cacau, gengibre, algodão, pelles, madeira, prata e cobre constituiam os outros productos d'exportação.

Os colonos d'esta ilha faziam tambem grande commercio com a parte hespanhola, onde trocavam os seus productos — aguardente e objectos das fabri-

cas europeias, contra carnes seccas, gado de talho, cavallos, e prata do Mexico, apesar das prohibições da Hespanha, que só fizeram que o contrabando se substituisse ao commercio licito. O seu principal centro era S. Luiz, ao este, edificada no principio do seculo XVII, e dotada de um bom porto; Caies, ao sul; Port-au-Prince, ao oeste; e, ao norte, Cabo Francisco, tambem com um bello porto.

Os Francezes tiravam tambem da ilha Curaçao, egualmente por meios illicitos, productos das Indias Orientaes e de Jamaica e escravos, por cujo preço forneciam anil aos Inglezes. Mas o melhor mercado era o da Nova Inglaterra; e a interrupção d'estas relações, pela guerra americana, causou-lhes grandes prejuizos.

*

*   *

As recordações romanescas das duas expedições, emprehendidas, em 1499, pelos Hespanhoes, e, em 1595, pelos Inglezes, na America do Sul, sobre o Orenoco, em procura do Eldorado, determinaram, em 1604, uma terceira tentativa, da parte de alguns francezes aventureiros ás Guyannas. Sendo, porém, obrigados a voltar para traz, com amargas decepções, estabeleceram-se em Cayena.

Tres companhias, formadas nos annos de 1643,

---

[1] Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. VII — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

1651 e 1663, para ahi fazerem commercio, acabaram miseravelmente, e, só em 1672, é que os Francezes conseguiram reter definitivamente a colonia. Mais tarde, Cayena foi comprehendida na carta das Indias Orientaes. Conquistada depois pelos Inglezes e Hollandezes, foi restituida á França; mas estava decaida, quando, depois da paz desgraçada de Paris (1765), os Francezes se recordaram d'ella, e julgaram poder encontrar ahi uma indemnisação das grandes perdas soffridas na America do Norte. Dispenderam-se 25 milhões de francos, para mandar para lá 12:000 homens, que se deixaram morrer. Cayenna, abandonada de novo continuou a vegetar, e soffreu muito da visinhança e concorrencia paralisadora dos Hollandezes; pois que, sem a concessão que obteve, em 1786, de livre trafico com todas as nações estrangeiras, teria, certamente, dado melhores resultados.

Os Francezes occuparam tambem Santa Lucia, em 1763, que tem um bello porto — o de Carenege [1].

*

* *

Os mercadores Francezes da Normandia e Bretanha, começaram, muito cedo, a fazer commercio na costa occidental da Africa. Este commercio de mercadorias, e não d'escravos, parece ter tido por theatro, na segunda metade do seculo XIV, as

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. II.

paragens entre a ilha de Gorea e a Gambia, e mais tarde Guiné. Consistia elle na troca de pannos, navalhas, sal, contas de vidro, por marfim, gomma, pennas de abestruz, ambar e pó de ouro.

Mas as viagens da Africa diminuiram, por causa das guerras civis, na epoca de Carlos IX, até quasi cessarem inteiramente; e as feitorias estabelecidas lá cairam, por tanto, em completa decadencia.

No anno de 1621, (sob Luiz XIII), os grandes proveitos obtidos pelas outras nações, no tratado dos negros, chamaram de novo a attenção dos Francezes para as costas da Africa. E, então, negociantes de Dieppe e Rouen formaram uma sociedade, com o nome de *Companhia do Cabo Verde*; e, expedindo differentes navios para a Africa, fundaram no Senegal uma feitoria, que abandonaram depois á *Companhia das Indias Occidentaes,* crida, em 1664, com privilegios extraordinarios.

Esta companhia não correspondeu á espectativa. Nas mãos d'ella, o commercio africano, em vez de augmentar, diminuiu; e, por isso, o Governo obrigou essa companhia, em 1672, a renunciar ao monopolio d'esse commercio, que, d'este modo, ficou livre.

Mas o gôsto de Colbert pelas companhias não tardou a entregal-o de novo a outras novas companhias, uma das quaes se constituiu, em 1685, sob o nome de *Companhia da Guiné*, e, mais tarde, sob o nome de *Companhia d'Assento,* que tinha como principal objecto o de escravos, cuja procura augmentava sem cessar, pelo desinvolvimento da cultura na America.

A par d'isto, as guerras de Luiz XIV com a

Hollanda tiveram tambem por theatro a costa occidental da Africa. Por um lado, os Francezes tiraram aos Hollandezes quasi todas as suas possessões, entre o cabo Branco e a Gambia, e as guardaram até á paz de Nimègue, em 1678, não admittindo, então, nenhum navio estrangeiro a commerciar com ellas. E, por outro lado, os Hollandezes trataram inutilmente de recuperar essas possessões, tanto pelos seus proprios esforços, como pelo eleitor de Brandeburgo, que lhes fez cedencia dos fortes que lá tinha. Por fim, os Francezes foram expulsos pelos Inglezes do territorio da Gambia, mais vantajosamente collocado para o commercio, e poderam apenas sustentar-se no Senegal [1].

Em 1503, alguns negociantes de Rouen animaram-se a fazer uma pequena expedição; mas Gounneville, que a commandava, teve, no Cabo da Boa-Esperança, uma tempestade que o arrojou a costas desconhecidas, d'onde, a muito custo, pôde voltar á Europa.

*

* *

As possessões da Costa Oriental d'Africa ligamse ao commercio da India, e a honra da iniciativa d'esse commercio pertence a Luiz XIV.

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. VII — Noël, *obr. cit.*, vol. II — Paul Masson, *Histoire des Etablecimenls et du Commerce Français dans l'Afrique Barbaresque.*

Já antes d'elle, tinha havido alguns armamentos de particulares, mas não deram resultado. Assim, uma companhia de negociantes bretões, expediu, em 1601, sob o commando de Pyrard, dois navios que abordaram ás Maldivas; mas esses navios experimentaram tantas contrariedades que não voltaram á patria, senão passados dez annos. O proprio Pyrard foi feito prisioneiro do rei de Malé.

Outra companhia de Rouen, fez partir para Java, nos annos de 1616 e 1619, uma expedição, commandada por Gerard. Mais feliz que a de Pyrard, as carregações que ella trouxe d'essa expedição, cobriram as despezas; mas, ainda assim, não deram o beneficio que se esperava.

Uma terceira companhia abriu, em 1633, commercio com Madagascar, que os Portuguezes, Hollandezes e Inglezes tinham desprezado até então; mas o capital foi devorado, e o estabelecimento caiu em ruinas.

Sendo, assim, insufficientes os recursos dos particulares, Luiz XIV criou, em 1664, a *Companhia das Indias Orientaes,* com privilegios ainda mais extensos que os das companhias hollandeza e ingleza [1]; e com o fim de animal-a, presidiu até pessoalmente, no seu palacio de Versalhes, á primeira reunião da assembêa geral.

Esta companhia escolheu para o seu principal estabelecimento a ilha de Madagascar. Mas, embora as condições d'esse estabelecimento fossem

---

[1] *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 435, 635 e 641.

boas, não soube tirar partido d'ellas; e, passados apenas cinco annos, pela sua má administração e prodigalidade e pela infidelidade dos seus agentes, achou-se tão embaraçada que teve de ceder, em 1670, Madagascar ao Governo, para este commerciar directamente com a India. Depois, os naturaes, irritados com a avidéz e dureza dos estrangeiros, lançaram-se sobre elles e os massacraram; de modo que escapou apenas um pequeno numero, que se refugiou, tambem n'esse anno de 1670, na ilha de Bourbon.

Ora, os Inglezes, tinham, desde 1633, transferido a sede do seu dominio de Surata para Bombaim. Os Francezes aproveitaram esta circumstancia, para fundarem alli uma feitoria. Mas Surata achava-se já muito decaida; e, vendo elles que não podiam d'esse porto luctar com o ascendente commercial que os Inglezes tinham adquirido na India, resolveram procurar outra estação mais propicia. N'esse sentido, fizeram uma tentativa sobre Ceylão, então dominada por Hollandezes, que não deu resultado; e tomaram em seguida S. Thomaz, em 1672, na costa de Tranquebar, cidade essa fundada pelos Portuguezes, mas que tinha passado para o dominio do rei de Golconda.

N'estas circumstancias, sobreveiu um incidente que, habilmente explorado, era de natureza a estabelecer em bazes solidas o dominio dos Francezes na India. Alguns missionarios que haviam chegado até Sião, tendo obtido as boas graças do primeiro ministro do imperador, que pretendia destronal-o, negociaram com elle o apoio da França, em troca

de grandes vantagens commerciaes para os Francezes.

Effectivamente, vieram á patria; e Luiz XIV viu a gloria e vantagens que lhe resultariam d'esse auxilio; mas preoccupou-se antes da religião que do commercio, e, por isso, a expedição constou de mais padres que militares.

Uma vez em Sião, destronado o imperador e substituido pelo primeiro ministro, os Francezes começaram a dar provas de grande intolerancia, a ponto de não venderem ou comprarem senão a pessoas que se tivessem convertido ao christianismo; e cuidaram mais da construção de igrejas do que dos escriptorios commerciaes. Esse procedimento provocou terriveis perseguições contra elles; foi-lhes prohibido a estada no paiz; e perderam, ao mesmo tempo, as relações que, durante a sua curta residencia, tinham contraido com Tonkin e Cochinchina.

Em S. Thomaz, tambem a occupação dos Francezes devia durar poucos annos. Os Hollandezes tiraram-lhes essa praça; e um habil negociante francez, intelligente e honrado, chamado Martin, póde reunir os restos da expedição e povoar o pequeno logar de Pondichery, cuja cedencia tinha obtido. Mas tambem os Hollandezes lhe tiraram este estabelecimento; e só na paz de Riswick elle foi restituido á França, ainda em melhor estado que anteriormente.

O governo foi, então, confiado ao mesmo negociante Martin, que persuadiu os seus compatriotas de se accommodarem ás circumstancias e usos do

paiz; e, assim, entabolou muito boas relações com os Estados visinhos, e alargou os seus estabelecimentos.

Apesar d'isso, a companhia não prosperou, a não ser em Surata e Pondichery. E até a concorrencia dos Inglezes e Hollandezes, a negligencia dos accionistas em fazer as respectivas entradas, e a incapacidade dos directores, levaram-na a ponto de perder todos os seus estabelecimentos.

Em 1707, ella suspendeu as suas operações, e permittiu a alguns negociantes ricos traficarem com a India, pagando-lhe certos direitos. E, depois, abandonou aos armadores de S. Malo o gôzo inteiro do seu privilegio, sob a reserva de o retomar, quando as circumstancias o permittissem.

Apesar d'isso, em 1714, solicitou e obteve a renovação da carta que estava a expirar, embora o seu capital de 100 milhões de francos estivesse acabado, e as suas dividas attingissem 10 milhões. Participou depois nas operações financeiras de Law, e fundiu-se com as sociedades da Africa e da America; mas nada d'isto a fez prosperar. O commercio da India, n'esta epoca, reduziu-se a pouco, e só a insignificancia de Pondicherv é que póde salval-a dos Inglezes e Hollandezes.

Quando as chagas economicas de Law foram reparadas, e que a prudencia e o espirito economico do cardeal de Fleury restabeleceram alguma ordem nas finanças, attendeu-se de novo para as Indias Orientaes.

Em 1728, confirmou-se outra vez a carta da companhia, e retomaram-se as operações commer-

ciaes com o auxilio do Governo. Então, a companhia foi, sobretudo, feliz na escolha dos homens de talento. O primeiro foi Dumas, que chegou a Pondichery, em 1730. Cuidou logo em restabelecer as boas relações com os principaes indigenas da visinhança; e de tal modo se houve, que a côrte de Delhy lhe cedeu Karikal, d'onde proveiu á companhia grande parte do commercio de Tanjora.

Assim foi crescendo a importancia da companhia. Os Francezes precisavam, porém, para estas viagens distantes uma estação intermedia, como a Inglaterra tinha em Santa Helena, e a Hollanda no Cabo. Lembraram-se, por isso, das duas ilhas, Bourbon e ilha de França.

Bourbon, tinha sido occupada pelos Francezes, fugidos de Madagascar; e esses enviaram tambem um certo numero de colonos á ilha de França, occupada primeiramente pelos Hollandezes, sob o nome de Mauricia, e evacuada por elles, em 1712.

Até o meado do seculo XVIII, os habitantes de Bourbon viviam miseravelmente da criação do gado e da cultura d'alguns vegetaes, uns indigenas e os outros transplantados da Europa e Asia. Emfim, um cafezeiro selvagem, achado em 1718, suggeriu a ideia de fazer vir da Arabia, certo numero d'essas plantas que, sendo cultivadas pelos negros, importados da Costa Oriental da Africa, produziram muito bem. Faltava, porém, a esta ilha um bom porto, e era felizmente o que se encontrava na ilha de França.

A companhia escolheu, então, Bourdonnais, para reorganisar estas ilhas e fazer d'ellas esta-

ções capazes de fornecer aos navios da India viveres, refrescos e abrigos seguros. Bourdonnais saiu-se admiravelmente d'essa missão, e fundou tambem as feitorias de Patna e Chandernagor.

Ao passo que os negocios melhoravam d'este modo, n'aquellas ilhas africanas, as coisas na India caiam tambem nas mãos de um governador habil, Dupleix. Afim de sair do circulo muito estreito de Pondichery, estabeleceu elle uma feitoria sobre o Ganges, em Chandernagor. Esta feitoria sobre o Ganges existia já anteriormente, mas tão abandonada que Dupleix pode considerar-se como o seu fundador, e d'ella fez um centro commercial, muito importante.

Foi elle estendendo muito o commercio e poder dos Francezes na India; mas, como já acontecera na America, este progresso trouxe a lucta com os Inglezes. N'essa lucta, Bourdonnais tomou-lhes Madrasta, que depois Dupleix lhes não quiz entregar, e que só lhes foi restituida, pela paz de Aix-la-Chapelle, em 1748.

Os territorios de Pondichery e Karikal foram alargados consideravelmente. No norte, alcançou a França um vasto littoral nas bôccas do Ganges. Os Francezes formaram até o plano de se apoderarem de Goa, bem como do triangulo tão fertil que termina no Cabo de Comorim. E, ao passo que Dupleix augmentava d'este modo o nome, a gloria, o commercio e territorio da sua nação, na India, não descurava os interesses da agricultura, que muito desinvolveu.

Dupleix foi, primeiramente, nomeado governa-

dor de Chandernagor, que estava completamente decaida, e que elle restabeleceu. Depois, foi-lhe dado o governo de Pondichery, que era o mais importante da India, e que tinha dependentes os outros governos de Chandernagor, Mahé, Calicut e Karikal.

Parecia, pois, a França destinada a tornar-se a primeira potencia colonial da Asia, quando o ciume dos compatriotas fez com que chamassem Dupleix; e tudo mudou.

Os Inglezes foram expulsando, então, os Francezes das suas possessões [1], até que, pela paz de Paris (1765), ficou o poder da França reduzido a Pondichery, que estava inteiramente arruinada, a Mahé nas costas de Malabar, e a tres feitorias em Bengala; tendo os Francezes a liberdade de traficarem como d'antes na costa de Cromandel. A paz de Versalhes trouxe tambem a restituição de Chandernagor.

Em 1785, foi auctorisada uma nova *Companhia das Indias Orientaes*, mas foi depois dissolvida, em 1790, por um decreto d'Assemblêa Nacional. O governo d'então declarou mesmo que, não podendo fazer vantajosamente a guerra na India, retirava toda a força militar das possessões que lá tinha, e apenas as consideraria como simples bemfeitorias.

---

[1] N'esta lucta entre a França e Inglaterra, o general francez que substituiu Dupleix, chamava-se Lally-Tolendal, que foi depois decapitado. O Governo francez lançara sobre elle a responsabilidade dos erros do mesmo Governo.

Por fim, em 1793, a companhia foi obrigada a ceder ao Governo todos os seus bens, por uma indemnisação em inscripções de rendas.

O commercio das Indias era representado pelos productos d'essa região — nankin, sêda, musselina branca e de côr, porcellanas, quinquilharias, ferro, pelliças, canella, café, pimenta, chá, algodão, madeira da India, perolas, drogas, substancias medicinaes, especiarias. Só Mahé, na costa do Malabar, constituia um grande entreposto d'essas especiarias. Quanto ao chá, os Francezes iam procural-o directamente ao Cantão, onde gozavam dos mesmos direitos que os outros Europeus, e tinham obtido, em 1745, a permissão de estabelecer armazem na ilha de Wampoo.

Nas ilhas de França e Reunião, o café prosperou, a ponto de competir com o Moka; mas o arroz, o sagu e a canna d'assucar foram desprezados. As expeciarias que se quizeram naturalizar, não deram resultado [1].

---

[1] Levasseur, *Histoire du Commerce de la France* e *Histoire des Classes Ouvrières de l'Industrie en France* — Eduardo Malo de Luque, *Historia Politica de los Estabelecimentos Ultramarinos de las Naciones Europeas* — Scherer, *obr. cit.*, vol. II — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. VIII — Noël, *obr. cit.*, vol. II — Perigot, *Histoire du Commerce Français* — Paul Masson, *Histoire des Etablissements et du Commerce Français dans l'Afrique Barbaresque.*

CAPITULO III

Movimento economico da França continental

Impulso politico e economico dado por Luiz xi á França — Declinação politica e economica, no tempo dos seus successores, Carlos viii e Luiz xii — Como as guerras do tempo de Francisco i e Henrique ii, por causa da posse da Italia, fizeram tambem declinar o movimento economico da França. Esta declinação continuou, durante os reinados de Francisco ii, Carlos ix e Henrique iii, pelas luctas intestinas, dissidencias religiosas, perseguição dos protestantes e sua emigração para differentes paizes. Henrique iv e o seu ministro Sully, e grande impulso que ambos deram ao movimento economico da França. Desordens do reino, durante a menoridade de Luiz xiii — Levantamento do poder real e abatimento da nobreza e da Egreja, sob a gerencia de Richelieu — Como este ministro levantou o paiz, politicamente e economicamente — Governo da regente Anna da Austria e do cardeal Mazarino, por morte de Luiz xiii, e como a França nada aproveitou com esses governos — Luiz xiv e o seu ministro Colbert — Como este ministro adiantou a França, e, por assim dizer, a transformou economicamente — Mau governo de Luiz xiv, após a morte de Colbert — Regencia do duque de Orleans, na menoridade de Luiz xv — Luctas, no tempo d'este rei, e catastrofe financeira, pelas medidas de Law — Descontentamento do povo — Esforço baldado de Luiz xvi, para debellar as consequencias d'aquella catastrofe — Administração

dos seus ministros Quesnay, Turgot, Necker, Colonne e Brienne — Desgraçado tratado commercial com a Inglaterra — Revolução franceza — Apreciação dos differentes factores economicos, separadamente — Productos, agricultura, outras industrias e commercio — Centros principaes — Moeda — Relações com os outros povos — Communicações.

Já vimos que Luiz XI, apesar de opprimir politicamente a França com um jugo de ferro, e ter, sobretudo, em vista firmar com alicerces seguros a centralisação e predominio da realeza, abateu os grandes, levantou as classes trabalhadoras, instituiu os correios, favoreceu as communicações, introduziu a ordem na administração publica e na justiça, estabeleceu a egualdade da lei para todo o reino, e decretou a unidade de pesos e medidas, embora esta resolução deixasse de produzir effeitos plenos, pela opposição do povo.

Por maior que fosse o absolutismo, impostura e crueldade d'este rei, e supposto elle movimentasse o paiz com uma vara de ferro, apoiada sobre as liberdades particulares, data d'ahi a impulsão da França, no caminho do progresso moderno. E tanto mais que, na situação desordenada em que o paiz se encontrava, fraccionado em differentes feudos e Estados, e com o predominio absoluto de que até ahi gosavam os nobres e os senhores feudaes, sómente uma energia extrema, e, pode talvez dizer-se, alliada a uma grande malleabilidade politica, poderia realisar a unificação do reino, o abatimento da nobreza, dos grandes e do clero, e levantar a nação do marasmo em que jazia. Certa-

mente que Luiz XI o podia ter feito sem tanto despotismo e sem aquella impostura e crueldade; mas, em todo o caso, muita coisa de bom se escoou por entre as algemas do povo, da nobreza e do clero [1].

Com o seu successor, Carlos VIII, as desordens do governo, durante a sua menoridade, e depois as guerras com a Italia tolheram o progresso nacional. Mas, em todo o caso, essas guerras da Italia fizeram com que os Francezes vissem uma civilisação mais adiantada, e d'ahi trouxessem o gôsto das artes e das industrias de luxo [2].

Luiz XII, era, como vimos, dotado de optimos sentimentos, como particular e como rei; mas as guerras com a Hespanha e com a Italia prejudicaram egualmente o paiz.

As luctas que Francisco I sustentou com Carlos V, por causa da disputada posse da Italia, continuadas por seu filho Henrique II, não favoreceram tambem a causa da civilisação e das artes pacificas do trabalho.

E, comtudo, Francisco I, auxiliou as communicações, o commercio, as artes e o desinvolvimento do credito e da marinha; e decretou tambem, como Luiz XI, a unidade de pesos e medidas [3].

Sob Henrique II (1549), foram estabelecidos tribunaes de commercio em Lyon, Tolosa e Nimes,

---

[1] E. Levasseur, *Histoire du Commerce de la France.*

[2] Michelet, *Histoire de France, La Rennaissance* — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

[3] Perigot, *Histoire du Commerce Français.*

e, em 1556, em Rouen. Mas, apesar d'isso, o movimento economico não progrediu.

Depois, sobrevieram as calamitosas luctas intestinas, occasionadas pelas dissidencias religiosas. A *liga* catolica, os Guises, as insurreições e perseguições dos huguenotes, os desgraçados reinados de Francisco II, Carlos IX e Henrique III, e o morticinio infame de S. Bartholomeu, semearam a desolação e o terror entre as classes laboriosas. A maior parte dos fabricantes e negociantes haviam abraçado as novas crenças, e muitos d'elles abandonaram a França, para se subtrairem ao tyranno jugo de Catarina de Medicis e da sua triste e infeliz descendencia. Tudo isso trouxe o enfraquecimento da industria e do commercio; e os proprios campos, faltos de braços, pelos continuos levantamentos de exercitos, desmandos da soldadesca e oppressão fiscal, ficaram em grande parte incultos. Para se ver o estado desgraçado a que o paiz chegara, basta lembrar que, em 1578, em Amiens, cinco a seis mil obreiros estavam reduzidos a viver de esmolas; e, em Paris, as tinturarias, que trabalhavam 600 mil peças de panno por anno, ainda no meio do seculo XVI, já no fim d'elle, não tingiam mais de 100 mil [1].

Henrique IV, remediou muitos d'esses males, restituindo á nação debilitada alguma paz e socego; e, pelo edito de Nantes, que decretou a liberdade de consciencia, attraiu os emigrantes, e chamou os

[1] Perigot, *Histoire du Commerce Français.*

emigrados. O seu grande ministro Sully dedicou-se, principalmente, á gloriosa empreza de levantar a agricultura e procurar commodidades á população campesinha, sem comtudo descurar a industria e o commercio. A sua maxima predilecta era — *o labor da terra e a pastoreação do gado, são as duas têtas do Estado*. E, n'este sentido, além do auxilio directo prestado á agricultnra, até proporcionou aos lavradores capitaes a juro barato, e introduziu o milho no sul e o lupullo e a beterraba no norte.

Aboliu muitas das alfandegas internas, animando, assim, a circulação dos productos; construiu e melhorou pontes, caminhos e canaes; extirpou as quadrilhas de ladrões, que se tinham formado durante a longa anarquia; regulou a fazenda publica; e reprimiu a avidez dos arrematantes de impostos, que exploravam o paiz.

O proprio Henrique IV concorreu muito com os seus proprios esforços para a obra do ministro, e, especialmente, no desinvolvimento da plantação das amoreiras e da industria da sêda, a que esse o rei dedicou uma especial attenção. E ambos, monarca e ministro, tiveram um auxiliar poderoso, quanto ao desinvolvimento da agricultura, no escriptor Olivier de Serres.

Com respeito á industria e commercio, apesar de Sully se esmerar tambem pelo seu desinvolvimento, não foram tão longe as suas vistas. Assim, indignado pelos grandes gastos de familias nobres, renovou a promulgação das vexatorias leis sumptuarias. Adoptou com rigor o systema mercantil,

desembaraçando o commercio de productos estrangeiros, que se lhe figuravam como um roubo feito á França; e aggravou e ampliou as travações que os antigos monarcas tinham posto áquellas duas grandes fontes de riqueza pública — a industria e commercio.

Com effeito, Henrique III, tinha ordenado, em 1581, que todos os negociantes, mercadores e artistas estivessem reunidos em jurandas, de modo que nenhum podesse eximir-se d'ellas. Um segundo edíto de 1583 havia declarado que sómente o rei podia conceder a permissão de trabalhar, e prescrevia o tempo do aprendizado, a fórma e qualidade que devia ter a obra que os aprendizes, companheiros ou mestres deviam apresentar, como prova para ascenderem á gerarquia da corporação; de maneira que se havia confirmado toda a antiga legislação de S. Luiz [1]. E Sully, sem abusar do direito real de conceder licenças para trabalhar, estabeleceu a venda das cartas de mestre, o que eximia o artista do aprendizado e das provas, legalmente prescriptas [2]. D'este modo, emquanto, por um lado, auxiliava a industria, por outro lado, criava privilegios; mas, em todo o caso, no resto, modificou vantajosamente o regimen das corporações. Introduziu e protejeu a industria das teias de

---

[1] Vid. *Historia Economica,* vol. III, pag. 198 e seg.

[2] Sobre jurandas e mestrias, veja-se o vol. II, pag. 35 e vol. IV, pag. 95.

linho fino e das rendas da Hollanda, bem como a dos couros doirados e do crystal e vidros. Introduziu a fabricação do aço fino, e tambem novos processos da fundição de ferro; e favoreceu o estabelecimento de muitas fabricas de pannos, na Normandía, Champagne, Languedoc [1]. Tambem Sully promoveu e subsidiou a fundação da fabrica dos Gobelinos.

Assim, em 1597, dois particulares, Dubonig e Laurent, fundaram uma fabrica de tapeçaria na galeria de Louvre, onde Henrique IV estava alojado. O mesmo rei, por instigação do ministro, estabeleceu-os na casa dos Gobelinos, no bairro de S. Marcello, que eram uns antigos tintureiros; e, em 1609, chamou de Flandres habeis artistas, para os ajudarem. Foi essa a origem da celebre tapeçaria dos Gobelinos. Além de tudo isso, Sully, melhorando a instituição dos commissarios, criados por Henrique III, estabeleceu os corretores privilegiados ou officiaes.

Deixou quasi completo o canal de Briareu, abriu muitos canaes de enchugamento, e criou a Academia Franceza.

Assim, o governo de Sully foi extraordinariamente benefico á França [2]; e, entre os seus beneficios, avulta a melhoria das communicações e a

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 175.

[2] Henri Martin, *Historia da França*, traducção portugueza de Pinheiro Chagas — Levasseur, *Histoire du Commerce de la France* — Michelet, *obr. cit.* — Risson, *obr. cit.*

ampliação dos correios, tambem para os particulares.

Por morte de Henrique IV, na menoridade de Luiz XIII, o governo da regencia tornou de novo a França victima das desordens; e os grandes aproveitaram a occasião, para restaurarem os privilegios, immunidades e abusos que lhes tinham sido abolidos. Um homem, porém, de grande engenho e d'um caracter energico, levantou a luva que o renascente feudalismo tinha lançado á monarquia. Foi elle o cardeal Richelieu, continuador da politica de Luiz XI, que se dedicou a reprimir a audacia dos grandes e a transformar os senhores feudaes em cortezãos, exaltando o poder real, e que, por assim dizer, completou a obra de Sully, e preparou a de Colbert.

Este ministro levantou politicamente a França, e esmerou-se tambem por levantal-a economicamente.

Começou por ordenar, em 1626, a demolição de todas as fortificações das cidades interiores e as dos castellos fortes, inuteis para a defeza do paiz, e proprios apenas para servirem de retiro aos perturbadores da ordem publica; e, com isso, prestou um grande serviço á liberdade e segurança do commercio. Aboliu o direito de naufragio [1], puniu os ladrões, e desinfestou as estradas de salteadores.

Organisou em melhores bases o serviço dos correios; acabou o canal de Briareu; reorganisou o

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 75.

serviço de pontes e calçadas; e desinvolveu a industria e commercio. E, n'este sentido [1], publicou o codigo de Michaud (1629), que prohibia a importação dos pannos inglezes, bem como a exportação das mercadorias francezas, em navios estrangeiros, á excepção do sal; e que determinava que as taxas lançadas no estrangeiro sobre navios e mercadorias francezas, seriam reciprocamente lançadas no reino sobre os navios e mercadorias estrangeiras.

Declarou-se tambem n'esse codigo que o commercio não derogava a nobreza, antes era concedida aos armadores e negociantes, debaixo de certas condições. E tambem ahi se prohibia que alguem lançasse tributos, a não ser com decreto ou determinação real, e que os nobres se alojassem, á força ou sem licença, na casa dos burguezes.

É tambem do tempo de Richelieu a fundação da fabrica de tapeçaria de Savonnerie, que tanto auxilio prestou á industria, e cuja origem foi a seguinte:

Em 1604, ainda no tempo de Henrique IV, um artista francez, Fortier, obteve o privilegio de fabricar tapetes, á moda do Levante, Persia e Turquia. Mas não gozou muito tempo d'essa vantagem; porque, n'esse mesmo anno, um outro artista, Pedro du Pont se installou nas galerias do Louvre, onde aquelle se tinha estabelecido, e o privilegio foi renovado em favor d'elle, em 1627, por dezoito

---

[1] Parte d'esse codigo não pôde ser adoptado, por causa da politica externa.

annos, com a condição de que, nas cidades onde o concessionario fundasse estabelecimentos, seria obrigado a instruir na arte um certo numero de rapazes pobres, tomados nos hospicios. Estes rapazes, em numero de cem, para Paris, que foram alojados na casa da Savonnerie, em Chaillot, e sustentados á custa do rei, obtinham, depois de uma certa aprendizagem, o direito ou carta de mestre [1].

Tambem Richelieu reparou differentes portos, abandonados depois de Sully, e, por assim dizer, criou os de Brest, Porto Luiz e Bruage; engrandeceu o Havre e Marselha; e começou em Agde a construcção d'um dique. E, a par d'isso, levantou muito a marinha de guerra [2].

Além d'isto, por muitas das suas medidas, preparou a abolição completa das alfandegas internas, ampliando, assim, a circulação; fez tratados commerciaes com a Russia, Marrocos e Dinamarca; pôde tambem obter de Mahomet III o tratado de que adiante fallaremos; e criou poderosas companhias nacionaes de commercio, tanto para a metropole, como para as colonias, a fim de poderem competir com os estrangeiros. Mas a participação dos Francezes na guerra dos Trinta Annos, em odio á casa d'Austria, custou á França grandes tezouros, que exigiram novos encargos e tributos; e entropeceu a industria e o commercio, apesar da obra d'esse grande ministro. E a agricultura,

---

[1] Perigot, *Histoire du Commerce Français.*

[2] E. Levasseur, *obr. cit.*

apenas renascida do seu anterior estado de prostação, decaiu novamente.

Por morte de Luiz XIII, o movimento economico da França não progrediu com a regencia da rainha Anna da Austria e com a administração do ministro cardeal de Mazarino. Este grande homem, pelos tratados de Westephalia, Piryneus e Oliva, estendeu na Europa o prestigio da França. Porém, as guerras de Fronda e as turbulencias que se succederam, durante a menoridade de Luiz XIV, acabaram por precipitar a decadencia do Estado [1].

Foi, então, que Luiz XIV chamou Colbert. Já Mazarino, que o tinha indicado, ao fallecer, annunciava a obra grandiosa d'esse ministro, quando disse ao rei: *Senhor, tudo vos devo, mas creio que vos pago, deixando-vos Colbert.*

E, com effeito, esse grande ministro começou por organisar de novo a fazenda publica e por cohibir os abusos que se praticavam n'esse ramo, criando um tribunal de justiça especial, encarregado de citar todas as pessoas accusadas de concussão, e obrigal-as á restituição dos dinheiros concussionados, se estivessem culpadas; e desinfestou as estradas de ladrões. Sujeitou a hasta publica a arrematação dos impostos, cohibindo tambem, ao mesmo tempo, os abusos dos arrematantes. Redu-

[1] Michelet, *Histoire de France, Henrique IV e Richelieu* — Paul Risson, *Histoire Sommaire du Commerce* — Jeronimo Boccardo, *Historia do Commercio e da Industria e Economia Politica*, traducção hespanhola.

ziu os direitos de importação e exportação das mercadorias, acabando com os mais onerosos. Supprimiu muitos dias festivos, ampliando, assim, a área do trabalho. Promulgou muitos regulamentos sobre os processos do fabrico industrial e sobre os deveres e privilegios dos trabalhadores. E, se a liberdade do trabalho era talvez mais conveniente, e, n'essa parte, Colbert se deixou ainda arrastar pelo velho regimen industrial, é certo que, dentro d'elle, favoreceu muito a industria, melhorando os productos e augmentando a fabricação; e, no mesmo sentido, foi um ardente sectario e até organisador do chamado systema mercantil [1], com o fim de livrar o trabalho nacional da concorrencia estrangeira.

Colbert, armado d'uma paciencia heroica, aprendeu elle proprio como se fabricavam os espelhos, tapeçarias, crystaes, rendas de Veneza, pannos, sarjas, e estamenhas. Aprendeu a conhecer a qualidade dos estofos, a conveniencia dos comprimentos e larguras e a bondade das tintas. E, depois de adquirir estes conhecimentos, traduziu-os em decretos e regulamentos. Organisou varias corporações, deu subvenções a differentes industrias e aos operarios que se casassem, n'um determinado raio da respectiva manufactura, e até, desde que morressem, ao seu primeiro filho. Forneceu instrumentos de trabalho aos aprendizes, tornados com-

[1] Sobre o systema mercantil, vide *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 57 e seguintes.

panheiros, garantindo esses instrumentos como não arrestaveis ou não penhoraveis.

Reorganisou tambem differentes estabelecimentos dirigidos pelo Estado, como a fabrica de tapetes dos Gobelinos, que, embora já existisse, foi reorganisada por Colbert; e criou outros estabelecimentos, como a fabrica de porcellana de Sevres. E, d'esta forma, indo ao encontro das tendencias faustosas do monarca, assegurou o porvir das industrias de luxo, e deu á França o imperio da moda [1].

Concedeu, como vimos, toda a protecção ás colonias. Emprehendeu grandes obras de utilidade publica, e, entre ellas, o *Canal de Languedoc*, ou do *Meio Dia*, com o fim de fazer communicar o Oceano com o Mediterraneo, e o canal de Orleans, que reuniu o Loire ao Sena.

Além de tantos beneficios materiaes, fez publicar as ordenanças de marinha de 1681, que serviram de base ao moderno direito maritimo, e elevaram grandemente a marinha mercante e militar da França. E fez tambem publicar um codigo de commercio, uma ordenança sobre a legislação mercantil, outra sob o regimen dos bancos, uma outra, em 1669, sob as florestas, que durou quasi intacta por dois seculos, e ainda uma outra — o *Codigo Negro*, que regulou o estado dos escravos [2].

---

[1] Luiz Blanc, *Historia da Revolução Franceza*, traducção portugueza de Maximiano de Lemos, vol. I, *introducção*.

[2] Este codigo foi publicado depois da morte de Colbert, mas tinha sido preparado por elle — Levasseur, *obr. cit.*

Reorganisou os consulados, e o *conselho de commercio*, que estava em desuso desde Mazarino, e decretou ainda muitas outras medidas, egualmente beneficas [1].

Pela morte de Colbert, desappareceu o unico freio que retinha a ambição insaciavel de Luiz XIV. O monarca lançou-se, então, em guerras fataes; e fez-se intolerante, revogando até o edíto de Nantes, e perseguindo os protestantes; donde resultou que mais de quatro centos mil industriaes levaram para a Hollanda, Allemanha, Suissa, Dinamarca, Suécia, Inglaterra e outros paizes, a sua industria, o seu talento e a sua utilidade. As proprias colonias do Cabo e Florida os chamaram, e até lhes fizeram adiantamentos pecuniarios.

Além disso, os desperdicios da corôa e os impostos lançados, por causa d'aquellas guerras e d'esses desperdicios, foram enormes. E seguiu-se, por tudo isto, uma grande decadencia economica, e um grande descontentamento do paiz. Desmorets, sobrinho de Colbert, tentou restaurar a fazenda pública. Mas a França caminhava para uma crise terrivel, que estalou, debaixo da regencia de Filippe d'Orleans, tutor de Luiz XV.

Os gastos do Estado tinham chegado, então, a 2.870 milhões de francos, emquanto que as receitas publicas só tinham produzido 880 milhões. Foi preciso, por isso, tomar de emprestimo duzentos

---

[1] Michelet, *Historia da França, Luiz* XIV — Henri Martin, *obr. cit.* — E. Levasseur, *obr. cit.* — Noël, *obr. cit.*

milhões de francos, equivalentes a quasi o dôbro da moeda actual. Os cofres estavam exaustos. Em muitas provincias, os contribuintes recusavam-se a pagar os impostos; muitos individuos morriam de fome e frio, durante o inverno; e, para conseguir algum dinheiro, o fisco viu-se obrigado a pagar juros de 20 por cento, e, ás vezes, até de 50.

Para evitar a catastrophe imminente, o regente duque d'Orleans recorreu, primeiramente, aos costumados expedientes, já infaustamente empregados pelos seus predecessores. Alterou a moeda, dando ao luiz de ouro, que d'antes valia quatorze francos, o valor nominal de vinte francos; de forma que, por esta medida, equivalente a uma bancarrota parcial, o Estado roubava mais seis por cento aos credores, e perturbava inteiramente as relações mercantis.

Foi, então, que o ministro cardeal Dubois apresentou ao regente um estrangeiro, que promettia salvar o Estado e restabelecer a prosperidade da nação, por meio de um portentoso invento.

Esse estrangeiro era Law, que tinha nascido em Edimburgo, em 1671, e que, sendo filho de um prateiro, depois de ter tido uma vida dissipadora e aventurosa, e percorrido quasi toda a Europa, teve de fugir para a França, afim de evitar a pena de morte por causa d'um duello realisado em Londres, em que matara o seu adversario.

Tendo Filippe de Orleans acceitado os serviços de Law, começou este por obter, em 1717, a permissão de estabelecer em Paris um banco particular do capital de 6 milhões de francos, em acções. Uma quarta parte d'essas acções devia ser liberada

em especie, e o resto em titulos da divida pública, acceitaveis pelo seu valor nominal.

A principio, as operações d'esse banco foram perfeitamente regulares. Consistiam no desconto de letras, em depositos, na abertura de contas correntes em favor do commercio e na emissão de um numero limitado de bilhetes de credito ou notas do mesmo banco, mas cuja acceitação não era obrigatoria. E começou elle por dar muito bom resultado. O capital deixou de retrair-se; o commercio, e a industria principiaram a desinvolver-se; a usura diminuiu; e o credito abundou.

Não se parou, comtudo, ahi. Em 1717, ordenou-se a acceitação d'aquelles bilhetes de credito, em pagamento dos impostos, o que, obstando ao transporte difficil da moeda, augmentou ainda mais a importancia do banco. Law viu-se, então, glorificado; e começou a querer fazer da sua instituição um estabelecimento nacional, com privilegio de papel moeda, para interessar, assim, todos os Francezes na garantia do credito. Esse seu expediente foi designado pelo nome de *Systema de Law*.

N'esse mesmo anno de 1717, estabeleceu elle a Companhia do Occidente ou do Mississipi, que herdara o privilegio de Crozat [1]. Foram-lhe cedidas todas as provisões, navios e fortes da concessão de Crozat, existentes na Luiziania, com a condição de ella introduzir annualmente na colonia seis mil negros e tres mil brancos, durante os

---

[1] Vide pag. 51.

quinze annos do seu privilegio. E o capital foi tambem distribuido em acções, cuja totalidade devia ser fornecida nas obrigações do Estado.

Law começou, então, a luctar contra as difficuldades da companhia; e, ao mesmo tempo, levantou-se a opposição dos invejosos, dos outros banqueiros e dos antigos ministros, e tambem a má vontade dos catholicos, porque Law era protestante e estrangeiro.

O *deficit* do Estado sempre crescente, occasionado pela guerra da *successão* de Hespanha e pelas prodigalidades da côrte, era cada vez maior. O regente lançou-se, por isso, nas mãos de Law, e deu-lhe poderes plenos. E este converteu a companhia n'um banco nacional, cujas notas valiam como papel moeda, com a obrigação da mesma companhia concorrer com um tanto para o pagamento da divida pública.

Houve, a principio, grande enthusiasmo e confiança; fez-se um jôgo extraordinario sobre essas acções da Companhia do Mississipi; e o credito desinvolveu-se enormemente, assim como o luxo, junctamente com o mesmo credito. Mas, veiu depois a desconfiança da côrte; porque, para satisfazer as necessidades d'ella, foi preciso augmentar as emissões; e, seguidamente, uma derrocada financeira. E isto implicou tambem uma das causas que produziram a revolução franceza, pelo mau estado que trouxe ás coisas públicas, e porque deu á aristocracia um golpe mortal.

Com effeito, a revolução terrivel que soffreu a propriedade, sob a influencia do jôgo da bolsa,

attingiu principalmente a nobreza, que elle empobreceu, e desconsiderou aos olhos do povo. Pois que os nobres, que desejavam colher bom rendimento, sem trabalhar, foram os que mais especularam n'esse jògo, e muitos chegaram mesmo a vender as terras, para comprarem acções [1]. E, ao passo que isto succedia com a nobreza, o terceiro estado reconheceu a sua força, no poder do dinheiro e dos haveres que ia adquirindo.

A industria e o commercio não foram, ainda assim, muito desfavorecidos; pois quando veiu a ruina, já tinham alcançado o desinvolvimento necessario, para resistirem á crise. Mas a agricultura foi muito prejudicada.

Foi n'este angustioso estado financeiro, apesar da prudencia e cuidado que teve o cardeal Fleury, para restabelecer as finanças, que sobreveiu o reinado de Luiz XVI; e da convulsão das necessidades públicas nasceu o systema dos *economistas* ou *phisiocratas* [2].

Este systema tinha provindo de uma reacção contra as empresas aventurosas do commercio e da industria; e considerava, por isso, a terra e a agricultura como as riquezas mais fundamentaes do Estado.

Qualquer que fosse o exclusivo de tal systema, fez, certamente, desinvolver muito a agricultura e

---

[1] Blanqui, *Histoire de l'Economie Politique.*

[2] Sobre este systema veja-se *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 60.

o proprio commercio, e favoreceu a riqueza pública da França. Mas as finanças, tão abaladas tinham ficado das guerras de Luiz XIV e das extravagancias financeiras de Law que ainda continuaram na mesma vida afflictiva.

A par d'isso, na maioridade do rei, as perseguições do ministro duque de Bourbon, as guerras com a Allemanha, a lucta com a Inglaterra nas colonias, e as interminaveis questões e perseguições religiosas e intrigas politicas de que já fallámos, prejudicaram tambem o resurgimento economico da nação. Até scientificamente, o movimento da Encyclopedia desviava os espiritos para o campo das especulações metafisicas e politicas, e a França continuou, portanto, no abatimento industrial e commercial que vinha da regencia.

Luiz XVI, tentou levantar o paiz d'essa ruina financeira; mas os esforços dos seus ministros Quesnay, Turgot, Necker, Calonne e Brienne, que se succederam, foram tambem inefficazes.

Com effeito, Quesnay julgou baldadamente restabelecer o equilibrio economico, pela adopção do systema physiocrata [1].

Turgot começou por levantar o credito, que estava tão decaido, em consequencia das medidas de Law, abolindo para isso a prisão por dividas. Supprimiu as corveas, isto é, a obrigação de trabalho que os nobres impunham ao povo. Tornou

---

[1] Sobre este systema, veja-se *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 60.

livre a circulação dos trigos, acabando, assim, com o resto do *Pacto da Fome* [1]. Aboliu os direitos feudaes impostos ao transito das mercadorias; e aboliu tambem as corporações industriaes, libertando com isso, o trabalho das peias que ellas impunham. Mas esta derradeira medida encheu a taça da opposição dos nobres, e elle teve de pedir a demissão de ministro.

Foi, então, chamado Necker, de uma experiencia financeira incontestavel, mas incapaz de conjurar a crise; e querendo, ainda assim, reformar muitos dos abusos, levantou novamente grande opposição. Por isso, foi substituido por Calonne, criatura inhabil, e sectario da liberdade do commercio [2].

Além d'isso, tendo de se fazer com a Inglaterra o tratado commercial, pactuado na paz de Versalhes, que puzera termo á guerra da America, Pitt, que, então, presidia aos destinos inglezes, mandou um diplomata de primeira ordem, para tratar d'isso — o celebre Endem, depois lord Aukland (1785); e, do outro lado, foi escolhido Dupont de Nemours, todo sectario da liberdade do commercio.

Ora, n'esse tempo, os productos da industria ingleza eram mais perfeitos e baratos que os da franceza; e, portanto, a liberdade do commercio augmentaria a ruina economica da França; e, n'este sentido, o embaixador inglez vinha contando com

---

[1] Este *Pacto*, consistia em açambarcar os cereaes, para os vender depois muito mais caros.

[2] Michelet, *obr. cit.. Louis XV e Louis XVI.*

a resistencia franceza ao estabelecimento da livre importação reciproca. Mas, quando viu Dupont de Nemours, imbuido d'aquellas ideias, mudou de resolução; e, fingindo-se muito contrariado, ainda obteve concessões do governo francez, para adoptar essa reciprocidade do commercio, que elle proprio Endem desejava. Por isso, aquelle tratado commercial, assignado em 26 de setembro de 1786, prejudicou altamente a industria da França; e por fórma que tudo o que soffreu a concorrencia ingleza, foi arruinado, sem esperança de se levantar, emquanto o mesmo tratado durasse, como quinquilharias, gazes, cambraietas, linhos, canhamos, louças, vidraria commum, etc.

A nação pediu, então, em massa a abertura dos Estados Geraes, d'onde se seguiu a revolução franceza: tanto é certo que as revoluções politicas são, geralmente, produzidas pelas crises economicas [1].

Examinemos agora como estas variadas causas e acidentes influiram, especialmente, nos differentes factores economicos, e a figura que estes representaram, separadamente, sobre o paiz.

*

* *

Quanto aos productos, vimos no III volume que, durante a edade media, um dos mais abundantes da França, e que representava uma das suas prin-

[1] Charles Gouraud, *Histoire de la Politique Commerciale de la France.*

cipaes riquezas, era o vinho; que os cereaes, trigo, centeio, aveia, legumes, azeite do sul, linho do norte, garança, pastel, peixe secco e salgado, eram tambem muito abundantes; e que se exploravam já minas de ferro, cobre, chumbo argentifero e de outros mineraes [1].

Ora, n'este periodo da edade moderna, excepto os cereaes, que escasseavam n'uma ou n'outra epoca desgraçada, abundavam egualmente aquelles productos, e forneciam ainda grande elemento para a exportação, a par das lãs, madeira, lenha, mós de moinho, cardo penteador, louças, gado [2], mel, açafrão, fructas, cortiça e couros.

*

* *

Quanto ao movimento industrial, e começando pela agricultura, até Henrique IV, as perturbações civicas e religiosas, a par das guerras estrangeiras, não deixaram desinvolver essa industria, nem as artes pacificas do trabalho; e tanto mais que os respectivos monarcas, em geral, foram de muito pequeno alcance economico, e attenderam principalmente á cobrança dos impostos. Francisco II, por exemplo, não só fez depender de licença a venda e exportação do vinho e do trigo, mas até,

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 207 e 208. Quanto a hulha, vid. vol. II, pag. 67 e seguintes.

[2] Henri Cons, *Précis d'Histoire du Commerce*, vol. II, pag. 265.

no mesmo tempo, mandou destruir os vinhedos da Guyenna.

Quando Henrique IV obteve a corôa, desde 1580 até 1598, haviam sido mortos, pela guerra e pelos massacres, 800 mil pessoas; tinham sido arrasadas 9 cidades; queimadas 250 aldeias, e destruidas 128 mil casas.

A desordem era extrema. A divida pública estava calculada em 345 milhões de francos, e o rendimento liquido do Estado elevava-se apenas, annualmente, a 30 milhões. Quasi todo o dominio real estava alienado. E tudo isto, e os outros males de que fallaremos ainda, a proposito do commercio e das outras industrias, reduziram a agricultura a um estado lamentoso.

Foi para o levantamento d'esse ramo de riqueza que Sully attendeu, principalmente. A sua maxima favorita era, como já dissemos, *a laboração da terra e a pastoreação do gado, são as duas têtas do Estado, e as verdadeiras minas e tezouros do Perú.* E, n'esse sentido, perdoou ao povo o pagamento das contribuições atrazadas. Reduziu o imposto predial. Favoreceu o dessecamento dos pantanos; e foi, assim, que se transformaram em boas pastagens as embocaduras, outrora insalubres, do Gironda, Charente e Sèvres. E os nomes de *Flandres do Medoc, pequena Flandres d'Aunis e Cintura dos Hollandezes,* por causa do grande numero de operarios flamengos e hollandezes que foram encarregados n'esses trabalhos, ainda hoje recordam essas uteis emprezas.

Renovou a antiga ordenança que prohibia pren-

der por dividas qualquer lavrador ou arrestar-lhe as alfaias rusticas e os gados; e puniu com a pena de morte os militares que assollassem os campos.

Em 1601, o mesmo Sully permittiu a livre exportação dos cereaes, medida ousada para a epoca, mas que devia enriquecer o paiz, em vez de empobrecel-o ou de motivar a fome. E tambem promoveu a instrucção agricola, para a qual muito concorreram os livros que, então, foram publicados por um gentilhomen protestante, Olivier de la Serres, e entre esses, o *Théatre d'Agriculture et Ménage des Champs.*

Assim, a producção fez progressos rapidos, na metade do seculo XVII, e de modo que a agricultura franceza foi, então, a primeira da Europa.

A par d'isso, o proprio Henrique IV esmerou-se em propagar na França a cultura da amoreira e a criação do sirgo. Até mesmo as Tulherias e a praça de Tournelles foram plantadas de amoreiras.

Mas, brevemente, após Sully e Henrique IV, a agricultura decaiu de novo, por causa das luctas internas e externas e pouca attenção dos reis; e muito decaida estava já, quando Colbert foi nomeado ministro de Luiz XIV.

Sully tinha sacrificado algum tanto a industria á agricultura. Mas Colbert, ao contrario do que tantos escriptores falsamente affirmaram, é que não sacrificou a industria e commercio á agricultura, antes cuidou, egualmente e activamente, em desinvolver tambem o progresso agricola.

N'este sentido, alliviou as contribuições que pesavam sobre os lavradores; isentou da capitação

familias numerosas; prohibiu de novo o arresto ou penhora dos instrumentos e alfaias agricolas e dos gados, em pagamento das contribuições do Estado; estabeleceu, e restabeleceu differentes coudelarias, onde cruzou os cavallos francezes com os de Africa e Dinamarca. E, attendendo a que, por causa das guerras da Italia, o gado era insufficiente, fez vir touros, carneiros, ovelhas e cavallos da Allemanha, vaccas e tambem touros da Suissa; e ainda carneiros da Inglaterra, para melhorar com elles a raça ovina. Concedeu premios aos melhores criadores, e prohibiu a exportação do gado. Ordenou tambem, como Sully, o desseccamento dos pantanos, e publicou um codigo das aguas e florestas, que, ainda vigorava no meado do seculo XVIII.

Convergindo com esses esforços do ministro, tambem Luiz XIV, directamente por si, estimulou muito a plantação das amoreiras e a criação do sirgo. Comtudo, Colbert, a par d'aquellas proveitosas medidas, commetteu o erro de taxar o trigo n'um baixo preço para os operarios das manufacturas e para os soldados, e prohibir, ás vezes, a sua exporção; de modo que o lavrador, não encontrando lucro na producção, deixou de cultivar aquelle cereal, os baldios augmentaram, e as fomes se multiplicaram [1].

---

[1] *Desde o mez de maio de 1675, (escrevia-lhe o governador do Delfinado), que os habitantes dos campos só tinham vivido todo o inverno de pão de landes e de raizes, e que tinham sido vistos a comer a herva dos prados e a casca das arvores.*

Por outro lado, os capitaes eram empregados principalmente no commercio e na industria, faltando, portanto, para a agricultura. Só um pequeno numero de proprietarios era cultivador. Não havia nem gado, nem estrumes, nem instrumentos agricolas, nem bons exemplos; porque os grandes proprietarios, que podiam dar esses bons exemplos, viviam na côrte, e preoccupavam-se pouco da lavoura.

O pequeno consumo de carne tambem prejudicava a agricultura; porque, embora elle fosse importante nas cidades e nas villas, era quasi nullo nas aldeias, por serem muito pobres os seus moradores. E, embora tambem muitos dos terrenos estivessem incultos e reduzidos a pastagens, a criação do gado ovino era diminuta, e não fornecia bastante lã para as fabricas.

Além d'isso, a agricultura estava ainda sujeita a travações. A cultura da vinha era restringida por editos, para não tirar o logar á do pão. Havia odio aos açambarcamentos, quando estes podiam constituir a reserva de uns annos para os outros. E a circulação de provincia para provincia não era livre, pelo preconceito de que toda a provincia devia supprir ás suas necessidades.

Por isso, apesar dos bons desejos de Colbert, a agricultura não pôde levantar-se; e, depois d'elle, as guerras e o luxo de Luiz XIV, a desordem, corrupção e fraqueza da regencia do duque de Orleans, a contenda com a Hespanha e com a Allemanha, a quebra financeira resultante do systema de Law, e as luctas coloniaes, arruinaram muito mais o movimento agricola.

Trouxe isto a fundação da escola *phisiocrata*, preconisada por Quesnay, que, fazendo consistir a primeira fonte de riqueza nas producções da agricultura, chamava a attenção especial do paiz para ella [1].

O ministro de Luiz XVI, Turgot, esmerou-se tambem pelo desinvolvimento d'essa fonte de riqueza pública. N'este sentido, começou por abolir as barreiras que o systema mercantil tinha posto á livre concorrencia de cereaes; e libertou, assim, a respectiva importação e exportação, restringida, em 1770, por Terray [2], que tinha prohibido vender os trigos fóra dos mercados, comprando-os tambem por conta do Estado e das municipalidades, e que, d'esse modo, tinha favorecido a sociedade dos açambarcadores, chamada o *Pacto da Fome*. Ora Turgot, revogando os regulamentos de Terray, prohibiu aos agentes do governo toda a compra de cereaes, para os impedir de se entregarem a manobras culposas; e, ao passo que permittiu a livre circulação dos trigos e farinhas no interior, tolheu a sua exportação para fóra do paiz, quando a colheita fosse má.

Animou com premios o enchugamento dos pantanos e a cultura dos pousios. Aboliu as corveas [3]. E, apesar das intrigas que se agitaram em volta do seu nome, contribuiu muito para o levantamento da agricultura.

---

[1] Sobre esta escola, veja-se o vol. IV, pag. 60.

[2] Celebre ministro de Luiz XV.

[3] *As correas consistiam em certos trabalhos e serviços gratuitos que os vassallos de um senhor feudal eram obrigados a fazer.*

O proprio Luiz XVI prestou pessoalmente um grande serviço ao desinvolvimento agricola, introduzindo os carneiros merinos de Hespanha, na herdade de Rambouillet, que elle fundou, em 1786.

Mas, como vimos, os accidentes da governação no tempo d'este monarca, a agitação surda que já prenunciava a revolução franceza, e a crise industrial e commercial do seu tempo, não eram tambem de molde a restabelecerem o equilibrio da agricultura.

*

* *

Quanto ás demais industrias, começando pelos mineraes, Henrique IV algum cuidado lhes prestou. Introduziu a fabricação do aço e fundou tambem uma fabrica de vidros e crystaes em Melun. Mas, no tempo de Colbert, é que verdadeiramente se cuidou a sério das industries mineraes.

E, de facto, esse ministro, fundou outra fabrica d'aço na Picardia. Desinvolveu no Hainaut, conquistado em 1668, e em Quievrain e Condé, a extracção da hulha; e a tal ponto que se exportava de lá muito carvão, e se gastava uma quantidade consideravel nos altos fornos, forjas e fundições de ferro que havia n'essas regiões.

Chamou operarios suecos, para instruirem os francezes em Grenoble, Vienna, Giromagny e Saint-Etienne, onde foi estabelecida uma manufactura real d'armas.

Promoveu tambem a fundação d'uma fabrica de fio d'arame em Honfleur. E póde conseguir da

Inglaterra a arte de aperfeiçoar o aço, e da Allemanha a de fabricar a folha de lata.

As minas de chumbo e cobre foram activamente exploradas, no sul e no centro da França, e de modo que só a de Pezenas fornecia 300 quintaes de chumbo por dia.

Colbert estabeleceu tambem uma fabrica de vidros, á moda de Veneza, no bairro de Santo Antonio; e foi tambem por sua iniciativa que se estabeleceu a fabrica de porcellana de Sèvres.

*

* *

A producção do alcatrão era, como a fabricação das cordas, de primeira importancia para a marinha. Colbert chamou, por isso, operarios suecos, e fez d'esse ramo tambem uma industria nacional, n'um paiz onde abundavam florestas de pinheiros, como, por exemplo, na Provença e nas Landes [1].

*

* *

Uma das mais bellas industrias artisticas da França no seculo XVI foi a das faianças esmaltadas. O implantador d'essa industria foi Bernard Pallissy, pelo trabalho aturado que empregou, durante 16 annos (1539-1555), a colher dos Italianos o segredo de tão bella fabricação.

---

[1] Perigot, *obr. cit.*

*

* *

A industria dos pannos, que já não era grande, foi, como todas as outras, muito prejudicada pelas perturbações anteriores a Henrique IV, e tinha descido a tal ponto, que o seu abatimento provocou, em 1597, a queixa collectiva dos proprietarios. Eram, principalmente, os Inglezes que iam substituindo o consumo, aproveitando para isso a depressão da industria franceza; porque um tratado celebrado, em 1572, entre Izabel de Inglaterra e Carlos IX da França, lhes tinha concedido, sem reciprocidade, a livre importação e exportação de mercadorias de lã, sob o pavilhão inglez, e até o direito de estabelecerem entrepostos commerciaes no reino. Por isso mesmo, elles os estabeleceram em differentes cidades, como Rouen, Caen, Dieppe e Bordeus; e innundaram de lã todas as provincias, com pannos grosseiros, porém, mais baratos do que a industria franceza podia vender nas mesmas condições [1].

Henrique IV, de harmonia com Sully, tratou de remediar esta situação e levantar a industria de lanificios; e, n'esse intuito, fez, em 1604, um tratado com a Hespanha, para cessarem as pilhagens de que estavam sendo reciprocamente victimas os navios dos dois Estados; fez tambem, em 1606, com Jayme I de Inglaterra um tratado que estabe-

---

[1] Cons, *obr. cit.*. vol. I, pag. 226.

lecia a egualdade de condições para os negociantes de ambos os paizes; aboliu os direitos excessivos, e mesmo a restricção de relações mercantis, que havia entre a França, Hespanha e Paizes Baixos [1]; e modificou o regimen das corporações, n'um sentido mais liberal. E, embora, como dissemos, os cuidados principaes de Sully fossem pela agricultura, ainda assim, não descurou essa industria dos pannos.

A par d'esse estimulo em favor dos lanificios, tambem a fabricação da sêda e tapeçaria deveram grande impulso a Henrique IV e Sully; e até, como já vimos, foi no tempo d'elles que se criou a fabrica dos Gobelinos [2].

Depois, Richelieu, com a publicação do codigo Michaud, onde, além de outras disposições, era prohibida a entrada dos pannos inglezes, favoreceu muito a fabricação dos lanificios, como, em geral, favoreceu todas as industrias. A da tapeçaria foi sustentada por elle, no estado florescente que vinha de Henrique IV. E, assim, a fabrica dos Gobelinos continuou progredindo, e criou-se a de Savonnerie de que já fallámos [3]. Em todo o caso, póde dizer-se, d'um modo geral, que as agitações do paiz e as guerras com a Austria prejudicaram novamente a economia do reino, e, com ella, tambem a industria dos lanificios.

---

[1] Cons, *obr. cit.*, vol. I, pag. 268.

[2] Paul Risson, *Histoire Sommaire du Commerce.*

[3] Vid. pag. 85.

Essa industria, e, por isso, tambem a dos pannos, tornou a levantar-se com a gerencia de Colbert, não só pela grande protecção e animação que elle deu ao commercio, mas tambem porque soube attrair habeis artistas estrangeiros.

*

* *

A industria da sêda, setins e damascos, com que Luiz XI e Francisco I já quizeram dotar a França, foi definitivamente aclimatada, sob Henrique IV, pelos esforços de Sully, e mais tarde aperfeiçoada por Colbert. E augmentou por fórma que a França, embora continuasse a receber as sêdas da Italia, exportava tambem sêdas proprias, sobretudo, para a Hespanha.

Henrique IV, d'accordo com Sully, alimentou egualmente a industria das rendas de Flandres, tapetes de *hautelisse* (tapetes d'alto lisso ou d'Arrás) [1]; animou e protegeu, além da industria mineira e de vidros, crystaes e fabricação do aço, de que já fallámos, e outras industrias do paiz, como a das teias de linho, couros e crepes finos; e introduziu a do papel e a tinturaria da garança, cuja cultura havia sido tambem introduzida por elle.

Essas industrias decairam depois, em consequencia das guerras da Fronda, mas retomaram ainda maior vôo no tempo de Colbert, que, além da

---

[1] *A Historia Economico*, vol. III, pag. 30.

sêda e pannos, de que já fallámos, fez aperfeiçoar todas aquellas que existiam, como as do vidro, cambraias, rendas, tapeçarias, meias de lã e de sêda [1], chapeus grossos, latoaria, quinquilherias, sabões, tinturaria e refinações.

Engrandeceu a fabrica de tapetes dos Gobelinos, fundada por Henrique IV; criou a fabrica de pannos de Arrás e de Beauvais; fez vir um grande numero de artistas de differentes paizes; fundou, em 1665, *a manufactura dos pontos de França*; e, por meio de privilegios, espalhou a fabricação de rendas por Alençon, Chantilly, Gisors, Sedan, Charleville, Reims, Bourges, Issoudun, Riom e Aurillac.

Influenciado ainda pelas ideias do tempo e da tradição do systema anterior, Colbert regulamentou estrictamente a maneira de fabricar e as dimensões, côres e outras circumstancias dos productos fabricados. E, apesar das reclamações que esta regulamentação levantou, por toda a parte, a expansão do movimento industrial foi enorme, e a França cobriu-se de fabricas.

Só em Abeville, na Picardia, vieram estabelecer-se 500 fabricantes estrangeiros, que, depois, se naturalisaram. Em Sedan, tinha-se já estabelecido uma fabrica de pannos, em 1646: e, em 1681, estabeleceu-se outra em Louviers. Em 1665, as manufacturas pullulavam por toda a parte.

As fabricas d'obras de fio estabeleceram-se em

---

[1] Risson, *obr. cit.*

Quesnoi, Arrás, Reims, Sedan, Chateau-Thierry, Londum, Alençon, Aurillac, etc. Os Van-Robais, habeis fabricantes hollandezes, attraidos tambem por Colbert, introduziram em Abeville a fabricação dos pannos finos, á moda da Hollanda. Os *pontos* de Genova, Veneza e Hespanha foram introduzidos egualmente na França. Foi estabelecida em Caen uma fabrica de pannos, tambem á moda da Hollanda; em Amiens, outra de camelões de Bruxellas; em Maux, de damascos de Flandres; em Ferté-sous-Jouarre, de barregana; em Aumale, de sarjas, á moda de Londres, bem como na Borgonha, em Seignelay, Auxerre, Autum, Beaune, Semur. E, assim, se estabeleceram tambem muitas outras industrias similares em differentes partes [1], como Elbeuf, Louviers, Fécamps, S. Quentin, Sedan e Arrás. E tal era o estimulo do Governo em desinvolver o movimento industrial, que o proprio Luiz XIV, se fez manufactureiro, dando a certas manufacturas o nome de *reaes*.

*

* *

Quanto ás industrias de luxo, de que primeiramente a França era tributaria do estrangeiro, já Sully as quiz alimentar, e foram depois introduzidas definitivamente por Colbert.

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 211 e seguintes — Scherer, vol. II, pag. 463 e seguintes.

*

* *

Tudo decaiu depois de Colbert com pequenas excepções. Entre essas excepções, assignalaremos o estabelecimento dos cafés, que, desde a regencia em diante, se tornaram abundantissimos, dando logar tambem a enorme commercio de café. Só em Paris, se abriram 300; e aconteceu coisa analoga nas grandes cidades, como Bordeus, Nantes, Lyão e Marselha [1].

Mas, ainda assim, o desinvolvimento industrial que a França attingira tinha sido tão grande, que, embora diminuisse alguma coisa, ainda continuou grande até o fim do periodo.

*

* *

Desde o meado do seculo XVIII, que o algodão começou a entrar, n'uma parte importante, na fabricação das telas. Primeiramente, no curso da edade media, a França o recebia do Oriente, já fiado, e o misturava assim com outros tecidos. Mas, n'aquelle meado do seculo XVIII, ella o tecia e imprimia, para fazer telas pintadas e estofos leves, adoptados pela moda, e por fórma que, em 1788, a

[1] Michelet, *obr. cit.*, *La Regence.*

Normandia, a Picardia e Alsacia trabalharam já mais de cinco milhões e meio de kilogrammas de algodão importado. Rouen tinha o primeiro logar por suas *ruennries*, em que, pelos seus processos de pintura, obtinha desenhos de flores e *chinezisses* para as meias d'algodão. Amiens fazia os velludos d'algodão de Utrecht. Um de seus cidadãos, Martin, introduziu, em 1784, a maquina de fiar de Arkwright [1]. Sheurer fundou, em Wesserling, a primeira fabrica de telas pintadas da Alsacia, e Oberkampf a manufactura de indiannas de Jouy.

*

* *

A industria da lã era a mais espalhada; e Champanhe, a Flandres, a Picardia, a Normandia, algumas cidades do centro e o Languedoc representavam as sédes principaes d'esta industria [2].

*

* *

No que respeita á marinha, no tempo de Luiz XI, foi feita uma inspecção do littoral, por ordem do rei; foi animada a construcção de galeras; e uma expedição contra os corsarios barbarescos lhes ensinou a respeitar os navios francezes. Mas o

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 82.

[2] Perigot, *obr. cit.*, pag. 826.

concurso do paiz não secundou os esforços do rei; e, por isso, a marinha pouco progrediu.

Richelieu, que se dedicou muito cuidadosamente á protecção das colonias, teve, por isso, de augmentar muito a marinha, principalmente, a militar, para o que tratou tambem da renovação de alguns portos, como o de Brest, Porto Luiz e Brouage; e engrandeceu muito os do Havre, Marselha e Toulon. Mas a obra d'elle foi inutilisada, no tempo de Mazarino.

Colbert, depois d'isso, é que deu um grande desinvolvimento á marinha. Já, então, os navios de guerra, equipados por Richelieu, ou tinham desapparecido, ou estavam inutilisados, na maior parte. Mas Colbert attraiu constructores, e fez, assim, preparar uma bôa marinha militar. Estabeleceu um systema regular de recrutamento maritimo, nos districtos maritimos; e Toulon, Brest, Dunkerke foram dotados de arsenaes e fortificações.

Attendendo tambem á marinha mercante, esse grande ministro concedeu um premio aos armadores; e, em 1681, promulgou a famosa *Ordenação maritima*, que os outros povos adoptaram.

Mazarino tinha lançado, em 1659, um imposto de tonelagem sobre os navios estrangeiros; e, embora este imposto desse logar a vivas reclamações, Colbert o conservou, no mesmo intuito de fazer progredir a marinha nacional. E, realmente, essa medida contribuiu muito para isso.

*

* *

Quanto ao movimento commercial, quando começou a edade moderna, o commercio interno estava em critica situação. As guerras estrangeiras e civis tinham destruido quasi todas as communicações entre as diversas provincias, entre si e com o centro da França, conservando-as, por assim dizer, n'uma especie de conspiração, isoladas umas das outras. Os senhores feudaes, castellões e governadores das mesmas provincias, tinham-se aproveitado d'esta anarquia, para collectarem os negociantes, e estabelecerem portagens sobre os rios, que, de facto, constituiam quasi que o meio unico de communicações interiores; e, assim, tornavam o commercio interno cada vez mais impracticavel [1].

E o trafico exterior não estava em melhores condições; tanto mais que só tinha sido permittido aos estrangeiros, que achavam facil entrada no reino, ao passo que os portos dos outros paizes estavam quasi que fechados á influencia franceza.

Esse commercio estrangeiro effectuava-se pelas provincias fronteiras e maritimas da Picardia, Normandia, Bretanha, Guyenna, Languedoc, Provença e Lyonez.

A Picardia entretinha relações com a Inglaterra; Languedoc e a Guyenna com a Hespanha;

---

[1] Michelet, *obr. cit.* — *La Regence.*

a Provença e o Lyonez com a Italia. E as cidades que serviam de entreporto aos productos d'estas regiões, eram Amiens, Rouen, Caen, Nantes, Saint-Mallo, Vitré, Brest, Saint-Pol, Bordeus, Bayonna, São João da Luz, Marselha e Lyon.

Sobretudo, os Inglezes tinham-se já mostrado altamente exclusivistas para com a França. Os productos da industria franceza não podiam entrar nos seus mércados, ao passo que elles inundavam toda a França das suas mercadorias; e ainda tratavam de impedir, por meio do auxilio e protecção que davam á pirataria, o commercio francez com as outras nações.

No tempo de Henrique IV, foram egualmente objecto dos cuidados do rei o do seu ministro Sully o commercio interno e externo, embora este ministro lançasse de preferencia as suas vistas para a agricultura, como já dissemos. E o restabelecimento da ordem pública, a reparação das finanças, a diminuição dos impostos anteriores, augmentando a disponibilidade dos capitaes, e, portanto, a facilidade das compras dos particulares, auxiliaram tambem esses cuidados. Henrique IV criou até um *Conselho de commercio*, embora esse conselho desse pouco resultado.

A circulação interior foi favorecida, então, pela construcção de estradas, melhoramento da navegação fluvial, reparação ou construcção de pontes, serviços de coches e de malas postas, e pela proclamação da liberdade circulatoria de cereaes no interior. Mas, ainda assim, as muitas alfandegas, as regulamentações vexatorias, impondo longos

desvios ás mercadorias, continuaram a prejudicar a circulação dos productos.

O commercio exterior é que não teve tão grande desinvolvimento como o interior, por causa da fraqueza da marinha franceza, arruinada sob Carlos IX e Henrique III. E, embora Henrique IV, usasse de represalias, nunca pôde conseguir para esse commercio externo um augmento correspondente ao do commercio interior.

Comtudo, mesmo externamente, ainda Henrique IV favoreceu muito o movimento commercial, pelos tratados que realisou; a saber, um com a Turquia, de que adiante fallaremos, em que esta deu á França, no Levante e portos barbarescos, os privilegios que lhe assignavam as capitulações de 1536; e outros com a Hollanda e Marrocos, nos quaes ao passo que os negociantes francezes eram considerados quasi no mesmo pé de egualdade que os nacionaes, a França obteve ainda outras vantagens mercantis.

A Inglaterra, então, invejosa das relações commerciaes entre a França e Hollanda, fez-se com os corsarios, que, emboscados perto das costas hespanholas e francezas, esperavam e tomavam os navios, apprehendiam as carregações, e matavam a tripulação, ou a abandonavam em chalupas, á mercê das vagas.

Henrique IV, não podendo obter á bôa mente que os Inglezes se abstivessem de taes abusos, decretou represalias. Depois, fez tratados commerciaes, em 1604, com a Hespanha, e, em 1606, com a Hollanda, e até com a propria Inglaterra; e, com tudo isso e

com as outras medidas de Sully, o commercio externo começou a entrar n'um periodo mais feliz.

Mas, por um lado, era ainda grande a fraqueza da marinha franceza, arruinada sob Henrique III e Carlos IX; e, por outro lado, como em tudo o mais, era precisa uma longa paz, a fim de dar ás obras e concepções do grande rei e do seu grande ministro o tempo de se consolidarem e se tornarem productivas. E a morte de Henrique IV, lançando de novo a França no cahos e na miseria, retardou o effeito das reformas emprehendidas por elle e por Sully, e prejudicou novamente a expansão mercantil.

Richelieu, como já dissemos, fez publicar o codigo Michaud, que estabelecera uma especie de acto de navegação, mas que ficou letra morta [1]; e, no mesmo intuito de levantar o commercio, promoveu a organisação de grandes companhias: taes como as do Senegal e de Cabo-Verde (1626 a 1633), a Companhia da Guiné (1634 e 1635), a Companhia do Cabo Branco, a Companhia da Nova França, e a Companhia da Guyana. Promoveu egualmente o desinvolvimento das communicações internas. Retomou o trabalho dos portos, abandonados depois de Sully, criando, por assim dizer, Brest, Porto-Luiz e Brouage, e engrandecendo o Havre, Marselha e Toulon. Construiu um dique em Agde. Levantou a marinha. Celebrou tratados de commercio com a Russia, Dinamarca e Marrocos; e esmerou-se por estabelecer faceis communicações

---

[1] Risson, *obr. cit.*

com as colonias. Sobretudo, a organisação da marinha militar e os tratados com os paizes estrangeiros fizeram dar ao commercio exterior bem maior desenvolvimento que no reinado de Henrique IV.

Mas, as guerras que a França teve de sustentar no seu tempo, e os mais inconvenientes que já apontámos, quando tratámos do seu governo, inutilisaram os esforços do cardeal.

Depois d'isso, o commercio sómente se tornou a levantar no tempo de Colbert. Quando esse grande ministro tomou conta da governação, achava-se elle em plena debandada. As corporações, saindo da sua figura inicial, atrofiavam a iniciativa; as regulamentações vexatorias, impondo longos desvios ás mercadorias, continuavam a prejudicar o trafico interno; a circulação exterior estava tambem embaraçada, por grande numero de alfandegas e grande variedade de direitos; os portos achavam-se abandonados; as relações entre as provincias, muito difficultadas; as communicações, impedidas; os direitos de importação, muito favoraveis aos estrangeiros, e, portanto, em prejuizo dos nacionaes; e a legislação mercantil, muito deficiente.

Colbert, porém, para facilitar as relações entre as cidades e as provincias, tratou de abolir as alfandegas interiores; e senão pòde conseguir em todas as provincias essa abolição, pòde comtudo obtel-a em doze d'ellas. As demais ficaram sendo conhecidas por *provincias estrangeiras*, ou, por outra, por *provincias tratadas como estrangeiras*.

Animou a exportação dos vinhos e aguasardentes, pela diminuição dos direitos. Para attrair o commercio, declarou portos francos Dunkerke, Bayonna e Marselha. Concedeu a esta ultima cidade, em 1670, uma camara de seguros; e declarou tambem entrepostos francos La Rochelle, Ingrande, Rouen, Havre, Dieppe, Calais, Abeville, Amiens, Guise, Troyes e S. João de Luz, para receberem, sem pagarem direitos de entrada e saida, as mercadorias destinadas ao estrangeiro. Os exportadores nacionaes ou de fóra podiam reexportar as mercadorias n'um prazo determinado, sendo-lhes restituidos os direitos de entrada, e com franquia dos de saida. Era já o systema dos *Warrants* [1].

Fez reparar muitos caminhos que se tinham tornado impraticaveis, e construiu outros novos. Projectou o canal de Borgonha; fez decretar o de Orleans, que se inaugurou em 1692; e abriu tambem, apesar da opposição dos Estados, o de Languedoc ou do Meio Dia, que junctou o Mediterraneo ao Oceano. Emprehendeu grandes melhoramentos, em quasi todos os portos; e criou o de Rochefort, sobre o Charente, e o de Cette, sobre o Mediterraneo.

A viação terrestre, foi tambem melhorada e fiscalisada com cuidado.

Para combater a concorrencia estrangeira, substituiu a tarifa de 1664 por uma outra de 1667, que duplicava em grande parte os direitos d'aquella,

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 208.

e continha, além d'isso, taxas ainda mais onerosas para a importação de certos artigos, como botões, pannos, folha de lata, vidros, tapetes, assucar, oleo de peixe e de baleia.

Deu isto em resultado os protestos e represalias da Hollanda e Inglaterra; por fórma que os Hollandezes, em 1670, decretaram tambem uma tarifa que representava uma verdadeira retorsão contra a França; e, em 1672, essa lucta economica converteu-se em lucta armada. E, relativamente á Inglaterra esta, não só exerceu represalias, augmentando os direitos sobre os pannos, vinhos e aguasardentes francezas; mas até declarou esses direitos retroactivos a muitos annos. E, se não houve tambem a lucta armada entre os dois paizes, é que a imminencia da guerra com a Hollanda fez que Colbert voltasse á tarifa de 1664.

Julgava Colbert que a Inglaterra não podia passar sem os vinhos francezes, e, em vida d'elle, assim aconteceu. Mas os Inglezes acabaram por se munirem dos vinhos das Canarias e de Portugal, até o tratado de Methuen [1]; e, desde a conclusão d'esse tratado, foram os vinhos portuguezes os que dominaram o consumo da Inglaterra.

Finalmente, Colbert restabeleceu, em 1665, o *Conselho do commercio*, instituido por Henrique IV, que se reunia de quinze em quinze dias; e instituiu tambem nas provincias outros conselhos analogos, que deviam reunir-se todos os annos,

---

[1] Vid. vol. IV, pag. 315.

pelo mez de julho, para examinarem o estado do commercio e das manufacturas. Publicou as *Ordenanças do commercio terrestre*, em 1673, e as do *commercio maritimo*, em 1681, que submettiam a uma legislação uniforme todas as transacções terrestres e maritimas, o que até então não acontecia; e que se tornaram a base do direito mercantil europeu, influindo tambem poderosamente no desinvolvimento do commercio francez. Promoveu a fundação de grandes companhias de seguros e de commercio, de harmonia com as ideias d'esse tempo, que julgavam pouco firme o commercio de emprezas individuaes.

Foi, assim, que, sob o nome de *Companhia das Indias Occidentaes* (1664), reuniu n'uma só as antigas companhias fundadas por Richelieu para o Senegal, Guiné, Guyana, França Equinocial e Nova França. Esta companhia, mal administrada e arruinada, desde o começo da guerra da Hollanda, resignou os seus direitos na mão do rei; e os respectivos escriptorios, nas costas d'Africa, foram cedidos, em 1675, a uma nova companhia do Senegal, cujo principal commercio era o tratado dos negros. Criou mais a Companhia das Indias Occidentaes e do Levante.

Fundou tambem, em 1669, a Companhia dos Pyrineus para a exploração das florestas d'essas montanhas, na previsão de que a guerra da Hollanda poderia interromper a chegada da madeira do norte. Mas essa companhia enfraqueceu, por fórma tal que durou apenas alguns annos. E fundou egualmente a Companhia do Norte, destinada

a levar aos paizes tambem do norte os vinhos, aguasardentes, vinagres e saes, em troca do ferro, canhamos e madeira de construcção.

Reprimiu a pirataria; instituiu consules de commercio, e decretou regulamentos para a situação dos Francezes no estrangeiro. Finalmente, uma ordenança de 1671 prescreveu a uniformidade de pesos e medidas em todos os portos; e, embora esta medida não podesse executar-se plenamente, ao menos, foi observada nos arsenaes.

Conservou sobre a entrada e saida de navios estrangeiros que viessem ancorar nos portos francezes, o direito de tonelagem, que o superintendente Fouquet tinha estabelecido, em 1669; e esse direito foi para a marinha franceza quasi a mesma coisa que o acto de navegação de Cromwel para a Inglaterra [1].

*

* *

Depois de Colbert, as guerras e desperdicios de Luiz XIV; os enormes impostos que elle deitou, sugando os recursos da nação; a revogação do edito de Nantes, expulsando a população mais activa, industrial e trabalhadora da França; o desleixo e a corrupção da regencia; a ruina proveniente dos planos financeiros de Law e da menoridade de Luiz XV; as perseguições do duque de Bourbon; a

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 678.

guerra com a Allemanha e a guerra com a Inglaterra nas colonias; as luctas religiosas e intrigas politicas; e, no tempo de Luiz XVI, o desgraçado tratado com a Inglaterra, arruinando a industria, cujo desinvolvimento, regra geral, anda juncto ao commercio: prejudicaram completamente a expansão mercantil.

Claro está que um grande paiz e com o desinvolvimento politico e intellectual que a França havia adquirido tem sempre um grande movimento mercantil. Mas, relativamente aos seus recursos, póde dizer-se que o commercio francez depois de Colbert, foi successivamente minorando, e tornou-se tambem relativamente inferior [1].

*

* *

Quanto aos centros principaes, Paris, a grande metropole do mundo, não teve, na edade moderna, um movimento, correspondente á sua importancia politica. Contribuiram para isso os desastres de que foi victima.

Retomada aos Inglezes, em 1436, gosou então de tranquilidade por cem annos; mas, depois d'isso, os supplicios dos calvinistas, ordenados, em 1534, por Francisco I, posteriormente a matança de S. Bartolomeu, em 1572, e, em seguida, as perturbações da *Liga* reabriram o caminho das desgraças.

---

[1] E. Levasseur, *obr. cit.* — Risson, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.* — Perigot, *obr. cit.*

O dia das barricadas, na lucta dos burguezes contra Henrique III, os dois cercos de Henrique IV, em 1589 e 1593, a parte violenta que a cidade tomou nas luctas de Fronda, sob a menoridade de Luiz XIV, a transferencia que esse monarca fez da côrte e séde do governo para Versalhes, d'onde ella só voltou novamente, em 1789, prejudicaram sempre o desinvolvimento economico d'essa cidade [1].

Para se ver como as guerras e calamidades do seculo XVI abalaram Paris, basta dizer que no meado d'esse seculo, as tinturarias trabalhavam 600 mil peças de panno, por anno, e, no fim do seculo, já trabalhavam sómente 100 mil [2].

Mas em todo o caso, como capital da França, e pela sua posição e grandeza, teve sempre, absolutamente fallando, muita importancia, mesmo no commercio e na industria, em que figuravam especialmente a fabricação de couros doirados e de vidros, estabelecida por Henrique IV, a dos moveis e objectos da moda, e as industrias de luxo, em que não tinham rival na Europa [3].

Ao mesmo tempo, como centro agricola, era rica de cereaes, fructa, forragens e gado.

Era tambem um foco importantissimo das operações de credito, a ponto de ter eclipsado Lyon.

O commercio era livre, e os forasteiros podiam, por isso, levar francamente os seus productos ás importantes feiras de S. Germano e S. Lourenço,

---

[1] *Diccionario Geographico* de Bouillet.

[2] Perigot, *obr. cit.*

[3] Perigot, *obr. cit.*

S. Diniz ou do Lendit, que attraiam, principalmente, a gente de Amiens, Beaummont, Reims, Nogent e Orleans

Rouen foi, n'esta epoca, a primeira praça de commercio da Normandia, até Colbert, e um grande centro industrial. Era muito afamada a sua fabricação de faianças esmaltadas, que Bernardo Palissy lá estabeleceu, em 1539 a 1555. Desde que a industria algodoeira se espalhou na França, Rouen tornou-se tambem um dos principaes centros d'ella, e tinha até o primeiro logar por suas *ruenneries*, em que, pelos processos de tinturaria, se obtinham desenhos de flores e outras variedades, á maneira da China, para as meias d'algodão.

O porto do Havre foi fundado por Francisco I. Esse monarca realisou, com isso, um projecto de Luiz XI, que, intendendo que Paris, Rouen e o Havre não são mais que uma grande cidadela de que o Sena é a grande rua, enriqueceu, em 1517, a enseada de pescadores a que o Havre estava limitado, para fazer d'elle o primeiro porto de commercio e de guerra da Normandia [1].

Para levar a população a estabelecer-se lá, concedeu-lhe, em 1520, a isenção das capitações, e instituiu, em 1535, duas feiras francas, uma, na Pascoa, e outra, em novembro.

Desde 1526, um dos seus armadores, Le Roy de Chyllon, corsario e commerciante, enviou muitos navios ao Brazil e á India; e, desde 1535, o nego-

---

[1] Réclus, *obr. cit.*

cio maritimo começou a desinvolver-se lá; e os navios d'este porto começaram, então, a alugar-se aos commerciantes de Honfleur, Dieppe, Rouen, para levarem mercadorias a Londres, Anvers, Rochella, e a Bordeus, onde carregavam os vinhos, com destino a differentes cidades nacionaes e estrangeiras.

Construiam-se tambem lá navios de guerra. A cidade foi rodeada de um fosso.

Mas as guerras da religião deram um golpe fatal n'esta prosperidade crescente, e, só no tempo de Colbert, é que o Havre pòde disputar a Rouen o primeiro logar no commercio da Normandia.

Calais, um dos dois portos, por onde os pannos estrangeiros podiam entrar, (decisões do Conselho de commercio de 8 de novembro de 1687 e 8 de julho de 1692), e tambem um dos sete portos, onde a entrada das drogas e chicorias era permittida, tinha um inspector de manufacturas, que visitava as importações. Consistiam ellas, geralmente, em camelões, e em pannos, sobretudo da Hollanda, e em ratinas, sarjas, cobertores, flanellas e baetilhas finas de Inglaterra.

As exportações consistiam, principalmente, em vinho, aguardente, sal, couros e manteiga. Os navios francezes introduziam tambem, como contrabando, em Inglaterra, muitos lanificios, galões d'ouro e varios productos de Lyon; e traziam lãs e differentes outros artigos prohibidos.

O porto era de um accesso, ás vezes perigoso. Mas, por outro lado, os canaes facilitavam o transito para o interior do paiz.

Dunkerque, tornada cidade franceza, em 27 de outubro de 1662, tinha obtido o restabelecimento das suas antigas regalias de porto franco. Foi o porto principal da França sobre o Mar do Norte. A cidade foi fortificada por Vauban, e foram emprehendidos trabalhos consideraveis, para facilitar a navegação. Encontravam-se ahi mercadores de toda a especie e de quasi todas as nações da Europa, como, por exemplo, da Hespanha, Portugal, Inglaterra, Irlanda, Escossia, Hollanda e paizes do norte. O movimento de navegação era consideravel, sob o pavilhão francez, e, mais ainda, sob o pavilhão estrangeiro. E ahi abundavam, como artigos commerciaes, os vinhos, as passas, o azeite da França, o tabaco, o pau campeche e artigos da India, vindos da Hespanha e Portugal, o carvão de pedra, o chumbo, o estanho, a manteiga, os couros, as carnes e peixes salgados, o cebo, vindo das ilhas britannicas, a madeira, o alcatrão, o canhamo, ferro e aço, potassa e lãs do norte e do Baltico.

Tinha um trafico muito regular e importante com a Hollanda, e estava tambem em relações regulares com os portos francezes do Oceano e mesmo com Marselha.

As guerras interromperam muitas vezes este commercio; mas os armamentos dos corsarios entretinham o porto sempre em actividade.

A pesca, importante ahi nos tempos anteriores, é que era muito pouca, no fim do reinado de Luiz XIV; e, então, o tratado de Utrecht obrigou o rei a fazer demolir o porto e as fortificações de

Dunkerque, de modo que a cidade só recuperou a sua liberdade, sob Luiz XVI, pelo tratado de Versalhes (1783) [1].

Amiens, centro principal de fabricação de *sargeterias* (sarjas camelões, barreganas, etamines e tapessaria de alto lisso) era tambem o centro mais activo da Picardia.

Nantes e Saint-Mallo eram os dois principaes portos da provincia da Bretanha.

Nantes, situado a 56 kilometros do mar, tinha por anteporto Paimboeuf, e por annexos Pornic, Croisic e Pouliguen. De Paimboeuf as barcas, de 50 a 60 tonelladas, levavam mercadorias até Nantes. Os Nantezes faziam os seus armamentos, sobretudo, para as colonias d'America, para onde exportavam carne de vacca salgada da Irlanda, farinhas, presuntos, vinho, teias, azeite, manteiga, velas, vestidos, materiaes de construcção, utensilios domesticos, etc. E traziam de lá assucar, cacau, gengibre, algodão, anil, urucú, canafistula e couros.

O assucar chegava, em geral, no estado de mascavado, e era refinado na cidade, ou expedido para as refinações acantonadas sobre o Loire-Saumur, Angers e Orleans [2].

Uma trintena de navios andava empregada no commercio da ilha de Cayena. E, por outro lado, mais de 30 navios de 70 a 300 toneladas se empregavam tambem na pesca do bacalhau.

---

[1] E. Levasseur, *Histoire du Commerce de la France.*

[2] E. Levasseur, *Histoire du Commerce de la France.*

O commercio com a Hespanha, Portugal, costas d'Africa, Inglaterra, Allemanha e paizes do norte, representava uma tonelagem de quasi 100 mil toneladas. A exportação consistia em papel, tecidos, rendas, assucar, objectos de mercearia, quinquilharias e sal; e a importação, em metaes preciosos, lãs, pelles, laranjas e limões, tabacos e pau do Brazil.

O commercio com a Inglaterra e paizes do norte, era tambem muito activo, e formado, sobretudo, pela importação do carvão de pedra, arenques, couros, cebo, estanho, chumbo, cobre, aço, ferro, taboado, mastros e cabos.

De Lyon vinham para Nantes tecidos de lã e sêda, queijos de Gruyère. De Forez, armas e quinquilharias. De Nivernais, canhões, ancoras, carvão de pedra. De Auvergne, canhamo e queijos.

Nantes entretinha tambem um commercio muito importante com Orleans.

Saint-Mallo, porto bem protegido por um muro de rochedos, commerciava, principalmente, com a Inglaterra, Hollanda, Hespanha, Estados do norte, Canadá e Antilhas. Os seus marinheiros exerciam o contrabando sobre as costas d'Africa e na America hespanhola, e iam tambem á Asia, depois que a Companhia das Indias Orientaes lhes cedeu o trafico d'esta região [1]. De 1701 a 1703, estando a Hespanha alliada com a França, os Malluinos, apesar da guerra, fizeram um commercio activo com o

[1] Vid. pag. 71.

Chili e Perú. A Inglaterra, que era o melhor cliente de Saint-Mallo, fornecia-lhes chumbo, caparosa, noz de galha, carvão de pedra, pannos grosseiros, em troca de vinhos, aguardente, azeite, mel, aves, teias de Bretanha e Normandia. Entre Saint-Mallo e Nantes, a navegação era tambem muito importante.

Orleans constituia o grande entreposto do Loire, e ahi chegava uma grande quantidade de vinho, aguardente, trigo, especies, licores, canhamo, azeite, ferro, aço, peixe, queijos, doces, lenha, carvão, louças, ardosias, pedras de cantaria e couros.

As carreagens, pelo caminho de Orleans a Paris, eram egualmente consideraveis.

A Rochella gosou tambem, como vimos [1], da garantia de porto franco, sem ter direitos a pagar, como toda a região que ficava entre Nantes e Bordeus; e fazia um commercio muito importante com as Antilhas, Canadá, costas d'Africa, expedindo, sobretudo, alimentos, vestuario, quinquilharias, mercearia, arames, e recebendo assucar, cacau, pau de tingir, conchas de tartaruga, anil, cochonilha e algodão. E os Inglezes e Hollandezes vinham tambem carregar vinhos, aguardente, papel d'Angouleme, teias de Bourbonnais, sarjas de Poitou, xaropes, etc. Rochella exportava tambem muitos productos para Portugal, Inglaterra e Hollanda, e importava manteiga, chumbo, estanho, peixes, linho, canhamo, teias, queijos, fio e especies.

---

[1] Vid. pag. 119.

A cidade de Bordeus continuou sempre activa e commercial com o seu negocio de vinhos.

O tratado de Methuen e as guerras de Luiz XIV fizeram diminuir esse negocio, com respeito á Inglaterra. Mas os vinhos francezes tinham adquirido uma tal reputação que o seu commercio continuou importante para o norte da Europa. A propria Hollanda, mau grado as luctas com a França, e mesmo depois de Luiz XIV, foi sempre das melhores clientes. E, assim Bordeus, apesar das condições do seu porto, que, n'algumas partes proximas do caes, não tinha profundidade sufficiente, para que os navios podessem acostar á terra, foi, durante a epoca moderna, o primeiro porto da França, já no valor das trocas, e já no movimento dos navios [1].

Tours, constituia outro grande centro de industria sericicola e de pannos e couros.

Nos primeiros tempos d'este periodo, era mesmo superior á cidade de Lyon, na industria da sêda, ou, pelo menos, rivalisava com ella; e conservou essa cathegoria até 1675. Depois, é que foi declinando [2].

Nimes, tambem muito industrial, era outro grande centro da fabricação da sêda, fabricação essa em que, já no seculo XI, adquirira uma reputação enorme [3].

---

[1] E. Reclus, *obr. cit., La France.*
[2] Perigot, *obr. cit.*
[3] E. Reclus, *obr. cit.*

Lyon, já no principio da epoca moderna, era muito notavel pelo seu movimento industrial, especialmente na sêda. Esta industria veiu-lhe da Italia. Tudo aquillo que os emigrados francezes, banidos ou fugitivos, por causa da religião e da politica, fizeram, tantas vezes, em diversas regiões da Italia, levando-lhe os seus conhecimentos e os seus processos, os emigrados italianos o tinham feito precedentemente na França.

Assim, os Florentinos, Toscanos e outros italianos, expulsos da sua patria, pelas revoluções politicas, levaram a Lyon o magnifico presente da tecelagem de sêda; e, para os attrair, já Luiz XI decretara que os artistas experimentados que se estabelecessem n'essa cidade, fossem dispensados do pagamento dos impostos exigidos aos proprios habitantes [1].

Foi d'esse modo que, já no meado do seculo XVI, os tecedores de sêda se elevaram a doze mil. Com a revogação do edito de Nantes, a fabricação esteve ameaçada; e, com effeito, desappareceram mais de tres quartas partes das suas manufacturas. Mas, passadas duas gerações, Lyon retomou a sua antiga situação industrial, e conservou-se sempre, apesar das guerras e revoluções, a cidade por excellencia das bellas sêdas, e, sobretudo, das sêdas claras; bem como constituiu um grande centro de commercio.

No principio da epoca moderna, as suas rela-

---

[1] Bouillet, *obr. cit.* — E. Réclus, *obr. cit.*

ções com a Allemanha meridional e com as cidades da Alta Suabia e da Suissa, onde tinha até commissarios, e onde gosava de differentes franquias, eram as mais activas.

As mercadorias subiam o Saona e o Doubs até Besançon e Mandeure; e eram dirigidas d'ahi sobre Bâle, pelo Jura e Montbelliaud.

Estas relações modificaram-se consideravelmente, com a descoberta do caminho para a India; mas, em todo o caso, Lyon conservou-se sempre um grande centro do commercio e da industria [1].

Marselha, perdeu parte do seu antigo movimento, com a descoberta do Novo Mundo e do novo caminho para a India; porque, segundo já dissemos no vol. IV, desde então, o Mediterraneo quasi se converteu n'um lago. Demais a mais, as condições hygienicas d'esta cidade prejudicavam o augmento da sua população. As suas aguas, corrompidas e pouco abundantes, exhalavam a febre e a morte; e o ar infectado que se espalhava nos bairros, e que o mistral [2] não renovava sufficientemente, por causa dos obstaculos das alturas da velha cidade, tornava-se frequentemente o vehiculo da peste e de outras doenças. Ainda, em 1720, o flagello dizimou a população, em poucas semanas, e suspendeu completamente as relações mercan-

---

[1] Bouillet, *obr. cit.* — Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle, La France.*

[2] O mistral é um vento frio do N. O. que reina sobre a parte inferior da bacia do Rhodano e da Provença.

tis, e mesmo as relações sociaes [1]. Só quando o Durance se canalisou, e que houve agua sufficiente, é que se modificou o estado sanitario.

Ás pestes e insalubridade junctou-se, no seculo XVI, a destruição resultante das guerras; e tudo isso arruinou quasi totalmente o commercio de Marselha. Esse commercio levantou-se, de novo, pela paz e pela instituição, em 1599, da chamada *commissão*, convertida mais tarde em *camara do commercio*; e tornou-se florescente, depois que Colbert lhe concedeu o privilegio de que já fallámos [2]. O seu porto continha então mais de 300 navios, setenta dos quaes eram destinados ao trafico do oriente.

Por troca dos pannos, sêda e coral, que os Orientaes levavam a esta cidade, tiravam elles de lá especies, drogas, lã, e algodões, que eram expedidos para as manufacturas do Piemonte e do Milanez, ou para Genova, Barcellona, Valença, Lyon e Anvers.

Montpellier, além da sua reputação scientifica, tornou-se distincta pelas cobertas de lã, que se fabricavam nos arredores, e pelas industrias da sêda e das velas que se exerciam na propria cidade. Mas faltava-lhe um porto de mar; e o Mediterraneo, para onde se desinvolvia o seu commercio, estava

---

[1] E. Levasseur, *Histoire du Commerce de la France* — Michelet, *Histoire de la France, La Regence*.

[2] Perigot, *obr. cit.*, pag. 180 — E. Reclus, *obr. cit., La France* — Scherer, *obr. cit.*

como vimos, decaido, o que tudo prejudicou a expansão economica d'esta cidade.

Limoges era, no tempo em que as viagens se faziam por etapas, o principal ponto de paragem ou descanço obrigado, no caminho que vai d'Orleans a Bordeus, pelo Limousin e Perigot; e ainda Turgot augmentou o valor d'esse entreposto, fazendo convergir para lá grande numero de estradas.

Esta situação tornou Limoges muito commercial e industrial, especialmente na ceramica e nos esmaltes applicados em metaes, que eram muito apreciados [1].

Alençon é celebre na historia das artes do luxo, pelas manufacturas dos chamados *pontos de França* ou *pontos d'Alençon*, introduzidas no paiz, em 1673, por uma alençoeza, vinda de Veneza. Essa industria, que hoje está em parte deslocada alli, conservou-se florescente, por toda a epoca moderna; e tanto mais que Colbert a auxiliou grandemente, n'essa mesma cidade [2].

Melun, onde, no tempo de Henrique IV, se estabeleceu uma fabrica de vidros e crystal, tornou-se, desde então, grande centro d'essa industria.

E, tambem no tempo de Henrique IV, e d'ahi por diante, Monts e Troyes tiveram grande actividade na industria da sêda.

Com o governo de Colbert tornaram-se egual-

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*—Scherer, *obr. cit.*

[2] Michelet, *obr. cit.*

mente grandes centros industriaes para obras de fio Quesnay e Arras, onde, a par d'isto, se fabricavam os celebres tapetes d'esse nome, tambem conhecidos por tapetes de alto lisso [1].

Foram tambem grandes centros industriaes: Reims, especialmente, pela fabricação dos castores; Sedan, que occupava um dos primeiros logares para os pannos finos e casimiras; Chateau-Thierry, Loudun, Aurillac, Louviéres, Abeville, onde os Van-Robais, habeis fabricantes hollandezes, chamados por aquelle ministro, e que vieram para França com suas familias e cincoenta artistas, introduziram essa industria, e onde logo quinhentos operarios estrangeiros se estabeleceram e naturalisaram como francezes; Beauvais, onde se estabeleceu tambem uma fabrica de tapetes, e que se tornou egualmente notavel n'esse genero, assim como Aubusson, onde egualmente se exercia a mesma industria de tapetes; Saint Quentin, notavel por seus lanificios, riscados grossos e bacias [2]. Bethel, pela fabricação das etamines e flanellas; Troyes, pela preparação das ratinas, baetilhas finas e sarjas; Reims, pelos castores lisos, e flanellas e tambem etamines; e Amiens, por seus pannos, sarjas e camelões.

Da mesma fórma, foram centros industriaes importantes Beauvais, Breteuil, Darnétal, Elbeuf, Lisiux, Vire, Dreux, Nogent-le-Rotrou, Sainttonge Marche e Bourbonnais, na Normandia; Lodéve,

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 30 e 31.

[2] Perigot, *obr. cit.*

Aubenas, Mende, Rodez, Limoux, Carcassone no Languedoc. Saint-Gaudens, Tolosa, Rieux, La Réole e Montauban, na Guyenna. E, bem assim, Saint Gobain para os vidros, e Sèvres para as porcellanas.

Creusot, n'esta epoca, ainda começava a trabalhar o ferro; e Nevers, que chegou a constituir um grande centro da fabricação de faiança, já no fim do periodo, deplorava a ruina das suas fabricas.

*

* *

Quanto a dinheiro, o systema monetario da França, na edade moderna foi muito fluctuante; porque os reis ora britavam moeda, e, portanto, alteravam o valor nominal do dinheiro, e até d'aquelle que tinha a mesma designação, toque e peso; e ora emittiam outras moedas novas, com o mesmo nome, toque e valor, ou com differentes denominações, valores, toque e pêso.

Assim, quanto ás moedas de ouro, Luiz XI emittiu em differentes annos, *escudos de corôa,* uns do valor de 28,4 soldos [1] e outros de 30 soldos e tres dinheiros; e bem assim, *escudos de sol* de 33 soldos.

---

[1] O soldo era a vigesima parte da antiga libra franceza, ou da libra torneza, a qual tinha, portanto, 20 soldos, e cada soldo 12 dinheiros. E, embora o valor d'essa libra tivesse variado alguma coisa, sob alguns dos imperantes, regra geral, tinha o valor do franco actual. É facil, por isso, reduzir a moeda portugueza os valores d'esta parte do nosso trabalho.

Carlos VII mandou tambem cunhar *escudos de corôa* do valor de 35 soldos, e *escudos de sol* do valor de 36,3 soldos.

Luiz XII mandou cunhar *escudos de sol* do mesmo valor de 36,3 soldos, e, bem assim, escudos, chamados *ecus porc épi* (escudos porco espinho) de 36,3.

Francisco I tambem mandou cunhar *escudos de sol* de 36,3 soldos, de 40 soldos, e de 45 soldos; *escudos de corôa* de 39 soldos; e *escudos à la salemand* dos mesmos 45 soldos.

Henrique II mandou cunhar *escudos à la croisette* (de cruzinha) do valor de 45 soldos, e as moedas chamadas *henriques* de 50 soldos.

Carlos IX mandou cunhar *escudos de sol*, variadamente, de 50, 52, 53 e 54 soldos.

Henrique III mandou cunhar *escudos de sol*, tambem variadamente, de 54, 58, 60 e 65 soldos.

Henrique IV mandou cunhar *escudos de sol* de 65 soldos.

Luiz XIII tambem mandou cunhar *escudos de sol*, variadamente, de 75, 80, 83, 86, 94 e 104 soldos.

Luiz XIV emittiu successivamente, pela ordem que vamos indicar, *luizes* de 140, 200, 220, 230, 225, 232, 260, 255, 330, 280, 400, 680, 800, 1:200, 900, 1:000, 540, 240, 400 e 480 soldos [1].

---

[1] O valor regular do *luiz*, antes das convenções monetarias latinas de 23 de dezembro de 1865 e 31 de janeiro de 1874, era de 24 libras tornezas, ou 480 soldos; visto que a libra torneza tinha 20 soldos. E, portanto, o valor do *luiz* era de 24 francos, approximadamente, ou 4$800 reis, calculando o franco a 200 reis da nossa antiga moeda.

Finalmente, em 1785, recunharam-se escudos de 480 soldos.

*

* *

Quanto ás moedas de prata:

Luiz XI emittiu os *brancos de sol* de 1 soldo.

Carlos VIII emittiu tambem *brancos de sol* de 1 soldo e um dinheiro, e *brancos de corôa* de 1 soldo.

Luiz XII emittiu *testons* (tostões) de 10 soldos, e *brancos* de 1 soldo.

Francisco I emittiu *brancos de corôa* de 1 soldo; *testons* de 10 soldos, e de 10 soldos e 6 dinheiros; *brancos à la salemand* de 1 soldo; *dozains à la cruzete* (dozenos de crusinha) tambem de 1 soldo; *douzains* (dozenos) egualmente de 1 soldo.

Henrique II emittiu *testons* de 11 soldos e de 11 soldos e 4 dinheiros, e *douzains* (dozenos) de 1 soldo.

Carlos VII emittiu *testons* de 12 soldos e de 13 soldos, e *douzains* (dozenos) de 1 soldo.

Henrique III emittiu *testons* de 13 soldos, e tambem de 14 soldos e 6 dinheiros, bem como de 16 soldos; *francos* de 20 soldos; *douzains* (dozenos) de 1 soldo; e *quartos de escudo* de 15 soldos.

Henrique IV emittiu *quartos de escudo* de 16 soldos; *francos* de 21 soldos e 4 dinheiros; e *testons* de 16 soldos.

Luiz XIII emittiu *testons* do mesmo valor de 15 soldos; *francos* do valor de 27 soldos; e *luizes de prata* de 60 soldos.

Luiz XIV emittiu successivamente *luizes de prata* de 16, 20, 60, 62, 66, 68, 80, 88, 100 e 70 soldos.

Luiz XV emittiu tambem sucessivamente *libras de prata* ou *escudos de prata* de 80 soldos e de 113 soldos e 4 dinheiros; simples *libras de prata* d'este mesmo valor; e *luizes de prata* de 235 soldos, 60, 50, 138, 100 e 120 [1].

Em 1785, cunharam-se novas moedas; mas pelo typo e valor das que vigoravam anteriormente.

*

* *

Quanto ás relações com os outros povos, o commercio ultramarino da França com as Antilhas constituia o mais vantajoso ramo e a fonte mercantil mais lucrativa. Mas, na Europa, as relações com a Hespanha eram muito importantes, e occuparam o primeiro logar, sobretudo, depois da paz de Utrecht (1713), por causa dos favores devidos á politica de familia.

Já fallámos d'esse movimento mercantil com a Hespanha, no volume IV [2], e já tambem mostrámos que, além do commercio com a metropole, havia o contrabando que, por meio das Antilhas francezas, se fazia nas colonias hespanholas, a par tambem do contrabando inglez e do contrabando hollandez. Por isso, limitamo-nos agora a dizer que

---

[1] W. A. Shaw, *The History of Corrency*.

[2] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 317.

a França introduzia na Hespanha objectos da sua industria e do seu solo, como teias de linho, chapeus de castor, velludos e outros estôfos de sêda ou de lã, rendas de ouro ou de prata, verdadeiras, ou falsas, meias, toda a sorte de mercearia e quinquilharia, lunetas, espelhos, guisos, etc. E recebia lãs, sêda, madeiras, cavallos, fructas e generos coloniaes, como perolas, pau campeche, anil, cochonilha, cacau, metaes preciosos, especialmente a prata.

A maior parte das mercadorias enviadas á Hespanha, e, sobretudo, a Cadiz, eram destinadas á India. Os Hollandezes foram, durante muito tempo, os principaes intermediarios d'esse commercio entre a França e Hespanha; mas, em todo o caso, tambem os armadores de Rouen, Saint Mallo, Nantes e Bordeus lhes fizeram concorrencia [1].

A par d'este commercio de mercadorias e dos lucros que elle representava, os habitantes da Gasconha, Auvergne e Limousin, estabelecidos em grande numero na Hespanha, como artistas e mercadores, traziam para os seus lares muito dinheiro.

*

* *

Já tratámos tambem das relações commerciaes da França com Portugal, na edade moderna [2]. E só temos a accrescentar que a exportação da França

[1] Scherer, *obr. cit.*

[2] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 321.

consistia principalmente, em cereaes, legumes, sarjas, teias de linho e fio de linho, pannos, fitas, toda a especie de quinquilharia, cartas de jogar, papel, couros e vestuarios. E a importação era representada em lãs, em fructas, como figos, limões e laranjas, e em generos coloniaes, como algodão, assucar, pimenta e canella [1].

*

* *

Já tratámos egualmente das relações da França com a Hollanda [2].

Vimos por essa occasião como os Hollandezes tiveram a preponderancia commercial na França até Luiz XIV, e como este rei começou a combater esse predominio. Para isso, um dos expedientes de Colbert foi favorecer a navegação dos Dinamarquezes, Suecos e Hanseaticos, porque a França não tinha ainda sufficiente marinha mercante.

Vimos depois os accidentes da guerra de tarifas entre os dois povos, e os effeitos mercantis que se seguiram d'ahi, e como, desde o meado do seculo XVIII, a França pôde ir desbancando a preponderancia dos Hollandezes. Só temos a accrescentar que, até meado do seculo XVI, os Paizes Baixos foram, certamente, a nação com que a França

---

[1] Cons, *obr. cit.* — Levasseur, *obr. cit.* — Savary, *Le Parfait Négociant.*

[2] *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 533.

fazia mais commercio. O sal, o vinho, o azeite, as fructas, o papel, as teias, os chapeus e certos pannos francezes, eram objecto de uma procura constante, por parte d'aquelles paizes; e os vinhos eram, desde tempos antigos, um grande artigo de exportação. Por seu lado, a França tirava da Hollanda generos coloniaes, artigos do norte e objectos de construcção maritima; e, até n'este ultimo artigo, a Hollanda ficou sempre um mercado privilegiado, e sempre os canteiros de Sardam e outros mais trabalharam muito para as requisições francezas [1].

*

* *

Quando tratámos da Belgica, mostrámos que as relações commerciaes entre ella e a França diminuiram de importancia, após o meado do seculo XVI. Augmentaram muito, com a paz definitiva, realisada com a Hespanha, e, sobretudo, com a subida de Filippe V ao trono hespanhol. Mas a Inglaterra, ciosa d'esse progresso, tratou logo de prejudical-o; e mesmo, para substituir as mercadorias francezas pelas d'ella, tomou a seu sôldo differentes corsarios, concedendo-lhes até cartas de marca. E esses corsarios, embuscados perto das costas da França ou da Hespanha, esperavam e apresavam os navios francezes, á sua passagem; apoderavam-se da carga; e matavam as equipagens, ou as

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 512.

abandonavam, á mercê das ondas em simples chalupas [1].

A França exportava para a Belgica vinho, aguardente, vinagre, cereaes, azeite, fructas, mel, pastel, açafrão, objectos de mercearia e quinquilharia, papel, vidros, velludos, fitas, chapeus. E recebia de lá teias de linho, fustões, tapeçarias, rendas e lã fiada.

*

* *

Com respeito ás relações da França com Inglaterra, pouco temos a accrescentar ao que expusemos no IV volume [2].

Como lá dissemos, a tarifa franceza de 1667, dirigiu-se não sómente contra a Hollanda, mas tambem contra a Inglaterra. Seguiu-se d'ahi, pela mesma forma que succedeu n'aquelle outro paiz, uma tarifa de represalias, da parte dos Inglezes, e, seguidamente, uma guerra, sob Guilherme III, que terminou, como vimos, pelo tratado de paz de Nimègue (1678). Apesar d'esse tratado, succederam-se novas luctas, que apenas acabaram pela paz de Utrecht (1713). Mas, ainda assim, a rivalidade entre os dois paizes, accendrada pelas guerras coloniaes, não deixou nunca estabelecer francas relações mercantis. E, embora, de tempos a tempos,

[1] Perigot, *obr. cit.*

[2] Vid. vol. IV, pag. 531.

houvesse differentes tratados, essas relações acabaram por ficar reduzidas, principalmente, ao simples contrabando.

Depois, em 1786, fez-se o celebre tratado commercial de Eden, de que já fallámos [1], e que foi para a França o mesmo que o tratado de Methuen para Portugal, porque arruinou tambem completamente a industria franceza.

Por esse tratado, havia reciprocidade na importação e exportação dos productos industriaes. Os productos agricolas francezes de que a Inglaterra carecia, podiam entrar n'este paiz com favoraveis direitos differenciaes, mas já assim não acontecia com a cerveja ou outros generos de que a Inglaterra não carecia, ou a respeito dos quaes tinha concedido favores especiaes a outros paizes. Os vinhos francezes eram protegidos, mas não tanto como os Portuguezes. De modo que esse tratado arruinou a industria franceza [2].

*

* *

Nas suas relações com a Italia, a França, depois de Colbert, tinha-se emancipado, cada vez mais, da dependencia em que estivera da industria

---

[1] Vid. pag. 96.

[2] Amiens, por exemplo, e seu termo, de cinco mil teares, em 1785, estava reduzido a dois mil, em 1789. E, em Albeville, a celebre casa de Van Robais, de 100 desceu a 15. — Perigot, *obr. cit.*

italiana. Tirava ainda quantidades consideraveis de estofos de sêda e velludos de Padua, Bolonha, Genova e Florença; muito ouro em fio, rendas, crepes, ratinas, tapetes, brocatellos, crystaes, doces, aletria; e azeite, para a fabricação de sabões de Marselha. E enviava trigo, vinho, teias de linho, pannos de Languedoc e generos coloniaes, café, assucar e cacau.

Em todo o caso, a importação excedia a exportação.

Se as pescarias do mar do Norte fossem melhor exploradas pelos Francezes, o peixe poderia ser tambem objecto de carregações importantes para a Italia; mas a França, n'esse ponto, ficava muito inferior á Hollanda e mesmo á Inglaterra.

*

* *

O commercio com os paizes do norte — Dinamarca, Suecia e Noruega, e com as cidades hanseaticas era pouco activo. Tornava-se difficil competir com a concorrencia dos Inglezes e Hollandezes; e tanto mais que todas as mercadorias francezas quasi que eram conduzidas em navios da Inglaterra ou da Hollanda. Parece mesmo que os navios francezes não iam áquellas regiões, antes da criação da Companhia do Norte.

Ainda assim, com a Suecia as relações alcançaram mais actividade, mas só no fim do periodo, em 1784, em consequencia da cedencia da ilha de S. Bartholomeu, por cuja troca a França obteve

importantes vantagens para o seu commercio, no porto de Gothemburgo.

Em todo o caso, o vinho aguardente, sal, papel, fructas, sèdas, objectos de mercearia, quinquilharias eram expedidos para essas regiões do norte e para as cidades hanseaticas, de uma fórma vantajosa, em troca de materiaes de construcção, pelles, couros, lãs de Dantzig, aço da Hungria, chumbo de Colonia, cobre e alcatrão [1].

*

* *

Quanto á Allemanha, a França, n'este periodo, tirava de lá gado grosso da Franconia e Suabia, cavallos e cereaes do littoral allemão; e fornecia em troca e em muito maior valor productos fabricados, assucar e café, e artigos da moda e de luxo. Assim, a exportação da França era muito maior que a importação; de modo que a Allemanha representava um commercio passivo.

*

* *

Com respeito á Russia, os proventos commerciaes, realisados pelos Inglezes e Hollandezes com esse paiz, inspiraram á França o desejo de participar n'elles.

---

[1] Dr. Hoffmann, *Histoire du Commerce*, traducção franceza de J. Duesberg.

Para isso, Richelieu concluiu, em 1636, um tratado commercial com o czar Miguel, que as guerras posteriores inutilisaram. Colbert, em 1669, concedeu a uma companhia especial o privilegio de commercio russo por 20 annos. E, por seu lado, Pedro Grande negociou um tratado com o regente duque de Orleans, com o fim de alimentar um commercio directo entre os dois Estados. Tudo, porém, foi inutil; já porque a marinha franceza era insufficiente, e apenas se decidiu excepcionalmente a navegar além do Sund; e já porque os Inglezes suscitaram sempre aos Francezes muitos obstaculos. Assim, tendo-se a França offerecido, para comprar o tabaco da Ukrania, os Inglezes fizeram a mesma offerta por um preço maior, apesar das suas colonias da America lhe supprirem abundantemente esse producto.

Uma nova tentativa, para reanimar o commercio da França com a Russia, teve logar, em 1784, por meio da moderação dos direitos pautaes, e mesmo de premios concedidos pelo Governo francez aos navios nacionaes que fossem empregados n'esse trafico. Mas estas despezas consideraveis do Estado não deram resultado. Em vez de visitarem os portos russos, os navios francezes contentaram-se em procurar os artigos da Russia no porto de Hamburgo; e, em vez de levarem mercadorias francezas, partiam apenas com lastro para lá.

É que, por seu lado, os Francezes não conheciam bem o paiz, para estabelecerem agentes ou commissarios; e, por outro lado, os emigrados da França não eram, pela maior parte, negociantes;

ou, se pertenciam a tal profissão, não tinham bastantes capitaes.

Em 1787, Luiz XVI, por intervenção do ministro Calonne, fez um novo tratado com a Russia, muito vantajoso para a França, mas que não chegou a dar resultado, pela revolução franceza e pelas guerras que se seguiram.

Ainda assim, em todo este periodo, os carregamentos da França, sem serem directos, representavam importantes valores; porque o luxo, sempre crescente na Russia, procurava de preferencia os objectos manufacturados da França e os seus vinhos e productos coloniaes. Esse commercio, a principio, fez-se, principalmente, por Arkangel. Os Francezes mandavam para ahi vinhos, aguardente, vinagre, xaropes, doces, fructas, tabaco em obra, papel branco e pardo, teias, pannos grossos, estofos de sèda e ouro, chapeus, fitas, cartas, objectos de mercearia e quinquilharias. E compravam os productos proprios da Russia, como pelles e pelliças, couros, linho, canhamo, oleo de peixe e alcatrão. A maior parte das mercadorias que se encontravam nas feiras d'Arkangel, eram fornecidas e levadas em navios hollandezes ou inglezes. No fim do periodo, porém, Amsterdam e Hamburgo eram os principaes entrepostos dos productos francezes.

*

* *

Apesar da descoberta da America e do caminho para a India, não tinha cessado de todo o commer-

cio geral do Levante pelo Mediterraneo; e a França esforçou-se tambem por aproveitar esse commercio.

As relações diplomaticas com a Turquia, começaram com Francisco I, que, para lançar sobre a Austria um inimigo mais terrivel, se alliou com Solimão, que veiu, duas vezes, cercar Vienna. Essas relações aproveitaram, desde logo, ao commercio; e, em 1535, houve o tratado chamado das *Capitulações*, em que se convencionou a reciprocidade de liberdade commercial entre os dois Estados. E n'elle se pactuou que nenhum direito novo poderia ser lançado por qualquer d'elles sobre as mercadorias do outro; que a França poderia estabelecer consules e juizes privativos em Constantinopola, ou n'outros logares do imperio ottomano; que haveria liberdade religiosa e isenção de impostos para os Francezes residentes no imperio turco; e, nos casos de naufragio, que as pessoas e mercadorias seriam respeitadas [1].

Este tratado foi renovado, em 1569, entre Carlos IX e Selim II, com novos privilegios.

Em 1591, fez-se um terceiro tratado entre Henrique IV e Mahomet III, pelo qual os Venezianos, Genovezes, Inglezes, Portuguezes, Catalães, Sicilianos e mercadores de Ancona e Raguza, eram obrigados a tomar a bandeira franceza, para poderem negociar nas terras do imperio ottomano, e

[1] Paul Risson, *Histoire Sommaire du Commerce.*

era concedida preferencia honorifica aos embaixadores francezes sobre os dos outros principes christãos.

Comprehende-se bem que, em vista da influencia resultante d'uma situação tão privilegiada, quasi que unicamente fluctuava o pavilhão francez nos mares d'aquelle imperio.

E depois, em consequencia do outro tratado de 1604, feito pelo mesmo Henrique IV com Achmet I, successor de Mahomet III, os portos e mercados do imperio ottomano, ou na Africa e paizes barbarescos, ou na Asia, ou nas escalas do Levante, ou em Constantinopla, ou em qualquer outra parte da Europa, foram abertos aos Francezes, com plena garantia para as suas pessoas e para as suas operações. O governo da França continuava com a faculdade de estabelecer nas cidades do imperio consules, com exclusiva jurisdicção nas questões civis e criminaes entre os seus subditos. O dinheiro francez era recebido pelo seu valor nominal, sem pagar imposto; e não podia ser confiscado, como acontecia anteriormente, para ser convertido em moeda ottomana. Havia completa salvaguarda para as mercadorias francezas, mesmo que viajassem em navios inimigos dos Turcos, excepto se esses navios estivessem armados em navios de guerra. As piratarias dos corsarios, ou barbarescos ou de quaesquer outros subditos do imperio, e toda a contravenção ás prescripções do tratado, eram punidas de morte. Os Francezes obtiveram tambem o direito de pescar peixe e coral nas costas africanas do Mediterraneo e nas aguas d'Alger e

Tunis [1]. As permissões anteriores concedidas ás outras nações christãs eram revogadas, e todas ellas unicamente podiam vir aos portos do Mediterraneo, debaixo da bandeira franceza. Os proprios navios inglezes deviam ser capturados, ainda mesmo que, pretextando quaesquer tratados anteriores, deixassem de arvorar o pavilhão francez. Finalmente, o livre accesso a Jerusalém era restabelecido para todos os Europeus.

Esse tratado devia ter uma grande influencia no commercio francez. Mas, para isso, era necessaria uma longa paz que desse ás obras e concepções de grande rei o tempo de se consolidarem e tornarem productivas; e a morte de Henrique IV, lançando de novo a França no cahos e na miseria, retardou o effeito das reformas que elle emprehendera; e mesmo áquellas que já iam produzindo fructos valiosos, desappareceram. Foi tambem isto que succedeu com esse tratado.

No tempo de Francisco I, tornou a levantar-se este commercio do oriente, pela alliança militar que elle fez com os Turcos, na guerra com Carlos V; mas as vantagens obtidas por esse rei diminuiram tambem sensivelmente, durante os primeiros annos agitados do seculo XVII. Os Francezes viram-se preteridos pelos Inglezes e Hollandezes, que obtiveram a reducção de dois por cento nos direitos aduaneiros.

---

[1] Perigot, *obr. cit.* — Noël, *obr. cit.*, vol. II — Levasseur, *obr cit.* — Cons, *obr. cit.*

Em 1622, sob Luiz XIII, um padre capuchinho, o padre José, impulsionado pelo poder real, depois de ter feito muitas missões, destinadas a marcar e preparar as estações mais apropriadas ao commercio entre a França e o extremo oriente, pela Turquia, enviou um seu missionario á India, o qual, tendo atravessado a Syria e visitado Chypre e Alep, onde, estabeleceu conventos, para receberem os negociantes francezes, foi á côrte da Persia, e obteve do shah Abbas auctorisação para criar estações em Ispahan e Bagdad. Durante esse tempo, os seus companheiros chegaram a Surata, onde estabeleceram tambem uma feitoria; e, assim, começaram as sêdas, pedrarias, drogas e outros productos do oriente e da Persia a vir para Marselha, pela Syria e por Alep [1].

A interrupção das relações do shah com os Turcos, e o augmento da pirataria, pela falta de navios no Mediterraneo, interromperam muito esse commercio.

Ora, para expurgar o Mediterraneo d'essa pirataria, já Marselha tinha, no tempo de Henrique III, organisado uma liga, em que entravam differentes cidades maritimas, e que não deu resultado, apesar dos esforços d'aquelle rei, juncto do sultão de Constantinopola (1581-1585). E, vendo, assim, a França que esse perigo dos corsarios se não podia prevenir, tinha-se lembrado de tentar o caminho do mar Caspio, fazendo vir os productos do oriente

[1] Noël, *obr. cit.*, vol. II.

por esse mar, e, em seguida, pelo Volga, ou pelo Dwina, para os levar a Arkangel ou a Narva. E, para obter o consentimento da Russia e Dinamarca, entabolou negociações com esses paizes, que, afinal, foram levadas a cabo por Luiz XIII, em 1629.

Apesar d'isto, o commercio por essa via era pequeno; e, por isso, Colbert, sob Luiz XIV, tratou de o restabelecer pelo Mediterraneo. Em tal sentido, empregou todos os esforços, para obter do sultão de Constantinopla e do pachá do Egypto a permissão de transportar livremente as mercadorias da India pelo Mar Vermelho. Chegou mesmo a lembrar a abertura d'um canal que communicasse os dois mares. E, se não pôde obter quanto pretendia, alcançou, pelo menos, um grande abatimento nas tarifas das alfandegas; e o commercio com o Egypto veiu a tornar-se muito importante A França fornecia-lhe os productos das suas manufacturas, e o Egypto os do seu solo e da India.

Para proteger este commercio, Colbert concedeu a Marselha o privilegio exclusivo; e esta cidade tornou-se, então, o primeiro porto do Mediterraneo. Houve reclamações contra semelhante favor; mas allegou-se em defeza o perigo que offerecia o commercio do Levante, e que, além d'isto, a saude pública exigia que esse commercio ficasse concentrado n'um só porto, para se junctar, d'este modo, uma favoravel situação commercial a uma melhor vigilancia sanitaria, por meio de vastos lazaretos.

Então, para se defender esse mesmo commercio, os navios de guerra serviram de escolta aos

navios mercantes; e a expedição de Luiz XIV contra Alger, em 1682, já teve por fim a repressão da pirataria. Além d'isso, Colbert, por meio de emprestimos sem juros e por meio de premios, esforçou-se tambem por collocar as manufacturas de Languedoc nas condições de fabricarem pannos de tão boa qualidade e tão baratos como os Inglezes, então senhores do mercado ottomano. E, por essas medidas, e mais algumas outras, especialmente a nomeação de bons consules, os Francezes chegaram a obter a preponderancia no commercio do oriente [1].

Esse commercio fez-se, principalmente, em Smyrna, Alep, Constantinopla e Alexandria; e os Francezes levavam a Smyrna e Alep piastras e pannos chamados *londrinos*, *mi-londrinos* e *londres*, bonés de lã, papel, verdete, anil e estofos de sêda. E traziam sêdas, lãs, algodão em rama e fiado, gomma, agárico, marroquim, noz de galha, cera, opio, couros, tapetes e sabão.

E levavam a Constantinopola pannos, *cadis*, ou sarjas de lã, assim denominadas, setins de Florença, fabricados em Lyon, velludos de Genova, quinquilharias, bonés e assucar. O retôrno, consistente em lãs, pelles e cera, estava longe d'egualar as remessas; mas a differença saldava-se por

[1] Uma das medidas mais proveitosas de Colbert foi a relativa aos consules. Até ahi, eram nomeados para consules quaesquer especuladores. Elle, porém, nomeou pessoas idoneas, e estabeleceu penas severas contra os seus abusos.

letras de cambio, sacadas das escalas do Levante sobre Constantinopla.

Na Alexandria, o commercio era alimentado pelos mesmos productos de Alep e de Smyrna.

*

* *

Os Francezes tinham-se egualmente estabelecido, desde 1696, nos Estados Barbarescos, onde uma companhia obteve do bey de Tunis o monopolio da pesca do coral, assim como a exportação da lã, sèda, cera, cairo e sebo. Depois d'ella se ter fundido, sob a administração de Law, na Companhia da India, reconstituiu-se, em 1740, como companhia africana [1].

Mesmo na côrte da Abyssinia, já Luiz XIII tentou estabelecer relações commerciaes com a França, por intermedio dos christãos que lá estavam, o que não pôde conseguir. E, depois, tambem Luiz XIV tentou egualmente essas relações com a Abyssinia e com a Ethiopia; essa empreza porém, malogrou-se, pelo assassinio do primeiro embaixador que lá mandou.

As relações mercantis com Marrocos começaram no tempo de Francisco I, pela alliança que elle fez com Solimão, em 1528 e 1536, alliança que admittiu os Francezes em Fez, com as garantias

---

[1] Paul Masson, *Histoire des Etablissements et du commerce Français dans l'Afrique Barbaresque.*

dos cidadãos dos povos mais favorecidos. Essas relações mais se apertaram ainda, no tempo de Henrique IV. E Colbert, em 1682, conseguiu um novo tratado com Muley Ismael, pelo qual se abriram todos os portos marroquinos ao commercio francez.

As tentativas de Luiz XVI a respeito da Persia é que foram mais felizes; e a França chegou a estabelecer relações commerciaes, muito amigaveis, com essa nação.

O mesmo aconteceu com Sião. As ligações com este paiz tinham nascido, em 1658, em que tres prelados francezes, os bispos de Heliopolis, Beryto e Mettelapolis, foram incumbidos de fundar missões na China, Conchinchina, Tonkin e Sião. E, ao passo que os outros Estados da Asia perseguiam os christãos, o reino de Sião acolheu-os benevolamente, e permittiu-lhes fundarem lá muitos estabelecimentos de ensino e hospitalidade. Depois, no tempo de Luiz XIV, estreitaram-se tambem relações politicas entre os dois povos, e, com ellas, as relações commerciaes.

Em todo o caso, apesar de que, em 1665, o duque de Beaufort tinha dado uma grande caçada aos piratas, e lhes tinha incendiado Alger e Tunis; e Duquesne, 16 annos depois, infligiu o mesmo tratamento a Tripoli, e tornou a bombardear Alger: o commercio do Mediterraneo era sempre perigoso [1].

---

[1] Noël, *obr. cit.* — Paul Masson, *obr. cit.*

*

* *

Quanto ás communicações, Luiz XI attendeu á viação pública; e, por isso e pela instituição dos correios, embora com caracter official, concorreu para o melhoramento das communicações. Francisco I, impressionado pelos canaes da alta Italia, encarregou Leonardo de Vinci, tão habil engenheiro como pintor, de traçar o plano de eguaes trabalhos para a França. Leonardo chegou a emprehender ainda algumas obras, mas a sua morte, em 1519, e as despezas da guerra fizeram parar tudo [1]. Já foi o mesmo rei Francisco I que concebeu o plano do canal do Meio-Dia, mas o primitivo canal só foi construido, sob Francisco II, em 1557 a 1559, e para irrigação, por Adam Craponne. Partindo elle de Durance, transformou a planicie de Sallon, patria d'esse engenheiro, n'um immenso jardim, e fez trabalhar muitos moinhos de que o paiz precisava. O proprio Durance foi separado em seguida em dois braços. Um d'elles conduz ao mar, pela lagôa de Berre, e outro fertilisa a planicie de la Crau, e juncta o Rodano pelo Arles.

Sob Carlos V, um outro engenheiro, Luiz de Foix, cortou as dunas que entropeciam o desembocadouro do Adur, e abriu-lhe um caminho direito até o Oceano, com grande vantagem do porto de Bayonna (1571). Foi tambem o mesmo engenheiro

[1] E. Levasseur, *obr. cit.* — Risson, *obr. cit.*

que, em seguida, construiu o bello farol de Corduan, para allumiar aos navios de commercio a entrada do Gironda.

Quando Henrique IV subiu ao trono, pelo abandono das communicações e pelas guerras e perturbações politicas, quasi todas as pontes estavam destruidas; as estradas tinham desapparecido, ou estavam cobertas de silvas; os rios achavam-se açoriados, e saindo do leito, por falta de diques, privavam o commercio das melhores vias, e assollavam os campos. Além d'isso, tinham-se estabelecido portagens illicitas, á custa de muitas desordens.

Ora, Sully só deixou as portagens que julgou regulares, com a condição dos rendimentos serem applicados á reparação dos caminhos. Restaurou as antigas pontes, e construiu outras novas. Abriu muitas e importantes estradas. Canalisou muitos rios, como o Oise, o Ardeche, o Thérain, o Aisne, o Vesle, o Armançon, o Arroux, o Vienna, o Clain, etc. Melhorou os correios, e instituiu uma nova administração de transportes públicos, com differentes mudas de cavallos, adjudicada a particulares [1]. Mas apesar de tudo isso, ainda a França em 1603, não possuia um só canal navegavel, porque o de Craponne, como já vimos, só servia para a irrigação.

Sully apresentou, então, um plano *completo de canalisação para a França*, pela communicação do

[1] Risson, *obr. cit.*

Sena com o Loire, do Loire com o Saonna e do Saonna com o Mosa.

Carlos IX tinha estabelecido malas-postas reaes, que transportavam, com os despachos do Governo e com os saccos dos processos, os viajantes, as cartas, o ouro, prata e mercadorias de pequeno pèso. Sob Henrique III, tinham tambem sido estabelecidas carreiras de coches ou carruagens públicas, de Paris a Rouen, Orleans e Amiens. Mas esses transportes e essas communicações foram interrompidas pela guerra.

Pela iniciativa do mesmo Sully, um discipulo de Adam Campronne, Renneau, traçou o plano completo do canal do Meio-Dia, que foi executado, 60 annos mais tarde, pelo engenheiro Riquet. Outro engenheiro indicou a lagôa de Longpendu, como o ponto em que devia terminar o canal de Charollais *(canal do Centro)*; e esse trabalho chegou a ser começado, assim como o canal de Borgonha, destinado a junctar, como actualmente juncta, por Dijon, o Saone com o Yone.

A morte de Henrique IV e as perturbações da regencia interromperam esses trabalhos. Sómente se concluiu um d'elles — o canal de Briare entre o Loire e o Sena, pelo Loing. Começado, em 1604, estava quasi terminado, em 1610. Os trabalhos foram interrompidos, então; e foram retomados, sob Richelieu, em 1638, por fórma que esse canal ficou terminado em 1642, nos fins do reinado de Luiz XIII. Recebía mais de mil barcos, e levava a Paris, madeira, lenha, carvão, vinho, gado e ferro de Charollais, Nivernais e Berry.

De 1604 a 1610, tambem por iniciativa de Richelieu, os rios foram mantidos no seu leito, por meio de açudes ou diques; e tornaram-se navegaveis, n'uma grande extensão, o Oise e o Aisne, o Vesle, o Vienna, o Clain, o Armançon e o Arroux.

A navegação entre o Sena e o Loire foi completamente estabelecida, em 1612. Começaram os preparativos do canal de Orleans, destinado a transportar para Paris os productos do baixo Loire, da mesma fórma que os do Loire superior eram levados pelo canal de Briare. E, em 1633, tratou-se, embora tambem sem grande resultado, do canal de Languedoc ou Meio-Dia, já projectado por Francisco I e Henrique IV.

Além de tudo isto, Richelieu engrandeceu o porto do Havre, criou o porto de Brest e de Brouage, que elle queria fazer succeder ao de Rochella, no commercio do golfo de Gasconha. Profundou e alargou a enseada de Toulon. Quiz fazer de Agde outro grande porto, e ahi construiu um dique, para offerecer um abrigo aos navios, na costa baixa do Languedoc [1].

Depois d'isso, Colbert attendeu tambem com todo o cuidado para este factor economico das communicações.

As perturbações de Fronda tinham enfraquecido de tal sorte o prestigio das auctoridades públicas, que os commerciantes viam-se obrigados a com-

[1] E. Lavasseur, *obr. cit.*

prar a protecção dos ladrões. Mas Colbert restabeleceu a segurança dos caminhos, fazendo punir, de um modo exemplar, os salteadores; e prescreveu, em seguida, aos intendentes da provincia o melhoramento das vias de communicação. É d'esse tempo que datam os trabalhos das grandes estradas da França.

Tambem Colbert realisou, emfim, a abertura do canal de Languedoc ou Meio-Dia, que communicou o Oceano com o Mediterraneo, canal esse, tantas vezes projectado desde um seculo, e, que, então, foi levado a effeito, pelo genio de Riquet.

Esse canal, em 1668, ficara concluido até á Montanha Negra. Precisava, porém, de um desembocadouro no Mediterraneo. Ora o trabalho de Richelieu, para fazer um grande porto, juntando a cidade á ilhota de Brescou, por um longo dique, tinha sido abandonado depois d'elle; e, por isso, havia quasi que desapparecido.

Colbert lançou as vistas para o Monte de Cette, onde havia apenas alguns barcos de pescadores, e fez d'elle uma cidade, que veiu a tornar-se, depois de Marselha, o principal porto commercial do Mediterraneo francez [1].

Tambem Colbert fez abrir o canal de Orleans, que ligou as duas bacias do Loire e do Sena, acabando, assim, a communicação que Sully começara com o canal de Briare. Melhorou o porto de Mar-

[1] E. Lavasseur, *obr. cit.*

selha. Estabeleceu o serviço da mala posta entre Lille e o Havre, e as expedições de Flandres para Hespanha.

Depois d'elle, Turgot, sob Luiz XVI, augmentou e melhorou o serviço dos correios e das malas postas. Melhorou tambem os canaes existentes, e começou o canal subterraneo de S. Quentin, destinado a junctar o Escalda ao Sena, e, portanto, a pôr Paris em communicação directa fluvial com a Belgica e Hollanda.

Sob o mesmo Luiz XVI e ministerio de Callonne, tambem os portos de Dunkerque, Dieppe, Havre, Rochella, Agde e Cette foram melhorados e engrandecidos. Foi aberto o canal de Beauvaire a Aigues-Mortes, para junctar directamente o Rhodano ao canal do Meio-Dia. Foram começados os de Borgonha, do Centro e do Este, para unir a bacia do Rhodano com o Sena o Loire e o Rheno. Emfim, um dos maiores projectos de Colbert e do grande engenheiro Vauban foi realisado, depois d'um seculo, a saber, o tornar Cherburgo n'um porto de guerra formidavel, para proteger o commercio e as costas francezas contra a Inglaterra.

*

* *

Temos percorrido este largo caminho do movimento economico da França, n'este periodo.

Esse paiz maravilhoso nas artes, na liberdade e na civilisação, onde, no dizer de Pinheiro Chagas,

até o incendio das suas revoluções alumia o mundo inteiro, não teve, nem attingiu, na edade moderna, a culminancia artistica, industrial e commercial, e, ao mesmo tempo, civilisadora, que tinha de adquirir na edade contemporanea.

Ficou até, na industria e no commercio, muito abaixo da Hollanda, dos Hanseaticos, e mesmo da Inglaterra.

Já não dizemos outro tanto, com respeito á civilisação, porque essa foi-se fazendo gradualmente, pelo concurso natural e simultaneo da sociedade geral e dos paizes mais predominantes da Europa, onde a França, ainda assim, occupava, tambem n'esse ponto, um logar de destaque, até romper ardente, como os vulcões subterraneos, pela cratera da revolução franceza.

O movimento economico, porém, começou a despontar accentuadamente, pela impulsão, cruel e despotica, mas ordeira, disciplinada e fructuosa de Luiz XI. Depois, os esforços de Henrique IV, e, sobretudo, do seu grande ministro Sully, levantaram grandemente a agricultura, fecundaram a industria e o commercio, auxiliaram as communicações e as relações externas, e como que infltraram n'um corpo combalido o sangue virgem de uma nova redempção.

Apesar d'isso, o paiz tornou a decair por muitos annos, e a respeitabilidade internacional quebrantou-se tambem, nas mãos dos successores d'aquelle rei, até que Richelieu, no reinado de Luiz XIII, e embora um pouco á moda de Luiz XI, ergueu de novo politicamente a nação. Despertou

tambem novamente o movimento economico, e fez da França um potentado, grandemente respeitado e temido pelos estrangeiros.

Com Luiz XIV, durante a gerencia de Colbert, a França além de se tornar uma potencia guerreira de primeira grandeza, ergueu-se, na agricultura, no commercio, na industria, e mesmo nas relações exteriores, a uma graduação tal que emparelhava com a sua grande ascendencia politica. O seu nome, o seu trabalho, a effusão e diffusão dos seus objectos artisticos, os productos das suas manufacturas e das suas fabricas, e até a gloria das suas letras, espalhavam-se por toda a Europa como se fossem os raios d'um grande sol de Versalhes, (e assim se appellidava tambem Luiz XIV), que principiassem a illuminar o mundo inteiro.

Por morte de Colbert, os erros dos seus successores, os desmandos de Luiz XIV, que perdeu o conselheiro que o tinha contido, as guerras que se seguiram, as contribuições enormes, por causa d'essas guerras, os desperdicios da côrte, a revogação do edíto de Nantes; e tudo isso, junto ás brutalidades exercidas pela soldadesca sobre os protestantes, conhecidas pelas *dragonadas de Luiz XIV*, que afugentaram a parte mais trabalhadora do paiz: fizeram decair muito a nação, e, portanto, a agricultura, o commercio e a industria.

A fraqueza e desmoralisação da regencia e a ruina proveniente do systema de Law, continuaram essa decadencia, e motivaram uma total derrocada financeira. E, posteriormente, no reinado de Luiz XVI, não obstante os esforços e talento do seu

grande ministro Turgot, a situação critica da sociedade franceza e o tratado de commercio com a Inglaterra, que prejudicou enormemente a industria nacional, e, a par de tudo isso, a decadencia economica, fizeram que a vindicta do povo quizesse remir a oppressão de tantos seculos, por meio da revolução franceza.

CAPITULO IV

Allemanha

Ligeiro esboço da historia politica da Allemanha na epoca moderna

A historia moderna da Allemanha começa no reinado de Maximiliano I, que subiu ao trono, em 1486, e falleceu, em 1519. Casou com a filha de Carlos o Temerario, duque de Borgonha; e, embora fosse levado a esse casamento, para adquirir as provincias de Flandres, unica herança que restava a sua esposa, por morte d'esta, as cidades flamengas levantaram-se contra elle, e, tendo-o feito prisioneiro, reenviaram-no depois para a Allemanha.

Este imperador teve de sustentar uma guerra contra o rei francez Carlos VIII, a qual terminou, pelo tratado de Senlis, que adjudicou á Allemanha algumas das provincias do antigo reino de Borgonha. Depois, lembrou-se de conquistar a Suissa, mas foi vencido em oito batalhas. E teve tambem guerras na Italia, em que se ligou, ora com os reis de França e de Aragão e com o papa contra Veneza, e ora, com o papa, com a republica de Veneza e com os reis de Inglaterra e Aragão contra o rei francez Luiz XII: guerras essas que tambem foram desgraçadas para elle.

Quiz depois restabelecer a auctoridade imperial

na Italia, bem como ir a Roma receber a investidura de imperador das mãos do papa [1]. Mas este, para não soffrer a visitá de semelhante hospede, renunciou a dar a corôa imperial aos reis da Allemanha.

Após a morte do papa Julio II, Maximiliano I formou o bizarro projecto de ser tambem papa, abandonando, por isso, o imperio a seu neto Carlos I de Hespanha, que subiu ao trono imperial, sob o titulo de Carlos V; mas os cardeaes apressaram-se a excluil-o, nomeando Leão X.

Para o interior da Allemanha e para a casa de Habsburgo, que elle tambem representava, é que Maximiliano obteve resultados mais uteis do que o proveito que tirou das guerras exteriores.

Em 1495, a dieta de Worms decretou uma paz perpetua, e poz termo á existencia legal *do direito de punho* [2], pronunciando, por meio de um decreto imperial, uma avultada multa contra qualquer vassallo que pretendesse fazer justiça por suas mãos.

Desde então, foi necessario estabelecer uma nova organisação judiciaria, e criou-se, por isso, um tribunal supremo de dezeseis membros, metade de nobres, e outra metade de jurisconsultos. A par d'isto, Maximiliano aboliu o *judicium occultum Wes-*

---

[1] Para ser rei da Allemanha, era necessario ser nobre de origem e ter sido recebido na ordem de cavallaria. A eleição era feita pelos eleitores do imperio. Todo o rei da Allemanha era candidato á corôa imperial; mas, para obter a investidura imperial, tinha de ir a Roma receber do papa essa dignidade.

[2] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 69 e seguintes.

tephalicæ. Era um tribunal que a tradição fazia remontar a Carlos Magno, e consistia em deportar pelas provincias juizes e escrivães, tão secretos que o seu nome tem escapado aos mais eruditos investigadores. Estes juizes, correndo essas provincias, tomavam nota dos criminosos, e elles proprios os accusavam, e provavam, ou davam como provada a accusação, de qualquer maneira que fosse. Os desgraçados inscriptos no registo da accusação eram condemnados, sem mesmo serem ouvidos ou citados.

Tambem Maximiliano estabeleceu nos seus Estados hereditarios o *Collegio Aulico.* Esse collegio vinha a ser um tribunal supremo, que julgava em ultima instancia as causas attribuidas ao imperador. E, assim, acabou Maximiliano por estender a sua influencia a toda a Allemanha.

O imperio foi dividido definitivamente em dez circulos, que entretinham sempre um contingente militar para a manutenção da paz. E, além d'isso, com respeito á casa de Habsburgo, a sorte que favorecia os descendentes de Rodolpho, deu a Maximiliano o Tyrol e uma parte da Baviera, por herança de um dos seus parentes [1].

---

[1] Para melhor se comprehender a estructura do imperio germanico, deve notar-se que elle era composto dos seguintes Governos e paizes:

A Lorena, dividida em Alta e Baixa Lorena; a Franconia; a Suabia; a Baviera; o Tyrol; a Saxonia; a Thuringia; a Friza; a Helvecia; e as provincias esclavonias, que formavam o reino da Bohemia. E todos esses paizes eram governados, por meio de

Seu filho Filippe casou com a infanta D. Joanna, filha de Fernando de Aragão e Izabel de Castella

---

reis ou principes independentes, quanto aos negocios internos. Havia, além d'isso, duques, condes palatinos, margraves e simples condes, que, embora fossem vassallos immediatos do imperio, eram tambem soberanos nos seus territorios, e tiravam os seus rendimentos da emissão da moeda, dos direitos de portagem, dos direitos realengos sobre minas, da taxa dos Judeus e do exercicio de justiça.

A par d'isto, havia paizes, onde o imperador não tinha estabelecido ducados ou condados, e que eram administrados em seu nome por bailios; proprietarios que, apesar de não terem titulos soberanos, tinham alcançado a sua independencia; cidades elevadas á classe de cidades livres do imperio; communidades de camponezes, tambem livres, no Tyrol, na Helvecia e nos paizes dos Frizões, que tinham podido resistir ás emprezas ambiciosas da nobreza e do clero, sem reconhecerem qualquer auctoridade, além do imperador; e, finalmente, principes, leigos e ecclesiasticos, que dependiam egualmente só do imperador [1].

Depois da extincção da raça carlovigiana, no seculo X, o imperio tornou-se electivo. O numero dos eleitores, primeiramente illimitado, foi, no fim do seculo XIII, reduzido a sete, a saber: os arcebispos de Mayença, de Trèves e de Colonia, os duques do Palatinado, de Brandeburgo e de Saxe, o rei da Bohemia. A Bohemia foi mais tarde privada do direito de eleição, assim como o Palatinado, que foi substituido pela Baviera. Pelo tratado de Westephalia, em 1648, o Palatinado recuperou os seus direitos; e houve, assim, oito eleitores. Em 1692, a casa de Brunswick—Luneburgo formou um novo eleitorado. Em 1777, o eleitorado da Baviera cessou, pela extincção da familia reinante, e o numero dos eleitores ficou, por isso, novamente reduzido a oito. Esse estado de coisas subsistiu, com pequenas alterações, por toda a edade moderna [2].

[1] Arnold Scheffer, *Resumé de l'Histoire de l'empire germanique.*

[2] Bouillet, *Dictiônnaire Universel d'Histoire et de Géographe,* nas palavras *Electeurs de l'empire.*

(1497), o que deu tambem logar a que o primogenito d'elles junctasse as duas corôas de Hespanha e Allemanha, tomando, como rei de Hespanha, o nome de Carlos I, e, como imperador da Allemanha, o nome de Carlos V.

Outros dois filhos de Maximiliano, Fernando e Maria, esposaram tambem dois filhos do rei Ladislau, que tinham reunido as corôas da Hungria e Bohemia; e, em consequencia d'estes dois casamentos, esses reinos tornaram-se mais tarde provincias austriacas.

A Allemanha estava passando por uma grande revolução interna. A desgraçada união com a Italia já não existia; e, por isso, os imperadores, em logar de quererem estender o seu dominio para além dos Alpes, só tratavam de augmentar os seus estados hereditarios. A *cavallaria* tinha perdido a sua existencia effectiva [1]; a nobreza tinha perdido tambem a sua importancia, pela descoberta da polvora, que transformara o caracter da guerra; e a reforma de Luthero, a invenção da imprensa, o desinvolvimento das sciencias e dás artes, pintura, musica e poesia, etc. revolviam o paiz, n'um cadinho ardente de progresso e civilisação [2].

A Maximiliano succedeu o já referido Carlos V, (1519-1558), que reuniu á corôa imperial as de Hespanha, Napoles, Sicilia, Paizes Baixos e Milanez. E partilhou ainda com seu irmão Fernando, rei da Hungria e da Bohemia, o archiducado da Austria.

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 40 e seguintes.

[2] *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 480 e seguintes.

Francisco I, rei de França, e Henrique VIII de Inglaterra tinham sido seus competidores para a corôa imperial da Allemanha. Mas os ricos presentes de Carlos V prevaleceram no espirito dos eleitores, que, em todo o caso, receiosos do absolutismo d'elle, formaram entre si uma alliança chamada *capitulação*, a qual foi reconhecida, mais tarde, como lei organica do imperio.

O reinado de trinta e sete annos de Carlos V, foi cheio de guerras e de graves accidentes sociaes, que trouxeram a Allemanha sempre revolta.

Assim, por causa das pretensões de Francisco I de França sobre a Borgonha e sobre o Milanez, começou a guerra entre os dois reinantes, em que Francisco I ficou prisioneiro na batalha de Pavia. Mas, não tendo cumprido as promessas que fez, durante o seu captiveiro em Madrid, recomeçou novamente a guerra entre os dois monarcas [1].

Depois d'isso, Carlos V, appossou-se de Roma, aprisionou o papa Clemente VII; e sómente o soltou, quando obteve d'elle a investidura da corôa imperial e um resgate importante. Foi o ultimo imperador coroado n'aquella cidade.

Seguiram-se duas outras guerras com Francisco I, nas quaes o mesmo Carlos V conquistou o Milanez, e perdeu Metz, Toul, Werdun e a Borgonha.

Tambem Carlos V expulsou os Turcos da Hun-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 360, e este vol. V, pag. 15.

gria, que elles tinham invadido. Atacou e venceu o celebre pirata Hayraddin *(Barba Roxa)*, que tinha submettido os Estados Barbarescos, e tomou Tunis, com o auxilio do tão celebrado almirante genovez, André Dória, e de Portugal.

Entrando na lucta contra o protestantismo, apesar de algumas victorias militares, viu-se, por fim, obrigado a conceder o livre exercicio do culto protestante; e, desenganado do mundo, cedeu a corôa imperial da Allemanha a seu irmão Fernando, e o reino de Hespanha a seu filho Filippe, indo encerrar-se no convento de Santa Justa, na Extremadura hespanhola, onde falleceu, em 1558 [1].

Fernando I (1558-1564) foi muito tolerante em religião. Começaram, então, os protestantes a dividir-se entre si, pelo progresso do calvinismo no norte; e a ordem dos jesuitas, criada em 1540, começou a espalhar-se na Austria. Mas, em todo o caso, o governo d'este imperador decorreu sem agitações, nem accidentes de maior.

Já assim não aconteceu com seu filho e successor Maximiliano II (1564-1576). Embora este fosse ainda mais tolerante que o pae, as doutrinas calvinistas, durante o seu reinado, dividiram cada vez mais a Allemanha protestante; e pareceu renascer o tempo das guerras feudaes, pelas luctas sangrentas que houve entre os bispos e os nobres protestantes. Maximiliano II póde reprimir essas

---

[1] Robertson, *Histoire de l'Empereur Charles Quint — A Historia Economica*, vol. IV, pag. 362.

desordens. E teve a felicidade de Solimão II, o mais emprehendedor dos sultões da Turquia, quando invadiu a Hungria, em 1566, fallecer diante da cidade de Siégen, de fórma que esse paiz póde, finalmente, respirar das invasões continuas dos Ottomanos.

Maximiliano II foi tambem eleito rei da Polonia, em 1575; mas a sua morte, acontecida no anno seguinte, preveniu os resultados que essa eleição podesse ter sobre a situação do norte.

Succedeu-lhe seu filho Rodolpho II (1576-1619). Educado pelos jesuitas, não tinha nem o talento politico nem a tolerancia de seu pae; e, entregue aos estudos chimericos da astrologia e alchymia, não tomou nenhuma parte nos negocios europeus, e occupou-se tambem muito pouco dos negocios internos do imperio. Sómente soube empregar medidas rigorosas contra os protestantes, o que motivou uma revolta, que elle, a muito custo, pôde reprimir.

Não obstante o seu desprendimento dos negocios europeus, teve de sustentar uma guerra desgraçada com os Turcos, na Hungria. Por fim, seu irmão Mathias o despojou, primeiramente, da Austria e Hungria, e obrigou-o, depois, a reconhecel-o como successor, na Bohemia, Silesia e Lusacio.

O reinado de Mathias só durou dois annos (1617 a 1619); e foi preenchido, no exterior, pela continuação da guerra contra os Turcos, e, no interior, por differentes luctas religiosas.

Succedeu-lhe Fernando II (1619-1637), cujo reinado constitue a epoca mais sangrenta e desgra-

çada da Allemanha, embora elle reconquistasse a Bohemia, que tinha elegido como rei o eleitor palatino Frederico v.

Christiano iv, da Dinamarca, poz-se, então, á frente da união protestante, secundado pelo rei de Inglaterra, Carlos i, cunhado do eleitor palatino. Foi vencido pelos catholicos; mas, as perseguições exercidas por estes, e o perigo em que estava a causa da *Reforma*, obrigaram o joven rei da Suecia, Gustavo Adolpho, a renovar a empreza de Christiano, ao mesmo tempo que a grandeza da casa de Austria, principiando a inquietar o cardeal Richelieu, levou este cardeal a sustentar na Allemanha a sorte dos protestantes, que elle perseguia em França (1630).

Gustavo Adolpho, depois d'uma serie de batalhas, em que arrancou á casa d'Austria o norte da Allemanha, foi morto na batalha de Leipsick; mas, apesar d'isso, os seus generaes continuaram na lucta. Antes d'isso, a guerra tinha sido religiosa, mas o enthusiasmo das crenças havia desapparecido, e os acontecimentos mudaram de caracter. Assim, o cardeal Richelieu, sob o pretexto de tomar abertamente o partido dos protestantes, declarou guerra á Hespanha e Allemanha. Por outro lado, o eleitor de Saxe alliou-se com Fernando ii. Já se não tratava da liberdade de consciencia, mas do poder da casa de Habsburgo. E exercitos de *condotieri*, sob o commando de generaes francezes, suecos e allemães, saqueavam a Allemanha, de um extremo ao outro.

A paz de Westphalia, em 1648, veiu pôr termo

a esta desordem, já sob Fernando III, que subiu ao trono imperial, em 1637, e falleceu, em 1658.

A França obteve n'essa paz a parte austriaca da Alsacia, com a fortaleza de Brissac; a Suecia, cinco milhões de florins, uma grande parte da Pomerania com a ilha de Rugen, e as cidades de Wismar, Bremen e Verden, com os direitos de membro do imperio; e Brandeburgo, os bispados secularisados de Magdeburgo, Halberstadt, Camin e Minden. Maximiliano da Baviera conservou o Alto-Palatinado com a dignidade eleitoral. E o Baixo-Palatinado foi erigido n'um oitavo eleitorado, em favor de Carlos Luiz, filho do desgraçado Frederico V [1].

De resto, a amnistia e restituição geral foram proclamadas. A liberdade do commercio foi garantida. E os direitos de soberania dos Estados do imperio foram solemnemente reconhecidos, assim como a independencia da Suissa e das Sete Provincias Unidas.

Aquella guerra, conhecida como a *guerra dos Trinta Annos*, em attenção ao tempo que durou, tinha destruido dois terços da população da Alle-

---

[1] Este Frederico V, principe do Palatinado, casou, em 1618, com Isabel, filha de Jayme I da Inglaterra. Por solicitação d'esta princeza, poz-se á frente do partido protestante, e acceitou a corôa da Bohemia, que lhe offereceram os habitantes d'este paiz, revoltados contra o imperador Fernando II, seu rei legitimo, o qual se tinha tornado odioso aos dissidentes da Bohemia, por violar os seus privilegios. Então, Frederico II, entra, em Praga, em 1619, mas foi expulso no anno seguinte, pelo exercito imperfal, e despojado dos seus Estados.

manha, pelos accidentes das batalhas, e pela fome e peste que as acompanharam.

Os campos ficaram sem cultura, porque os lavradores preferiam a licenciosidade dos acampamentos á servidão feudal, e as execuções fiscais e os innumeros saques desanimavam os que tinham ficado em suas cabanas. Nenhum dos exercitos combatia pela patria, e todos rivalisavam em crueldade e brutalidade. O nome dos Suecos, sobretudo, ficou, durante muito tempo, em horror. Milhares de cidades e villas tinham caido em ruina. O numero dos animaes ferozes augmentara, a ponto de que entravam até nas habitações dos homens; e estes achavam-se reduzidos a tanta miseria que, em differentes logares, os cadaveres dos mortos serviam de alimento aos vivos. Apesar d'isto, os impostos eram augmentados, e os exercitos permanentes tornavam-se necessarios a todos os principes.

Politicamente, a Allemanha ficou dividida em Estados catholicos e não catholicos. A corôa imperial tinha-se tornado, naturalmente, hereditaria da dynastia austriaca; mas não passava já de um nome vão. As cidades livres tinham perdido grande parte dos seus privilegios, e estavam sujeitas aos principes que se haviam apoderado d'ellas. Da Liga Hanseatica ou Hansa, que chegara a contar cem cidades [1] florescentes, só restavam Lubeck, Hamburgo e Bremen; e a Suissa e os Paizes Baixos estavam perdidos definitivamente para o imperio.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 75 e seguintes.

E, comtudo, apesar de tantos e tão grandes males, os Estados que ficaram isolados, começaram a rivalisar entre si, para se desinvolverem interna e externamente. Despertou a actividade geral. A liberdade de consciencia ficou assegurada. E alguns paizes, como Brandeburgo, Saxe, Wurtemberg e Baviera, começaram tambem a progredir grandemente. Só as provincias austriacas, onde preponderavam os jesuitas, é que ficaram estacionarias.

A Fernando III, succedeu seu filho Leopoldo (1658-1705).

Os Turcos vieram, então, cercar Vienna; mas, tendo o rei da Polonia, João Sobiesky, e os principes allemães accudido em soccorro do imperador, foram elles derrotados.

Apesar d'isso, a guerra com os mesmos Turcos ainda continuou por quinze annos, e só terminou, pela paz de Carlovitz (1691), vantajosa para a Austria. E, além de tudo isso, tinha tambem começado, em 1673, a guerra com a França, que terminou no anno de 1679, pela paz de Nimègue, em que a Allemanha perdeu a fortaleza de Friburgo, no Brisgaw.

Depois d'essa paz, Luiz XIV, contando com a incapacidade dos seus adversarios, apoderou-se das cidades livres do imperio, situadas na Alsacia; adjudicou á França Strasburgo e outros territorios; e, declarando novamente guerra á Allemanha, em 1689, occupou os paizes de Baden, Wurtemberg e o Palatinado, cujas cidades e villas foram reduzidas a cinzas. Mas, emquanto Luiz XIV

saqueava e desvastava, assim, umas das mais bellas provincias da Allemanha, por outro lado, proporcionava-lhe um augmento de população muito precioso, pela revogação do edíto de Nantes; e os artistas que emigraram da França, formaram muitas colonias na Prussia e em Saxe, que exerceram grande influencia no commercio e na industria.

A paz de Ryswick, em 1697, acabou com essa guerra; e Luiz XIV, preoccupado unicamente da successão da Hespanha, restituiu a Lorena ao duque expulso, e as praças de Philipsburgo, Kehl, Friburgo e Brissac ao imperio.

A subida de Filippe V ao trono da Hespanha ateou uma outra guerra, chamada da *Successão;* porque esse trono competia por successão ao arquiduque Carlos. N'essa guerra, em que os Hollandezes, Inglezes, Portuguezes e Austricos luctaram contra os Hespanhoes, Francezes e Bavaros, alliados de Filippe V, foram os mesmos Francezes derrotados, e a Baviera inteira conquistada pelos Austriacos [1].

Leopoldo morreu, em 1705. Não tinha apparecido nunca nos acampamentos. Em todo o seu reinado, foi dirigido pelos padres e cortezãos; e, por isso mesmo, foi desprezado por toda a gente.

Succedeu-lhe José I (1705-1711), que favoreceu os protestantes, e affastou os jesuitas; *e a guerra da Successão* foi continuada, sob o reinado d'este imperador, com vantagem para os Austriacos.

---

[1] *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 365.

Por sua morte, succedeu-lhe o irmão Carlos VI (1711-1740). E, desde que elle, o competidor de Filippe V para a successão hespanhola, foi chamado ao trono do imperio, a Inglaterra e Hollanda não quizeram concorrer para que se ajunctasse a Hespanha á monarquia austriaca; e, por isso, provocaram a paz, que foi iniciada, pelo tratado de Utrecht, no anno de 1713, e confirmada, pelo tratado de Rastadt, no anno de 1714. Por essa paz, o neto de Luiz XIV conservou a Hespanha e suas colonias, com a condição de que este reino jámais seria unido á França, debaixo de um só chefe. O duque de Saboya obteve o titulo de rei, com a Sicilia. O reino de Napoles, a Sardenha. O Milanez e a Belgica, ficaram pertencendo a Carlos VI. Os eleitores da Baviera e Colonia foram reintegrados nos seus Estados. A França conservou a Alsacia e os tres bispados lorenos, que tinha promettido restituir á Allemanha. E a Inglaterra alcançou a importante fortaleza de Gibraltar e a ilha de Minorca.

Tinha havido tambem, desde 1700 a 1711, uma outra guerra entre Carlos XII da Suecia e a Dinamarca, Polonia e Russia; mas essa não teve grande influencia na Allemanha.

Depois da paz de Rastadt, Carlos VI reinou ainda vinte e seis annos.

Como não tinha herdeiros masculinos, o seu maior cuidado foi assegurar a successão de sua filha unica, Maria Thereza, esposa do duque de Lorena, Francisco Estevão de Lorena. Mas, em vez de organisar o exercito, de modo que pudesse repellir qualquer ataque, negociou com todas as

côrtes, á custa de grandes sacrificios, a lei da hereditariedade, conhecida pelo nome de *Pragmatica Sancção*, pela qual os Estados austriacos deviam passar integralmente á linha feminina, quando faltasse a masculina.

Apenas o imperador falleceu, logo Carlos Alberto, eleitor da Baviera, que, na sua qualidade de esposo de Maria Amelia, filha do imperador José I, havia antecipadamente protestado contra a lei da successão, garantida pela dieta de Ratisbonna (1732), se apresentou como pretendente aos Estados hereditarios da Austria. Encontrou auxilio, na França e na Hespanha, que puzeram de parte a adherencia que já haviam prestado á *Pragmatica Sancção*, em presença das vantagens que esperaravam colher por este auxilio; na Prussia, onde Frederico o Grande aproveitou essa occasião, para fazer valer as suas pretensões hereditarias aos principados da Silesia, de que a Austria se havia apoderado durante a guerra dos Trinta Annos; e na Polonia, cujo rei, Augusto III da Saxonia, marido da filha mais velha d'aquelle imperador José I, tinha pretensões sobre a Moravia.

Esta guerra terminou, em 1748, pelo tratado de Aix-la-Chapelle, em que a Austria cedeu a Filippe V da Hespanha o ducado de Parma, com Placencia e Guastalla; confirmou ao rei da Prussia a posse da Silesia, de que elle já se tinha apoderado, em 1745; restituiu á França todas as conquistas que havia feito; e abandonou definitivamente á Sardenha as provincias milanezas, que já lhe havia cedido. Maria Thereza, porém, foi reconhecida como herdeira de

seu pae, e seu marido foi eleito imperador, sob o nome de Francisco I.

Depois de um intervallo de oito annos de paz, seguiu-se uma nova guerra — a dos *Sete Annos* (1756-1763), em que a Austria luctou contra a França e Prussia, que tinha por si a Inglaterra e alguns pequenos principados do imperio. Esta guerra teve origem na rivalidade de Maria Thereza e Frederico II, o Grande, a par do desejo que a imperatriz tinha de se indemnisar da perda da Silesia, em troca da restituição de todas as outras conquistas, feitas por elle.

Desde então, a Prussia tomou logar entre as cinco grandes potencias da Europa; e, tendo-se quebrado o laço, já muito fragil, que reunia os diversos Estados da Allemanha, os do sul uniram-se aos interesses da Austria, e os do norte aos da Prussia.

O marido de Maria Thereza só governou *in nomine*. A imperatriz e o seu ministro, o celebre principe Kaunitz, é que dirigiam todos os negocios politicos.

Durante o seu reinado de quarenta annos, Maria Thereza, de combinação com aquelle Kaunitz, homem inteligente e illustrado, acabou com muitos abusos, e introduziu muitos melhoramentos, procedendo com prudencia e cautella; ao passo que seu marido, que se intendia melhor com os negocios commerciaes, do que se intendia com a diplomacia, estabeleceu a ordem e a economia nas finanças, sem, comtudo, renunciar ao esplendor tradicional da côrte.

Ainda assim, a imperatriz concedeu sempre ao marido muito pequena ingerencia nos negocios publicos.

Francisco I falleceu, em 1765; e succedeu-lhe n'esse anno, como imperador, o filho, José II. Mas sua mãe conservou tambem, junctamente com este, as redeas do governo, até que morreu, em 1780. Apesar d'isso, o joven imperador iniciou, desde logo, a suppressão de muitos abusos; e, quando se tornou senhor absoluto, pela morte da mãe, deu toda a largueza ao seu genio reformador. Iniciou uma serie de reformas que, a par das boas intenções d'elle imperador e da justiça de muitas d'ellas, feriram o clero e a nobreza privilegiada, e menosprezaram o sentimento tradicional do povo.

Essas reformas foram, realmente, feitas com certa precipitação, sem attenção ou condescendencia com as relações sociaes existentes e com os costumes, habitos e preconceitos. Criaram, por isso, a irritação de muita gente; mas, em todo o caso, constituiram passos ousados [1], que muito adiantaram o paiz.

Depois da guerra dos *Sete Annos* (1755-1763), até á revolução franceza, a Allemanha gosou de uma longa paz, apenas interrompida pelas agitações da Belgica e da Hungria, pela contestação que se levantou, a proposito da successão da Baviera, e pelas perturbações da Polonia.

---

[1] Jorge Werber, *Historia Universal*, traduzida por Delfim de Almeida, vol. IV, pag. 33.

Assim, quanto á Belgica, houve n'ella differentes motins e tumultos, pela reacção e descontentamento que aquellas medidas produziram.

Quanto á Baviera, tendo fallecido o eleitor Carlos Theodoro, sem deixar filhos, José II pretendeu a successão d'esse reino. Mas Frederico II da Prussia oppoz se, com receio do augmento de poder que d'ahi resultaria, e tomou as armas em favor do duque Carlos de Duas Pontes, protegido pela França e Russia, o qual, assim, obteve a Baviera.

E, quanto á Polonia, depois de varios levantamentos, foi dividida pela Russia, Austria e Prussia.

José II falleceu, em 1790.

*

* *

A Prussia attingiu, como vimos, uma tal importancia politica, no fim d'este periodo da edade moderna, que nos obriga a fazer tambem uma resenha especial, embora ligeirissima, da sua vida historica.

Reunida ao Brandburgo, em 1618, tornou-se independente, e começou a sobresair no tempo de Frederico Guilherme (1640-1688), o grande eleitor de Brandburgo, que fez adiantar muito os seus Estados; favorecendo a immigração dos paizes civilisados, por exemplo, a dos huguenotes francezes, nas regiões despovoadas pela guerra dos *Trinta Annos*; animando a industria e as artes; organisando um exercito importante, que assegurou

aquella independencia, e ampliando e arredondando a monarquia prussiana.

Teve por successor Frederico III (1688-1713). Este amava, sobretudo, o luxo, o fausto e a grandeza; e invejava muito os eleitores de Hanover e Saxonia, que haviam obtido a corôa real, honra a mais apreciavel a seus olhos. Grande foi, por tanto, a sua alegria, quando o imperador se dispoz a conferir-lhe o titulo de rei, em troca do seu concurso na *guerra da Successão* de Hespanha; e, realmente, foi, então, coroado como rei da Prussia, sob o titulo de Frederico I.

Transformou depois Berlim, para que esta cidade fosse uma capital condigna; e deu grande impulso ás sciencias e ás artes. Mas as despezas da côrte e a manutenção de um grande exercito carregaram o paiz de impostos excessivos.

Succedeu-lhe Frederico Guilherme (1713-1740), que era muito economico, mesmo avarento, e em tudo differente do seu antecessor. Esse teve guerra com a Suecia. Reduziu o luxo, e não se importou das artes, nem das sciencias. Mas aos seus principios de ordem e d'economia ficou devendo o Estado a firmeza e solidez, que depois d'isso, o caracterisaram. Aboliu muitos impostos; e engrandeceu Berlim; fez uma cidade importante de Postdmam; ordenou a reparação de outras cidades e povoações incendiadas ou arruinadas; e chamou á sua patria muitos colonos estrangeiros.

Succedeu-lhe o grande Frederico II (1740-1785), amante das sciencias, das letras e das artes, que muito fez desinvolver a organisação militar, e que

tambem muito augmentou a Prussia, tanto politicamente, como economicamente.

As guerras da *Successão* (1742) deram-lhe a Silesia. As guerras dos *Sete Annos* só lhe deram muita gloria; mas a partilha da Polonia foi mais fructuosa.

Ao seu advento ao trono (1740), a Prussia só contava dois milhões e meio de subditos; e, á sua morte (1786), contava já seis milhões e duzentos mil [1].

---

[1] Jorge Weber, *Historia Universal*, traduzida por Delfim Almeida — Cesar Cantu, *Historia Universal*, traduzida por Antonio Ennes — P. Barre, *Histoire Générale d'Allemagne* — Arnold Scheffer, *Resumé de l'histoire de l'empire germanique* — Julles Zeller, *Histoire résumé de l'Allemagne* — Kohlrausch, *Histoire d'Allemagne*, traducção franceza de H. Guïnefolié.

CAPITULO V

Movimento economico da parte colonial

Quinhão insignificante que os Allemães tomaram nas explorações coloniaes — Dadiva da Venezuella, feita por Carlos v aos capitalistas Welsers, a ver se fundavam na America uma grande colonia allemã — Caducidade d'essa tentativa — Outra tentativa colonial do eleitor Francisco Guilherme, com relação á Africa — Caducidade tambem d'essa tentativa, pela rivalidade dos Hollandezes — Organisação da Companhia das Indias Orientaes por Carlos VI, e progresso d'essa companhia, até que o mesmo Carlos VI se viu obrigado a sacrifical-a ao ciume dos Inglezes, Hollandezes e Francezes, e que ella teve, por isso, de se dissolver — Esforços de Frederico II, para continuar as relações permanentes com a India e China — Formação para isso de uma companhia asiatica, e sua ruina.

Foi insignificante o quinhão que os Allemães tomaram nas explorações coloniaes.

Em 1525, Carlos v deu aos grandes capitalistas Welsers [1] em propriedade a provincia inteira de Venezuella, a ver se, d'esse modo, fundava na America uma colonia allemã, por meio de uma grande companhia de commercio; mas nem o paiz

---

[1] Os Welsers, os Fuggers, os Hochstelters e os Peutingers eram casas commerciaes, cujas immensas fortunas acudiram, até financeiramente, e mais do que uma vez, principes e monarcas da Europa.

tomou interesse por tal empreza, nem o Governo estava em circumstancias de a proteger ou encaminhar.

Por isso, após uma posse curta e uma tentativa desgraçada, os Welsers fizeram presente da mesma provincia ao doador imperial.

Depois d'isso, a primeira tentativa colonial foi a do eleitor Francisco Guilherme, que tão cioso como era do engrandecimento do seu paiz, quiz tambem partilhar no trafico dos escravos e nas explorações ultramarinas. Em 1681, fez elle construir em Guiné, nos limites da Costa d'Ouro e na Costa de Marfim, a fortaleza do *Grande Fredericksburgo*; fez occupar ainda outros pontos favoraveis, nos paizes de Tacarari; restabeleceu sobre o Cabo Branco o forte de Arguim, que fôra tirado pelos Francezes aos Hollandezes, e depois demolido; e conseguiu concluir tratados com muitos chefes de tribus negras, que o reconheceram por soberano, e lhe concederam o monopolio do commercio.

Tudo caminhava, então, maravilhosamente.

Criou-se uma companhia africana; e os navios prussianos levavam carregações de escravos para a America, e traziam o pó d'ouro, marfim e outros productos africanos para a Prussia. Este successo porém, incitou o ciume dos Hollandezes, que tomavam os navios da Prussia, e lhe roubaram muitos postos commerciaes; e, não podendo a companhia resistir a taes inimigos, o rei Frederico Guilherme vendeu, por uma insignificancia, á Companhia Hollandeza das Indias Orientaes o que lhe restava das possessões de Guiné.

Carlos VI, em 1714, tendo tomado, pela paz de Rastadt, conta dos Paizes Baixos hespanhoes, e vendo que essas provincias, outr'ora tão florescentes, haviam sido reduzidas á esterilidade pelo governo hespanhol, a ponto que já quasi nenhum navio ia ao porto de Anvers, começou por organisar, em Ostende, uma *Companhia das Indias Orientaes.* Esta companhia, mandou, em 1717, dois navias á India. O resultado excedeu toda a expectativa; e novas expedições se seguiram, até que, em 1722, a côrte de Vienna outorgou á mesma companhia uma carta, que lhe conferia os mais largos poderes, para traficar com as duas Indias e com todas as costas africanas.

Essa companhia progrediu de fórma que surprehendeu as outras nações. Fundou logo dois estabelecimentos, um sobre a costa de Coromandel, em Coblom, perto de Madrasta, e outro, nas margens do Ganges, em Bankibazar; e tratou mesmo de arranjar uma estação de descanço em Madagàscar. Mas a prosperidade que foi adquirindo, é que a perdeu; porque, tendo a Hespanha prohibido ás suas provincias dos Paizes Baixos o commercio com as colonias, e tendo a paz de Westephalia confirmado expressamente essa prohibição, a Hollanda e Inglaterra, appoiadas pela França, reclamaram da Austria o cumprimento de tal clausula; e, embora o imperador reagisse a principio, teve por fim de ceder, em 1727, para evitar a guerra, sacrificando, assim, a companhia.

Tratou-se ainda de ressuscitar o commercio das Indias Orientaes, n'outros pontos, como Tries-

tre, Fiume, Livorno e Hamburgo; mas essa iniciativa falhou, por obstaculos de toda a ordem.

A companhia teve de se dissolver, e uma parte dos accionistas voltou-se para a Suecia, onde se formara uma sociedade egual, que teve melhor sorte e maior duração [1].

Frederico II quiz tambem continuar relações permanentes com as Indias Orientaes e com a China. Por esse proposito, concedeu muitos privilegios a uma companhia, que se constituiu em 1750, na cidade de Emden, para o commercio das Indias Orientaes; mas, em breve, uma administração má, a par de circumstancias desfavoraveis e de guerreiras preoccupações, arruinaram a empreza. A companhia desappareceu, não deixando outro vestigio, além de um longo processo. E uma outra companhia, que se lhe seguiu, após alguns annos, tambem estabelecida em Emden, e para o commercio de Bengala, teve egual resultado [2].

Foram estas as unicas tentativas que os Governos da Allemanha fizeram, para tomarem parte directa no commercio ultramarino.

---

[1] Scherer, *obr. cit.* vol. II.

[2] Scherer, *obr. cit.* vol. II — Thomaz Raynal, *obr. cit.* vol. III — Eduardo Malo de Luque, *Historia Politica de los Estabelecimentos Ultramarinos de las Naciones Europeas*, vol. IV.

CAPITULO VI

Movimento economico da metropole

Como Allemanha não teve n'este periodo o desenvolvimento economico devido á sua grandeza material e politica — Razões d'isso — Productos naturaes e movimento agricola, industrial e commercial de toda a Allemanha — Exame especial d'esse movimento, nas differentes regiões ou circulos allemães, taes como os Estados hereditarios da Austria, a Baviera, as extremidades do sudoeste, a Saxonia, a Westephalia, o Hesse, o Meklemburgo, a Prussia e as cidades hanseaticas — Centros principaes — Moeda — Relações com os povos estrangeiros — Communicações — Conclusão.

Quanto ao movimento economico da metropole, a Allemanha não teve tambem n'este periodo o desinvolvimento correspondente á sua grandeza material e politica.

Differentes razões contribuiram para isso.

Primeiramente, a *Reforma* estabeleceu a divisão entre os Allemães, e trouxe comsigo uma serie de guerras que agitaram a Allemanha, e provocaram uma terrivel crise economica [1].

---

[1] Aélm das guerras religiosas, ainda a Allemanha teve de sustentar muitas outras, como vimos; e todas ellas, pelos braços que roubavam ao trabalho, pelo assollamento da agricultura e entorpecimento do commercio e da industria, prejudicaram enormemente essa nação.

Em segundo logar, n'este periodo, o commercio tornou-se na Hespanha, França, Inglaterra, Portugal, Russia e mesmo na Hollanda, por assim dizer, uma instituição politica; e era preciso que a Allemanha tivesse tambem grande homogenidade nacional, para fazer a mesma coisa do seu commercio, o que não teve.

É certo que, pela casa de Habsburgo, criou-se no este o grande poder da Austria; e, no fim do periodo, criou-se tambem no norte o poder da Prussia. Mas esses mesmos Estados trataram de se isolar do resto do imperio e de mutuamente se guerrearam.

Em terceiro logar, a descoberta da America e do novo caminho da India, desviando para o Oceano e para oeste o antigo commercio, que se fazia atravez dos Alpes e da Italia, prejudicou directamente as cidades do sudoeste da Allemanha, membros da antiga Liga Suabia, como Augsburgo, Nuremberg, Ulm e Memmingen e outras, enriquecidas pelo antigo trafico mercantil d'aquellas vias [1].

Em quarto logar, embora a Liga Hanseatica ou Hansa, que estava, ha mais d'um seculo, na supremacia maritima do norte, pudesse entrar no caminho novo do commercio, tão bem ou melhor do que os Hollandezes, a situação interna da Allemanha

[1] E, comtudo estas cidades não foram arruinadas commercialmente d'um jacto. A primeira metade do seculo XVI foi até para ellas uma epoca de prosperidade, em que exploravam com grande proveito o mercado cosmopolita dos Paizes Baixos. A sua decadencia só data da queda de Anvers.

e a falta de poder e unidade nacional, em presença de rivaes, que tinham surgido de novo e alcançado, cada dia, mais força, prejudicaram a acção da mesma Liga. E foi, assim, que esta não fez o minimo esforço, para commerciar com os paizes novamente descobertos, e nem sequer manifestou nenhum desejo, a tal respeito.

Tratou de se aproximar da Hespanha e Portugal, quando as relações d'estes paizes com a Hollanda e Inglaterra foram interrompidas [1]; e, na realidade, por algum tempo, viram-se crescer com aquelles dois Estados as relações que ella tinha anteriormente com os Paizes Baixos. Mas, ainda assim, o protestantismo da Hansa depressa prejudicou essas mesmas relações com Portugal e Hespanha, e impediu quaesquer allianças proveitosas com a Allemanha.

Accresce que a Liga foi cada vez perdendo mais força no interior; porque, apesar d'ella representar o espirito nacional, o pouco interesse que os imperadores lhe dispensaram, foi diminuindo depois da Reforma, em consequencia da divisão da Allemanha; e porque os principes e demais potentados preoccupavam-se apenas com as suas pequenas esferas.

Foi, assim, que se foram separando da mesma Liga, pouco a pouco, todas as cidades, até que, no principio do seculo XVII, se achou reduzida ás quatro praças maritimas — Dantzick, Lubeck, Ham-

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 192 e 305.

burgo, e Bremen. As cidades de Brunswick e Colonia já lhe pertenciam apenas de nome; e mesmo Dantick, depois de passar para a soberania da Polonia, perdeu uma parte das suas franquias liberaes e da sua importancia commercial.

Por isso, a dissolução da Hansa foi expressamente declarada, em 1669; e o seu nome ficou, sómente, como recordação, ás tres cidades livres, Lubeck, Hamburgo e Bremen, que mantiveram tambem uma representação politica propria.

Em quinto logar, quando os Turcos estenderam o seu poder sobre os Paizes do Baixo-Danubio, Grecia, Egypto, e sobre a costa septentrional da Africa, e levaram o terror das suas armas á propria Hungria, e mesmo ás portas de Vienna, que foi salva unicamente pelo heroismo, tão mal recompensado, de Sobieski, as continuas irrupções dos mesmos Turcos aniquilaram, quasi completamente, o commercio do Danubio. E as cidades da Alta-Allemanha, já prejudicadas pela descoberta da America e do novo caminho da India, perderam totalmente, ou quasi totalmente, o seu logar intermediario no commercio da Europa.

É certo que nem tudo decaiu ao mesmo tempo. Uma industria engenhosa subsistiu nas cidades livres da Franconia e Suabia. Especialmente, em Nuremberg, os grandes capitaes amontoados por algumas casas, continuaram, ainda muito tempo, a ser empregados nas operações mercantis, e, particularmente, em negocios de banco e de cambio, antes de se dividirem por outros ramos, e se collocarem nas propriedades territoriaes; e mesmo

alguns banqueiros lançaram as suas vistas para as emprezas navegadoras. Mas, apesar de tudo isso, o commercio tambem decaiu lá, como no resto da Allemanha.

Em sexto logar, as muitas barreiras das alfandegas, estabelecidas por principes e senhores nos seus dominios, as multiplas portagens, e o direito de paragem ou entreposto em muitas cidades do interior, como Botzen, Kempten, Vienna, Luneburgo, Leipsick, assim como o direito de trasbôrdo na margem de muitos rios, embaraçavam tambem altamente o commercio.

Em setimo logar, o fausto e luxo dos principes e grandes do imperio, cujo exemplo era seguido pelos ricos proprietarios, ao pé da miseria geral, augmentava a gravidade da situação: tanto mais que as sommas que pagavam esse fausto e esse luxo, saiam quasi todas para fóra do paiz, sangrando, por isso, ainda mais as escassas fontes da riqueza nacional.

Em oitavo logar, além das industrias indigenas estarem decaidas, ou, pelo menos, muito desprezadas, não se apreciava senão o que vinha da França, Italia ou Inglaterra.

Em nono logar, foi sensivel na Allemanha, durante a epoca moderna, a falta de homens notaveis, economicamente fallando.

Quando um Sully, um Richelieu, um Colbert, em França, um Cromwell, um Cecil e uma Izabel, na Inglaterra, um Witt, na Hollanda, um Pedro. Grande, na Russia, com o auxilio da industria, do commercio e da navegação, procuraram para o seu

paiz riqueza e poder, os Allemães, a não ser o grande eleitor Frederico Guilherme e Frederico II, que trabalharam isoladamente em favor da Prussia, já no fim d'este periodo, e José II, que trabalhou tambem isoladamente em favor da Austria, não tiveram um homem que, pelo seu genio, soubesse impulsionar grandemente a Allemanha n'esse caminho.

Tiveram homens notaveis na politica e na guerra, mas que não dedicaram uma attenção especial para as artes pacificas do trabalho, ou, pelo menos, não attingiram a altura d'um Sully, d'um Colbert, d'um Witt ou d'um Cromwel.

Finalmente, junctava-se a tudo isto a falta de numerario; porque a maior somma de dinheiro que vinha para a Allemanha, era aquella com que a França e Inglaterra pagavam a traição dos proprios Allemães. Avalia-se em mais de 300 milhões de francos as sommas que, assim, vieram da França, depois de Richelieu até Luiz XIV; e as sommas remettidas pela Inglaterra foram ainda maiores. E esse dinheiro, pela falta de recursos dos Allemães, depressa voltava para aquelles outros paizes.

Ora, todas estas causas produziram uma grande decadencia economica na Allemanha; e essa decadencia tocou o seu zenith, no fim da guerra dos *Trinta Annos* (1648).

Então, á excepção de alguns felizes oasis, todo o paiz apresentava o aspecto desolado d'um campo de batalha. As terras estavam incultas. Faltavam forragens para o gado e estrumes para o solo; e os fructos d'uma penosa cultura eram destruidos

pela caça, que a legislação civil protegia mais que o trabalho dos lavradores. As cidades e aldeias estavam arruinadas. Reinava por toda a parte a fome e a epidemia. O numero das bestas ferozes tinha augmentado, a ponto de que penetravam até nas habitações dos homens, reduzidos a um tal estado de miseria que os cadaveres dos mortos serviam, em muitos logares, de alimento aos vivos. Não havia segurança pessoal, nem garantia para a propriedade.

Tinha-se tomado horror pelas occupações pacificas. A industria e commercio só trabalhavam, para supprirem as primeiras necessidades. E, para cumulo da desgraça, ainda o congresso de Westephalia de 1648 consagrou no direito publico europeu a desunião e debilidade da Allemanha, em nome da politica chamada *do equilibrio*, diminuindo com isso a energia do imperio [1].

Ainda assim, nem tudo foi perdido. Como já dissemos, em virtude d'essa guerra e d'aquella paz de Westephalia, a Allemanha ficou dividida em

---

[1] O tratado de Westephalia de 1648, ao passo que acabou com a guerra que durava ha trinta annos, e confirmou o reconhecimento official da religião protestante na Allemanha, enfraqueceu a Austria pelos acrescimos territoriaes que as nações protestantes do norte da Allemanha receberam, principalmente, o eleitor de Brandeburgo e o Palatinado, em proveito do qual foi constituido um oitavo eleitorado. A Allemanha foi dividida em differentes Estados. Esse tratado sanccionava tambem a conservação das principaes conquistas da França sobre a Allemanha.

differentes Estados, e os que ficaram isolados, começaram a rivalisar entre si, nos esforços pelo progresso. Por outro lado, a liberdade de consciencia estava assegurada, e os paizes protestantes começaram tambem a progredir; e foi, assim, que, ao norte, Brandeburgo e Saxe, e, ao sul, Nuremberg se tornaram florescentes. Só as provincias austriacas, onde dominavam os jesuitas, ficaram estacionarias.

Depois d'isso, a revogação do edíto de Nantes, em 1685, trouxe uma phase mais favoravel para a Allemanha.

Já vimos [1] como foi consideravel o numero de emigrados francezes que se dirigiram para varias regiões, especialmente, para os paizes protestantes, Inglaterra, Hollanda, Suecia, e mais que todos, para a Prussia, onde reinava o eleitor de Brandeburgo, Frederico Guilherme, que, além de ter fundado e arredondado a monarquia prussiana, era, como tambem já vimos [2], muito emprehendedor e muito differente dos outros principes allemães. Esses emigrados foram por elle recebidos com grandes favores; e, por isso, lá se estabeleceram em grande numero, levando, além de novas industrias, o salutar principio da divisão do trabalho, que principiava, então, a accentuar-se.

Á frente de cada fabrica, estava um emprezario

[1] Vid. pag. 90.
[2] Vid. pag. 184.

que, sem trabalbar, a dirigia com os seus proprios capitaes, ou com aquelles que o Estado lhe tinha emprestado; e, assim, foi dado o primeiro golpe no regimen do monopolio das corporações.

A Prussia fez tambem, por isso, desde ahi por diante, uma pequena excepção economica, relativamente á Allemanha; porque, no resto do imperio, salvas tambem as outras excepções, já referidas, e algumas que ainda havemos de referir, a decadencia accentuou-se por toda a epoca moderna.

*

* *

Já dissemos que, n'este periodo, o imperio da Allemanha careceu de grandes homens que a impulsionassem no caminho do progresso economico. Isto nos dispensa de examinar miudamente a influencia que os seus imperadores exerceram n'elle, como fizemos no capitulo III, quanto á França; e vamos, por isso, examinar, desde já, os differentes factores economicos. E ahi teremos, ainda assim, occasião de nos referirmos, algumas vezes, áquelles dos imperantes que mais sobresairam, mesmo n'aquelle ponto.

Começando pelos productos naturaes, o solo da Allemanha abunda de minerios, como é sabido; e, n'este periodo, já havia uma grande exploração mineral.

Havia muitos cereaes, que abundavam egualmente no interior da Allemanha e na Friza, e de

fórma que, geralmente, excediam o consumo, e davam logar a grande exportação. E tambem abundava a producção das batatas, cuja cultura recebeu grande animação da imperatriz Maria Thereza.

A Westephalia fornecia muito linho. A região do Rheno continuava produzindo grande quantidade de vinho; e o tabaco, sobretudo no Palatinado, era tambem muito abundante. A producção do lupullo era grande, e continuavam a ser muito apreciadas as fructas do Rheno.

Quanto aos productos animaes, os cavallos de Mecklemburgo, os bois de Holstein e Friza tiveram sempre grande procura. No norte, havia tambem grande abundancia de gado graúdo; escasseava, porém, o gado ovino, cuja educação era desprezada. É que o exemplo da aristocracia ingleza foi perdido para os Allemães; e, demais a mais, a guerra dos *Trinta Annos* destruiu os poucos estabulos que havia. Só mais tarde, é que a imperatriz Maria Thereza, olhou especialmente pela propagação do gado ovino, e foi ella que introduziu a criação dos merinos.

*

*   *

Pelo que respeita ao movimento industrial, começando pela agricultura, foi esta muito prejudicada pelo feudalismo, que pesava na Allemanha com as desastrosas consequencias da pressão dos nobres e negligencia que elles tinham pelos seus

dominios, e com a inalienabilidade das suas terras; pois as propriedades da nobreza consistiam, pela maior parte, em feudos inalienaveis. Mesmo a venda das terras allodiaes, em muitos Estados, era prohibida aos plebeus, de modo que os grandes capitalistas, que se tinham enriquecido pelo commercio, e que não eram nobres, não podiam empregar o seu dinheiro no solo.

A agricultura era tambem muito prejudicada pelas ladroeiras que resultavam até do estado tumultuario e agitado das guerras successivas; pela diminuição da população, em consequencia d'essas guerras; pelos exercitos permanentes e de soldados mercenarios, que roubavam á lavoura os braços mais vigorosos; e pelo excesso dos impostos.

A propria Reforma, a principio, muito pouco aproveitou, por causa das luctas que trouxe e preoccupações da sua doutrina, que absorviam toda a attenção. Só mais tarde, acabadas essas guerras e diminuidas essas preoccupações, é que, pelas restricções dos jejuns e das festas, restricções que trouxeram o maior consumo da carne e os habitos do trabalho, essa Reforma exerceu nos lavradores certa influencia. E, ainda assim, quanto á criação do gado, o mau estado dos estabulos e o pequeno cuidado que os nobres dedicavam a essa criação, prejudicou grandemente o seu desinvolvimento.

No meio de tudo isso, a immigração dos foragidos de Flandres exerceu tambem na agricultura allemã grande influencia; já porque elles introduziram na Westephalia melhores processos de cultivar e espadelar o linho, processos que depressa

se espalharam por Saxe, Bohemia e Silesia; e já porque exerceram a mesma influencia no Palatinado, quanto á cultura e preparação do tabaco. E, mais tarde, a animação que Maria Thereza deu á cultura das batatas, a introducção que ella fez dos merinos, a abertura de canaes e o desinvolvimento da viação, trouxeram novos horizontes para a industria agricola, incitando o seu progresso.

*

* *

A exploração das minas, tão antiga no paiz e tão lucrativa, retrogradou, depois do descobrimento da America, pelo facto da Allemanha não poder sustentar a concorrencia das minas americanas. A extracção do minerio tornou-se muito dispendiosa, e as remessas do Novo Mundo diminuiram o valor dos metaes preciosos. Por isso, muitas das minas foram abandonadas, e outras restringiram a producção. Sómente em Saxe, é que a exploração mineira se manteve n'uma grande escala.

Com respeito ás industrias metallurgicas, sobresaía a fabricação d'armas e obras de metal, que tinha a sua principal séde na parte meridional de Westephalia, Iserlohm e Thuringia.

Nuremberg era e ficou sempre sem rival, pelos artigos d'esse genero; e talvez não haja outra localidade que tenha conservado tanto tempo a preponderancia, n'um mesmo ramo de trabalho.

*

* *

Na fabricação dos tecidos e artigos de luxo, taes como objectos d'ouro, prata e de joias, vazos de bronze, moldados e cinzelados, e esculpturas de madeira, as cidades da Alta Allemanha, que tinham sobresaido n'esse genero, durante a edade media, foram eclipsadas pela França e Hollanda; não porque estas nações trabalhassem melhor; mas porque trabalhavam mais barato, e porque os principes e nobres allemães começaram a desprezar os artigos nacionaes.

A fabricação dos pannos, que, na epoca anterior, tomara grande desinvolvimento, nas qualidades communs e medias, e tinha alimentado uma grande parte da exportação hanseatica, decaiu tambem consideravelmente.

É que, por um lado, a concorrencia da Inglaterra e dos Paizes Baixos, cujas industrias trabalhavam, n'uma escala sempre crescente e com os capitaes e desembocadouros sempre mais vastos, tornou-se esmagadora. E, por outro lado, o estabelecimento dos *Mercadores Aventureiros* na Allemanha, tivera exclusivamente por fim a introducção dos pannos inglezes. E, embora houvesse differentes propostas da dieta, para taxar esses pannos e prohibir a exportação de lãs indigenas, á imitação do que se fez n'outros paizes, afim de

proteger a industria nacional, nunca estas medidas chegaram a ser votadas [1].

A industria linheira, porém, indemnisou, até certo ponto, a decadencia dos lanificios, e tornou-se, no presente periodo, a mais proveitosa e mais florescente da Allemanha; já porque, desde o estabelecimento das colonias transatlanticas, a procura das teias do linho, indispensaveis aos Europeus que vivessem debaixo dos tropicos, tinha augmentado; e já porque a Hollanda, não podendo satisfazer, de per si, tão grande procura, recorreu á Allemanha, vendendo as teias d'este paiz, junctamente com as d'ella, e, ás vezes, até com o mesmo rotulo.

Além d'isso, como já dissemos, os refugiados de Bravante e Flandres tinham introduzido na Westephalia melhores processos, para cultivar e espadelar o linho; e esses processos propagaram-se em Saxe, Bohemia e Silesia, que brevemente se tornaram os focos principaes da industria linheira. E accresce ainda que o baixo preço da mão de obra e o habito de tecer domesticamente o linho favoreceram singularmente essa fabricação; de modo que ella tomou a dianteira sobre todos os outros paizes.

*

* *

Tambem a propria industria da cerveja diminuiu, absolutamente fallando, embora conservasse

---

[1] *A Historia Economica,* vol, IV, cap. XVIII,

relativamente a sua superioridade. Nas cidades, renunciou-se a esta industria, porque a exportação, outr'ora consideravel, começava a diminuir, pelo facto dos paizes estrangeiros prepararem tambem grandemente essa bebida. Prevalecia, por isso, o consumo do vinho e aguardente; e foi, assim, que augmentou muito a industria d'este ultimo genero.

A aguardente era já conhecida na Allemanha, desde o seculo XV; mas fazia-se pequeno uso d'ella, como bebida. As leis restringiam o seu consumo, e só permittiam a venda aos farmaceuticos. No seculo XVII, é que ella se tornou a bebida geral na Allemanha do Norte; mas a sua qualidade, comparativamente com a aguardente franceza obstava a que figurasse no commercio exterior. E, demais a mais, a producção da aguardente, bem como a da da cerveja, constituiam um privilegio das terras dos nobres e dos ecclesiasticos, o que tambem prejudicava a sua fabricação.

Em quasi todas as outras industrias, a Allemanha era tributaria do estrangeiro.

*

* *

No fim do periodo, a situação industrial da Allemanha modificou-se tambem com os immigrados francezes. Mas, ainda assim, os outros paizes levaram-lhe geralmente vantagem, pela maior abundancia de materias primas. A França, por exemplo, que produzia muita sêda, podia vender os respe-

ctivos productos mais baratos que a Allemanha, que a não produzia.

As relações activas com a Hespanha facultavam tambem á Inglaterra e França a compra de lãs d'esta região; e, como estes paizes recebiam em primeira mão o anil e pau de tingir, conservaram, por muito tempo, a superioridade dos pannos finos sobre a Allemanha. Póde dizer-se o mesmo dos algodões.

Accresce ainda que os maus caminhos e o numero de alfandegas interiores encareciam muito os generos vindos por mar. Berlim estava, n'este ponto, em melhores condições.

Por isso, as fabricas allemãs, á parte a industria linheira, não trabalhavam senão para o interior. Só os productos do solo é que se exportavam para o estrangeiro. E a Hespanha era o unico paiz para onde a Allemanha enviava mais productos do que recebia.

*
* *

O commercio da Allemanha, absolutamente fallando, diminuiu tambem muito, n'este periodo. Já apontámos as varias causas que prejudicaram todo o movimento economico. Mas duas d'ellas foram capitaes para essa diminuição do commercio — a decadencia e dissolução da Hansa e a falta de colonias.

Quanto á Hansa, era ella a instituição que, na edade media, concentrara todo o movimento mer-

cantil da Allemanha; e não se substituia facilmente uma instituição com tão fundas raizes no espirito nacional.

É certo que o regimen de privilegios e restricções de que os Hanseaticos gosavam, e a especie de absolutismo que exerciam nos seus membros, não se compadeciam com o systema da liberdade mercantil; e essa liberdade, prudentemente encaminhada, devia produzir melhores fructos que uma instituição que principiava a ser anachronica. Mas era mister que o paiz estivesse preparado para semelhante liberdade, ou dispozesse de sufficientes recursos, a fim de poder substituir a riqueza hanseatica; e o estado calamitoso, resultante das guerras e das rebelliões, tinha depauperado enormemente a nação.

E, por outro lado, a falta de colonias, privando a Allemanha de desembocadouros ultramarinos para os seus productos, collocava-a, n'esse ponto, n'uma situação desegual á de outras nações, como a Inglaterra, França, Hollanda e Hespanha, e mesmo Portugal e Dinamarca.

O grande commercio internacional e transatlantico sómente se abriu para os Allemães, quasi no fim do periodo, quando, após a guerra da America, os seus navios foram admittidos nas Antilhas francezas e hespanholas, e os Estados-Unidos constituiram um Estado independente.

Foi, então, que os Allemães deixaram o papel de intermediarios e de corretores de mar, para irem negociar directamente aos logares da producção.

*

* *

Fica exposta, assim, de uma fórma geral, a figura subalterna e desvantajosa que, na agricultura, industria e commercio, a Allemanha representou, no presente periodo.

Mas, não obstante essa exposição geral, como os Allemães estavam divididos em differentes circulos ou Estados, e o desinvolvimento ou actividade economica de uns d'elles era maior que a dos outros, e, como, por vezes, se encontravam excepções parciaes áquella decadencia geral, convem examinar separadamente, á imitação do que fez Scherer, cada um d'aquelles circulos; até porque, d'esse modo, accentuaremos tambem a verdade do que temos exposto.

*

* *

Nos Estados hereditarios da Austria, (archiducado d'Austria, Moravia, Bohemia e provincias do Adriatico), a politica dos gorvernantes isolou-os promptamente do resto da Allemanha, sobretudo, depois da Reforma, que tinha primeiramente invadido a Austria, Salzeburgo, Styria, Carinthia, mas que, em seguida, foi abafada, ou antes, estirpada com rigor inexoravel. Da mesma fórma que succedeu na França, milhões de habitantes se expatriaram, e foram procurar um asylo no estran-

geiro, ou entre os Prussianos, que lhes offereceram o mais lisonjeiro acolhimento.

Dotada de muito bom terreno e melhor clima, e, além d'isso, tocada pela guerra mais levemente que as outras regiões, a Austria poderia ter-se desinvolvido muito; mas a sua intolerancia religiosa, as luctas que d'ahi provieram, as continuas invasões dos Turcos, o isolamento propositado do resto da Allemanha, a oppressão que pesava nos cultivadores, as immensas propriedades do clero e da nobreza, desprezadas por seus donos, a resistencia systematica a toda a reforma liberal, e a compressão de todo o espirito da independencia, fizeram que esse paiz se conservasse mais atrazado que os demais Estados.

As muitas alfandegas internas, com differentes tarifas, contribuiram tambem para esse atrazo. E ainda o systema mercantil, introduzido por Carlos VI, reforçado por sua filha Maria Thereza, e levado ao extremo por José II, augmentou o mal.

Havia algumas industrias que sempre floresceram, e cujos productos sempre se exportaram; mas eram apenas aquellas que existiam anteriormente com segurança propria, por exemplo, os vidros e teias da Bohemia, os pannos da Moravia, as obras d'aço e ferro da Styria e Carinthia, e os instrumentos de musica de Vienna; pois que essas industrias, collocadas em boas condições naturaes, e exercidas desde seculos, não precisavam da protecção do Governo, que, realmente, as não protegeu. Pelo contrario, restringiu, em vez de alargar, os

desembocadouros exteriores; e, com a expulsão dos protestantes, privou muitas das fabricas dos seus melhores obreiros.

Quanto ás outras regiões e ás outras industrias, os Austriacos produziam, geralmente, mal e caro; de modo que não puderam, por isso, dispensar a importação de um numero importante d'artigos estrangeiros, e, sobretudo, evitar o contrabando.

Apesar de tudo isso, no tempo d'aquelles ultimos imperantes, sob a protecção dos direitos elevados e differentes restricções favoraveis, estabeleceram-se manufacturas de lã, algodão, sèda e objectos de luxo; e foi até fundada á custa do Estado uma manufactura de porcellana. E, então, mau grado o systema mercantil, a industria tomou um certo incremento.

José II fez vir do estrangeiro operarios habeis, qualquer que fosse a religião d'elles. Prohibiu a exportação da lã; auxiliou a industria da sèda, pela plantação das amoreiras, nas provincias meridionaes, onde essas arvores acharam condições mais favoraveis; e promoveu o desinvolvimento dos lanificios, criando tambem, por conta do Estado, uma manufactura d'esse genero, em Lintz. Mas, a par d'isso, uma longa serie de outras prohibições e regulamentos vexatorios influiu desfavoravelmente no movimento economico geral do imperio.

Tambem esse imperador, sobretudo depois da guerra da independencia dos Estados-Unidos, tratou de estabelecer relações directas com a America e Asia. E, n'este sentido, as emprezas que melhor aproveitaram, foram as expedições de Ostende ás

Indias Orientaes, que pertencem á historia da Belgica, e das quaes já fallámos no IV volume [1].

Se todos os Estados hereditarios da Austria se encontravam assim, geralmente, decadentes, a parte sudeste encontrava-se ainda mais atrasada; porque estava muito afastada dos grandes centros. Apenas, nos districtos pertencentes á bacia do Elba, como a Bohemia, e onde preponderava a Liga Hanseatica, se fez sentir a natural influencia da situação maritima e d'essa preponderancia.

Carlos VI, que tinha um gosto pronunciado pelo commercio maritimo e pela navegação, e a quem tinham tocado os Paizes Baixos hespanhoes, na paz de Rastadt, tentou fazer renascer a sua grandeza passada. E, tendo essa tentativa encontrado obstaculos, voltou as vistas para o Adriatico.

N'este mar, não era possivel fazer de um jacto grandes coisas; mas o imperador lançou os fundamentos do futuro, e Triestre recebeu, em 1725, o seu privilegio de porto franco, desinvolvendo-se, assim, o commercio, por esse lado.

Quanto ao Danubio, era um caminho fechado. Os Turcos estavam senhores da sua embocadura, e de forma que, durante seculos, dominou no Mar Negro o pavilhão d'elles. O proprio commercio interior d'este rio não estava em melhores condições, pelo pequeno cuidado que se tinha tido e tinha do seu leito, pelos direitos das alfandegas, pelos entrepostos e descargas obrigatorias, e pelas perturba-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag 551.

ções continuas dos Hungaros. A navegação tornou-se, por isso, pequena, e as cidades costeiras mais prosperas eram Batisbonna e Passau, na Baviera, de que adiante fallaremos.

Ora, á imitação da tentativa de Carlos VI para o commercio maritimo, José II tratou tambem de reanimar o commercio fluvial do Danubio. Eram propicias as circumstancias; porque, por um lado, desde a paz de Rustschuk, em 1774, a Russia tinha-se estabelecido nas margens do Mar Negro, e havia conseguido da Turquia o livre direito de navegação nas suas aguas; e, por outro lado, o poder ottomano em decadencia já não inspirava receio.

José II, aproveitando essas circumstancias, fez percorrer e explorar este rio, por engenheiros de Vienna, até á sua embocadura; e havia tomado já differentes disposições, para organisar uma navegação austriaca, tanto para Constantinopla como para outras cidades, quando falleceu, em 1790.

*

* *

A Baviera tambem, geralmente, não se desinvolveu, porque estava muito longe do mar, tinha sido muito prejudicada pelas guerras, e, em consequencia d'isso, a população tinha diminuido consideravelmente. Assim, ficou apenas activa a sua antiga industria de cerveja; e todas as outras, inclusivamente a da lã, outr'ora tão florescentes, em Munich e Ingolstadt, decairam, de forma que

essa região chegou a nem sequer fornecer pannos para o seu consumo. E, por outro lado, os campos estavam, em grande parte, incultos.

Só nos ultimos tempos, é que a situação melhorou alguma coisa; mas, ainda assim, o paiz ficou sempre atrazado.

*

* *

Os circulos de Suabia e Franconia, com a divisão enorme dos seus territorios, partilhados entre a soberania das cidades e a dos principes, afastados dos centros do commercio, e paralisados, muitas vezes, de legoa em legoa, pelas barreiras de innumeras alfandegas, foram, por isso mesmo, ainda mais profundamente prejudicados pelas condições geraes da Allemanha. E, demais a mais, a decadencia do commercio italiano, de que nós fallaremos, influiu tambem n'essa região.

Naturalmente, não acabou tudo ao mesmo tempo. Uma industria engenhosa subsistiu nas cidades livres. E, sobretudo, em Nuremberg [1], os grandes capitaes, amontoados por algumas casas, continuaram, ainda por muito tempo, a ser empregados nas operações mercantis, e, particularmente, em negocios do banco, antes de se dividirem e se colloca-

[1] Nuremberg, pertence hoje á Baviera, o que não acontecia na epoca moderna.

rem em propriedades territoriaes, apesar de Francfort ir tomando cada dia alguma coisa tambem d'esse movimento bancario de Nuremberg.

Certas industrias, nomeadamente a de ourives, fundição de bronze e esculptura em madeira, ahi conservaram a antiga reputação; mas o gosto procurava já de preferencia os artigos francezes, e tanto mais que os productos allemães eram muito caros, para terem grande exportação. Ainda assim, nas pequenas obras de metal, madeira e ósso, Nuremberg não teve nunca rival, e dominou em todos os mercados, por toda a epoca moderna.

Continuou a fabricação do linho na Suabia; mas, exceptuando algumas remessas para além dos Alpes, trabalhava-se unicamente para o consumo interno. E dava-se a mesma coisa com os tecidos d'algodão.

Por outro lado, os refugiados francezes estabelecidos em Schwabach e Baireuth tinham introduzido n'essas cidades a fabricação de lanificios finos; e os productos agricolas da Franconia, taes como madeiras, cereaes e vinhos entrepunham-se em Wurzburgo, que traficacava directamente com a Hollanda, e de lá recebia generos coloniaes, tapetes e porcellana.

Apesar de tudo isso, a decadencia geral d'essa região da Suabia e Franconia foi grande. Mesmo Aubsburgo e Nuremberg não eram a sombra do que foram.

*

* *

As extremidades do sudoeste da Allemanha, com as suas riquezas de vinho, tabaco, canhamo, cereaes, gado, madeiras e materiaes de construcção, tinham por desembocadouros naturaes a França e Suissa, suas vizinhas; mas estes productos eram, principalmente, expedidos para a Hollanda, pelo Rheno.

A Floresta Negra continuou na posse immemorial das industrias que lhe são proprias. Francfort continuou tambem a ser o grande entreposto da Allemanha meridional. As suas feiras tornaram-se cada vez mais importantes, attraindo os habitantes de todo o imperio, bem como Francezes, Inglezes e outros povos do norte; e, independentemente do seu commercio proprio, essa cidade possuia tambem um commercio de exportação dos mais activos.

*

* *

Em Saxe, desde a Reforma até á guerra dos *Trinta Annos*, a agricultura e a industria não decairam, e póde até dizer-se que prosperaram.

É que, por um lado, os seus eleitores, que eram os primeiros entre os principes protestantes, e, como taes, gosavam da preponderancia politica na Allemanha protestante, tiveram uma grande solicitude pelos interesses d'essa região. E, por outro lado, a

industria foi poderosamente estimulada pelas relações mercantis com os povos d'além-mar e com os do este da Europa. Foi, sobretudo, a estas ultimas relações que as feiras de Leipsick deveram a sua importancia, sempre crescente.

Barbara Ulman, originaria de Flandres, ensinou aos habitantes de Erzegebirge a arte de fazer rendas [1]. Foram egualmente os tecedores flamengos que estabeleceram em Meissen a primeira manufactura de estofos que houve na Allemanha. Em 1710, Boetinger [2], estabeleceu, tambem em Meissen, a primeira fabrica de porcellana, que se foi desinvolvendo por forma a obter para a louça de Saxe a notabilidade que todos conhecem. Esta fabrica foi a primeira de porcellana da Europa, visto que a de Sevres sómente se estabeleceu, em 1770. E foi tambem na Saxonia que os carneiros receberam maior aperfeiçoamento.

Entre os productos proprios, essa região exportava, principalmente, metaes de Erzegeburgo, pannos, linho, bonés, rendas e papel. Os pannos tinham muita acceitação; porque a lã de Saxe era reputada a mais apreciavel da Allemanha, mesmo antes de ser melhorada pela introducção dos merinos de Hespanha, em 1763.

A guerra dos *Trinta Annos*, porém, produziu

---

[1] Barbara Ulman emigrou para a Allemanha, no tempo de Filippe II, e morreu, em 1575.

[2] Ernesto de Vasconcellos, na sua *Geographia Economica*, em vez de *Boetinger*, diz *Boettcher*; e outros dizem Böttger.

tambem na Saxonia os seus terriveis effeitos. Depois d'isso, tendo o rei d'esse paiz, Frederico Augusto II, chamado o *Forte*, obtido a corôa da Polonia, em 1697, e fazendo-se catholico, as luzes e prodigalidades da côrte deram á Saxonia um momento de brilho e prosperidade apparentes. Mas, na realidade, esse facto foi um acontecimento desgraçado para o paiz, porque se endividou e complicou n'uma politica falsa, que o privou para sempre da sua influencia como primeira potencia da Allemanha protestante, influencia que passou para a Prussia [1].

E a guerra dos *Sete Annos* fez tambem muito mal a Saxe, que, pelas devastações a que ella deu causa n'esse paiz, o prejudicou muito mais do que ás outras regiões.

Comtudo, a Saxonia achava-se inteiramente restabelecida, nos ultimos tempos da epoca moderna. As feiras de Leipsick estavam mais florescentes do que nunca; a industria havia-se enriquecido d'um novo ramo — a fabricação do algodão em Chernitz; e a exploração das minas era productiva. E, além disso, pelo desinvolvimento da litteratura e das sciencias, no geral da Allemanha, a industria e commercio dos livros tinha adquirido uma grande importancia. Leipsick tornou-se o centro desse ramo.

---

[1] Frederico Augusto teve guerra com Carlos XII, da Suecia, o que prejudicou muito a Saxonia. Esta guerra foi motivada por ella se alliar com a Russia contra o mesmo Carlos XII. O reinado de Frederico II foi desastroso para a Saxonia, por causa das guerras, e dos grandes impostos e luxo da côrte.

A fabrica de porcellana, de que já fallámos, teve tambem um grande desinvolvimento, e deu logar a uma grande industria e commercio.

*

* *

Entre os paizes montanhosos que offereciam forças hydraulicas em abundancia, a Thuringia era olhada como o principal. Ahi se fundaram vidrarias, manufacturas de porcellana, de ferro e aço e de objectos de madeira. Havia tambem a fabricação do linho, que era uma industria caseira, geralmente espalhada; mas os seus productos não eram muito exportados.

Erfurt tinha perdido quasi toda a sua importancia, como entreposto; e, em geral, tinha diminuido a sua cultura de pastel e outros productos tinturiaes. Comtudo, os arredores d'esta cidade continuaram a ser bem cultivados, e produziram diversas plantas muito procuradas, por exemplo, o anis, o cominho e a camelina.

*

* *

A Westephalia e o paiz de Berg, que eram, desde tempos immemoriaes, os centros da industria metallurgica na Allemanha, e tambem grandes centros da industria linheira, continuaram a sel-o, n'esta epoca.

Solingen e Iserlohn tornaram-se afamados por suas armas e seus artigos de metaes de toda a especie; e Barmen e Elberfeld não só conservaram, mas augmentaram ainda a sua importancia industrial, nas teias de linho de Westephalia de varias côres, que eram constantemente pedidas da America.

Todos os artigos d'essa região exportavam-se para o este. O seu entreposto era Brunswick, cidade esta que, embora tivesse perdido muito do esplendor passado, estava comtudo, indemnisada, até certo ponto, pela importancia das suas feiras.

A grande actividade industrial de Aix-la-Chapelle, paralisada pelas perseguições religiosas, foi tambem despertando pouco e pouco; e de forma que, no fim do seculo XVII, tinha retomado o seu antigo movimento. E, entre as suas industrias, figuravam tambem a dos lanificios, cuja lã vinha de Hespanha, por intervenção da Hollanda, e a de obras de metal, especialmente em cobre e latão, a que as minas de Stolberg, já conhecidas e exploradas, n'esta epoca, prestavam grande auxilio.

*

* *

No Hesse a industria era resumidissima, e os principaes artigos de commercio consistiam nos proprios Hesseses, que os seus principes vendiam como servos para os paizes estrangeiros.

*

* *

No Meklemburgo, Pomerania, Holstein, Oldenburgo, Hanover e Friza, a agricultura occupava todos os habitantes, excepto os do littoral, que se applicavam mais ao commercio e á navegação. Mas essas povoações tinham soffrido muito com a guerra; e, por isso, a população escasseava.

Além d'isto, nas provincias do Baltico, o lavrador estava submettido á mais pesada oppressão feudal. A sua condição era a servidão pura e simples, e tanto mais que unicamente a nobreza podia possuir terrenos. Só no Holstein é que um dos seus reis, Frederico VI e o seu ministro Bernstorf libertou o paiz d'essas travações; e só isso, de per si, trouxe a prosperidade do paiz.

Ainda assim, apesar dos referidos inconvenientes, as provincias que ficam mencionadas, nos bons annos, enviavam o excedente dos seus generos e do seu gado para o norte e oeste da Europa, recebendo em troca productos fabricados e generos coloniaes, cujo consumo foi sempre muito forte no sul da Allemanha. Mas a importancia d'aquella exportação começou apenas com a guerra da America, pela procura de productos que ella occasionou na Inglaterra.

Além d'isto, essas provincias, graças aos progressos das construcções navaes nos portos allemães, e, ao mesmo tempo, á remessa de madeira para a Inglaterra, pela interrupção das relações da

metropole ingleza com as suas colonias revoltadas, achavam um desembocadouro vantajoso para os productos das suas florestas de carvalho.

Acresce ainda que tambem a interrupção do commercio de Inglaterra com a America do Norte fez altear o preço do tabaco, de modo que a sua cultura, n'essa parte da Allemanha, tornou-se cada vez mais proveitosa.

*
* *

O eleitorado de Brandeburgo sempre se tinha distinguido, pelo cuidado esclarecido e assiduo dos interesses materiaes. E, assim, progrediu a industria e o commercio, no governo dos Hohenzolerns, seus imperantes.

A reunião de Brandeburgo com a Prussia, em 1618, augmentou, notavelmente, a potencia dos mesmos Hohenzolerns; mas, por outro lado, a guerra dos *Trinta Annos*, que tambem rebentou, em 1618, prejudicou muito o paiz, devastando o seu territorio, e destruindo totalmente uma prosperidade que tinha sido conservada, á custa de tantos esforços.

O Brandeburgo teve tanto mais trabalho em se reparar, quanto a paz não lhe deu repouso, porque se reacendeu logo a guerra com a Suecia. A população, já tão reduzida, foi ainda mais dizimada; a agricultura e criação do gado enfraqueceram; e os apriscos, antes d'isso tão importantes, foram aniquilados.

Muitos fabricantes de pannos tiveram de emigrar para Saxe, onde achavam propicio acolhimento. E, os que ficaram, arruinaram-se de todo; porque, n'esse intervallo, os pannos inglezes tinham tomado conta do mercado. A situação das cervejarias não era menos pènosa.

Mas o grande eleitor, apesar das suas victorias sobre os Suecos, não desprezou as coròas civicas: e, se as suas ideias em commercio eram inopportunas, em todo o caso, a sua administração reparou pouco a pouco as forças esgotadas do paiz, e deu logar a se restabelecerem as suas antigas industrias. A exportação da lã foi severamente prohibida. Essa prohibição, ampliou-se mesmo aos bens do clero e da nobreza, o que, anteriormente, não tinha acontecido. E, para tornar bem productivos esses esforços em pró do desinvolvimento economico do seu paiz, sobreveiu a immigração dos refugiados francezes.

Já fallámos da influencia geral que essa immigração exerceu; mas, como ella reverteu mais especialmente sobre a Prussia, e, portanto, sobre Brandeburgo, convem frisar, tambem especialmente, os seus effeitos n'aquelle reino.

A Inglaterra tentou auxiliar os emigrados francezes que n'ella se refugiaram, por meio d'uma subscripção nacional; mas o Governo inglez, então presidido pelo rei catholico Jaime II, mostrou-se hostil a semelhante ideia.

Na Prussia, porém, o proprio Governo, não sómente os soccorreu, mas até lhes offereceu vantajens, que os determinaram a retomarem n'essa

nova patria os recursos da sua industria ou da sua arte. Assim, podiam estabelecer-se livremente nas localidades que mais lhe conviessem; os seus haveres entravam e ficavam isentos de impostos; foram-lhe dadas casas e terrenos; os proprios operarios foram tambem isentos de contribuições por alguns annos, e emprestou-se-lhes dinheiro a juro modico.

D'este modo, surgiu, de repente, uma industria importante; o paiz enriqueceu-se de muitas fabricações novas; e introduziu-se tambem uma nova especie de trabalho — o trabalho das fabricas. Berlim tornou-se o principal centro da colonia franceza, que principiou pela fabricação de tecidos finos e ligeiros de lã. Depois, veiu a dos pannos de seda, meias, chapeus, luvas, obras finas de metal, vidros, e, particularmente, espelhos: artigos esses que, até então, se importavam geralmente da França.

Além d'isso, o rei Frederico I fez estabelecer em Berlim uma grande fabrica de pannos, destinada a trabalhar exclusivamente para o exercito e a emancipar n'este genero a Prussia da Inglaterra. E, logo que os refugiados se estabeleceram, e começaram a exercer a sua industria, differentes leis elevaram os direitos pautaes sobre a importação dos productos similares.

A immigração teve os mesmos resultados sobre a agricultura. Os immigrados do Palatinado, naturalisaram até nas Marches a cultura do tabaco. A riqueza metallica do paiz cresceu egualmente, porque grande numero de refugiados francezes levaram com elles abundantes capitaes. E, para facilitar a irradiação e transfusão do commercio e da

industria, já o grande eleitor Frederico Guilherme se tinha dedicado a melhorar as communicações interiores; e os seus successores continuaram, ainda com mais solicitude, n'essa tarefa.

Assim, o Grande eleitor, pelo estabelecimento do canal de Frederico Guilherme, em 1668, preparou a juncção do Oder ao Elba.

Depois, o rei Frederico Guilherme I procurou tornar o commercio mais activo no primeiro d'estes rios, restringindo o direito de entreposto que havia em Francfort e Stettin. Desinvolveu a preparação e fabricação do linho, sêda, velludos e outras industrias, de forma que o progresso tornou-se tão geral que Frederico II, quando subiu ao trono, só precisou de systematisar os elementos dispersos que encontrou.

Aproveitando esses elementos, e pela sua propria iniciativa, este ultimo principe desinvolveu tambem muito a agricultura, industria e commercio. Construiu muitos canaes, e fundou o Banco de Berlim, em 1764. Attraiu a propria immigração allemã, subvencionando para isso duas agencias de colonisação, uma, em Francfort sobre o Mena, e outra em Hamburgo, e chamando, por toda a sorte de favores, os trabalhadores tcheques. Fez dessecar os pantanos da Pomerania. Distribuiu cavallos aos lavradores, fixou as dunas do Baltico, por meio de plantações de pinheiros, abriu o canal de Tinow entre o Elba e o Oder, pelo valle de Havel, e o canal de Broemberg, entre o Oder e o Vistula, pelo valle do Netza. Fundou em Berlim instituições de credito, uma caixa hypothecaria,

uma caixa de depositos e de consignações e um banco rural. Defendeu os lavradores contra as rapinas da guerra, embora mantivesse cuidadosamente a servidão da gleba. Animou a industria, explorando as minas, criando fundições, assucararias, manufacturas de lã, sêda, teias, curtimenta, porcellanas; e, apesar de ser partidario da liberdade mercantil, deu a uma companhia, fundada por elle proprio, o monopolio do assucar, do café e do tabaco.

E, pelos rendimentos das suas fabricas e das suas alfandegas, pôde destinar, cada anno, uma somma de cincoenta milhões de francos para as despezas de um exercito de duzentos mil homens, o mais forte, mais disciplinado e mais instruido da Europa. É que, segundo a frase celebre de Mirabeau, elle não ignorava que a guerra devia ser, então, a industria nacional da Prussia [1].

*

* *

Quanto ás cidades hanseaticas, Hamburgo, em consequencia dos refugiados industriaes, e mesmo proprietarios e capitalistas dos Paizes Baixos, e os *Mercadores Aventureiros* inglezes ahi se estabelecerem [2], e em consequencia tambem da sua posição, e

[1] Paul Risson, *Histoire Sommaire du Commerce,* pag. 300 — Scherer, *obr. cit.,* vol. II.

[2] *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 675.

de ficar reduzido ás cidades hanseaticas o grande commercio da Allemanha, prosperou muito, mesmo n'esta epoca. No principio do seculo XVII, surgiram, n'esta cidade, novas industrias, como a joalheria, fabricação de velludos e de algodões, e refinação d'assucar. As construcções navaes desinvolveram-se muito, e era grande o commercio externo, principalmente com a Inglaterra, d'onde vinham generos fabricados e productos coloniaes, em troca do aço, lãs, metaes, madeiras e linho. E a exportação d'este ultimo artigo subiu ainda de ponto, no fim do seculo XVII, quando os tecedores da Silesia conseguiram imitar, com rara exactidão, as teias da Normandia e Bretanha.

Pela mesma epoca, estabeleceu-se um commercio animado entre a França e Hamburgo. Além do vinho de Bordeus, que se consumia, cada vez mais, na Allemanha, os Hamburguezes iam carregar áquelle paiz objectos de luxo e generos coloniaes, em troca de metaes brutos e trabalhados e de alguns productos do norte.

Hamburgo fazia até concorrencia á Hollanda, no commercio com a Hespanha, Portugal, França e nordeste da Europa. Tinha por si a vantagem de estar livre de dividas, emquanto que o commercio hollandez gemia sob o peso d'ellas. O baixo preço dos assucares provocou tambem a criação de muitas refinações, na margem do Elba; e a guerra dos *Sete Annos* enriqueceu o commercio hamburguez, porque era na cidade de Hamburgo que se fazia a maior parte dos fornecimentos para os exercitos belligerantes no norte da Allemanha.

Bremen, participava, em menores proporções, das operações da sua irmã. Fazia tambem muito negocio com a Inglaterra, para onde exportava madeira, potassa, animaes de talho, anis e outras plantas commerciaes.

As duas cidades eram favorecidas pela Inglaterra, com uma derogação do acto de navegação, e tinham direito d'importar n'aquelle paiz, sob o proprio pavilhão, não sómente os seus productos, mas tambem os de toda a Allemanha.

Bremen tinha apenas um pequeno numero de estabelecimentos industriaes, cervejarias e algumas refinações de assucar; e o commercio com os paizes allemães costeiros da Westephalia superior era embaraçado pela multidão de portagens, e pela imperfeita navegação do Rheno. Mas, em compensação, Bremen mantinha com a Russia relações mais activas do que Hamburgo, e, nos annos de boa colheita, provia de cereaes toda a Saxonia e toda a Westephalia.

Exportava tambem para os paizes do norte alguns productos da industria allemã, bem como vinhos da França e generos coloniaes.

A outra cidade hanseatica, Lubeck, outr'ora rainha da Liga, soube como suas irmãs levantar-se, tirando partido das vantagens que offerecia a epoca nova. Mas a sua situação, no mar fechado pelo Sund, e a preponderancia dos Inglezes, foram dois obstaculos que ella não pôde vencer.

A principal operação d'esta cidade consistia em importar productos do norte para o consumo interior da Allemanha, e expedir para a Russia obje-

ctos manufacturados, allemães e francezes. Mas, n'este campo, ella encontrou rivalidades poderosas, e teve de se contentar com um papel modesto. Ao este do Sund transportava para toda a parte cereaes, commercio esse que augmentou em todos os portos do Baltico, no fim do seculo XVIII.

Sendo Lubeck o porto natural de Lauenburgo e da parte occidental de Mecklemburgo, fez-lhe isso conservar a antiga reputação da sua marinha [1].

*

* *

Depois do exame que fica feito da industria e commercio da Allemanha, na edade moderna, verifica-se que, realmente, os Allemães, absolutamente fallando, não tiveram o movimento industrial e commercial correspondente á sua grandeza politica e territorial, nem ao desinvolvimento mercantil que traziam da epoca anterior, e ao impulso que esse desinvolvimento devia determinar. Mas, já nos ultimos tempos d'este periodo, a Allemanha começou a levantar-se, geralmente; e, com respeito a certas regiões e cidades, essas fizeram sempre uma excepção honrosa áquella decadencia absoluta. Isto mesmo vai confirmar-se, pela apre-

---

[1] Além das regiões e cidades de que temos fallado, o imperio tinha tambem pretenções sobre o reino de Arles ou da Borgonha, Hungria e Polonia. Mas estas pretenções, mesmo quando eram reconhecidas, limitavam-se a simples cerimonias e simples titulos.

ciação dos centros mais importantes, de que vamos tratar.

Já fallámos das tres cidades — Lubeck, Bremen e Hamburgo [1]; e, afóra estas duas ultimas, uma das cidades mais notaveis no movimento economico foi Nuremberg, na Baviera.

Vimos no III volume a importancia que esta praça adquiriu na edade media, e como para isso foi auxiliada pela sua situação.

Essa importancia, embora decaisse, na edade moderna, em todo o caso, á parte algumas intermittencias de que vamos fallar, foi sempre grande, devido ás relações com os outros paizes e á sua industria, commercio e movimento bancario.

Assim, as relações com a França, que vinham da edade media, continuaram tambem activas. Já no seculo XV, os negociantes de Nuremberg visitavam as feiras de Lyão, onde tinham um deposito de mercadorias e um agente especial, encarregado de gerir os seus negocios; e, já no mesmo seculo, fundaram n'essa cidade uma associação, conhecida pelo nome de *Confraria Allemã*, que subsistia ainda no seculo XVII. E essas relações de Nuremberg com Lyão, que se tinham mantido, mesmo na guerra dos *Trinta Annos,* duraram até o meado do seculo XVIII.

Em 1548, os negociantes de Nuremberg, juncta-

---

[1] Sobre estas tres cidades, veja-se tambem *A Historia Economica,* vol. III, pag. 107 e seguintes.

mente com os de Aubsburgo, Ulhm, Constança, Strasburgo, Nordlingue, Memmingue e algumas outras cidades imperiaes, obtiveram de Francisco I, rei da França, diversos privilegios, que lhes foram depois confirmados por Luiz XIII. Mas, apesar d'esse procedimento de Francisco I, Carlos V, seguindo o exemplo do imperador Segismundo, que, em 1418 e 1420, prohibiu todo o commercio internacional com Veneza, prohibição essa que, em todo o caso, ficou sem effeito, Carlos V, dizemos prohibiu tambem ao commercio allemão todas as relações com a França. Esta prohibição modificou-se posteriormente; mas, ainda depois d'isso, em 1676 e 1677, o imperador Leopoldo prohibiu egualmente a importação de todas as mercadorias francezas que podessem usar-se directamente, isto é, que não servissem unicamente de materias primas de qualquer industria.

Essa opressão que pesava sobre o commercio allemão, veiu a abrandar depois da paz de Riswick; e, em 1700, abriram-se negociações, para a Allemanha obter os privilegios de que as cidades imperiaes tinham gosado precedentemente, em França. Mas, tres annos depois, a guerra da *Succcessão* trouxe novas perturbações, que só findaram com a paz de Rostadt, em 1714.

Nuremberg e as cidades hansiaticas tiravam da Hollanda generos coloniaes, como os tiravam egualmente da França, a par de certos productos da industria franceza, que eram muito procurados.

Nuremberg, assim como Erfurt, fizeram tambem, primeiramente, muito commercio com a Italia,

que lhes fornecia os productos orientaes; mas, desde que os Portuguezes appareceram em Anvers, era, por meio d'esta praça, cujos productos os Allemães faziam vir pelo Rheno e pelo Mena, que essas cidades de Nuremberg e Erfurt proviam a Allemanha meridional dos artigos da India.

O saque d'Anvers pelos Hespanhoes, em 1576, e com elle a decadencia d'esta praça, aniquilou esse commercio; e todas as mercadorias que os negociantes de Nuremberg lá tinham em deposito n'aquelle anno, ficaram perdidas.

Para reparar semelhante desastre, Nuremberg redobrou de actividade. Os capitaes, que já não podiam empregar-se nas transacções com os Paizes Baixos, foram empregados na exploração das minas da Hungria, Pensilvania, Bohemia, Tirol, Saxe, etc.; estabeleceram-se na cidade manafacturas de pannos, sêda e meias de sèda; attrairam-se os artistas francezes, irlandezes e italianos, pela concessão de vantagens; e, com tudo isso, os productos fabricados em Nuremberg espalharam-se pelo mundo inteiro.

Em 1728, a cidade tinha um vasto repositorio de mercadorias, que expedia até para o Levante. Um outro ramo que, n'esta epoca, deu tambem grande importancia a Nuremberg, foi o seu movimento bancario; porque, em 1621, criou-se um banco, á imitação do de Veneza, que espalhou os seus capitaes e as suas transacções por toda a Allemanha e pela Italia, França, Paizes Baixos e mesmo Inglaterra.

Além d'isto, os Inglezes, refugiados em Nurem-

berg, estabeleceram ahi uma manufactura de vidros, causando grande prejuiso ás fabricas de Veneza; e, sobretudo, depois que a folha de estanho era fornecida por Henrique Herdegen, batedor de ouro, tambem de Nuremberg.

No meado do seculo XVIII, quando o consumo do café tomou um augmento enorme, esta cidade forneceu metade da Europa de moinhos de café.

Foi, com tudo isto, que Nuremberg se manteve até o fim do periodo, como um dos principaes centros economicos da Allemanha. E, até, para as pequenas obras de metal, madeira e osso, não teve nunca rival, e reinou sobre todos os mercados, durante esta epoca [1].

Vimos egualmente no volume III o esplendor de Augsburgo, tambem na Baviera, na edade media, e como o seu progresso foi sempre auxiliado pela sua boa situação [2]. Embora ella decaisse muito,

---

[1] Dr. Hoffmann, *Histoire du Commerce, de la Geographie et la Navegation,* traducção francesa de J. Duesberg. Não deixaremos de apontar alguns dos homens notaveis que houve em Nuremberg, e que tanto lustre lhe deram, como Alberto Durer, Jeronymo Resch, Pedro Vischer, Pedro Hélé, (o inventor dos relogios que foram chamados *ovos nuremburguezes);* João Lobsinger, que inventou a espingarda de vento, e as prensas de metaes; Rudolph, a quem se deve a invenção do laminador; Traxdorf, o primeiro que introduziu o pedal na construcção do orgão; Cristovão Denner, o inventor do clarinete; Stephan Zick o primeiro que construiu olhos artificiaes. Emfim Nuremberg reclama a honra de ter feito o primeiro pão de especie, e ahi se fundou a primeira cadeira de mathematica.

[2] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 117.

n'este periodo, em todo o caso, constituiu ainda um centro economico muito importante; e essa importancia reflectia-se na opulencia colossal de alguns dos seus moradores, por exemplo, os Fuggers, os Welsers, os Baumgartners.

O chefe da casa Fugger, possuia uma pequena manufactura de tecidos de linho nos arredores da cidade, e com isso enriqueceu, por forma que essa casa chegou a ter escriptorios commerciaes em Gand, Milão e Genova, e a fazer transacções mercantis por toda a parte. Um ramo d'essa familia estabeleceu-se em Hespanha, onde obteve grandes favores [1].

Os Fuggers fizeram, por muitas vezes, emprestimos aos imperadores da Allemanha, Maximiliano I e Carlos V, e a Henrique VIII e Eduardo VI, reis da Inglaterra. Eram os Rotchilds da epoca. O hospicio, conhecido pelo nome de *Fuggerei*, em Augsburgo, é um monumento da sua beneficencia.

Quando Veneza perdeu a preponderancia da sua situação mercantil, o negocio de cambio passou de Nuremberg para Augsburgo [2].

Esta cidade tomou tambem grande parte do movimento da renascença, nas letras e nas artes, e por forma que sairam das suas imprensas muitos e muito bons livros. E representou uma figura importantissima na historia da *Reforma*. O lutheranismo ahi tomou até o nome de *Confissão de*

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 419.

[2] Dr. Hoffmann, *obr. cit.*

Augsburgo, por causa da formula da fé, redigida por Melanchton, que foi entregue solemnemente a Carlos v, em 1530.

Mas, logo veiu a reacção. Augsburgo foi privada das suas liberdades municipaes. O antigo regimen dos nobres foi restabelecido; e, depois, durante a guerra dos *Trinta Annos*, os cercos, as doenças e a miseria reduziram a população a mais de tres quartas partes. Dos setenta mil habitantes que esta cidade tinha, em 1624, só restavam dezesseis mil, em 1635 [1].

Apesar d'isso, ella em breve se restabeleceu, e continuou como importante centro commercial, durante o resto da edade moderna, tendo-se egualmente conservado como centro de negocios de banco em toda a Allemanha, embora Francfort lhe fosse tirando, cada dia, alguma coisa das suas relações com a Italia.

Certas industrias, especialmente a dos ourives, fundidores de bronze e esculptores de madeira, ahi conservaram a sua antiga reputação. Mas o seu gosto foi envelhecendo, pelas innovações da França, que tomou para si a preponderancia d'essas industrias.

Já no III volume, fallámos da admiravel situação economica de Vienna, e do papel importante que ella representou, na edade media.

Essa importancia continuou, na edade moderna.

---

[1] E. Reclus, *Novelle Géographie Universelle, l'Europe Centrale.*

Mas, em todo o caso, os ataques successivos dos Turcos, interrompendo as relações com o oriente, a decadencia mercantil da Italia, a deslocação das correntes commerciaes do Mediterraneo, e a importancia politica tomada pela Prussia fizeram decair bastante o movimento d'esta cidade.

Em compensação, os perigos que Vienna corria, sob a ameaça constante dos Turcos, e a barreira que lhes oppoz, augmentaram a sua gloria, a ponto de que se tornou uma cidade sagrada. Era o principal campo da christandade contra os Mussulmanos; e os dois cercos soffridos por ella, e de que saiu triunfante, graças ao exercito de Carlos v, e depois a Sobieski, em 1529 e 1683, são dos maiores e mais gloriosos acontecimentos da Europa, n'este periodo [1].

Colonia. Vimos no III volume a grandeza que esta cidade attingiu, na edade media, a ponto de que, ainda no seculo xv, disputava a Francfort a honra de ser a metropole da Allemanha [1]. Mas, a descoberta da America fez abandonar os caminhos tradiccionaes do commercio por Veneza e Augsburgo, que iam dar a Colonia.

Além d'isso, as differentes invasões devastaram a região; e as Provincias Unidas dos Paizes Baixos, tornando-se uma das grandes potencias da Europa, fecharam o Rheno aos barcos da Colonia. Por outro lado, esta cidade, altiva dos seus titulos de cidade

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

[2] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 112.

santa e de Roma allemã, e enriquecida pelos innumeraveis peregrinos que vinham contemplar o tumulo dos Reis Magos, não quiz tolerar a estada dos protestantes, que levaram com elles a sua industria e foram enriquecer com ella outras cidades. Assim, de opulenta que era Colonia, tornou-se uma cidade miseravel. As ruas tortuosas converteram-se logo em sentinas, onde o estrangeiro ousava apenas aventurar-se, e onde os mendigos pullulavam por milhares, ás portas das egrejas [1].

Só na epoca contemporanea, se levantou novamente.

Ratisbonna, a antiga cidade gaulleza de Radaspona, está situada no cotovello mais septentrional do Danubio, n'uma posição egual á de Orleans sobre o Loire. Mas tem, a maior que a cidade franceza, a vantagem de se achar no desembocadouro de muitos rios, que para lá convergem, como tantas outras vias abertas pela natureza.

Um pequeno curso de agua, o Regen, que deu a Ratisbonna o seu nome allemão de *Regensburg*, ahi se lança no Danubio, e o seu valle estende-se, precisamente na direcção de uma brecha, que dá facil accesso do Bölmer Wald para a bacia da Bohemia. Um outro rio, o Naab, une-se ao Danubio, n'uma pequena distancia, a montante da cidade; e o seu valle remonta directamente para o norte e para o ponto vital da Allemanha, onde o Fichtelgebirge toca nos montes do angulo occiden-

---

[1] E. Réclus, *obr. cit.*

tal da Bohemia, e tambem no ponto onde se abre a grande porta das nações, entre as planicies septentrionaes e a bacia do Danubio. O valle de Altmühl, que está mais afastado, offerece a Ratisbonna um caminho facil para as regiões do Neckar e do baixo Mena, ao passo que as planicies unidas permittem tocar sem difficuldade os altos valles alpinos do Isar e do Inn.

Rabistonna, onde, além d'isso, a navegação sobre o Dannubio é muito mais facil que a partir das cidades superiores — Ulm, Donauwörth, Inglostadt, era, por isso, um logar appropriado ao entreposto e troca de mercadorias, revelando-se, desde logo, como tal, pelas vias naturaes que vinham cruzar-se lá.

Assim, já de tempos remotos, esta cidade era um grande mercado. Mas, como dissemos no III volume, e pelas razões que lá expozemos, já no fim da edade media, estava muito decaida; e, tambem na edade moderna, por essas mesmas razões, deixou de attingir o seu antigo esplendor [1]. Levantou-se alguma coisa, desde 1663, em que foi séde da dieta do imperio; mas a riqueza antiga e a força do seu antigo movimento commercial é que desappareceram.

Francfort sobre o Mena, que, segundo já fizemos ver no III volume [2], dispunha egualmente de uma boa situação mercantil, por se achar collocada

---

[1] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 115.
[2] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 114.

na margem d'esse rio, e, portanto, communicando facilmente com o Rheno e Danubio, manteve-se, tambem como centro economico muito importante, por todo este perido, devido áquella boa situação, combinada com o seu commercio de cambio, e com as suas feiras annuaes, de que tambem fallámos n'aquelle volume, e que tomaram, cada vez, maior importancia.

Era o grande entreposto da Allemanha meridional. Entre Francfort e Nuremberg havia reciprocidade de direitos aduaneiros [1].

Berlim, embora fosse construida n'um terreno esteril, tinha uma situação admiravel, por estar collocada no meio da região comprehendida entre o Oder e o Elba, e pelos lagos e rios que se ramificam n'este isthmo continental. Por essa situação, tornou-se o entreposto necessario dos generos e mercadorias entre os dois rios; porque, embora os affluentes Havel e Spree não sejam rios importantes, são profundos e navegaveis. Sobretudo, o systema hydrografico do Spree, antes mesmo de ter sido completado por uma rede artificial de vias d'agua, tinha um grande valor commercial. E o centro natural d'este movimento achava-se em Berlim.

Desde o fim do seculo XIII, esta cidade, que era, então, uma republica, e, ao mesmo tempo, a capital d'uma federação, tornou-se o logar principal de toda a Marche de Brandeburgo. Era lá que se realisava a maior parte das assembléas populares.

---

[1] Dr. J. Hoffmann, *obr. cit.*

Escolhida no meio do seculo XV, para ser a capital do Estado, Berlim engrandeceu, pouco a pouco, o circulo da sua acção, e aproveitou, assim, a vantagem geographica d'uma região mais vasta. Reconheceu-se, então, que Berlim não era sómente o grande entreposto commercial entre o Oder e o Elba, mas tambem o centro de gravidade entre a bacia interior d'estes rios.

Segundo a engenhosa comparação d'um escriptor allemão, Berlim dispoz a sua rede entre o Elba e o Oder, como a aranha que estendesse os seus fios entre duas arvores.

Do grande mercado do alto Oder á cidade mais importante do Elba inferior, isto é, de Breslau a Hamburgo, o caminho natural passa por Berlim, e lá se une com outra diagonal, a que leva de Leipzick a Stettim e Swinemünde. Ora a primeira d'estas linhas commerciaes foi precisamente o antigo valle que reunia o Oder ao Elba, pelo leito actual do Spree, valle muito largo para o pequeno rio que encerra.

Admiravelmente situada, quanto aos dois grandes rios da Allemanha, Berlim não o está menos, quanto aos dois mares que banham as costas germanicas.

Por isso, Berlim, com estes dotes naturaes e com a circumstancia de se tornar a capital da Prussia, tomou grande incremento economico, embora, por vezes, soffresse dos revezes que assollaram outras cidades da Allemanha. Por exemplo, com a guerra dos *Trinta Annos*, a sua população ficou reduzida a seis mil habitantes. Mas breve se resta-

beleceu dos desastres soffridos, e a emigração dos artistas da França, Paizes Baixos, e mesmo de outras partes da Allemanha, attraidos pelos reis da Prussia, augmentou a população d'essa capital, e desinvolveu muito a sua industria.

Accresce a tudo isso o cuidado especial que alguns dos imperantes, como o Grande eleitor Frederico Guilherme, Frederico I, Guilherme I e Frederico II, empregaram, para aformosear e engrandecer esta cidade [1].

A cidade episcopal de Spira [2], na Baviera, que já tinha bastante movimento commercial, na edade media, contribuiu, por suas egrejas e conventos, para fazer dar ao Rheno a denominação de *Rua dos Padres.* Mas teve tambem uma grande figura na historia da *Roforma.* Foi lá que, em 1529, se celebrou a dieta que deu origem ao nome de *protestante.*

Quasi inteiramente destruida, em 1689, pelos Francezes, Spira não retomou nunca a importancia que havia tido entre as cidades do Rheno [3].

Worms, a primeira cidade do Gran Ducado do Hesse, e irmã de Spira no destino, appareceu, primeiramente, na edade media, como cidadela dos Vogianos, debaixo do nome gaulez de *Bortimagus;* tornou-se depois cidade romana; e, sob o poder dos Burgondos, foi a cidade por excellencia, em

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

[2] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 112.

[3] E. Reclus, *obr. cit.*

volta da qual se formaram as lendas do cyclo dos Niebelingen. Cidade episcopal como Spira, mas sempre disputada entre os cidadãos e os bispos, tornou-se tambem um dos *boulevards* do protestantismo nascente. Os Judeus foram sempre muito numerosos lá, o que, em todo o caso, animava o seu movimento economico [1].

Sendo tambem saqueada, durante a guerra dos *Trinta Annos*, e depois destruida pelos Francezes, em 1689, levantou-se, pouco a pouco, sem, comtudo, poder attingir a grandeza passada, em que chegou a ter setenta mil habitantes.

Mayença, a Moguncia dos Romanos, capital do Hesse, seguiu tambem a sorte geral das outras cidades. O direito de entreposto de que ella gosava, assim como Spira e Worms, foi abolido, n'esta epoca; e, embora isso refluisse em favor do movimento economico geral da Allemanha, augmentou, certamente, a decadencia d'essa cidade.

Treves, a antiga capital da Belgica sob os Romanos, e depois capital do eleitorado de Treves, tornou-se, n'esta epoca, uma capital religiosa, antes que uma capital politica; e o seu movimento economico diminuiu, como, geralmente, aconteceu em toda a Allemanha, mau grado a bella situação da mesma cidade [2].

Bromberg (Prussia), Marienburgo (Prussia) e Magdburgo, na Saxonia, de que já fallámos no III

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

[2] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 114.

volume, decairam, egualmente, levadas na corrente geral [1].

Erfurt, tambem na Saxonia, perdeu quasi toda a sua importancia como entreposto. E tambem, pela introducção do anil e cochonilha, foi diminuindo a cultura e commercio do pastel e do kermes, que, na edade media, constituia um dos seus grandes recursos economicos. Mas os arredores continuaram a ser bem cultivados, e produziram diversas plantas, muito procuradas, como o anis, o cominho, e a camelina.

Brunswick, embora tivesse perdido muito do esplendor passado, era ainda importante, pelo válor das suas feiras, e por ser o entreposto dos productos d'Elberfold e de outras cidades da Westephalia.

Dantzick, tendo passado para o dominio da Polonia, em 1454, e tendo-se recusado a reconhecer Estevão Bathori, em 1575, foi cercada por elle e tomada, em 1577. E, ainda em 1734, teve de soffrer outro cerco, sustentado pelo rei Estanislau, que se refugiara lá. O júgo da Polonia fez-lhe perder uma parte das franquias liberaes, e aquelles accidentes bellicosos, juntos á decadencia economica da Hansa, e, em geral, de toda a Allemanha, tambem lhe fizeram perder a importancia.

Passau, pertencente á Baviera, desde o seculo

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 120 e 121 — Bouillet, *Dictionnaire Universelle d'Histoire et Géographie.*

VIII, foi o centro de resistencia do mundo christão contra os Avaros, como Vienna o foi, mais tarde, contra os Turcos; e os seus bispos trabalharam em reconquistar as margens do Danubio.

Por toda a parte, na Austria, se elevavam egrejas, construidas por elles; e o seu dominio espiritual estendia-se até o interior da Hungria. Mas os burguezes de Passau, reduzidos a uma estricta obediencia para esses bispos, não poderam nunca ter um centro de commercio e de industria comparavel a Nuremberg. E, além d'isso, as montanhas que se elevam de todas as partes, não lhes deixavam um circulo de população sufficiente.

Leipzick servia de estação intermediaria entre o nordeste e sudeste da Germania; e as suas feiras e o seu commercio de linho continuaram a ser muito notaveis.

Solingen (Prussia — Provincias Rhenanas) e Iserlohn, em Westephalia, eram notaveis por seus artigos de armas, e de toda a especie de metaes; e Elberfold, pelas suas teias de linho coloridas.

Aix-la-Chapelle, paralisada pelas perseguições religiosas, foi despertando, pouco a pouco; e, já no fim do seculo XVII, havia retomado o seu antigo movimento. Nas suas industrias, figurava, sobretudo, a de lanificios.

Salzeburgo era a antiga Juvavum dos Romanos; e mereceu, por sua população ecclesiastica, o nome de *Roma Allemã*. Foi a patria de Mozart.

Hall era notavel pelas minas de prata.

Würzburgo tinha tambem importancia economica, porque traficava directamente com a Hol-

landa; e ahi se entrepunham os productos agricolas da Franconia, como, cereaes, vinhos e madeiras.

Enden, cidade e porto de Hannover, na Friza oriental, sobre o Ems, na sua embocadura do golfo de Dollar, durante a guerra dos *Trinta Annos*, tornou-se muito rica, por causa do seu isolamento, ao norte dos pantanos. Poupada pela guerra, tornou-se tambem um centro consideravel de commercio: tanto mais que este se via obrigado a fugir dos outros portos, expostos aos azares bellicosos [1]. E, para augmentar o seu movimento commercial, accresceu a circumstancia de que os Inglezes, sendo obrigados a deixar Anvers, fizeram de Enden o centro das suas operações com a Allemanha [2].

A Suissa adquiriu definitivamente a sua independencia, na paz de Westephalia, em 1648, embora, de facto, antes d'isso, e desde que houve a primeira insurreição contra o poder da Austria, gosasse já de meia independencia. Por isso, é que mencionamos aqui tambem alguns centros importantes suissos, já na edade moderna.

Genebra, nas margens do Leman, está n'uma posição geografica excellente; porque está á saida do Rheno, no encontro de dois valles importantes, e no cume de um vasto espaço triangular, limitado

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.* — *L'Europe Centrale*.

[2] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

pelos Alpes e pelo Jura. É lá que vem convergir naturalmente os caminhos que se dirigem do centro da Allemanha para a França e para o sul.

Era desde longos seculos o refugio dos perseguidos; de modo que os morticinios é que fizeram viver Genebra. E, como disse Voltaire, esta cidade, constituindo uma republica, dez vezes mais pequena que Athenas, attraiu, durante 150 annos, a vista da Europa; e o seu nome emparelhou com o de Roma, até no tempo em que esta commandava os reis.

Tornou-se muito notavel pela fabricação das joias e relogios; e, durante seculos, foi tambem a rival das grandes cidades, pelo numero dos seus homens illustres nas sciencias e nas letras, por exemplo Rousseau, Horacio de Saussure, Necker, Simondi, Töpffer, Pradier e os Pictet. O proprio Calvino ahi foi professor, e exerceu tal influencia que até foi chamado o *papa de Genebra.*

Bale ou Basilea, segundo o nome portuguez, admiravelmente situada n'um terrasso que domina o grande cotevello do Rheno, á sua entrada na planicie da Alsacia, é a porta commercial da Suissa, do lado da Allemanha, da Alsacia e da França do norte; da mesma forma que Genebra sobre o Rheno é a porta aberta sobre a França do sul.

Bale, já rica e poderosa, muito antes do que Genebra, tornou-se, como esta, um logar de refugio, no tempo da Reforma, e um dos grandes focos de sciencia. Erasmo, Œcolampade ahi professaram; Holbein ahi viveu muito tempo; e Euler e Bernouilli foram seus filhos.

Muitas industrias, especialmente a das fitas, ahi

tiraram grande vantagem da emigração dos refugiados francezes.

S. Gall, apesar da sua altitude de 660 metros e do seu clima rigoroso, tornou-se, depois do seculo XIII, um centro de industria, muito activo para os estofos de linho; e, pelos fins do seculo XVII, a industria algodoeira, destinada a tornar-se a mais importante da Suissa, fez ahi progressos notaveis. As guerras da Inglaterra com a França, nas Indias Orientaes, desde 1756 a 1763, occasionando uma diminuição dos tecidos de algodão na Europa, abriram o mercado europeu aos productos de S. Gall e Zurich. Esses productos acharam grande mercado na Italia e na Hespanha, e de modo que muitas e consideraveis expedições eram dirigidas para Genova; e, depois, grandes quantidades eram reexportadas de lá para Barcellona, Cartagena e outros portos da peninsula iberica. A França, não obstante as restricções das suas tarifas, recebia tambem muitos algodões suissos.

Zurich tinha bastante importancia, pela sua industria, e, especialmente, por essa dos algodões, de que acabámos de fallar.

*

* *

Quanto á moeda, vimos no terceiro volume como era confuso e complicado o systema monetario da Allemanha, na edade media. Essa confusão continuou, na edade moderna, devida principalmente á

desordem do imperio e á faculdade que as cidades, os differentes Estados e os principes tinham de emittir e cunhar moeda, a par do proprio imperador; bem como á circulação das moedas estrangeiras. E, demais a mais, a descoberta da America, trazendo bruscas e seguidas alterações na relação do valor da prata para o ouro, tambem augmentou essa complicação.

Para remediar o mal, tres tentativas se fizeram, logo nas primeiras decadas do seculo XVI. A primeira d'ellas proveiu de Carlos V, na ordenança promulgada em Erslingen, no anno de 1524, em que modificou a relação do ouro e da prata; augmentou o valor nominal da antiga moeda d'ouro, chamada *gulden*; emittiu outras novas moedas da mesma especie; e prohibiu, sobre penas severas, a exportação do ouro e da prata.

Essa ordenança ficou letra morta; e, em 1530, o reichstag de Augsburgo tratou de remediar o mal, realisando e promulgando uma convenção a tal respeito, mas tambem inutilmente. Em 1548, o mesmo reichstag realisou e promulgou outra convenção, com o mesmo proposito; e seguiram-se ainda varios edítos ou ordenanças imperiaes, sem que se pudesse prevenir a desordem e a confusão.

Para prova de tudo isto, damos em seguida uma nota das differentes emissões da moeda com os seus valores.

E apresentamos as correspondencias das moedas allemães, n'esta epoca, em reaes ou reis, e não em escudos ou centavos, por ter sido tambem em reis que, nos volumes anteriores, demos essa cor-

respondencia, quanto ás outras moedas estrangeiras de que lá tratamos, e para, assim, haver homogeneidade na redução de todo o dinheiro estrangeiro a moeda nossa. Acresce que algumas das moedas allemães que vão mencionadas, tinham valor inferior ao centavo.

Em ouro, em 1506, foi emittido pelas cidades de Bomberg, Wurzeburgo e Brandeburgo, o *gulden*, correspondente a 3 florins e 6 kreutzers ou 1$161,6 da nossa antiga moeda [1].

Em 1509, foi emittido pelo reichstag de Francfort o gulden, com o mesmo valor de 1$161,6 rs.

Em 1524, foi emittido, por ordenança imperial de Carlos v, o gulden de 2 florins e 54 kreutzers, que correspondia a 1$079 rs.

Em 1551, foi emittido, por outra ordenança imperial de Carlos v, o gulden do valor de 3 florins e 6 kreutzers ou de 1$161,6 rs.

Em 1559, foi emittido, por ordenança imperial de Fernando I, o gulden do valor de 3 florins e 4 kreutzers, correspondente a 1$149 rs. E foram, egual-

---

[1] O florin, moeda de prata, valia 60 kreutzers ou 375 rs.; nem faça duvida o facto do florim na Austria, segundo a reforma antecedente a 1870, valer 43,5 rs. e ter 100 kreutzers, porque nós estamos tratando de uma epoca muito anterior. E o kreutzer, segundo o valor geral, correspondia a 6,2 rs. approximadamente. O ppfening correspondia a 0,2 rs. da nossa antiga moeda; e, assim, 2 ppfenings correspondiam a 0,4; 5 a 1 real, e 50 a 150 rs. A palavra *schelling* é tambem correspondente ao antigo soldo, que vinha a ser a vigesima parte da libra de Carlos Magno; e cada soldo tinha 12 dinheiros. Como dissemos a pag. 137, a libra equivalia ao franco actual.

mente, emittidos ducados do valor de 1 florim e 44 kreutzers ou de 643 rs.

Em 1585, foram emittidos o *gulden rhenano* e o *thaler de Filippe*, cada qual do valor de 32 kreutzers ou 500 rs.

Em 1596, foi emittido, por emissarios imperiaes em Francfort, o gulden de 80 kreutzers ou 488 rs.

Em 1602, foi emittido o *ducado* de Brandeburgo do valor de 2 florins ou 740 rs.

Em 1601 e 1602, os tres circulos da Franconia, Baviera e Suabia emittiram tambem ducados correspondente ao valor de 2$130 rs.

Em 1623, foram emittidos por João Jorge, duque da Saxonia, pelo Estado de Wurtemberg, pelo arquiduque Leopoldo da Austria, pela cidade de Strasburgo, pelo eleitorado da Saxonia, pelas cidades de Brandeburgo e Francfort, e cada uma d'estas entidades e cidades, de per si, ducados e guldens de differentes valores.

Em 1637, 1659 e 1669, tambem aquelles tres circulos da Franconia, Baviera e Suabia emittiram guldens de valores variados.

Em 1690, Leipzick, emittiu guldens do valor de 2 florins e 56 kreutzers ou de 1$091 rs. e *ducados* do valor de 4 florins ou 1$480 rs.

Em 1695, 1736 e 1738, foram emittidos guldens e *ducados austriacos* do mesmo valor de 4 florins ou 1$480 rs.

Em 1771, foram emittidos tambem pela Austria *ducados kremnitz* do valor de 4 florins e 18 kreutzers ou 1$580 rs., e ducados, chamados *hollandezes*, no valor de 4 florins e 14 kreutzers ou 1$565 rs.

Em 1783, emittiram-se tambem os *ducados imperiaes de Salzeburgo*, bem como ducados, egualmente chamados *hollandezes*, de valores variaveis.

Além d'estas moedas, ainda outras de ouro foram cunhadas, e entre essas, em 1756, o *soberano austriaco*, então, do valor de 6 florins e 11 kreutzers ou 2$317 rs.

Em 1786, o *soberano* de 6 florins ou 40 kreutzers ou do valor de 2$494 rs.

E em 1750 e 1770, *Fredericos* de ouro do valor de 3$760 rs.

Em prata, havia, além de outras moedas, o *thaler*, emittido, em 1655, pelas cidades de Brunswick, Luneburgo, e Hannover; em 1558, pela Saxonia; em 1566, pela auctorisação do reichstag d'Augsburgo; em 1595, por Francfort e Strasburgo; em 1663, pela Saxonia e pelos tres circulos da Franconia, Baviera e Saxonia; em 1667, tambem pela Saxonia e por Brandburgo; em 1669 e 1680, por aquelles tres circulos; em 1681, pelo imperador, em Salzeburgo; em 1690, por Leipzick; em 1691, por Hamburgo, Lubeck e Bremen.

O valor do *thaler* variou, geralmente, de Estado para Estado, e de emissão para emissão, entre 56 rs. e 65 rs. da nossa antiga moeda; sendo, porém, este ultimo valor de 65 rs., aquelle que mais preponderou nas differentes emissões [1].

---

[1] W. A. Shaw, *The History of Currency*.

*

* *

Quanto ás relações commerciaes, já fallámos no IV volume das havidas com os Portuguezes, Hespanhoes, Hollandezes, Inglezes e Francezes. E, no que fica exposto, relativamente aos centros principaes, já vão mencionadas tambem algumas das relações mercantis que a Allemanha tinha com os paizes estrangeiros.

N'esta epoca, as fabricas allemães, á parte a industria linheira, quasi que, em geral, só trabalhavam para o consumo interior, e eram, principalmente, os productos do solo que se exportavam.

Em Portugal, embora a Allemanha expedisse para este paiz differentes mercadorias, a influencia ingleza preponderava de maneira que o commercio de qualquer outra nação não podia adquirir importancia lá. No tocante á Hespanha, é que a Allemanha fornecia mais productos do que recebia. As teias de linho constituiam o principal artigo d'esse fornecimento.

Com a Hollanda só havia tambem trafico importante, na região rhenana, cujos principaes productos — vinhos, fructas, cereaes e madeira, encontravam um grande mercado e um grande desembocadouro em Amsterdam e Rotterdam. E tambem a Westephalia fornecia muitas teias de linho.

Em troca, a Hollanda dava generos coloniaes, sobretudo, especies, tabacos e productos fabricados.

Além d'isso, os Hollandezes effectuavam por sua conta a maior parte das importações allemãs, e possuiam, mesmo na Allemanha, muitas florestas e muitas vinhas.

As exportações da Inglaterra para a Allemanha excediam, egualmente, muito as importações.

Tambem a Allemanha só teve um commercio passivo com a França, que tirava da Franconia e Suabia gado bovino, cavallos, e do littoral allemão, cereaes; e fornecia productos fabricados de muito maior valor, a par do assucar e café e dos vinhos e artigos de moda e de luxo.

Uma grande parte das importações francezas era expedida para os reinos do norte; mas ficava, ainda assim, uma certa quantidade para os proprios mercados allemães. Entre os objectos que compunham estas expedições, figuravam, em primeiro logar, o assucar e o café, e vinham depois os vinhos e artigos da moda e de luxo.

Resta-nos agora fallar das relações da Allemanha com alguns outros povos, de que não tratámos especialmente no volume anterior.

Começando pela Russia, os Hanseaticos, na edade media, tinham uma grande feitoria em Novogorod, que passava por ser a mais antiga e a mais importante das suas feitorias. E, tornando-se, por meio d'ella, senhores do commercio da Russia com os povos estrangeiros, impediram os Russos de criar relações commerciaes com os outros paizes até que Ivan III, cansado de soffrer um monopolio, tão prejudicial aos interesses nacionaes, terminou violentamente com elle, saqueando Novogorod.

E, em 1494, supprimiu a propria feitoria, e confiscou todas as suas mercadorias, e até mesmo a propria mobilia [1].

Então, os Inglezes é que substituiram os Hanseaticos, estabelecendo-se até em Moskou os chamados *negociantes de Moskou*, que depois se constituiram em companhia. E, quando os mesmos Inglezes, em 1558, entraram no mar Branco, e de lá foram áquella cidade, onde Ivan IV, o *Terrivel*, os acolheu admiravelmente, abriram-se, então, as relações commerciaes com a Inglaterra, por parte de Arkangel [2].

Ainda assim, os Allemães, apesar da expulsão da Hansa, continuaram fazendo um certo commercio com a Russia; e ahi se estabeleceram modestamente algumas casas commerciaes, que, em todo o caso, não poderam competir com as da Inglaterra: tanto mais que, no tempo de Pedro, o Grande, os Inglezes obtiveram d'elle grandes favores.

As exportações dos Hanseaticos e Allemães para a Russia consistiam em pannos de Flandres, e mesmo da Inglaterra, lãs communs, teias de linho, ferro de fabricação allemã, sal, arenques, metaes preciosos, e objectos de luxo para uso dos principes e nobres *(boyards)*.

Á somma dos generos que os Hanseaticos ou Allemães tiravam da Russia, ou para serem consu-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 98.
[2] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 700.

midos na Allemanha, ou negociados nos outros paizes, em que elles faziam commercio, eram pelles, cèra, couros da Russia, marroquim, vindo da Persia, linho grosso e linho para velas, cabos, alcatrão, pez, caviar do Volga e mar Caspio, azeite de phoca, dentes de morsa, botões e outros objectos miudos, mica ou vidro da Moskovia, salitre, enxofre e ferro.

A balança commercial era a favor dos Allemães, no tempo do predominio da Hansa; mas, depois, o commercio allemão diminuiu consideravelmente.

Quanto aos paizes do norte, a Hansa exerceu ahi, tambem durante muito tempo, quasi que um dominio absoluto.

A exportação dos productos dinamarquezes e norueguezes estava, então, quasi que sómente na mão dos Hanseaticos. E quanto á Suecia, a mesma Hansa gosava ahi d'uma franquia de direitos, a mais completa, e era mais favorecida que outro qualquer povo.

Sem ter feitorias proprias, lá exerceu o seu dominio, por meios não menos efficazes. Em Stokolmo e n'outras cidades, obteve até a investidura de funcções municipaes; e toda a exportação, bem como todo o provimento da Suecia, passava pelas mãos dos Hanseaticos. A Hansa tinha, demais a mais, interesse em sustentar a independencia do reino, emquanto que este luctou contra a Dinamarca, inimiga dos Hanseaticos; e o auxilio que, n'essas luctas, prestou á Suecia, augmentou a sua influencia.

Em todo o caso, pelo facto da Suecia ser pouco rica e povoada, dos tres paizes scandinavos, foi ella onde a Hansa fez menos commercio.

Com Gustavo Wasa, em 1523, a Suecia libertou-se do predominio da Hansa; e a Dinamarca e Noruega, como já vimos, e havemos de tornar a ver mais detidamente na historia d'esses povos, libertaram-se tambem do mesmo dominio.

Ora, desde que foi terminando o jugo da Hansa, a Allemanha ficou reduzida a um commercio secundario. E acresce que, por um lado, a Suecia protegia, então, as suas industrias, por uma tarifa exagerada, e comprava á Inglaterra, França e Hollanda os artigos mais favorecidos; e, por outro lado, os Inglezes já estavam tão firmemente estabelecidos n'aquelle paiz que não podiam ser facilmente supplantados pelos Allemães.

Assim, abstraindo do commercio que as cidades hansiaticas, apesar da sua decadencia, faziam, como intermediarias com esses povos do norte, o trafico do resto da Allemanha era, relativamente, pouco importante.

Em todo o caso, mesmo n'este commercio reduzido, a Hansa e o resto da Allemanha traziam da Dinamarca, principalmente, cavallos, com que os Allemães remontavam, de ordinario, a sua cavallaria, gado ovino e arenques, emquanto elles não emigraram para o norte, de 1567 a 1644 [1]. Da

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 513.

Noruega, alcatrão, breu e outros productos florestaes; tambem arenques, desde que estes fugiram das costas da Scania; e bem assim pelles de castor e outras. E da Suecia a Hansa os Allemães tiravam tambem principalmente mineraes, productos e oleos vegetaes, e peixes.

A todos esses Estados, a Allemanha fornecia cereaes, alguns artigos industriaes, e, principalmente, teias de linho.

As relações com o Levante e com a Italia eram insignificantes. A Allemanha importava mais productos d'estas regiões do que mandava, e saldava, portanto, a differença a dinheiro.

É que, relativamente ao Levante, depois da guerra dos *Trinta Annos*, as relações commerciaes da Austria foram prejudicadas por uma lucta encarniçada com os Turcos; e eram os Inglezes, Hollandezes e Francezes, que por via do mar, traficavam com essa região. E, sobre o Danubio, as insurreições dos mesmos Turcos tinham embaraçado o commercio e a navegação.

Quanto á Italia, por um lado as possessões da Austria sobre o Adriatico eram insignificantes. Triestre mesmo não passava de uma aldeia de pescadores. E, por outro lado, tudo que essas paragens tinham conservado do commercio, pertencia a Veneza [1].

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 556.

*

* *

As communicações terrestres eram más, pelas pessimas condições naturaes do paiz, interceptado de montanhas, na Alta e Baixa Allemanha, e cheio de pantanos frequentes ou vastos areaes, que se oppunham, egualmente, á construcção de boas estradas.

Com respeito ás communicações fluviaes, a Allemanha, como é sabido, está dotada de muitos rios navegaveis; porém, as muitas portagens, estabelecidas pelos nobres e principes, portagens que vinham já da edade media, e a que, por isso, os mesmos rios estavam sujeitos, inutilisavam em parte as boas condições naturaes d'elles.

Por outro lado, as continuas invasões dos Turcos e o receio d'essas invasões faziam evitar e descurar as communicações do sul; e as guerras incessantes e a pouca segurança que d'ellas resultava, mais embaraçavam todas as relações internas.

Finalmente, para prejudicar as communicações interiores, concorria tambem a falta de canaes.

O primeiro só foi aberto, por iniciativa do Grande eleitor Frederico Guilherme, e tomou d'elle o respectivo nome.

Frederico II continuou os trabalhos do seu predecessor, em Westephalia. Tambem o Rhur foi tornado navegavel por elle, e abriu-se, assim, um desembocadouro á salina de Unna. O canal de Plauen estabeleceu a juncção mais directa entre o

Elba, o Havel e o Spree; o canal de Tinow uniu o Havel ao Oder; e o de Bromberg uniu o Oder ao Vistula. Estas vias navegaveis deram logo uma grande impulsão ao commercio das Marches e das provincias visinhas com a bacia do Elba, Silesia e Polonia; e contribuiram muito para o progresso economico de Berlim, como praça de commercio.

José II abriu tambem outros canaes, e favoreceu muito a aviação terrestre.

Havia uma estrada commercial que conduzia directamente de Francfort a Leipzick. E, em 1571, foi organisado para uso dos mercadores viajantes, e sob o nome de *carruagens de conducção*, o primeiro serviço do correio, com estações e mudas de cavallos.

*
* *

Em conclusão. A Allemanha, que, por meio da Liga Hanseatica, se elevara, na edade media, a uma situação primordial na Europa, e, certamente, á cathegoria de terceira potencia commercial, por vir, então, logo após de Veneza e dos Paizes Baixos, desceu consideravelmente, na epoca moderna, podendo dizer-se que foi apenas a sombra do seu antigo esplendor.

Contribuiu, sobretudo, para isso a queda da Hansa, pela guerra commercial que a Inglaterra e Hollanda lhe fizeram, e pelo despertamento e rivalidade dos outros povos do norte; e, além d'isso, a divisão do imperio allemão, n'um grande

numero de pequenos Estados e investiduras de duques, principes, condes, cidades imperiaes e cidades com interesses differentes; a serie de linhas aduaneiras, estabelecidas pelos imperantes e por todos esses pequenos regulos; a falta de iniciativa economica dos seus imperadores, em que, demais a mais, o egoismo politico prejudicava a expansão geral da industria e commercio; os azares e destruição, provenientes das guerras, talando os campos e povoações, cerceando a população, e desviando os camponezes da agricultura; o descobrimento d'America, fazendo que as mercadorias asiaticas deixassem de cruzar os Alpes, para se dirigirem aos centros da Europa, e que, por isso, o commercio de transito deixasse de fecundar as praças collocadas na area do Rheno e Danubio; a audacia dos Turcos e as suas invasões até ás portas de Vienna; e, em summa todas as causas que já apontamos, a pag. 191 e seguintes, que alquebraram o paiz e diminuiram grandemente as suas fontes economicas. Tudo isto fez que a Allemanha perdesse, n'este periodo, a eminente posição economica que teve na edade media.

Em todo o caso, a immigração dos protestantes da França reanimou a industria, e, portanto, o commercio da Allemanha. Na Prussia, imperantes zelosos, activos, e bem compenetrados dos verdadeiros interesses da nação, souberam despertal-a do seu quebrantamento. E, ao passo que, no sul o espirito reaccionario dos imperadores e o exaggero d'um exclusivo formalismo catholico augmentava o retrocesso, ao contrario d'isso, em todo o

norte, o movimento da *Reforma*, e com elle o espirito de independencia e liberdade, alargou a esfera do pensamento humano, e, sequentemente, a expansão pacifica do trabalho.

Mas a grandeza maior da Allemanha, esse potentoso laboratorio da industria e commercio, essa expansão maravilhosa da sciencia e do trabalho, essa epopeia continuada de descobertas e emprezas economicas, estava reservada para a edade contemporanea.

CAPITULO VII

Dinamarca e Noruega

Ligeiro esboço da sua historia politica, na edade moderna

Como a Noruega, até o fim da edade moderna, andou quasi sempre unida á Dinamarca, e, nos intervallos em que esteve separada, tambem, regra geral, andou unida á Suecia, sendo, relativamente insignificantes, os periodos em que esteve independente de qualquer d'esses Estados, d'ella trataremos agora, conjunctamente com a Dinamarca. E, da mesma forma, nos referiremos, egualmente, á Noruega, no tempo em que esteve unida á Suecia, quando tratarmos d'este ultimo paiz.

Ora, a historia da Dinamarca e Noruega começa a desanuviar-se no seculo IX, com a expedição dos Normandos [1].

Um dos primeiros reis sobre que ha noticias minuciosas, foi Herold ou Harald, conhecido pela

---

[1] Como, nos volumes antecedentes, não tratámos especialmente da Dinamarca e Noruega, começamos agora a exposição da sua historia politica, desde o tempo em que essa historia principiou a desanuviar-se.

alcunha do *Dente Azul*. Já n'esse tempo (930), a Dinamarca abrangia a Jutlandia e ilhas dinamarquezas. Harald conquistou a Noruega, mas perdeu logo essa conquista, por tratar de fazer outras mais sobre os Estados d'Otton I da Allemanha; e de modo que este imperador, para lhe conceder a paz, obrigou-o mesmo a adoptar o christianismo. Com Swen, successor de Harald, começaram as irrupções na Inglaterra, d'onde, cada vez, os Dinamarquezes traziam grande somma de dinheiro, que os reis inglezes lhes davam, para elles abandonarem o territorio; até que o rei dinamarquez Canuto póde dominar toda a Inglaterra (1017), e conquistar tambem a Noruega.

Por morte de Canuto (1036), dos seus tres filhos, o Swen, tambem chamado Swen-Othon, por ter sido baptisado, quando Othon foi á Dinamarca, ficou tendo a Noruega; Harald, a Inglaterra; e Hardi Canuto, a Dinamarca.

Tendo morrido Harald, Hardi Canuto apossou-se tambem da Inglaterra; mas, d'ahi por diante, os Dinamarquezes que lá se achavam estabelecidos, confundiram-se tanto com as raças d'esse paiz que já não se distinguiram d'ellas. Seguiu-se uma serie de reis; a saber, Magno, rei da Noruega, para cujo dominio passaram os Dinamarquezes (1042); Harald II, sob cujo reinado se separou outra vez a Dinamarca; Swen II e outros, até Waldemar, o Grande (1157), que foi um rei notavel, não só pela gloria militar que adquiriu, como tambem pela organisação interna do reino; Canuto VI (1182); Waldemar II (1202), que foi tambem outro grande

rei; Eric IV (1241); Christovão I (1252); Eric V (1259); Eric VI (1286); Christovão II (1320); emfim, Waldemar III, seu filho (1340).

Durante o reinado d'esses reis, a nação andou sempre agitada, pelas discordias dos nobres e pelas pretensões do clero. Especialmente a Dinamarca foi reduzida a um grande abatimento, de forma que tambem uma grande parte do seu territorio, como, por exemplo, o Holstein, lhe foi conquistado.

Waldemar III (1340-1376) pôde resgatar o reino. Conseguiu casar sua filha Margarida com o rei da Suecia, Haken, e, por morte d'este, foi ella proclamada rainha dos tres paizes — Suecia, Noruega e Dinamarca (1387), embora para isso tivesse de luctar contra Albrecht, que fôra tambem proclamado, por alguns nobres, rei da Suecia.

Essa rainha (1376-1418) fez proclamar como successor a seu sobrinho Eric; e, um anno depois (1397), fez celebrar a *União de Calmar*. Por esta *União*, toda a nação, representada n'um certo numero de eleitores, tinha o direito de eleger o rei, preferindo um membro da familia de Eric, (o successor designado por Margarida), se fosse digno d'isso; mas podendo, em todo o caso, eleger até qualquer estrangeiro [1].

Foi uma grande rainha, que tratou muito das artes, e desinvolveu muito os seus Estados.

Eric VII, apenas subiu ao trono (1418-1440),

---

[1] Jules Martin, *Gustavo Wasa et La Reforme en Suéde* — P. Lami. *Resumé de l'Histoire de Danemark.*

começou por tentar a conquista do Holstein; mas, depois de enormes sacrificios de gente e dinheiro, teve de fazer uma paz vergonhosa com os condes de Holstein. Os Suecos, indignados por haverem perdido tanta gente, n'uma empreza de tão mau resultado, e pelo pequeno cuidado que Eric prestava á Suecia, e pela oppressão que sobre ella exercia, levantaram-se contra elle; e chegaram a lavrar o auto de deposição do mesmo rei. D'ahi, a guerra entre os tres Estados, e a lucta civil, na propria Suecia, até que, por fim, os Dinamarquezes sempre realisaram a deposição de Eric VII, e o substituiram por Christovão da Baviera (1440-1448), que, tendo reinado com prudencia, sob o nome de Christovão III, morreu, em 1448.

Por morte de Christovão III, Canutson, que, em sua vida, tinha conseguido fazer-se eleger rei da Suecia, sob o nome de Carlos VIII, renovou as suas pretensões ao trono da Dinamarca. O senado dinamarquez, porém, deferiu a corôa a Christiano d'Oldemburgo (1448-1481), que descendia do rei Eric V, e se tornou o chefe da dynastia d'Oldemburgo.

A partir d'esta epoca, o senado, cujas funcções anteriormente se tinham limitado a vigiar e aconselhar, arrogou-se o direito de eleger os reis, E, na *capitulação* que Christiano I teve de assignar, consignou-se, bem terminantemente, em diversos artigos, o predominio da nobreza.

A Noruega dividiu-se tambem em dois partidos, um que optava por Canutson, e outro, por Christiano I: e d'ahi, a guerra entre a Suecia, Noruega e Dinamarca. N'esta guerra, venceu, primeiramente,

Canutson. Mas, depois, tendo obrigado a Egreja a justificar o direito dos bens que possuia, sob pena d'estes entrarem no dominio da corôa, levantou-se tambem o clero contra elle, com o auxilio do arcebispo de Upsal; e Canutson foi vencido.

Ficando, assim, Christiano vencedor, junctou novamente ao seu poder os tres reinos, e soube tambem adquirir o Holstein e Sleswig (1463). Hamburgo, já então muito florescente, prestou, egualmente, homenagem ao novo rei; e este ampliou os privilegios dos nobres e clero, a ponto d'isentar de direitos fiscaes as mercadorias que os seus membros fizessem vir do estrangeiro para uso proprio.

Entretanto, o arcebispo de Upsal, que tinha ajudado a expulsar Canutson, queria succeder lhe; e, por isso, Christiano o prendeu, e substituiu por Kettil. Mas esse tambem levantou depois uma revolução contra o rei, e fez vir Canutson. Christiano deu, então, liberdade ao arcebispo de Upsal, e, por intervenção d'este, que chamou a si o clero, pôde expulsar novamente Canutson.

Os principaes obstaculos ao successo de Christiano I eram a penuria extrema das finanças; e de modo que, não podendo elle até pagar o dote de sua filha Margarida, casada com o rei da Escocia, Jayme III, empenhou a este principe as ilhas Orcadas e Shetland, que a corôa da Noruega, assim, perdeu para sempre.

Christiano quiz ainda conquistar a Suecia, mas foi derrotado por Steen-Sture, administrador do reino (1470), que, por indicação de Carlos VIII, lhe

succedera como tal. Por fim, tendo-se levantado contra o mesmo Christiano varias perturbações, na propria Dinamarca, fez elle voto de ir á Terra Santa; e, arrependendo-se depois, para ser dispensado d'esse voto, foi ter com o papa a Roma, que só o dispensou, á custa de differentes privilegios para a Egreja. Foi Christiano I que fundou a Universidade de Copenhague, para o que obteve, como era proprio d'esses tempos, a permissão do mesmo papa.

Succedeu-lhe seu filho João II (1481-1512), que, ao cabo de dois annos, pôde ser tambem proclamado rei da Noruega. Na Suecia, governava Steen-Sture, e ambos elles se prepararam para a guerra. Entretanto, João II expurgava as costas da Noruega dos piratas inglezes e francezes, e Sture defendia a Finlandia contra as crueis excursões dos Russos. Por fim, o czar da Russia Iwan Wasilievitch acceitou a alliança que lhe propoz o rei João, já unido aos Inglezes por um tratado commercial.

Então, com um grande exercito, onde havia já mercenarios suissos, o rei João invadiu a Suecia; e, depois d'uma lucta desesperada, chegou a intender-se com Sture, no sentido d'este resignar o seu titulo de administrador e ficar grande marechal do reino, o que lhe devia conservar quasi toda a antiga auctoridade; e elle João II ser proclamado tambem rei da Suecia.

Este rei lembrou-se, depois, de submetter, efficazmente, a pequena republica dos Dithmarsos. Essa republica tinha sido incorporada nominalmente no

ducado de Holstein, quando Christiano I recebeu do imperador Frederico a investidura d'esse ducado. Mas os Dithmarsos tinham-se inquietado pouco de tal investidura, e continuaram a viver em republica, sob a protecção do arcebispo de Bremen. Ora, n'essa lucta com João II, quebraram elles os diques, enguliram nas aguas parte do exercito dinamarquez, e mataram o resto, de forma que o proprio João II, só a custo se póde escapar (1500).

Este desastre fez-lhe perder a auctoridade; e, com isso, levantaram-se novamente a Suecia e Noruega contra o seu dominio, e Steen-Sture foi novamente proclamado governador.

Morrendo Steen-Sture, succedeu-lhe como administrador Swante-Sture, que tinha um dos nomes do precedente administrador, sem pertencer á sua familia; e a Swante Sture succedeu Steen, o Joven.

Durante estas administrações, continuou a guerra com João II.

Por morte de João II, subiu ao trono Christiano II [1] (Christiern II) (1512-1524). Em vez de procurar uma esposa no seio d'alguma familia illustre, segundo o costume adoptado pelos principes do seu tempo, tirou elle d'uma estalagem da cidade de Bergen, na Noruega, duas hollandezas, Dyveke e sua mãe Sigbritte. Da primeira fez uma sua amante, e da segunda, uma sua conselheira intima. E fez

[1] M. Williams, na *Histoire des Governemens du Nord*, traducção franceza, bem como Jules Martin, no livro *Gustavo Wasa, et La Reforme de la Suéde,* dizem *Christiern II.*

tambem d'um barbeiro de Westephalia, Dideric Slagheck, o seu ministro.

Reduziu por lei, n'algumas das provincias, a tres annos o tempo em que os nobres podiam perseguir e fazer castigar os lavradores que tivessem passado do seu dominio para o dominio de outro senhor; quando, antes d'isso, a prescripção era de vinte annos. Este melhoramento do estado das pessoas, a aversão de Christiano pelo clero, depois do supplicio do bispo norueguez Hammer, que o tinha excommungado, o seu afastamento dos grandes do reino, e a humilhação que lhes fazia soffrer, concorreram para o tornar popular.

Fez um tratado com os Inglezes, que livrou as costas do reino das continuas excursões dos piratas. Por um outro tratado, abriu aos Dinamarquezes o commercio de Novogorod e de toda a Russia, e pôde conseguir o casamento com a irmã de Carlos v — Isabel da Austria, com a qual veiu uma pequena colonia de Flamengos. E essa colonia, estabelecendo-se logo na ilha de Amack, diante de Copenhague, occupou-se com proveito da cultura dos legumes e da industria de lacticinios.

Apesar, porém, do seu casamento, continuaram as relações com a amante Dyveke; e, da mesma forma, continuou a preponderancia da mãe d'ella, Sigbritte, e de modo tal, que esta chegou a tornar-se como um seu primeiro ministro. Administrava as finanças; dava ordens aos officiaes de terra e mar; e recebia os seus relatorios. Foi até encarregada da educação do principe real. O barbeiro de Westephalia, Dideric Slagheck, feito minis-

tro pelo mesmo Christiano, reivindicou tambem uma parte importante na administração publica.

Tratou depois Christiano de tomar a corôa da Suecia. O arcebispo de Upsal, Trolle, favorecia as suas pretensões; e, n'esse tempo, este arcebispo, como primaz, era o maior poder da Suecia. Com tal auxilio pôde elle effectivamente, conquistar essa corôa, e, depois, estimulado tambem por Sigbritte e Dideric Slagheck, afogou em sangue a Suecia, matando quasi todos os nobres, atrocidade essa que foi ainda secundada por Trolle.

Por fim, a Suecia pôde levantar-se, á voz de Gustavo Wasa, e a propria Dinamarca, onde o rei exerceu crueis horrores, indignada contra elle, o depoz, nomeando em seu logar o tio Frederico, 1.º duque de Holstein (1524-1534).

Christiano II é appellidado por alguns escriptores o *Nero do norte*, appellido que elle mereceu, pelas suas crueldades e torpezas. Mas, apesar d'isso, alguma coisa fez de bom a favor do movimento economico e social da Dinamarca; por exemplo, pôr termo ás rapinas do clero e da nobreza, auctorisar os lavradores a passar de um senhorio para outro, quando fossem maltratados, decretar que a faculdade de vender e dar os pobres lavradores como animaes era cousa má, abolir o direito de naufragio [1], e prohibir o matar e roubar os naufragos: direitos e costumes esses que eram até proclamados pela propria egreja dinamarqueza.

---

[1] Sobre este direito, *A Historia Economica*, vol. II, pag. 175.

Frederico I, assignou a paz com Gustavo Wasa, em 1527, e, n'esse mesmo anno, adoptou o lutheranismo.

Christiano pôde ainda arranjar um partido na Noruega, e levantar a revolução lá; mas, sendo, afinal, mandado prender por Frederico I (1532), veiu a morrer n'uma prisão. Toda a Noruega entrou, assim, novamente, na obediencia dos reis da Dinamarca.

A Frederico I succedeu-lhe seu filho Christiano III (1534-1559). Este fez tambem proclamar o lutheranismo como religião do Estado. Teve de sustentar uma guerra accesa contra a Liga Hanseatica; e esteve a ponto de sustentar outra com a Suecia, onde Gustavo Wasa tinha feito proclamar a hereditariedade na sua familia.

Falleceu, em 1559, e succedeu-lhe Frederico II, seu filho (1559-1588). Esse começou por subjugar os Dithmarsos, que, da mesma forma que tinha acontecido, em 1500, offereceram uma resistencia desesperada, até que succumbiram quasi todos.

Tendo o rei da Suecia, Eric XIV, pedido que elle riscasse a corôa da Suecia das armas e sellos da Dinamarca, e não querendo Frederico acceder, aquelle rei poz tambem nas armas da Suecia a corôa da Dinamarca e da Noruega. D'ahi, a guerra que terminou, em 1568, pelo tratado de Roschild, repondo-se as coisas no pé em que estavam. Mas, ateando-se de novo a lucta, findou ella pelo congresso de Stettin (1570), onde se pactuou que os dois Estados podiam compor as armas ou bandeiras nacionaes, como quizessem.

Os ultimos dezoito annos do reinado de Eric XIV foram destinados ás artes do paiz e desinvolvimento das sciencias. Foi, então, que floresceu Tycho-Brahe.

Succedeu-lhe Christiano IV, ainda menor (1522-1648); e, logo que chegou á maioridade, a nobreza fez-lhe assignar uma *carta* em que obtinha grandes privilegios; e, entre esses, que os bens senhoriaes só poderiam ser alienados a nobres.

Christiano, logo no principio do seu reinado, segundo o uso dos seus predecessores, percorreu as provincias; mas, d'esta vez, essa visita não foi meramente espectaculosa, como as dos seus passados, antes elle estudou cuidadosamente os recursos do reino.

A nobreza tinha quasi todo o commercio exterior, todos os governos provinciaes e os portos mais importantes; e o povo, apesar de acabrunhado de corveas, restricto na sua industria, e simplesmente proprietario de alguns pedaços de terra, é que devia supprir todas as despesas do Estado e da côrte.

Ora, o rei quiz estender a todos os dinamarquezes os cargos publicos e pedir tambem subsidios á nobreza; mas o senado não adheriu.

Tambem os projectos commerciaes que a grandeza de Hamburgo, então pertencente á Dinamarca, tinha suggerido, não obtiveram a approvação dos nobres, cada vez mais avaros dos seus privilegios. Mas, apesar dos obstaculos que o rei achava, não deixou elle de animar a marinha, construir um arsenal, e dar á Noruega um codigo que se dis-

tinguia dos precedentes, por uma distribuição mais feliz das materias, e por sabias disposições. Este rei fechou tambem a entrada do reino aos jesuitas e aos seus adeptos.

Uma expedição, commandada pelo almirante Knight, foi procurar a Groenlandia, perdida para a Dinamarca e para a Europa, desde o seculo XIV. E achou, com effeito, essa região, mas não a cidade de Garde e os colonos norueguezes que a tinham povoado.

Em todo o caso, a Dinamarca perdeu a Laponia, que o rei da Suecia, Carlos IX, foi invadindo, pouco a pouco, até que se atreveu a intitular-se rei da Laponia. Os nobres, amollecidos nos seus privilegios, não queriam a guerra; mas Christiano IV póde organisar uma armada, e a guerra com a Suecia foi declarada.

Esta guerra, que foi começada sob Carlos IX da Suecia, continuou com seu filho Gustavo Adolpho, que fez a paz com Christiano, renunciando ás suas pretenções sobre a Laponia, iseutando de todo o direito as mercadorias dinamarquezas, e pagando a indemnisação d'um milhão de rixdalers correspondente a mil contos da nossa moeda. Em compensação, a Dinamarca diminuiu os direitos de portagem do Sund, cuja enormidade tinha prejudicado o commercio dos Hollandezes e Luberquezes, e excitado vivas reclamações (1613).

A exemplo dos Batavos, os Dinamarquezes entabolaram transacções commerciaes com a ilha de Ceylão; e uma das suas esquadras foi lançar na costa de Coromandel os fundamentos da cidade de

Trianquebar, colonia essa cujo commercio, tendo, em seguida, sido abandonado a uma companhia, tomou depois grande incremento.

Christiano IV desinvolveu tambem a industria dos seus Estados. Criou em Copenhague uma escola de pilotagem e uma fundição de canhões; e favoreceu o estabelecimento de muitas fabricas de pannos, sêdas, saboarias, refinações de assucar, sal e salitre.

A descoberta de uma rica mina de prata da Christiania deu tambem actividade á exploração d'esse mineral.

A agricultura fazia progressos; e a construcção de muitas cidades novas attestava o accrescimo da população e das riquezas materiaes.

Em 1625, sendo instado pelos principes protestantes, para se pôr á frente dos confederados protestantes, por causa das victorias que os imperiaes catholicos iam alcançando, annuiu ao pedido. Esta guerra, em que a Dinamarca, em breve, se viu abandonada dos mesmos principes, e experimentou grandes revezes, e na qual veiu tambem a entrar Gustavo Adolpho, alliado intimamente com Christiano, terminou, em 1629, pelo tratado de Lubeck. E, por esse tratado, foram restituidas á Dinamarca as praças que lhe haviam sido tomadas.

Hamburgo aproveitou esta occasião, para passar para o poder de Fernando, imperador da Austria, não aproveitando, então, nada com isto, a não ser a mudança de senhor.

As exacções dos generaes do imperador e os abusos dos catholicos, molestando por toda a

parte os protestantes, reanimaram a sua coragem abatida, e os prepararam para a revolta, quando Gustavo Adolpho se declarou seu protector, e invadiu a Allemanha. Christiano, porém, conservou-se estranho a esta nova guerra, que terminou, pela paz de Westephalia.

Christiano, pois, não quiz entrar n'essa nova guerra; mas, á força de empregar todos os esforços para ficar neutral, descontentou os vencedores e os vencidos. Por isso, os Suecos invadiram a Jutlandia, e quizeram tomar as outras possessões dinamarquezas; e Christiano viu-se obrigado a fazer, em 1645, a paz de Bromsebro, que libertou os vencedores dos direitos do Sund, e lhes entregou a provincia de Iemptelandia, uma parte da Hallandia e as ilhas de Gotland e Oesel.

Este rei applicou seus ultimos annos a curar as feridas da guerra, pelas artes pacificas do trabalho. Das cidades que fundou, a mais importante foi Christiania, edificada nas ruinas de Opsolo, antiga capital da Noruega, destruida, em 1624, por um incendio. Fundou tambem Christiansand, Christianstad, Christianopel, e a fortaleza de Gluckstad.

Falleceu, em 1648.

Succedeu-lhe seu filho Frederico v (1648-1670), que, logo que subiu ao trono, se viu obrigado a assignar uma *capitulação*, em que alargou ainda mais os privilegios da nobreza.

Para reparar as feridas financeiras, expulsou os Judeus, afim de lhes apprehender os bens, e decretou varias leis sumptuarias. Nada indica melhor a penuria a que elle se viu reduzido que o abandono

que fez aos Hollandezes dos direitos do Sund, por uma pensão annual de 150 mil florins.

Em breve rebentou a guerra contra os Suecos, estimulada em parte por dois membros da regencia da Dinamarca, por morte de Christiano, Uhlfeld e Sehested.

Aconteceu, porém, que, tendo a rainha Christina da Suecia abdicado em favor de Carlos Gustavo, que tomou conta do governo, invadiu elle a Polonia, e combateu contra os Russos; e, acudindo, depois, do fundo da Polonia á Jutlandia, em breve conquistou esta peninsula, e se apoderou das ilhas de Fionia, Longeland, Laland, e por fim, da propria Seelandia. A guerra terminou, já depois da morte de Carlos Gustavo, pelo tratado de 1660, em que a Suecia alcançou a Scania, Hallandia e Blekinge.

Esta guerra tinha deixado o paiz n'um estado desgraçado, e os burguezes, que tinham supportado os encargos, e que estavam causados da vexação da nobreza, combinados com o rei, fizeram um movimento, pelo qual foi proclamado o systema absoluto. Cansados de muitos senhores, concentraram os poderes n'um só (1660); e esses poderes absolutos do rei foram consignados na *Lei Real*, que, algumas vezes, tem sido chamada a *Constituição da Dinamarca*, redigida por Schumacker.

A Frederico III succedeu Christiano V (1670-1699); e Schumacker adquiriu tal preponderancia que já governava mais que o rei e a rainha, e opprimia toda a nação. Christiano V, despeitado pelo ascendente que elle tinha tomado, fel-o condemnar á

morte; e tendo-o feito ir até o ponto de pôr no cadafalso a cabeça para o supplicio, perdoou-lhe essa morte, mas fel-o encerrar n'uma prisão, onde falleceu, depois de 23 annos de captiveiro [1].

Entretanto, a guerra contra a Suecia, já começada no tempo da influencia de Schumaker (conde de Grisffendeld), progredia com vantagem para os Dinamarquezes. Os Hollandezes tinham tambem entrado n'ella, e o almirante Tromp assolava as costas suecas. Esta guerra terminou, pela paz de 1679, que, graças á intervenção de Luiz XIV, restituiu á Suecia differentes praças que lhe tinham sido tomadas.

Christiano V falleceu, em 1699.

Quando falleceu, estava para entrar em nòva guerra contra o duque d'Holstein-Gottorp.

Succedeu-lhe seu filho Frederico IV (1699-1730), que, podendo desistir d'essa guerra, optou por ella. Alliando-se com o czar e com Augusto, rei da Polonia, julgava triunfar facilmente; mas os Suecos, Hanoverianos e Hollandezes, que se armaram ao mesmo tempo contra a Dinamarca, tornaram a lucta muito difficil e muito séria, a ponto que Frederico teve de implorar a paz, e sómente a obteve, por uma grande indemnisação pecuniaria. Vendo elle que os escravos não podiam ser bons soldados, emancipou todos os camponezes, e organisou militarmente o seu Estado. Então, continuou a guerra com a Suecia, guerra essa em que a paz sómente

[1] Victor Hugo, *Han de Islandia.*

se fez, por morte de Carlos XII, rei da Suecia, ficando a Dinamarca na posse de Sleswig, e recebendo uma grossa indemnisação d'aquelle Estado.

Os ultimos tempos de Frederico IV foram empregados nas artes pacificas do trabalho. Entre as animações dadas ao commercio, deve notar-se a criação de uma camara de seguros maritimos e as expedições enviadas á India e á Groenlandia. O chefe da expedição da Groenlandia foi um ministro protestante, João Égede, que, depois de varias indagações, para descobrir os antigos colonos da Terra Verde, estabeleceu-se elle mesmo no meio dos naturaes, aprendeu a sua lingua, e foi o fundador dos pequenos estabelecimentos que ainda hoje a Dinamarca lá possue.

O rei falleceu, em 1730. Era muito devoto; mas, ainda assim, tratou de desinvolver a instrucção, a ponto que estabeleceu duzentas e cincoenta escolas. Teve, porém, a desgraçada ideia de britar moeda, o que produziu no reino grandes embaraços economicos.

Succedeu-lhe Christiano VI (1730-1746). Ao passo que Frederico IV era de tendencias liberaes, o filho voltou á torrente despotica. E sujeitou novamente os lavradores á servidão, obrigando-os ao serviço militar.

Em todo o caso, o seu reinado não foi perturbado pela guerra; e, assim, pôde desinvolver-se o commercio. Uma *Companhia das Indias Occidentaes* obteve importantes privilegios; e, comprando a ilha de Santa Cruz á França, pela prosperidade d'ella, excitou o ciume dos Hollandezes e Inglezes.

Foi criado um banco publico em Copenhague, o qual, em breve, se tornou muito util e popular. Criou-se tambem uma academia real das sciencias; e desinvolveu-se o commercio.

Este rei, falleceu, em 1746, e succedeu-lhe seu filho, Frederico v, em cujo reinado (1746-1766) progrediu muito o desinvolvimento do commercio e da industria. A agricultura prosperou, egualmente, e para isso contribuiu o estabelecimento dos emigrados francezes na Jutlandia. A fabricação dos lanificios deveu grande aperfeiçoamento a quatrocentos estrangeiros, reunidos na ilha de Tassing. E o commercio dinamarquez, na America, tornou-se inteiramente livre, pela aquisição da ilha de Santa Cruz, que o Governo comprou áquella *Companhia das Indias Occidentaes.*

Frederico v falleceu, em 1766, e succedeu-lhe Christiano VII (1766-1784). Este, desde que o medico Struensée alcançou a sua confiança, e se intrometteu nos negocios publicos, começou a fazer differentes reformas liberaes, e, entre essas, a de liberdade d'imprensa.

Contra esse Struensée armou-se uma conspiração palaciana, que póde arrancar ao rei a condemnação d'elle, como do seu confidente, conde de Brand. A propria rainha Mathilde foi presa, e só se livrou da morte, por intervenção do rei de Inglaterra, George III, seu irmão.

A estes factos seguiu-se no Governo uma reacção anti-liberal. O rei, em consequencia de certas bebidas que lhe dera sua mãe, a rainha Julia, caira n'um estado de imbecilidade; e quem, na realidade,

governava era a mesma rainha Julia, ou antes o seu ministro, Owe Guldberg. N'este tempo, o Holstein uniu-se novamente ao reino da Dinamarca.

Esta administração durou doze annos, até que Frederico VI, filho do rei, sequioso de vingar a mãe e Struensée, embora de dezasseis annos, tomou, sem grande difficuldade, conta da corôa, ajudado dos conselhos de André Bernstorf, seu ministro e cooperador politico.

Frederico VI começou, por isso, a governar, em 1784, embora só tomasse o titulo de rei, em 1808, pela morte do pae.

Em 1788, aboliu a servidão da gleba. Aboliu tambem o trafico da escravatura, e foi elle o primeiro rei que a aboliu. Mas a morte do ministro fez revogar a maior parte das medidas liberaes, e, entre ellas, a da liberdade d'imprensa.

A Dinamarca, desejando sustentar a sua neutralidade, no meio das luctas de Napoleão, teve, por isso mesmo, d'entrar em guerra com a Inglaterra (1801), que lhe arrestou e tomou alguns navios; e que, em seguida, lhe tomou tambem Copenhague.

Em consequencia das guerras napoleonicas, a Dinamarca veiu a perder a Noruega, que foi dada á Suecia, pelo tratado de Abo (1813). Mas estes ultimos factos já não pertencem á edade moderna [1].

---

[1] M. Williams, *Histoire des Gouvernemens du Nord*, traducção franceza — A. Geffroy, *Histoire des Etats Scandinaves* — P. Lami, *Résumé de l'Histoire de Danemark* — U. Weitmeyer *Le Danemark* — Mallet, *Histoire de Danemark*.

CAPITULO VIII

Movimento economico da parte colonial

Como a situação geographica da Dinamarca e da Noruega e os costumes e a educação dos habitantes impelliam ambos esses paizes para as explorações maritimas e coloniaes — — Como os Norueguezes, no seculo x, tinham visitado a Islandia, a Ilha de Feroé, a Groenlandia, as costas do Lavrador e a Terra Nova; e como essas descobertas tinham caido no inteiro esquecimento — Nova descoberta da Groenlandia, no seculo xvi — Como a Dinamarca, só no seculo xviii, é que principiou a commerciar com essa região — Companhias privilegiadas que se criaram para o commercio com a Islandia e ilha Feroé — Decadencia e liquidação d'essas companhias — Exploração do commercio da Groenlandia, por conta da corôa — Expedição enviada, em 1671, ás Antilhas e occupação de S. Thomé — Exploração d'essa ilha pelos colonos dinamarquezes — Occupação posterior das ilhas de S. João e Santa Cruz, e exploração economica d'ellas.

Quanto ás Indias Orientaes, como Boschower, que tinha estado, em Ceylão e alcançara as boas graças do principe d'essa ilha, sendo repudiado pela sua patria, foi offerecer os seus serviços a Christiano iv — Expedição formada, sob a direcção d'elle, para explorar o commercio asiatico, e companhia organisada para isso — Morte de Boschower, e como os Dinamarquezes se viram reduzidos a abordar a Tanjore — Estabelecimento d'elles n'esse territorio e edificação de Tranquebar — Augmento do commercio de Tranquebar e

condições favoraveis para esse augmento — Decadencia posterior do mesmo commercio e liquidação da referida companhia — Organisação e liquidação d'outras companhias — Estabelecimento dos Dinamarquezes em Chinchurat, nas margens do Ganges — Inutil tentativa que fizeram para a occupação de Bankibazar — Fundação da feitoria de Frederic — Nagor, e liquidação d'essa feitoria.

A Dinamarca, durante a edade moderna, possuiu tambem sempre na Europa, como actualmente, as ilhas Seeland, Fionia, Laland, Falster, Bornholom, e as demais que ainda possue, a peninsula de Jutlandia e suas dependencias, e Feroé e Islandia. Teve, egualmente, debaixo do seu dominio, embora com algumas interrupções, o Holstein, e tambem a Scania até 1658, em que a cedeu á Suecia, e ainda a Noruega e a Laponia. E, algumas vezes, dominou a propria Suecia.

Mas os Dinamarquezes não se deixaram ficar sómente nos limites europeus, e lançaram, egualmente, as suas vistas para a America. Nem se podia deduzir outra coisa do caracter audacioso e aventureiro d'esse povo.

Com effeito, do seu territorio, já no tempo dos Romanos, sairam os Cimbrios e Teutões, que irromperam nas Gallias, e atacaram, algumas vezes, o imperio romano, até que Mario os derrotou. Foi da Jutlandia e do Sleswig que os Jutos se uniram aos Anglos, para conquistarem a Inglaterra. Foi da Noruega que, no seculo IX, saiu a colonia que foi habitar a Islandia. Foi d'ahi que vieram os povos que, desde o meado do seculo VIII, levaram o terror das suas armas, por terra e por

mar, a todas as nações visinhas, e que, alarmando, por espaço de duzentos annos, as costas da Inglaterra, se apoderaram, por fim, de toda essa ilha. Fizeram frequentes incursões sobre as costas da Escossia e da Irlanda, Livonia, Curlandia e Pomerania, e estenderam as suas conquistas sobre toda a baixa Saxonia, Friza, Hollanda, Flandres e margens do Rheno até Mayença. E, depois de terem vencido uma grande parte da França, obrigaram os reis d'este paiz a pagar-lhes um tributo e ceder-lhes uma das melhores provincias.

Um povo que não conhece outra profissão, nem outra maneira de subsistir, além da guerra, acaba por se tornar pirata, quando habita uma região situada sobre o mar. E, com effeito, os Dinamarquezes não trataram, por fim, de correr o mar, senão para pilharem os navios e devastarem as costas, tornando-se, assim, dominadores do Oceano.

A maior parte d'elles era habituada ao mar, desde a sua infancia, e não temia os perigos d'este elemento. Quando um principe chegava aos dezoito ou vinte annos, pedia ordinariamente ao pae que lhe preparasse alguns navios, para elle emprehender expedições brilhantes; e o rei, querendo secundar a coragem nascente do filho, não tardava em armar a sua frota. O principe, o almirante, os officiaes e marinheiros da equipagem promettiam reciprocamente não entrar nos portos da Dinamarca, senão carregados de despojos e laureis. Se o Estado tinha recebido algum insulto d'um povo visinho, elles começavam por cair sobre esse povo, e exterminar os vencidos ou reduzil-os á escravidão. Mui-

tas vezes até, por generosidade ou por desejo de se assignalarem, separavam uma parte da sua armada, quando eram superiores ao inimigo. Procurando sempre combater com forças eguaes, desdenhavam-se de obter qualquer vantagem, se eram superiores em numero; e julgar-se-iam deshonrados em surprehender o inimigo, durante a noite. Os seus navios iam sempre cheios de armas, e cada Dinamarquez sabia nadar.

Por isso, um povo criado, assim, na lucta e no mar, não podia deixar de ser aventureiro e explorador; e, pelo seu lado, os Norueguezes, encerrados n'um terreno esteril e rodeados de agua, partilhavam das mesmas qualidades.

Já no seculo x, elles tinham visitado a Islandia, a ilha Feroé, a Groenlandia, as costas do Lavrador e a Terra Nova, sendo, assim, os primeiros viajantes que fizeram a descoberta da America, sem o saberem. Tinham conservado, por algum tempo, relações com a Groenlandia, cujos habitantes haviam abraçado muito cedo o christianismo, e parece mesmo que o escriptorio hanseatico de Bergen fez vir de lá algumas mercadorias. Mas, no meado do seculo xiv, já não havia menção d'este commercio; e, quando a Dinamarca, em 1536, tornou novamente posse da Noruega, e visitou as ilhas da Islandia e Feroé, a Groenlandia tinha caido n'um inteiro esquecimento.

Foi ás viagens dos Inglezes e Hollandezes, em busca de uma passagem maritima para o nordeste, empreza á qual se associaram os Dinamarquezes com alguns navios, que se deveu mais tarde a

nova descoberta da Groenlandia e um conhecimento exacto das suas costas.

Comtudo, a Dinamarca não teve, antes do seculo XVIII, a ideia de traficar com esta região, cujo accesso lhe era facil, pelas ilhas que ella possuia no Mar do Norte. E, sómente n'esse seculo, é que, por intervenção do ministro protestante João Égede, de que já fallámos, fundou, na parte meridional da Groenlandia, alguns estabelecimentos, que se entregaram, principalmente, á pesca das baleias e á caça das phocas (1733-1759).

Existiam, da mesma forma, a partir de 1620, muitas companhias privilegiadas para o commercio com a Islandia e ilha Feroé. Mas uma administração prejudicial e a concorrencia dos outros paizes causaram-lhes muitas perdas; e o Governo tomou, porisso, o partido de retirar os privilegios e deixar o commercio livre. Só a Groenlandia continuou a ser explorada, por conta da corôa.

*

* *

Quanto ás Indias Occidentaes, Christiano V enviou, em 1671, uma expedição á ilha de S. Thomaz, no mar septentrional das Pequenas Antilhas, e fel-a occupar em seu nome. Esta ilha parecia deserta e sem dono; mas alguns aventureiros inglezes lá se tinham estabelecido anteriormente; e d'ahi surgiu uma contestação com a Inglaterra, que, afinal, cedeu das pretensões que tinha á mesma ilha.

Os colonos dinamarquezes cultivaram, então, com muito bom resultado, a canna do assucar. Mas a produção de uma ilha tão pequena devia ser, naturalmente, restricta; e, por isso, a grande importancia da colonia resultou, principalmente, da sua situação e excellencia do seu porto.

S. Thomaz tornou-se tambem um grande deposito de contrabando, destinado ás colonias hespanholas; e, em caso de guerra, um refugio dos navios que se achavam em perigo. Mas, ainda assim, a metropole não tirava grande partido do movimento commercial que resultava d'esse contrabando. Eram, sobretudo, os navios estrangeiros que o entretinham, e que d'elle recolhiam os maiores beneficios. S. Thomaz tornou-se, por isso, uma especie de porto franco.

Em 1719, os Dinamarquezes occuparam uma ilha visinha, a de S. João; e, em 1733, as suas actuaes possessões nas Antilhas completaram-se pela ilha de Santa Cruz, maior e mais fertil do que as outras, e que elles compraram á França por setecentos e trinta e oito mil francos, e proveram de escravos; explorando depois largamente a plantação da canna d'assucar, de cujo producto abasteciam a metropole e a Allemanha. Durante a guerra da America, o trafico das possessões Dinamarquezas nas Antilhas cresceu, tão consideravelmente como na India.

Esse commercio com as Antilhas foi, desde a origem, entregue a differentes companhias, que se succederam. Mas estas companhias abusaram de tal modo do seu monopolio que o Governo o abo-

liu, em 1754, pagando-lhes uma certa indemnisação, e libertando, assim, aquelle commercio da maior parte dos privilegios ou restricções a que estava sujeito.

Entre esses privilegios abolidos, é notavel aquelle que circumscrevia o trafico a duas praças — Copenhague e Altona, da mesma fórma que a Hespanha tinha feito, com relação a certas cidades [1].

*

* *

Quanto ás Indias Orientaes, um fabricante hollandez, chamado Boschower, tendo sido encarregado pela sua nação de fazer um tratado de commercio com o rei de Ceylão, conseguiu tornar-se tão querido d'esse monarca a ponto de chegar a ser o presidente do seu conselho, o seu almirante, e, por ultimo, principe de Mingone.

Boschower, embriagado com estas honras, tratou de vir para a Europa ostental-as á vista dos seus patricios; porém, os Hollandezes, republicanos como eram, olharam com tanta indifferença o titulado escravo d'uma côrte da Asia que elle ficou furiosamente offendido, e foi á Dinamarca offerecer a Christiano IV os seus serviços, bem como a opinião e credito de que gosava em Ceylão, para o mesmo Christiano poder entabolar relações commerciaes com este paiz. Acceite o offerecimento e as propostas de Boschower, partiu este, em 1618,

---

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 385.

com seis navios, tres pertencentes ao Governo, e tres a uma companhia, que se havia formado para explorar o commercio asiatico.

A morte que o surprehendeu na travessia, desfez quantas esperanças se haviam concebido. Os Dinamarquezes foram mal recebidos em Ceylão, e Ové Giedde de Tommerup, seu chefe, não viu outro recurso senão conduzil-os a Tanjore, pequeno Estado do continente, e o mais visinho d'aquella ilha.

A feliz situação d'esse pequeno Estado, a sua abundancia de arroz e de raizes proprias para tinturaria, a navegação pelo Caveri, que, á entrada d'esse territorio, se divide em dois braços, um dos quaes, o mais oriental, se chama Cobram, e o outro conserva o nome de Caveri, e se subdivide ainda em quatro braços, que correm todos n'aquelle territorio, despertou nos Dinamarquezes o desejo de lá fundarem um estabelecimento commercial; e foi-lhes concedido para isso um terreno fertil e povoado, onde primeiramente edificaram Tranquebar, e, logo em seguida, a fortaleza de Dansburgo, sufficiente para a defeza da enseada e da cidade. E, em troca d'isso, obrigaram-se a uma renda annual de dois mil pagodes ou 16:800 libras, que pagaram sempre, em todo este periodo da edade moderna.

As circumstancias eram, então, muito favoraveis para se estabelecer um grande commercio. Os Portuguezes, debaixo da dominação hespanhola, faziam pequenos esforços, para conservar as suas possessões. Os Hespanhoes enviaram os seus na-

vios sómente ás Molucas e ás Philippinas. Os Hollandezes só tratavam de se tornar senhores do commercio das especies. Os Inglezes resentiam-se das perturbações da sua patria, mesmo nas Indias. E, embora todas estas potencias vissem com desgosto um poderoso rival n'aquellas paragens, nenhuma d'ellas se lhe oppunha. D'aqui resultou que os Dinamarquezes, apesar da modicidade do seu primitivo capital, fizeram bastante commercio em toda a India.

Por desgraça d'elles, a companhia hollandeza foi tomando uma superioridade bem decisiva, para os excluir de todos os mercados, onde já tinham feito bastante commercio; e, para maior calamidade, ainda as dissensões que perturbaram o norte da Europa, impediram a metropole de attender aos interesses de colonias tão distantes. E, assim, os colonos de Tranquebar cairam insensivelmente, não só no desprezo dos naturaes do paiz, que os estimavam simplesmente pelas suas riquezas, mas tambem na rivalidade das outras nações, cuja concorrencia não poderam sustentar. E esta decadencia desanimou-os de forma que a companhia entregou o seu privilegio ao Governo, e cedeu-lhe todos os seus estabelecimentos, para o indemnisar do dinheiro que lhe devia.

Em 1670, constituiu-se uma nova sociedade, por iniciativa de Christiano v. Mas tambem essa não deu resultado, porque, atacada pelo rajah de Tanjore, foi subsistindo frouxamente até 1730, em que expirou, faltando a todos os seus compromissos.

Dois annos depois, organisou-se uma nova

sociedade com fundos importantes e com grande protecção do Governo, que lhe concedeu o privilegio por quarenta annos, depois renovado por mais vinte; e essa conseguiu fazer commercio importante com a India e com a China.

Logo que os Dinamarquezes appareceram na India, estabeleceram-se tambem em Chinchurat, nas margens do Ganges. Depois, as suas desgraças afastaram-nos d'esta opulenta região, por mais de um seculo; mas ahi appareceram de novo, em 1755, e pretenderam occupar Bankibasar, que tinha pertencido a uma companhia formada em Ostende; e, não podendo conseguil-o, viram-se reduzidos a fundar na vizinhança a feitoria de Frederic Nagor, que não comportou as despezas da sua fundação, e que, em breve, se arruinou completamente [1].

---

[1] Octave Nöel, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. II — Thomaz Raynal, *Histoire Philosophique et Politique des Établissemens et du Commerce des Européens dans les Deux Indes*, vol. III — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

CAPITULO IX

Movimento economico da metropole

Como o progresso economico da Dinamarca e Noruega não podia caminhar, emquanto subsistisse o predominio que a Liga Hanseatica exercia na Scandinavia — Difficuldade que a Scandinavia teve para sacudir esse predominio — Como Christiano II tentou fazel-o, e como lhe falharam os meios materiaes e moraes para o conseguir — Como Frederico I tentou egualmente fazel-o — Como a Liga aproveitou as dissensões que surgiram por morte d'elle, para se manter no mesmo predominio — Como Christiano III pôde emfim libertar a Dinamarca e Noruega d'aquelle jugo — Consequencias lisonjeiras d'essa libertação no desinvolvimento do commercio dos dois Estados — Substituição dos Hanseaticos, sobretudo, pelos Hollandezes, no commercio internacional dos mesmos Estados — A par da Hansa, como a constituição feudal da Dinamarca e Noruega implicava um grande obstaculo ao desinvolvimento economico d'esses paizes — Como tambem o atrazo das artes e sciencias concorria para o predominio da Hansa; e, mesmo depois d'elle abolido, como ainda continuou a carencia do movimento economico — De que modo Frederico II, Christiano IV e Christiano V e Frederico IV, para remediarem esse mal, pugnaram pelo desinvolvimento da agricultura, industria, commercio e marinha — Situação economica da Dinamarca e Noruega — Clima e natureza do solo — Agricultura, industria e commercio — Relações com outros povos — Centros principaes — Moeda — Communicações — Conclusão.

Quanto á metropole, o movimento economico da Scandinavia, e, portanto, da Dinamarca e Noruega,

não podia progredir, emquanto a Liga Hanseatica lá dominasse; porque, segundo já vimos, ella tinha o monopolio do commercio exterior e das industrias da peninsula. Apenas deixava aos Scandinavos o commercio de retalho, a cultura do solo, a pesca e exploração das minas; e de resto, com os seus privilegios e preponderancia, paralisava na peninsula toda a industria, o commercio e a navegação, mesmo a de cabotagem [1].

Era preciso, pois, sacudir esse predominio, mas isso não se podia fazer, tão violenta e bruscamente como se fez na Inglaterra e na Russia, porque os Scandinavos por muito tempo não estiveram em condições de possuir marinha e commercio proprios; e as luctas dos tres Estados, tantas vezes repetidas e prolongadas, enfraqueciam a sua acção, obstavam á unidade dos tres reinos e fusão dos seus interesses, e os inhibiam de luctar com um poder tão extraordinario como era o da Hansa: tanto mais que ella tratou de entreter e fomentar uma discordia vantajosa para o seu monopolio.

Assim, como tambem já vimos, antes da União de Calmar, toda a peninsula andava agitada nas suas luctas intestinas e nas suas continuas rivalidades.

Os reis que se seguiram até Christiano II, além de andarem tambem involvidos nas mesmas con-

---

[1] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 93 e seguintes — Dr. Hoffmann, *Histoire du Commerce de la Géographie e la Navigation,* traducção franceza de J. Duesberg.

tendas e rivalidades, não se abalançaram a luctar contra a Hansa. Só Christiano II, que foi o ultimo rei d'aquella União de Calmar, é que, reconhecendo a origem do mal, resolveu, em 1520, destruil-o pela força; e, assim, cerceou rudemente os privilegios e immunidades da Hansa, com medidas que affectaram grandemente a feitoria de Bergen; e tentou restabelecer o commercio nacional, pela expulsão dos estrangeiros. N'este sentido, prohibiu aos Allemães a pesca nas costas dinamarquezas, a venda das mercadorias pelas ruas, e o monopolio do gado; restringiu as relações d'elles com a Dinamarca a uma unica praça, a de Copenhague, que se tornou, assim, o centro dos negocios; e augmentou os direitos sobre os arenques [1]. Mas, por melhor concebido que fosse este plano, faltavam a Christiano II os meios materiaes e moraes necessarios para a sua execução, e viu-se, por isso, obrigado a ceder do seu proposito, não só pela revolta que estalou contra elle, mas tambem por se ter quebrado a união scandinava; pois Gustavo Wasa, como vimos, fez, em 1523, da Suecia um reino independente.

Christiano veiu a morrer n'uma prisão, e, sob o seu successor, Frederico I, a Dinamarca de novo se uniu com a Noruega.

Então, pelo seu desinvolvimento, pelo seu espirito aguerrido, e pelas vantagens que já tinha obtido sobre a Liga Hanseatica, no tempo de Chris-

---

[1] Dr. Hoffmann, *obr. cit.*

tiano II, a Dinamarca, estava em melhores condições para tentar a sua completa emancipação; mas tambem Frederico I o não conseguiu. E, tendo surgido depois graves dissensões, na escolha do successor d'este rei, a Liga aproveitou essa occasião, para obter o seu antigo predominio.

Ora Lubeck, ainda á frente da Liga, era governada por um burgomestre ambicioso, emprehendedor e activo — Wullenweber; e este, comprehendendo todo o alcance dos projectos da independencia que os reinos do norte alimentavam, tentou afastar esse perigo imminente e submetter a peninsula, mais do que nunca, á tutella da Liga.

Aproveitou-se para isso d'aquelle interregno anarquico, intervindo nas dissensões dos tres Estados; e apoiou até com uma frota o partido que lhe era favoravel. Essa empreza, porém, falhou. Wullenweber morreu no cadafalso, e Christiano III, que, no intervallo d'essa lucta, em 1534, tinha subido ao trono, aproveitou-se do que se acabava de passar, para esmagar a Hansa. As restricções que Christiano II tinha posto ao commercio d'ella na feitoria de Bergen, foram mantidas, e o predominio da Hansa acabou por esse motivo.

Os habitantes da Dinamarca principiaram, então, a applicar-se ao commercio; e a chegada de navios inglezes e hollandezes, que a Liga já não podia afastar, e que eram acolhidos com enthusiasmo, ajudaram tambem aquelles reinos a acabar com o monopolio da mesma Liga.

Já vimos como as cidades hanseaticas do Baltico, pretendendo reservar-se o monopolio do com-

mercio russo e scandinavo, provocaram a reacção das cidades hollandezas, e como estas continuaram com um successo sempre crescente o seu commercio n'estas paragens.

Com effeito, os Hollandezes, no tempo de Christiano I e Christiano II, tinham obtido alguns privilegios; e, em 1544, concluiu-se em Spira um tratado do commercio entre Christiano III e Carlos V, como soberano dos Paizes Baixos.

Christiano III teve até de sustentar uma guerra contra Hamburgo, que pretendia um direito de restricção sobre o Elba, pelo qual as cidades de Holstein, situadas a juzante d'este porto seriam obrigados a entrepor ahi todas as mercadorias que expedissem para montante do rio, e com especialidade todos os trigos, e a vendel-os por um preço determinado; e essa guerra terminou em prejuizo dos Hanseaticos, que tiveram de renunciar ás suas pretensões e pagar uma multa consideravel [1].

Ora o que os Hanseaticos iam perdendo, os Hollandezes o iam ganhando; porque a Dinamarca não estava ainda madura para o commercio, e tinha poucos navios, para poder prescindir da marinha hollandeza, que fazia, então, os transportes maritimos de quasi toda a Europa. Comtudo, a Dinamarca não tornou a supportar um monopolio tão pesado como o dos Hanseaticos; e os portos dina-

---

[1] Helen Zimmern, *The Hansa Towns* — Emile Worms, *Histoire Commerciale de la Ligue Hanseatique* — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

marquezes e norueguezes ficaram abertos a todas as nações.

Mas não foi sómente a Hansa que prejudicou a industria e commercio dos Dinamarquezes; a constituição feudal dos dois Estados implicou tambem um grande obstaculo ao seu desinvolvimento economico.

Assim, a nobreza, se restringia o poder dos reis, opprimia o povo, ao mesmo tempo, recusando toda a interferencia nos negocios publicos aos burguezes, e, sobretudo, aos lavradores, cuja situação na Dinamarca era a servidão com todo o rigor; e unicamente na Noruega é que esta servidão se tornava menos affrontosa. Uma ordenação dada por Frederico IV, em 1702, libertou os servos, *afim de inspirar aos camponezes e lavradores*, dizia elle, *o gosto do trabalho e a applicação á industria, assim como a coragem e a devoção pela patria*; mas esta ordenação foi annullada, no anno seguinte, por outra, e as corveas e a indivisibilidade dos bens continuaram a subsistir. Só no fim do presente periodo, sob Christiano VII, é que os camponezes e lavradores da Dinamarca e de Holstein obtiveram permanentemente a liberdade individual com a faculdade de possuirem e adquirirem bens immobiliarios.

Por outro lado, para a Dinamarca e Noruega se poderem libertar absolutamente do jugo da Hansa, e mesmo dos estrangeiros, e poderem progredir, era preciso não só levantar a marinha, mas tambem desinvolver as outras fontes do movimento economico.

N'esse sentido, já Frederico II, nos ultimos dezoito annos do seu reinado, dedicou os seus cuidados ao progresso das artes e sciencias. O seu successor, Christiano IV, nos quarenta e oito annos do seu governo, tambem fecundou grandemente os interesses materiaes e sociaes do paiz, por medidas opportunas e convenientes, como, por exemplo, as destinadas a levantar a classe industrial e perfeição da industria, a abolição das corporações e de muitos abusos que a emigração de um grande numero de operarios allemães tinha introduzido nas artes, o estabelecimento de uma escola de pilotagem, etc.

As guerras de Christiano IV com a Suecia prejudicaram bastantemente essas medidas. Mas, por fim, a Dinamarca reconheceu que um Estado insular, como ella era, tinha necessidade de uma boa marinha, tanto para a independencia commercial, como politica. E Christiano V promulgou, em 1671, uma carta, concedendo a reducção dos direitos da alfandega e outros favores aos navios dinamarquezes e norueguezes que trouxessem directamente sal e vinho dos portos de Hespanha e da França: disposição esta que não tardou a estender-se a outros paizes e outras mercadorias.

Esses navios eram chamados *navios de defeza*, por isso que eram armados e estavam á disposição do Governo, em caso de guerra. A marinha mercante da Dinamarca principiou, então, a progredir, e tanto mais que era auxiliada pelas medidas de Frederico II e Christiano IV, de que já fallámos.

A decadencia posterior da Suecia fez que, por

seu turno, a Dinamarca mais se levantasse; e, por fim, a morte do rei d'aquelle paiz, Carlos XII, em 1718, abriu aos Dinamarquezes uma epoca de prosperidade material, que durou até o fim do periodo.

Floresceu, então, a agricultura, o commercio industria e navegação. E o pavilhão dinamarquez fluctuou sobre todos os mares, concorrendo para isso, além das medidas promulgadas, no tempo de Frederico IV e seus successores, de que tambem já fallámos, a paz de que o Estado geralmente gosou até o fim do periodo, e a velocidade economica adquirida.

Exposto em synthese, d'este modo, o movimento economico da Dinamarca e Noruega, n'este periodo, apreciemos agora separadamente os seus differentes factores economicos [1].

*

* *

A situação commercial da Dinamarca era e é muito vantajosa; porque, d'um lado, tem o continente, e, do outro lado, o Mar do Norte, o Kategat e o Baltico. E, da mesma forma, a situação da Noruega, como já vimos, é, por um lado, muito

---

[1] Scherer, *obr. cit.* — Hoffmann, *obr. cit.* — M. Williams, *Histoire des Gouvernemens du Nord*, traducção franceza — A. Geffroy, *Histoire des Etats Scandinaves* — H. Weitmeyer, *Le Danemark* — Mallet, *Histoire de Danemark*.

propria para o commercio, porque está banhada de mar pelo oeste e sul, muito proxima da America e em facil communicação com os paizes do Baltico, Dinamarca, França e Inglaterra. Mas, por outro lado, tem contra si a sua latitude septentrional e o facto do mar Atlantico, nas suas costas, gelar desde dezembro a abril, estando, por isso, interrompido para a navegação, n'esse espaço de tempo.

O rigor do clima prejudica tambem essa situação, embora este rigor seja alguma coisa adoçado pelo braço do *goulph-stream*, que passa ao longo das costas norueguezas [1].

*

*　*

Quanto á natureza e productos do solo, quasi um terço da Dinamarca era formado por charnecas, pantanos e terras incultas. Ainda assim, o terreno da Zelandia era arenoso, mas com uma proporção variavel de argilla, que se prestava muito bem á cultura; e, por isso, era muito fertil em cereaes e

---

[1] Como nos volumes anteriores não tratámos ainda da Dinamarca e Noruega, apreciamos agora, no estudo d'esses dois paizes, os factores economicos da sua situação, clima, natureza do solo, etc. Póde notar-se que não fizemos a mesma coisa quanto á França e Allemanha; mas é que d'essas nações já tinhamos tratado nos outros volumes, onde apreciámos tambem aquelles factores.

pastos. A ilha de Fionia, que estava em segundo logar pela extensão, ficava na primeira classe, pela bondade do terreno. As ilhas de Zelandia e Falster, menos extensas que a de Fionia, eram tambem muito ferteis, e produziam muito bom trigo; e a de Falster produzia tambem uma quantidade consideravel de fructas. Mas a maior e mais fertil das provincias era a Jutlandia; e, embora, a óeste d'ella, a proporção das terras improductivas, turfeiras e charnecas fosse muito grande, produzia, comtudo, abundantes cereaes de toda a especie, e tinha excellentes pastos.

O gran ducado de Holstein accrescentava singularmente a força e a riqueza da Dinamarca. Em 1760, era até a região, que, relativamente fallando, fornecia mais gado na Europa; e tinha uma quantidade de portos, muito commodos para exportar os seus productos, e para se poderem explorar os differentes ramos de commercio, sobretudo, do lado do Elba e do Baltico.

Mas, apesar da capacidade productiva de algumas das regiões da Dinamarca, a riqueza agricola d'esse paiz só data de uma epoca recente; porque, nos primeiros tempos da edade moderna, por falta de cultura e de população, a abundancia de cereaes era relativamente pequena. O trigo só se exportava por intervallos; e isso mesmo, em consequencia da fraqueza numerica da população e da falta de centros importantes. E era, de ordinario, em pequena quantidade.

Apenas o Sleswig e o Holstein, e, quando muito, a Jutlandia, forneceram sempre cereaes em abun-

dancia. As batatas apenas se cultivavam nos jardins [1].

Os cavallos e animaes de cornos é que na Dinamarca formaram muito cedo um artigo importante de exportação. Os exercitos allemães remontavam ordinariamente a sua cavallaria n'esse paiz; e os bois magros da região iam, n'uma grande parte, engordar nos Paizes Baixos, para onde eram exportados.

Quanto aos productos de pesca, a Dinamarca veiu a soffrer uma grande perda, quando os arenques, a principio muito abundantes nas costas da Scania, emigraram para o norte, e desappareceram da costa occidental, desde 1567 a 1644. Reappareceram n'esse anno de 1644, mas desappareceram de novo, durante mais de um seculo.

*

* *

Relativamente á Noruega, o terreno era, no geral, muito fraco e sem cultura; mas, nas costas do mar, havia, como actualmente, vastas porções de solo fertil, que produziam cereaes e pastos; e o centro, com as suas florestas de pinheiros mansos e bravos, que alimentavam as construcções, sempre crescentes, da Inglaterra e Hollanda, e de cujas raizes se extraía o alcatrão e outros productos florestaes, offerecia vantagens que recompensavam a esterelidade.

---

[1] Dr. J. Hoffmann, *obr. cit.*

Havia muitos castores e dantas (especie de veados), cuja caça era muito productiva, por causa da pelle; e, no meio do seculo XVII, caçavam-se, tambem para a caça, muitos falcões, por conta dos principes estrangeiros.

As pescarias da Noruega tornaram-se tambem cada vez mais importantes, desde que os arenques passaram para o mar do norte.

Os mares da Noruega abundavam de bacalhaus, pescadas, linguados, lagostas, ostras, salmões, anchòvas, e tubarões. E no Mar Glacial, havia phocas, morsas, narvaes e mesmo baleias [1].

---

[1] A phoca, tambem chamada vacca marinha ou cavallo marinho, é um animal muito proveitoso; porque os seus productos são muito variados. A carne, pelo menos, nas phocas novas, não é má para comer; e, em certas regiões, as populações pobres fazem-na seccar o defumar, como provisão d'inverno. A gordura, que é muito abundante, fornece grande quantidade d'azeite, que é mais estimado que o da baleia. A pelle serve para cabedal, para cobrir tendas, para fazer conductores d'agua, etc. Algumas especies, chamadas phocas de crina, fornecem uma pellucia valiosa, que se tira da mesma crina, e que serve para o vestuario. As fibras da phoca substituem o fio. As bexigas dão ôdres para o azeite, que se tira tambem d'esses animaes. E a membrana das tripas, adelgaçada e preparada, substitue o vidro.

As morsas dão marfim que se extrae dos dentes caninos da maxila inferior; e, além d'isso, dão tambem todos os productos da phoca commum, com a qual tem grande analogia.

Os narvaes ou licornes teem tambem um dente de dois ou tres metros, que serve egualmente para marfim. Os productos das baleias são bem conhecidos, e por isso, não é preciso especifical-os.

Havia minas abundantes de cobre e prata, e algumas de ferro.

*

* *

No que respeita ás industrias, a agricultura, em todo este periodo, teve pequeno desinvolvimento.

Na Dinamarca, o systema feudal e a servidão da gleba em que se achavam os camponezes e lavradores, constituia um grande obstaculo para esse desinvolvimento; e, embora uma ordenação promulgada, em 1702, por Frederico IV libertasse os servos, *afim de inspirar aos camponezes e lavradores o gosto do trabalho e a applicação da industria, assim como a coragem e desinvolvimento da patria*, esta sabia ordenação não produzia o effeito que se esperava, e foi no anno seguinte annullada por uma outra sobre as milicias do paiz.

As corveas e a indivisão da propriedade subsistiram até o fim do periodo; e Christiano IV e os seus successores attenderam, principalmente, para o desinvolvimento das outras industrias, descurando a agricultura.

Em compensação, quanto a essas outras industrias, já Christiano IV se esmerou por levantar a classe dos artistas e dar-lhes uma organisação correspondente aos interesses d'elles e ao progreso geral, abolindo as corporações e supprimindo muitos abusos, que os operarios allemães tinham introduzido.

Frederico IV empregou tambem muitos esforços,

para que a Dinamarca se tornasse um paiz manufactor. Attraiu com grandes despezas operarios estrangeiros, e, entre outros, os refugiados protestantes da França. A fiscalisação de novas emprezas foi até por Christiano IV confiada a um *collegio geral de economia politica e commercio*, com uma dotação de 30:000 rixdales [1], para subvencionar as differentes industrias: dotação essa a que se accrescentaram outros soccorros extraordinarios e privilegios e monopolios para os estabelecimentos indigenas, a par de uma taxa exaggerada e quasi prohibitiva sobre as mercadoria estrangeiras.

Afim de assegurar aos fabricantes uma base de operações, estabeleceu-se um deposito geral na bolsa de mercadorias; de modo que os industriaes podiam transferir para lá e vender, pelo preço ahi fixado, os productos que não podessem vender de outra forma. E a bolsa revendia depois a dinheiro de contado ou a credito, aos mercadores de retalho.

Uma ordenação de 1753, prohibiu até a importação de todos os pannos estrangeiros de seda e lã e de algodão, exceptuando os que os navios da sociedade asiatica trouxessem da China ou Indias Orientaes. E os funccionarios publicos foram obrigados a vestir-se unicamente de pannos nacionaes.

Muitas d'estas medidas, inspiradas no systema mercantil, eram, por isso, violentas, e a Dinamarca

---

[1] O rixdale correspondia a um escudo da moeda portugueza.

sentiu brevemente os maus effeitos d'essa violencia; porque diversas manufacturas, particularmente de objectos de luxo, cairam miseravelmente, depois de terem custado grandes sommas ao paiz; e houve, por isso, necessidade de recorrer ao estrangeiro para a maior parte dos artigos. Subsistiu apenas a fabricação dos lanificios de qualidade media, e a de luvas, pelles e rendas de fio, que se naturalisaram e engrandeceram em Copenhague; bem como a de meias de lã grosseira da Islandia, que tinham consumo por todo o norte.

Durante a curta administração do eminente Struensee, em 1771 e 1772, reformaram-se os abusos do systema mercantil. As subvenções do Estado foram retiradas a todas as fabricas incapazes de viver por si proprias. As festas inuteis foram abolidas; e, em geral, alguns principios mais liberaes presidiram á direcção dos interesses materiaes e politicos.

*

* *

Na Noruega, a improductividade do terreno e o maior proveito de algumas das industrias menos trabalhosas faziam tambem que a agricultura não tivesse muito desinvolvimento. Mas, em compensação, a caça das antas, dos castores e dos outros animaes de pelliças, e a dos falcões, no meio do seculo XVII, por conta dos principes estrangeiros, para os empregarem na caça, assim como a industria mineira e a de productos florestaes e a da pesca, eram muito importantes.

E, com effeito, as pescarias da Noruega, como já fizemos sentir, tornaram-se muito valiosas, depois que os arenques fugiram para o mar do Norte. E, além d'isso, as costas da Noruega, eram, como ainda hoje são, muito piscosas de outras especies, taes como bacalhaus, salmões, linguados e ostras.

Ás florestas de pinheiros forneciam muita madeira, que alimentava tambem as construcções navaes, sempre crescentes, da Inglaterra e Hollanda; e era grande a industria do alcatrão, que se extraía das raizes d'esses pinheiros.

As minas eram exploradas em grande escala. Christiano III fez até vir mineiros allemães; e, em 1540, publicou um primeiro regulamento sobre essa materia, que foi melhorado pelos seus successores. O ferro era raro, mas a prata foi encontrada em grande abundancia perto de Kongsberg; e, em 1625, o cobre perto de Roeraas e Zilladal. Mesmo a extracção do ferro, apesar de ser raro, tomou bastante desinvolvimento. E exploravam-se tambem abundantemente as minas de cobalto, as pedreiras de marmore e as salinas.

Da mesma forma que se deu na Dinamarca, tambem na Noruega, no tempo de Frederico IV e seus successores, se tratou de fazer d'ella um paiz muito industrial; e, n'este sentido, ahi se fundou a *Companhia Negra*. Esta companhia, tendo attendido á situação e ás verdadeiras necessidades do paiz, produziu felizes resultados; porque as vidrarias, os fornos de telha, as serragens, as fabricas para distillação de alcatrão e para a preparação da potassa, a extracção dos oleos, as refi-

nações d'assucar, a cordoaria e as manufacturas de pannos para velas, eram estabelecimentos, que, sem pretensões exaggeradas, podiam subsistir e contribuir, como contribuiram, para a prosperidade pública.

A Noruega achou mesmo em tudo isso a indemnisação das perdas que experimentara sobre muitas exportações seculares, por exemplo, as da madeira e peixe, para as quaes a concorrencia da America se tornou cada vez maior.

A fabricação da manteiga era tambem muito importante; e essa manteiga era procurada por toda a parte.

*

* *

Quanto ao commercio, já vimos como elle esteve por muito tempo dependente da Liga Hanseatica, e de que modo a Dinamarca e Noruega se foram emancipando d'essa Liga.

Mas, quanto á Dinamarca, para o progresso do movimento commercial, além da abolição do jugo da Hansa, accresceram as medidas de Christiano IV e seus successores. E, assim, a navegação e o commercio maritimo ahi tiveram grande desinvolvimento, a partir do seculo XVIII.

As construcções navaes foram animadas, por meio de premios, e os direitos differenciaes favoreceram os transportes directos, sob o pavilhão nacional. Este pavilhão mostrou-se, muitas vezes,

não só nas colonias, mas tambem a nordeste da Europa e no Mediterraneo, onde o vinho e os fructos do sul offereciam carregações importantes. E a marinha dinamarqueza attingiu o seu apogeu, durante a guerra da America, especialmente, nas ilhas occidentaes, onde S. Thomaz tinha monopolisado quasi todo o commercio colonial.

Afim de vivificar mais o commercio, Christiano VI já tinha approvado o estabelecimento de um banco de emprestimo e desconto; e o seu successor auctorisou esse estabelecimento a emittir bilhetes ou titulos fiduciarios.

Emquanto esse banco ficou nos justos limites, prestou muitos serviços; mas, em 1763, sob a influencia abusiva do Governo, augmentou desmesuradamente a massa do papel moeda. Seguiu-se uma depreciação consideravel d'esse dinheiro, com retrahimento da prata e ouro; e todo o systema financeiro caiu depois, durante o resto da epoca moderna, em tal confusão que nem sequer se póde remediar com a prohibição de se exportarem aquelles metaes preciosos.

*

*   *

A Noruega, quanto ao commercio, tinha ainda mais importancia que a Dinamarca, por ser maior a somma das suas exportações; e, por isso, a Hansa ligava tambem uma grande importancia ao seu escriptorio ou feitoria de Bergen.

Se ha paiz, destinado por sua natureza á construcção naval e ao commercio maritimo, é seguramente a Noruega; e bem se concebe, por isso, a dominação dos seus antigos habitantes no mar do Norte. Ora, quando o jugo da Hansa foi quebrado, esta vocação natural não podia deixar de reapparecer de novo, e, com ella, o augmento do movimento mercantil, mesmo independentemente da iniciativa especial dos reis da Dinamarca.

*

* *

A historia do movimento commercial da Dinamarca e Noruega ficaria incompleta, sem a historia das portagens do Sund.

A origem d'estas portagens, perde-se nos tempos remotos; e, ou tivessem nascimento na exigencia dos corsarios normandos, ou nos comboios militares que defendiam os navios contra os ataques dos mesmos normandos, é certo que a Dinamarca as manteve.

As primeiras informações authenticas, a tal respeito, datam do seculo XIV; e, por essas informações, vê-se que estas portagens tinham dado já logar a graves conflictos entre as cidades e paizes cuja navegação e commercio ellas prejudicavam. A Hansa era que, principalmente, se oppunha a pagar qualquer imposto; e, quando as representações pacificas não bastavam, recorria ás armas; de modo que, no tempo do seu esplendor, só

pagou um pequeno tributo, e, ás vezes, nenhum. Ainda na paz de Odensea, em 1560, as cidades da Liga, apesar de vencidas, obtiveram a conservação das suas franquias e privilegios seculares.

Alguns annos antes, em 1544, os Paizes Baixos tinham concluido, em Spira, com a Dinamarca um tratado que encerrava algumas estipulações, relativas a um tributo equitativo, na passagem do Sund e dos dois estreitos de Belt, sem, comtudo, se fixar uma tarifa; mas o accrescimo de receitas, as consequencias do progresso de navegação, e a esperança de achar nos direitos de Sund o meio de cobrir o seu *deficit*, em breve, levou a Dinamarca a praticar taes abusos e taes exacções, e com tanto desprezo dos tratados anteriores, que a Hollanda e Suecia, os dois Estados preponderantes do Baltico, uniram-se contra ella, para defenderem as suas armadas e os seus interesses commerciaes.

A paz de Broemsebro, em 1645, deu aos Suecos a isenção completa dos direitos de portagem do Sund. Os Hollandezes não obtiveram semelhante isenção; mas, ainda assim, pelo tratado de Christianopla, concluido no mesmo anno, obtiveram que os direitos fossem cobrados por uma tarifa determinada. Essa tarifa, com algumas addições, foi renovada em 1701, pelo tratado de Copenhague, e serviu de base para todas as convenções com os outros paizes, a respeito da navegação e direitos do Sund; e a França expressamente a sanccionou, no tratado de 1742.

Ora, a isenção dos direitos a favor da Suecia tinha causado uma diminuição consideravel nos

rendimentos do Sund; e, assim, quando a morte de Carlos XII arruinou a preponderancia dos Suecos, a Dinamarca, que tinha tomado parte na guerra contra elles, restituiu-lhes, pelo tratado de paz de Fredericksburgo, todas as conquistas, com a condição de renunciarem áquella isenção de direitos. Desde então, ha pequena menção sobre taes portagens, no decurso do seculo XVIII. O norte scandinavo, esgotado por tão grandes esforços, repousou, emquanto que graves acontecimentos attraiam a attenção geral sobre as outras regiões; e, por isso, o commercio do Baltico apenas fazia lentos progressos.

A Dinamarca aproveitou-se d'este socego para tirar das tarifas o partido que lhe pareceu, introduzindo, pouco a pouco, na sua percepção taes abusos e tal desproporção que obrigaram as nações da Europa a contratar com ella a abolição d'esses direitos, pela somma de 16.456:915$550(1) a que os Estados-Unidos, pela sua parte, accrescentaram depois 432 contos [1].

---

[1] Scherer, *obr. cit.* — Carlos Calvo, *Le Droit International Theorique e Pratique.* — Esta abolição deu-se, em 1857, e, portanto, já fóra da epoca moderna que estamos historiando; mas aqui a mencionamos, como complemento dos incidentes das referidas portagens.

*

* *

As nações com que os Dinamarquezes e Norueguezes faziam mais commercio, eram com a Liga Hanseatica, durante o predominio d'ella, e, depois, com a Inglaterra, Hollanda e França. Os Noruguezes, extincto o predominio da mesma Liga, traficavam, sobretudo, com os Inglezes, e eram até chamados os *Inglezes do Norte*; e os Suecos commerciavam, principalmente, com os Francezes, e de modo que eram tambem chamados os *Francezes do Norte*.

No fim do periodo, em 1787, a Dinamarca fez um tratado commercial com a Russia, que lhe abriu um commercio importante; mas os effeitos d'esse tratado já não pertencem a esta epoca.

A exportação da Dinamarca era pouco abundante. Consistia em productos da economia agricola, trigo, colza, cavallos, gado, queijo, manteiga e algum peixe [1].

Pelo contrario, a exportação da Noruega era muito grande, pelos seus productos mineraes, florestaes e piscatorios.

A importação, tanto para um como para outro

[1] Dr. Hoffmann, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.*

d'esses paizes, consistia, sobretudo, em productos industriaes e coloniaes.

*

* *

No que respeita aos centros economicos mais importantes, Copenhague, capital da Dinamarca, não só politicamente, mas em todo o sentido, era o principal centro dos Dinamarquezes. A sua posição geographica, assim como a de Constantinopola, representa uma dupla vantagem. Cruzam-se lá os caminhos de um mar para outro mar, caminhos esses, muitas vezes, solidos no inverno, em consequencia dos gelos, e que reunem as provincias do Baltico para a passagem da Gran-Bretanha, Allemanha, Jutlandia e Suecia.

É verdade que o Sund, sobre o qual está situada Copenhague, não representa o unico estreito que faz communicar o Baltico e continuar o Kategat; mas é muito mais facil do que os outros estreitos para a navegação; e, práticamente, póde considerar-se como o unico navegavel. Assim, o pequeno Belt, afastado da rota natural dos navios, é como um rio tortuoso, que parece confundir-se com os fjords das costas da Jutlandia; e o grande Belt, embora seja muito largo e profundo, para dar até passagem ás proprias armadas, é prejudicado pelos escolhos e bancos de areia. Demais a mais, quando a navegação se fazia sómente a remo ou vela, os navios tinham a temer, n'esse longo e sinuoso

estreito, as frequentes mudanças dos ventos e das correntes [1].

O Sund apresenta, pelo contrario, um canal, que se abre em linha recta de mar a mar, e cuja passagem sómente é prejudicada por um pequeno numero de ilhas e de escolhos. Os navios, impellidos pelo vento e pelas vagas, podem passar, muitas vezes, de um mar para outro mar, sem precisarem de mudar a disposição das velas. O vento oeste, que sopra de ordinario n'estas paragens, não é mais incommodo, á entrada que á sahida do mediterraneo baltico; e contra qualquer violencia d'esses ventos, os marinheiros podem costear a costa abrigada da Seelandia: tanto mais que, precisamente ao longo d'esta costa, a agua é mais profunda e menos semeada de bancos.

A cidade, edificada pelos dominadores da ilha, para dominar tambem a navegação do estreito, devia, assim, elevar-se, como se elevou, sobre a margem occidental do Sund [2].

Quando Copenhague foi citada pela primeira vez na historia (1043), só teve o nome de *Hafu* ou *Port*, como se fosse o porto por excellencia; e o chronista da Dinamarca, Saxus Grammaticus, chamou-lhe *Portus-Mercatorum*, designação essa que durava ainda no periodo contemporaneo.

Altona, fundada por Cristiano IV, mesmo ás por-

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universele — L'Europe Scandinave et Russe.*

[2] E. Reclus, *obr. cit.*

tas de Hamburgo, e que ficou pertencendo á Dinamarca, desde 1640, tornou-se a primeira praça commercial d'esse reino depois de Copenhague. Havia alli muitas refinações de assucar, fabricas de tabaco, cervejarias, muito apreciadas, distillações, fabricas de oleos e de azeite, fabricas de seda e algodões, de pannos para velas, lanificios e cachimbos, manufacturas de productos chimicos e fundições de caracteres de imprensa, e fundições de ferro. Havia tambem importantes canteiros de construcção de navios, e fazia-se um commercio activo de arenques, bacalhau, productos de baleia, a par de muitas expedições para a pesca d'esses artigos. Foi incendiada pelos Suecos, em 1713; mas retomou logo a sua antiga importancia.

Elsenor ou Helsingor, cuja importancia tem diminuido depois da suppressão dos direitos do estreito do Sund, era, antes d'isso, um porto muito importante. Concorria para tal importancia a boa situação da cidade, porque está collocada no logar onde se abre a porta do mesmo estreito, e de modo que, de uma margem para outra, o mar é tão apertado como um rio.

A situação estrategica do Elsenor foi tambem sempre de uma grande importancia, sobretudo, desde que a artilheria permittiu aos Dinamarquezes dominar toda a largura da passagem. Mas, ainda assim, a situação de Copenhague tinha e tem sobre a de Elsenor a vantagem de offerecer ao commercio uma enseada segura, o que não acontece com esta ultima cidade, e possuir um vasto porto natural.

Roskilde, durante um terço do seculo, no rei-

nado de Margarida e seus successores, foi a capital da Dinamarca, e, antes de Copenhague, era tambem a cidade mais populosa; mas foi gradualmente perdendo a importancia, desde que as pequenas embarcações, em que os antigos Dinamarquezes navegavam, iam sendo substituidas por grandes navios. Além d'isso, o fjord, de que Roskilde occupa a extremidade meridional, foi-se obstruindo com bancos de areia, de modo que sómente os barcos chatos poderam subir até junto d'elle.

Depois de ter sido a capital da Dinamarca, Roskilde foi tambem, por muito tempo, a metropole religiosa do paiz, o que augmentou a sua importancia. E encheu-se, por isso, de conventos e de egrejas, entre as quaes ainda possue a mais bella cathedral do paiz, edificada por Harold *do Dente Azul,* no fim do seculo XI.

Além d'estes centros, já tiveram tambem grande importancia economica, na edade moderna, Odensea, na ilha de Tyen, na Fionia, a cidade consagrada a Odin; Aalbog, na Jutlandia e no fjord Lim—Fjord, porto de pesca importante e de grande commercio de trigos e arenques; Aarhus, tambem na Jutlandia e no golfo Kalve, com um bello porto sobre o Cathegat, á entrada do grande Belt, e que é ponto de passagem ordinaria, para ir ao porto de Hallumdborg, na ilha de Seelandia; Sorö, tambem celebre por sua grande escola, herdeira da abbadia que Saxus Grammaticus illustrou; Slagelse, enriquecida pela agricultura dos campos visinhos.

Em Bornholm, a cidade principal, era Rönne, situada no angulo sudoeste da ilha.

*

* *

Quanto á Noruega, os centros economicos principaes, na epoca moderna de que estamos tratando, eram os seguintes:

Christiania, cuja situação estava precisamente indicada pelas condições geographicas da região. Occupa exactamente a extremidade do fjord que separa as duas peninsulas secundarias da Noruega meridional e da Gotha, ao sul da grande peninsula escandinava. Além d'isto, esse fjord da Christiania era facil de defender, porque as suas margens se approximam diante do Hevidsteen e Drobak, e terminam por uma vasta bacia, em forma de crescente, onde podiam estabelecer-se differentes portos, ao abrigo de cada lingua da terra. Accresce, que em volta da Christiania, o terreno é muito fertil, e acha-se disposto de maneira a receber toda a força dos raios solares. Só o districto de Skersons, que faz parte d'esse terreno, e rodeia a capital, possue mais de metade das terras cultivadas da Noruega. Além d'isso, as melhores florestas do paiz, que em parte se acham actualmente destruidas, cresciam nas vertentes das collinas e montanhas que defrontam com o fjord, e é tambem ahi que se encontram os jazigos de mineraes mais importantes.

Por outro lado, os valles que se inclinam para o golfo da Christiania, estão dispostos de maneira a darem grandes dimensões á bacia commercial d'esta cidade. O vasto lago da Noruega, o Mjösen, pro-

longa-se ao longo para o norte, como se fosse a continuação do golpho maritimo, de que outr'ora fazia parte. O Glomnnen, o Dramms-elo e outros cursos de agua despejam-se no fjord da cidade; e ainda que as embocaduras d'esses rios se não achem na visinhança immediata da Christiania, era facil construir, como foram cónstruidos, varios caminhos na planicie baixa das suas bacias, de forma que a cidade tornou-se, assim, o centro convergente de todas as vias commerciaes que descem dos valles que a rodeiam.

Finalmente, pela depressão do plató do Oplande, bem como pelo Gudbrandshal, Christiania communica facilmente com as praias atlanticas da Noruega, sobretudo com o Trondhjems-fjord e o Molafjord; e foi principalmente pela via historica do Trondjem a Christiania que se realisaram quasi todos os acontecimentos das luctas seculares que dividiram a população das duas vertentes.

Christiania, que se encontra quasi na mesma latitude de Stokolmo, achava-se tambem unida a esta cidade por uma via natural, que passa ao norte dos grandes lagos, e forma, assim, o vertice de um triangulo, cujos angulos são occupados por estas duas cidades.

No meio do seculo XI, existia uma cidade, chamada Oslo ou Opsolo, no sitio do bairro oriental de Christiania que tem o mesmo nome; e, duzentos e cincoenta annos depois, elevou-se a fortaleza de Akersus sobre um rochedo visinho, dominando uma parte da cidade actual, bem como as embocaduras dos dois cursos d'agua, Akers-elven e

Lo-elven. Foi, em 1624, depois de um violento incendio, que se fundou a nova cidade, á qual Christiano IV, rei da Dinamarca, deu o seu nome [1].

Drammen está situada no logar onde o Dammselu, na saida do vasto lago de Fyri-fjord se alonga de maneira a formar um estuario. O porto de Drammen, reunido ao mar, pela estreita porta onde passa a corrente do Svelvigen, é como que fosse uma bocca fechada, offerecendo as mesmas vantagens que a enseada de Christiania.

Além d'isso, Drammen é o porto de expedição para a cidade mineira de Kongsberg ou Montanha de Rei, situada a sudoeste sobre o rio Laugen. Os jazigos de prata, descobertos em 1625, explorados desde essa epoca, e que ainda hoje dão por media mais de meio milhão de francos por anno, contribuiram tambem, para augmentar a importancia d'esta cidade.

Kongsberg, tão importante, como fica dito, pelos seus jazigos mineiros, foi uma das quatro cidades principaes da Noruega, e o porto mais antigo do paiz. Já no seculo IX, se fallava n'ella como cidade florescente, e como frequentada por grande parte dos navios da Dinamarca e da Saxonia. Contava então dez mil habitantes.

Hammerfest, fundada sobre a ilha do Uoalve é a ultima cidade do norte, que se tornou importante como mercado do peixe.

Bergen, fundada na segunda metade do seculo XI,

---

[1] E, Reclus, *obr. cit.*,—*L'Europe Scandinave et Russie.*

no meio de um labirintho de ilhás, ilhotas e peninsulas deseguaes, e onde sete montanhas, sem contar os cumes secundarios, se levantam a pique sobre ella, foi, por muito tempo, a cidade mais populosa de toda a Noruega. Ainda hoje, n'esse ponto, excede muito as outras, excepto Christiania.

Foi tambem outr'ora um dos mercados mais frequentados da Hansa. Os negociantes hanseaticos possuiam um bairro no meio da cidade, composto de celleiros e de tendas, construidas sobre estacas e ligados á terra firme por pontões; e verdadeiras guarnições de caixeiros e creados, até tres mil homens, defendiam esse bairro. Em 1763, foi vendida a ultima casa pertencente á colonia allemã; porém grande numero de nomes de familias ainda hoje recorda os negociantes que tinham quasi inteiramente monopolisado, no seculo xv, o trafico de Bergen. E tambem a architectura hanseatica ainda hoje fornece áquelle bairro uma fisionomia, que não se encontra nas demais cidades da Noruega.

Esta cidade de Bergen, além de ser favorecida pela sua situação e de ser o centro de commercio hanseatico, tinha tambem sido favorecida pelos privilegios que o poder real lhe concedera, e, entre esses, o monopolio do commercio com a Groenlandia.

Com effeito, a Groenlandla pertencia ao trono real, e este prohibiu que ella fosse visitada, em geral, por qualquer marinheiro da Noruega, Islandia ou paizes estrangeiros. Só os pilotos de Ber-

gen é que tinham o direito de navegar para essas paragens. Por isso mesmo, foram estes assassinados, em 1484, pelos negociantes hanseaticos; e, assim, ficou tambem perdido o segredo da navegação dos Norueguezes nos mares americanos [1]. Mas, em todo o caso, aquelle privilegio tinha já concorrido para o augmento de Bergen.

Além d'isto, a Hansa obteve outr'ora que todos os pescadores do norte, mesmo os das costas da Laponia e das ilhas, de Lofoden, fossem obrigados a ir vender o peixe a Bergen. Para isso, faziam uma longa viagem de mil kilometros ou mais, atravez de chuvas e tempestades; e os negociantes de Bergen viam, assim, chegar centenas ou milhares de barcos, e podiam, segundo a quantidade de peixe, regular o preço do mercado.

A abolição dos privilegios da Hansa, e, ao mesmo tempo, a fundação de Rodö, Tromsö, e Hammerfest, tornaram inuteis estes exodos periodicos dos pescadores. Mas, ainda assim, Bergen ficou sempre um grande mercado de peixe [2].

Christiansad, já na edade moderna, mantinha continuas relações com muitas cidades maritimas da França e Allemanha.

Stavanger era tambem importante, pelo seu bom porto; mas, apesar d'isso, no principio do seculo XVII, a sua população não se elevava a mais de 1:000 pessoas, e, em 1800, a mais de 2:400.

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 167.

[2] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 168—Helen Zimmern, *The Hansa Towns*—Marcel Dubois, *Géographie Economique de l'Europe.*

*

* *

Quanto ás moedas da Dinamarca, e, portanto, da Noruega, n'esta epoca moderna, foram cunhadas as seguintes [1]:

Ouro

Duplo ducado de Frederico III (1664) = $22^{l},1^{s}$ = 4$410 rs.

Ducado do mesmo (1688) = $11^{l},1^{s},8^{d}$ = 2$215 rs.

---

[1] Estes dados, relativos á moeda, são extraidos do livro de Joseph René Ruelle, *Operations des changes des principales places de l'Europe*, impresso em Lyão, em 1774, e do livro de J. F. G. Paleisseau, *Météreologie Universelle Ancienne et Moderne ou Rapport des Poids et Mesures des Empires, Royaumes, Duchés, et Principautés des quatre parties du Monde*, cujas transcripções devemos ao nosso amigo e illustre professor do Curso Superior de Commercio no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, conselheiro Affonso Rodrigues Pequito. E fazemos a transcripção da equivalencia em moeda franceza, exactamente como consta do original, a saber, em Joseph Ruelle, nas antigas libras, soldos e dinheiros, e em Paleisseau em francos e centimos. Por nosso lado, demos á libra, soldo e dinheiro a antiga equivalencia franceza em francos e seus submultiplos, e ao franco a equivalencia de 200 rs. ou 20 centavos, por ser esse, ordinariamente, o valor real do franco entre nós, nas circumstancias normaes, e, portanto, antes da guerra da Allemanha. Sobre a antiga libra e soldo francez veja-se *A Historia Economica*, cap. III, pag. 137. E vai a correspondencia na nossa antiga moeda em réis, pela razão que já demos a pag. 247, para irmos de harmonia com os volumes anteriores.

Ducado de Christiano V (1694) = $11^{l},3^{s},9^{d}$ = 2$240 rs.

Ducado de Frederico IV (1708) = $10^{l},19^{s},5^{d}$ = 2$200 rs.

Duplo ducado de Frederico V (1747) = $22^{l},6^{s},4^{d}$ = 4$460 rs.

Ducado do mesmo (1747) = $11^{l},2^{s},10^{d}$ = 2$234 rs.

Duplo ducado de Christiano V = $22^{l},6^{s},9^{d}$ = 2$481 rs.

Ducado de Christiano VII = $10^{l},18^{s},2^{d}$ = 2$320 rs.

Christiano de Christiano VII (1775) = $20^{fr},65^{c}$ = 4$130 rs.

Duplo ducado do Elefante = $22^{l},3^{s},4^{d}$ = 4$430 rs.

Duplo ducado de Frederíco IV = $11^{l},2^{s},10^{d}$ = 2$230 rs.

Ducado de Christiano VI = $11^{l},2^{s},10^{d}$ = 2$230 rs.

Ducado de Christiano IV = $11^{l},1^{s},8^{d}$ = 2$225 rs.

Ducado de Christiano IV = $11^{l},1^{s}8^{d}$ = 2$218 rs.

Ducado de Frederico IV = $11^{l},2^{s},10^{d}$ = 2$230 rs.

Meio ducado de Frederico III = $5^{l},9^{s},1^{d}$ = 1$100 rs.

Ducado corrente de Christiano VII (1785) = $9^{fr},31^{c}$ = 1860 rs.

Prata

Quadruplo de Frederico III = $17^{l},7^{d}$ = 3$405 rs.

Meia corôa do mesmo = $1^{l},11^{s},5^{d}$ = 305 rs.

Escudo especie de Frederico III = $5^{l},12^{s},6^{d}$ = 1$125 rs.

Escudo especie de Christiano IV = $5^{l},14^{s}$ = 1$140 rs.

Peça de 8 schellings de Christiano IV = $9^{s},2^{d}$ = 90 rs.

Corôa do mesmo e de Frederico v $= 3^l,1^s,3^d =$ 610 rs.

Escudo especie de Christiano v $= 5^l,11^s9^d =$ 1\$031 rs.

Peça de 2 schellings de Christiano v $= 1^l,12^s,1^d$ $=$ 320 rs.

Corôa do mesmo (1686) $= 3^l,5^s,9^d =$ 660 rs.

Corôa do mesmo (1688) $= 3^l,5^s,5^d =$ 650 rs.

Peça de 8 soldos dinamarquezes de Frederico IV $7^s,2^d =$ 70 rs.

Corôa de Frederico IV $= 3^l,7^s,3^d =$ 670 rs.

Corôa de Frederico v $= 5^l,3^s,11^d =$ 640 rs.

Outra corôa do mesmo $= 3^l,4^s,10^d =$ 645 rs.

Peça de 24 schellings de Christiano VI $= 1^l,2^s,9^d$ $=$ 225 rs.

Peça de 8 shellings de Christiano IV $= 7^s,11^d =$ 80 rs.

Peça de 1 marco do mesmo $= 19^s,7^d =$ 195 rs.

Duplo escudo especie de Frederico III $= 11^l,4^s,1^d$ $=$ 2\$230 rs.

Escudo especie de Frederico III (1658) $= 5^l,10^s,3^d$ 1\$100 rs.

Meia corôa de Frederico III (1660) $= 1^l,12^s,1^d =$ 320 rs.

Corôa do mesmo (1667) $= 3^l,4^s,11^d =$ 650 rs.

Escudo especie de Christiano IV (1648) $= 5^l,10^s9^d$ $=$ 1\$105 rs.

Corôa do mesmo (1620) $= 3^l,11^s,9^d =$ 715 rs.

Reismarck ou Cubschmark de Christiano IV (1612) $= 1^l,5^d =$ 200 rs.

Caròa de Christiano VII $= 3^l,12^s,4^d =$ 720 rs.

Escudo especie de Christiano v (1696) $= 5^l,11^s,7^d$ $=$ 1\$125 rs.

Dupla corôa do mesmo (1675) = $6^l,11^s,3^d$ = 1$310 rs.

Corôa do mesmo (1695) = $3^l,6^s,5^d$ = 660 rs.

Outra corôa do mesmo (1699) = $16^s,6^d$ = 165 rs.

Meia corôa de Christiano v (1694) = $1^l,12^s,10^d$ = 325 rs.

Quarto de corôa de Christiano v (1693) = $16^s,6^d$ = 165 rs.

Escudo especie de Christiano v (1678) = $5^l,11^s,7^d$ = 1$125 rs.

Escudo especie Frederico IV (1704) = $5^l,14^s,7^d$ = 1$145 rs.

Escudo corrente de Frederico IV (1704) = $4^l,19^s,4^d$ = 990 rs.

Corôa de Frederico IV (1726) = $3^l,5^s,4^d$ = 650 rs.

Peça de 1 marco de Frederico IV (1717) = 15^l = 3$000 rs.

Peça de Frederico IV (1723) = $3^l,1^s,4^d$ = 610 rs.

Corôa de Frederico IV (1702) = $3^l,9^s,1^d$ = 690 rs.

Triplice corôa de Frederico v e Christiano VI (1731) = $3^l,4^s,6^d$ = 645 rs.

Peça de 2 marcos (1645) = $1^l,3^s,3^d$ = 230 rs.

Peça de 24 schellings = $1^l,3^s,3^d$ = 230 rs.

Peça de 12 schellings (1723) = $9^s,2^d$ = 90 rs.

Peça de 8 schellings = $9^s,1^d$ = 230 rs.

Peça de 1 marco = $1^l,3^d$ = 200 rs.

Duplo escudo (1474) = $11^l,4^s,1^d$ = 2$240 rs.

Corôa (1748) = $3^l,7^s,2^d$ = 670 rs.

Rixdaller corôa (1749) = $5^l,1^d$ = 1$000 rs.

Dupla corôa de Christiano IV = $7^l,4^s,2^d$ = 1$440 rs.

*

* *

Quanto ás communicações, os caminhos terrestres eram poucos e maus, e os rios deficientes e pouco navegaveis; e, por isso, ellas se faziam na Dinamarca, principalmente, por agua, por mar e por meio da navegação costeira e dos estreitos e canaes. O proprio canal que faz communicar o Sleswig com o Holstein, só foi aberto, em 1788 [1].

Na Noruega, as communicações internas eram difficeis, por causa da estructura montanhosa, da rudeza das inclinações e do rigor do clima. Os rios não eram navegaveis. Havia os fjords, que se prestavam grandemente á navegação; mas esses mesmos pareciam uma ironia da natureza, porque proviam de admiraveis avenidas um paiz, tão pobre e tão despido de communicações internas.

*

* *

Como se vê de tudo que expozemos, estes dois Estados, a Dinamarca e Noruega, actualmente independentes, deram tambem, na edade moderna, um contingente valioso para esse orgão maravilhoso, que se chama a civilisação. Atrophiados, primeiramente, no jugo da Liga Hanseatica e nas garras do

---

[1] Hoffmann, *obr. cit.*

poder feudal, coarctados no desinvolvimento agricola, industrial e commercial, pelo predominio da mesma Liga, poderam, graças a alguns imperantes energicos e ao impulso vital da nação, sacudir aquelle jugo, desinvolver as artes e sciencias e entrar livremente no concerto universal do progresso. Os dotes de marinheiros e exploradores d'esses dois Estados e a sua educação nos mares levaram tambem esses povos a regiões distantes; e a sua energia manifestou-se, nas luctas internas e externas e nas explorações coloniaes. E, no fim da epoca moderna, annunciavam já que haviam de occupar, no movimento economico do mundo, o logar honroso que hoje occupam.

CAPITULO X

Suecia

Ligeiro esboço da sua historia politica, na edade moderna

Os Scandinavos começaram a apparecer na historia, depois da morte de Carlos Magno, porque, durante a vida d'elle, as suas armadas, estacionando nas embocaduras dos principaes rios, repulsaram facilmente os ataques dos povos do norte [1]. Depois d'isso, até á data da União de Calmar, a historia da Suecia passa-se em piraterias, intrigas e luctas palacianas, e em guerras com os outros Estados scandinavos. Mas, em 1389, Margarida, rainha da Dinamarca e Noruega, pôde vencer Alberto, rei da Suecia; e, pela chamada *União de Calmar*, em 1397, ficou reinando sobre os tres Estados unidos n'um só. Pelos estatutos então fixados, a nação, representada por um certo numero de eleitores, tinha o poder de eleger como rei qualquer pessoa que julgasse digna d'isso, ainda mes-

[1] Visto que, nos volumes anteriores, não tratámos ainda da Suecia, fazemos agora em esboço da sua vida politica, mesmo durante a edade media, como tambem fizemos a respeito da Dinamarca e Noruega.

mo que fosse estrangeira; mas devia preferir a familia e descendencia d'Eric, o successor escolhido pela rainha, se fosse tambem digno d'isso [1].

Esta rainha, por sua coragem e tino administrativo, foi denominada a *Semiramis do Norte.*

Por morte d'ella, reinou Eric v (1415-1439). O seu reinado foi cheio de discordias e guerras civis, porque, tendo esse rei principiado a opprimir a Suecia, esta levantou-se contra elle. O chefe do movimento foi Engelbrechtson, um heroe; mas, tendo o senado sueco nomeado commandante das tropas a Carlos Canutson, este mandou-o matar, e foi tambem matando as demais pessoas que se oppunham tanto ao rei, como a elle proprio Canutson.

Continuando a desordem e os abusos de Eric, os tres Estados depozeram-no, e elegeram a Christovão, duque da Baviera (1440-1448), que era de um caracter muito timido, e que nada remediou. Nem mesmo livrou a Suecia das piraterias do rei deposto, que se refugiara na ilha de Götland, e de lá saqueava as propriedades dos seus subditos rebeldes.

Por morte de Christovão, aquelle Carlos Canutson fez-se eleger rei, sob o nome de Carlos viii (1448-1470). Mas, por um lado, a Dinamarca não acceitou essa eleição, e, em vez d'elle, nomeou o Conde Christiano d'Oldemburgo (Christiano i), o que deu logar a uma guerra entre os dois Estados.

---

[1] Vid. pag. 263.

E, por outro lado, a Noruega desligou-se, por isso, da Dinamarca, acceitando tambem a eleição do mesmo Carlos VIII.

N'essa guerra com a Dinamarca, ficou victorioso Carlos Canutson (Carlos VIII), graças ao auxilio da Noruega; mas, tendo obrigado a Egreja a justificar as suas possessões, sob pena de que entrariam no dominio da corôa as que não tivessem sido legalmente adquiridas, e isso, pela avareza de que o mesmo rei era dotado, o poder ecclesiastico insurgiu-se contra elle. E o arcebispo de Upsala, pondo-se á testa da revolução, conseguiu que o povo o seguisse; de modo que o mesmo Carlos VIII, foi obrigado a fugir para Dantzick (1457).

O arcebispo de Upsala e os seus auxiliares offereceram, então, a corôa áquelle Christiano. Este rei teve tambem questões com o clero, e chegou a prender o mesmo arcebispo d'Upsala. Mas um sobrinho d'este, Ketil, bispo de Linköping, levantando a revolução, veiu cercar Christiano a Stokolmo, obrigando-o com isso a fugir para a Dinamarca, e proclamou-se a si proprio protector do reino. Depois chamou Carlos VIII; mas, tendo-se combinado em seguida com seu tio, o arcebispo d'Upsala, ao qual Christiano dera a liberdade, tornaram a expulsar esse mesmo Carlos VIII, e entregaram de novo o trono a Christiano.

Ainda houve uma nova revolução contra os Dinamarquezes e contra o proprio arcebispo, commandada por dois grandes senhores Nils-Sture e Eric Axelson; e, em vista d'ella, foi outra vez ainda chamado Carlos VIII.

Este rei falleceu, em 1470; e, por sua morte, foi nomeado administrador do reino Steen-Sture, que tinha sido recommendado pelo proprio Carlos VIII (1471-1497).

Steen-Sture venceu Christiano, que pretendia retomar de novo a Suecia. Mas, ainda assim, tendo este fallecido, os tres reinos deliberaram reunir-se de novo sob a realeza de João II, filho mais velho do mesmo Christiano, que, apesar da opposição de Steen-Sture, foi coroado, em 1497. Em 1501, porém, o povo levantou-se de novo contra elle, commandado por Steen-Sture, e o depoz, ficando a Suecia a ser governada pelo mesmo Steen-Sture [1] (1501-1504).

Por morte d'este, foi eleito administrador da Suecia Suante-Sture (1504-1520). Mas, tendo, após isso, fallecido aquelle João II, Christiano seu filho (Christiano II), pôde conseguir que fosse eleito rei dos tres Estados. Para isso, e quanto á Suecia, metteu-se com o papa Leão X, e, por intermedio d'este e pela corrupção que empregou, tratou de chamar a si os ecclesiasticos d'esse reino (1516).

Seguiu-se uma guerra encarniçada, em que elle ficou vencedor, e em que Suante-Sture foi morto. Então, Christiano II mandou tambem matar os principaes do reino, e afogou o paiz em sangue, extenuando e comprimindo a Suecia até o ultimo extremo; de forma que, além de outras crueldades,

---

[1] Foi Steen-Sture que fundou, então, a celebre Universidade de Upsala.

os morticinios que ordenou, em 1520, conhecidos pelo *Banho de Sangue*, nada teem de egual na historia, a não ser a carnificina de S. Bartholomeu.

Além de tantas crueldades, Christiano II levou muitos refens para a Dinamarca, e entre esses o joven Gustavo Wasa, filho do senador Eric Wasa e de Cicilia Eka, descendentes de Carlos Canutson.

Ora Eric Ranner, senhor sueco, offereceu-se para guardar Wasa nos seus dominios de Kola, obrigando-se tambem a pagar uma grande multa, se o deixasse fugir. Mas, apesar d'isso, Gustavo Wasa póde fugir, e, d'ahi por diante, a sua vida foi um tecido de aventuras romanescas, até que, pela sua energia e pela sua habilidade e talento, de simples mineiro, que se viu obrigado a ser por algum tempo, conseguiu ser eleito, primeiramente, rei da Suecia (1522), e, depois, da Noruega e destroçar e aprisionar Christiano, que morreu na prisão.

Em 1527, fez adoptar officialmente a religião protestante sendo levado a isso, tambem pelo desejo de alcançar para a coròa os immensos dominios do clero catholico, afim de poder supprir as despezas da nação [1].

---

[1] No tempo de Gustavo Wasa, a media das propriedades na posse da egreja, era de 15 °/₀ em todo o paiz. Na Ostrogotha ia até 46 °/₀, na Vestrogothia a 41 °/₀; na Sudermania e Nericia a 34 °/₀. Era de 0 na Delacardia e na Ostrogallia; mas já subia a 34,29 °/₀ na Vertigallia; a 19 °/₀ na Smalandia, e a 20 °/₀ na Sudermania; e era de 3 °/₀ em Norrland e 2 °/₀ na Finlandia. E isto, além dos dizimos e outras contribuições ecclesiasticas. —Jules Martin, *Gustavo Wasa et la Reforme en Suéde.*

Fez proclamar a monarquia hereditaria na sua familia, em vez de electiva, como era até lá. Desinvolveu a agricultura, o commercio, a industria e as artes. Mas commetteu um grande erro em distribuir por seus filhos importantes apanagios, d'onde resultaram differentes discordias entre elles, com grave prejuizo da nação. Morreu, em 1560.

Succedeu-lhe filho Eric XIV (1560-1568). Este começou por querer regular arbitrariamente o commercio da Suecia e Livonia n'um sentido mais liberal. Mas teve de renunciar á sua tentativa, pelos obstaculos que encontrou, e mesmo porque, n'esses tempos, ainda se não fazia outra ideia do commercio que não fosse a de um paiz traficar apenas com outro paiz, excluindo todas as demais nações.

Eric XIV foi, por quasi todo o decurso do seu reinado, um rei illustrado e prudente, bom politico e dotado de sentimentos liberaes; e, como tal, abateu os privilegios da nobreza, em favor do povo, ganhando com isso a má vontade d'ella. Teve sempre contra si a rivalidade de seu irmão João, que, tendo casado com uma filha do rei da Polonia, Segismundo, pelo auxilio d'elle, suscitou a guerra da mesma Polonia e da Dinamarca contra a Suecia.

Eric IV fel-o condemnar á morte; mas perdoou-lhe depois, limitando-se a encerral-o n'uma prisão, onde, ainda assim, lhe concedeu todas as regalias da vida.

Este rei, por paixão e ainda pelos seus sentimentos democraticos, casou com uma camponeza pobre, mas boa e carinhosa, chamada Catharina

Madespal. Nos ultimos tempos, as contrariedades da guerra e os desgostos provocados pelo irmão, fizeram que as suas faculdades mentaes se fossem enfraquecendo, e que elle tivesse até differentes accessos de loucura, em que praticava as maiores arbitrariedades [1]. Os nobres aproveitaram-se, então, da opportunidade, para se revoltarem, libertando o irmão João. E, commandados por este e por outro irmão mais novo, chamado Carlos, depozeram o rei, e nomearam como tal aquelle João, que o fez processar e encerrar n'uma prisão, e, por fim o mandou envenenar.

João III (1568-1592) estabeleceu em parte o catholicismo; e dizemos em parte; porque, adoptando, em geral, os dogmas e liturgia dos catholicos, substituiu á confissão de Augsburgo, uma sorte de confissão de fé mixta, que não mereceu a approvação do papa, mas que os jesuitas, apesar d'isso, adoptaram, contando modifical-a depois.

E João III procedeu assim, adoptando em parte o catholicismo; porque attribuiu as desgraças do seu antecessor Eric á adopção da religião protestante.

---

[1] Esta loucura era hereditaria, porque tambem Gustavo Wasa, nos ultimos tempos da sua vida, teve differentes accessos. Charles Coquerel, no *Résumé de l'Histoire de Suéde*, diz que Eric XIV mandou tambem matar a mulher Catharina Madespal, por saber que ella tivera amantes em solteira. Mas não é verdade; e tanto que essa mulher acompanhou Eric XIV na prisão, e ahi foi a sua consoladora, emquanto João III a não separou d'elle. — Jules Martin, *Gustavo Wasa et la Reforme en Suéde.*

Tendo continuado no seu reinado a guerra com a Dinamarca e Russia, que já vinha do reinado anterior, João III, em 1570, assignou o celebre tratado de Stettim, pelo qual a Dinamarca se separou novamente da Suecia.

A mudança que João III introduziu na religião, trouxe dissensões intestinas; e, vendo elle que, afinal, os jesuitas iam compromettendo o seu trono, e que nem tinha contentado os catholicos nem os protestantes, voltou completamente á egreja protestante. No entretanto, a Russia fazia guerra á Suecia, e com resultado favoravel.

João III ainda se lembrou de voltar novamente á sua *liturgia*; mas, por causa d'isso, o partido dos protestantes tratou de chamar á Suecia o rei Segismundo da Polonia, que fôra educado nas ideias jesuiticas, e já era herdeiro presumido da corôa, por ser neto de Gustavo Wasa, afim de que elle governasse d'ahi os dois reinos — Suecia e Polonia. Por fim, antes mesmo de Segismundo chegar á Suecia, João III morreu, em 1592.

Este rei teve alguma analogia de caracter com seu irmão Eric. Era, como elle, sugeito a varios temores supersticiosos, e, como elle, via por toda a parte levantamentos e conspirações. Mas, em todo o caso, não teve nem a prudencia nem a grandeza d'alma que seu irmão possuia, nos momentos lucidos.

Succedeu-lhe aquelle Segismundo (1592-1604).

Antes d'este chegar á Suecia, o duque Carlos, que era o chefe dos protestantes, e como tal tinha já luctado contra seu irmão João III, fez reunir o

celebre synodo de Upsala, que tratou de confirmar a religião protestante, e obrigou depois Segismundo a jurar que guardaria todas as resoluções do mesmo synodo. E, além d'isso, a dieta polaca impoz-lhe a obrigação da residencia em Varsovia.

As intrigas dos jesuitas e o genio catholico do rei fizeram rebentar a guerra entre elle e o duque Carlos, que derrotou completamente o exercito polaco, na celebre batalha de Strangebro. O duque fez, então, renovar ao rei o juramento da sua coroação. Segismundo faltou a tal juramento, instigado novamente pelos jesuitas; e, tendo-se, por isso, levantado uma guerra civil, foi deposto e substituido por aquelle duque Carlos, que se tornou, assim, Carlos IX (1604-1611).

O reinado de Carlos IX passou-se em continuas guerras com a Russia e Dinamarca, e em permanentes intrigas do rei Segismundo, para adquirir de novo o trono da Suecia.

Succedeu-lhe Gustavo Adolfo (1611-1632).

Este rei teve tambem guerra com a Polonia, que se levantára de novo contra a Suecia. E teve egualmente guerra com a Dinamarca e Russia e com os Allemães, que auxiliavam Segismundo.

Na Allemanha, a Austria estava, então, exercendo grande acção e grande influencia contra o partido protestante da Europa; e Gustavo viu diante de si uma vasta e proveitosa empreza em se tornar o paladino do protestantismo. Foi, por isso, atacar a Allemanha no proprio territorio. E, nessa guerra, em que elle era o generalissimo dos principes protestantes, fez prodigios de valor,

chegando a destroçar, por varias vezes, o exercito austriaco, até que foi morto na batalha de Lutzen.

Gustavo Adolfo é considerado como um dos primeiros cabos de guerra e um dos primeiros reis da humanidade.

Succedeu-lhe sua filha Christina, de seis annos de edade (1632-1654), e, por isso, foi-lhe nomeada uma tutela, constituida por um conselho composto dos nobres mais competentes. A guerra continuou, então, com a Allemanha catholica. O chanceller Oxenstierna ficou encarregado dos negocios suecos na Allemanha, emquanto que Banner Horn, Tortenson e muitos outros discipulos e amigos de Gustavo Adolfo continuaram a commandar os soldados que elle tinha habituado a vencer; e o modo como todos se houveram n'essa guerra com a Allemanha, foi prodigioso.

Esta guerra terminou pela paz de Westephalia (1648), em que a Suecia, além de outras clausulas honrosas para ella, obteve importantes concessões na Polonia.

Christina fez proclamar depois como successor á corôa Carlos Gustavo, conde Palatino; e abdicou, em 1654, fazendo-se catholica.

Succedeu-lhe, por isso, o mesmo Carlos Gustavo — Carlos x (1654-1660). João Casimiro, rei da Polonia, teve a imprudencia de protestar contra a subida d'elle ao trono; e, por esse motivo, Carlos Gustavo invadiu a Polonia, e a conquistou provisoriamente, obrigando João Casimiro a fugir para a Silesia. Cheio de orgulho por essa conquista, invadiu o Brandeburgo, e isso fez com que a França, Aus-

tria e Russia se unissem contra a Suecia, receiosas do seu poderio. Teve tambem guerra com a Dinamarca, e falleceu, em 1660. Foi um rei militar por excellencia, que preencheu todos os cuidados do seu reinado com a guerra.

Succedeu-lhe Carlos XI (1660-1697), ainda menor. O conselho da regencia tratou de restabelecer a paz, sem offensa da dignidade da Suecia, e de modo que os tratados de Oliva e Copenhague fixaram as pretensões e direitos respectivos dos soberanos. O rei da Polonia renunciou ás suas pretensões sobre a Suecia; a Suecia cedeu a Livonia; e, por outro lado, os Suecios e Dinamarquezes fizeram concessões reciprocas.

Sob esta regencia, as artes, as letras e as emprezas commerciaes tomaram um novo desinvolvimento.

Uma longa paz consolidou *a Reforma* na Suecia, ha tanto tempo agitada; e os Suecos aprenderam que o tumulto nos campos da batalha não vale os honestos e pacificos prazeres da vida civil e da liberdade. Este paiz estendeu, então, as suas relações com o resto da Europa; e, ainda assim, não obstante os beneficios d'essa paz, juntou-se á Inglaterra e Hollanda, n'uma guerra contra Luiz XIV. Desde, porém, que o gabinete francez renunciou aos seus planos de engrandecimento nos Paizes Baixos, tambem os Suecos se uniram depois sagazmente com elle, na guerra contra a Allemanha (1672).

Em 1675, ainda a Hollanda e a Russia, mutuamente combinadas, entraram n'outra guerra contra a Suecia.

Feita novamente a paz, em 1679, Carlos XI casou com uma princeza dinamarqueza. E, depois de tantas luctas e tanto sangue derramado, falleceu, em 1697.

Este rei, embora andasse tambem involvido nessas differentes guerras, tratou de promover o progresso das artes e de aproveitar as consequencias da paz.

Para formar com elle um contraste perfeito, já o seu successor Carlos XII tratou sómente de guerras.

Proclamado, ainda muito joven, rei da Suecia (1697-1718), começou logo uma serie de luctas com a Dinamarca, Polonia e Russia, até que foi morto, no cêrco de Frederichshald, em 1715.

O seu procedimento operou grandes mudanças na politica da Europa. Entrando em guerra com os Russos, forçou-os a vencer; e, revelando a este enorme imperio uma parte dos seus recursos territoriaes, deu-lhe a consciencia da força da sua população, tão intrepida como guerreira, e tão ardente nos combates, como soffredora nos revezes.

Succedeu-lhe sua irmã Leonor (1719), que, em 1719, foi obrigada a assignar a famosa *declaração*, pela qual a monarquia, até então absoluta, passava para constitucional.

Em 1720, a pedido da rainha, foi tambem proclamado rei o esposo d'ella Frederico, principe de Hesse, sob o nome de Frederico I (1720-1751), que tratou logo de fazer a paz, não só com a Dinamarca, mas tambem com a Russia, á qual cedeu as provincias do fundo do Baltico, em troca da Finlandia. Depois, surgiram discordias intestinas e, por fim, tornou a rebentar a guerra com a

Russia, o que tudo trouxe continuamente agitado o reinado d'esses principes.

Este monarca, apesar de ser dotado de vistas largas e ser muito doce nas suas medidas, mostrou bastante fraqueza. Pela timidez de seu caracter, preparou futuras revoluções; e, por isso, as facções se desencadearam depois da sua morte; e tanto mais rudemente que essas facções estavam unicamente sob a dominação dos estrangeiros. Assim, uma d'ellas, que se chamava dos *Chapeos*, nada mais era que o partido da França; e outra, a dos *Bonés*, representava o partido da Russia.

Ambas estas facções eram respectivamente subsidiadas por aquelles dois Estados; ambas entretinham os odios e desconfiança entre os Suecos; ambas enfraqueciam a nação; e cada uma d'ellas, dominando, por sua vez, sobrecarregava o paiz de impostos, e criava monopolios, que prejudicavam o commercio e a agricultura, sem que o rei, por sua fraqueza, remediasse uma tal situação.

Por morte de Frederico I, a questão da successão do reino acarretou embaraços á Suecia; porque foram muitos os pretendentes, até que foi proclamado successor Adolfo Frederico d'Holstein, descendente, por sua mãe, de Gustavo Wasa. E, então, fez-se a paz com a Russia.

Este Adolfo Frederico (Frederico II) (1751-1772), teve tambem um caracter timido e destituido de resolução. Por isso, não pòde dominar as dissidencias e facções intestinas, que impediram o exercicio das artes proveitosas da paz e do trabalho. Ás desordens que d'ahi resultaram, seguiu-se inclusiva-

mente, a estagnação do commercio que a *Sociedade das Indias Orientaes*, de que adiante fallaremos, tinha tratado de estabelecer.

Os ultimos tempos de Frederico II passou-os elle na lucta com os nobres, que pretendiam manter certas prerogativas; e d'ahi resultou uma guerra civil. Falleceu, em 1771.

Succedeu-lhe seu filho Gustavo III (1771-1792).

As dissidencias entre *Chapeos* e *Bonés* continuaram com grande prejuizo do progresso nacional.

O rei pôde depois conseguir, por meio de um golpe d'estado militar, a organisação d'uma nova constituição, que dava á monarquia mais garantias do que tinha pela antiga constituição.

Por instigação da Inglaterra, lançou-se n'uma guerra contra a Russia, que se uniu á Dinamarca, até que se fez a paz, em 1790. O odio á nobreza, que se tinha visto abatida por elle em suas prerogativas, rebentou violentamente; e, em 1792, esse rei foi morto, no meio de um baile animado.

A sua morte foi mais lamentada, pelo crime que a produziu, do que pelas virtudes e merito do seu reinado.

No tempo d'este monarca (1784), a Suecia comprou á França a ilha de S. Bartholomeu [1].

[1] Jules Martin, *Gustavo Wasa et la Reforme en Suéde* — A. Goffroy, *Histoire des Etats Scandinaves* — M. Williams, *Histoire des Gouvernemens du Nord*, traducção franceza, feita do inglez — Charles Coqueret, *Résumé de l'Histoire de Suéde.*

CAPITULO XI

Movimento economico da parte colonial

Como a Suecia lançou tambem as suas vistas para a colonisação nas outras partes do mundo — Como Gustavo Adolfo, em 1611, deu impulso aos primeiros ensaios d'essa colonisação, criando a *Companhia dos Mares do Sul* — Estabelecimento d'essa companhia na America — Relativamente á Asia, formação da *Companhia das Indias Orientaes* e sorte d'essa companhia — Como a Suecia, no fim do periodo, adquiriu uma colonia nas Antilhas, quando a França lhe vendeu a pequena ilha de S. Bartholomeu — Estabelecimento da *Companhia das Indias Occidentaes*, e como ella liquidou.

A Suecia, como quasi todos os paizes europeus, lançou tambem as suas vistas para a colonisação nas outras partes do mundo. E Gustavo Adolfo, em 1611, deu impulso aos primeiros ensaios d'essa colonisação, criando uma *Companhia dos Mares do Sul*, destinada a estreitar relações com os povos distantes e a firmar estabelecimentos commerciaes onde ella os podesse fundar. Mas, tendo outras emprezas a realisar na Europa, o grande monarca esqueceu logo os projectos coloniaes, concebidos nos annos de paz, e não tomou qualquer outra iniciativa no mesmo sentido.

Aquella companhia conseguiu estabelecer-se na America do Norte, em 1634, e ahi fundou, em 1638,

na margem do Delawre a *Nova Suecia*, que teve de ceder á Hollanda, em 1655, e que, depois, se tornou colonia da Inglaterra; e fundou tambem na Guiné, em 1645, o estabelecimento do *Cabo Corse*, que perdeu tambem, em 1657.

Por outro lado, em 1731, um rico negociante de Stokolmo, chamado Henrique Koning, organisou e obteve a approvação de uma *Companhia das Indias Orientaes*, á qual foi dado o privilegio exclusivo de negociar para além do Cabo da Boa Esperança.

A carta ou concessão d'essa companhia, foi outorgada por 15 annos; foi depois renovada por mais 20; e ainda, em 1766, por outros vinte. Mas foi-lhe expressamente prohibido intrometer-se no commercio asiatico das outras nações, para não provocar difficuldades ou embaraços á metropole. De modo que essa companhia formou, n'esta epoca, uma excepção á regra geral, fazendo commercio colonial, sem ter colonias.

Apesar d'isso e da má vontade dos Hollandezes, ella progrediu, desde logo. A sua sede era em Gottenburgo, cuja situação offerecia, para a expedição dos navios e para a venda das mercadorias, facilidades que os outros pontos do paiz não tinham. Traficava, sobretudo, com Bengala e com a China; e tinha até uma feitoria em Cantão, onde gosava das garantias dos demais estrangeiros.

As remessas d'esta companhia consistiam nos productos da Suecia, principalmente, ferro e prata, e as importações eram feitas com generos coloniaes. Sómente o chá, de per si, constituia mais de quatro quintos d'esse commercio.

No fim do periodo, a Suecia alcançou uma colonia nas Antilhas, quando o governo francez lhe vendeu, em 1784, a pequena ilha de S. Bartholomeu. Esta ilha, apesar de ser pouco susceptivel de cultura, era, pela sua situação, muito propria para constituir um grande entreposto commercial; e, porisso, a sua capital, *Gustavia*, tornou-se, na realidade, um porto consideravel.

Os Americanos do Norte, excluidos, então, das colonias inglezas, frequentaram muito esse porto; e logo a nova cidade, na animação do seu commercio, pôde rivalisar com S. Thomaz e Santo Eustachio.

Em todo o caso, como o proveito era quasi todo para os estrangeiros, o governo da metropole resolveu, em 1786, estabelecer uma *Companhia das Indias Occidentaes*, que explorasse devidamente essa colonia e desinvolvesse o commercio, a que tanto se prestava a situação d'ella. Mas esta companhia não fez grandes operações, e liquidou, logo que expirou o tempo do seu privilegio. Ainda assim, aproveitou o commercio estrangeiro que lá se fazia, mercê do porto franco; e Gustavia prosperou, por esse modo, cada vez mais [1].

---

[1] Thomas Raynal, *Histoire Philosophique et Politique des Etablissemens et du Commerce des Européens dans les deux Indes*, vol. III — Eduardo Malo de Luque, *Historia de los Estabelecimientos Ultramarinos de las Naciones Europeas*, vol. IV — Scherer *obr. cit.*, vol. II.

CAPITULO XII

Movimento economico da metropole

Como a Suecia soffreu tambem o jugo da Hansa, e como pôde libertar-se d'elle pelos esforços de Gustavo Wasa — Como, destruido o jugo da Hansa, aquelle principe impulsionou o movimento economico do paiz — Como, depois da morte de Gustavo Wasa, o desinvolvimento economico da Suecia foi interrompido pelas dissensões dos filhos d'elle e incapacidade dos governos — Mudança de situação, no tempo de Carlos IX — Feliz reinado de Gustavo Adolfo, e como elle fez progredir a nação — Continuação d'este progresso, sobre Carlos Gustavo e Carlos XI — Retrocesso pelas guerras de Carlos XII — Esforços, embora infructiferos de Gustavo III para o levantamento da nação — Abatimento em que a Suecia caiu depois da sua morte — Exame especial dos differentes factores economicos — situação, clima, aspecto, productos, agricultura, industria, commercio e marinha — Relações com os outros povos, centros principaes; moeda; communicações — Conclusão.

As indagações feitas no solo provam que, depois da queda do imperio romano, os Suecos entraram em relações commerciaes com Constantinopla. Oland e, sobretudo, Göttland teem fornecido aos antiquarios grande quantidade de moedas bysantinas, que testemunham um grande movimento de trocas. Mais tarde, no fim do seculo IX, Göttland tornou-se tambem um mercado de expedição para

o oriente propriamente dito, e ahi se tem descoberto, de tempos a tempos, dinheiros arabes ou *cofficos* [1], provindos de Bagdad e Rorassan.

As cidades que precederam Stokolmo, como entreposto do lago Mœlar, recebiam tambem uma parte d'este trafico oriental. Essas relações commerciaes duraram até o seculo XII, em que foram interrompidas, pelas guerras da Russia; mas, quando Gustavo Wasa subiu ao trono, o movimento commercial, como, em geral, toda a economia do reino, estava muito atrasado, porque o paiz não tinha ainda saido dos horrores da anarquia, senão para passar para o jugo de uma tirannia estrangeira; e a nação estava continuadamente reduzida a tirar dos seus vizinhos uma grande parte das suas subsistencias.

Accrescia a tudo isso que a Suecia soffreu, como a Noruega e Dinamarca, o jugo mercantil da Hansa; e, para poder caminhar, precisava tambem de libertar-se d'esse jugo. Ora essa libertação só a pôde conseguir ao mesmo tempo que os outros Estados.

Como vimos, este reino insurgiu-se contra a politica unionista de Christiano II, e, sob o commando de Gustavo Wasa, recuperou a sua liberdade, em 1523. Mas como a Hansa, e principalmente Lubeck, tinha apoiado com grande empenho os Suecos, a mesma Liga obteve d'elle, por um tratado de 1524,

---

[1] Thomaz Raynald, *obr. cit.*, vol. III.

differentes privilegios e differentes immunnidades; taes como a isenção dos direitos aduaneiros; a prohibição de algum outro mercador estrangeiro se estabelecer na Suecia; a exclusão de qualquer trafico com outros povos que não fossem os da Liga; a abstenção de toda a navegação sueca para oeste, pelo estreito de Sund; e o direito das cidades hanseaticas estabelecerem entrepostos em qualquer cidade da Suecia.

Mas Gustavo Wasa não era um rei como os seus antecessores; e, se, por necessidade, foi obrigado a conceder esses privilegios, tratou logo de encontrar occasião de os retirar.

Essa occasião appareceu-lhe com a gerencia Wullenweber [1]. Este queria estabelecer a preponderancia absoluta da Liga sobre a Suecia e Dinamarca; e um homem como Gustavo Wasa era um impedimento para os seus projectos. Por isso, Wullenweber lembrou-se de o destronar e substituir por outro principe, mais acommodaticio.

N'este sentido, a fim de ter um pretexto de ruptura, Lubeck intimou a Suecia a unir-se com ella para declarar guerra aos Hollandezes. Gustavo, aproveitando esta occasião, respondeu por uma recusa formal. Os Lubeckenses reclamaram, então, o reembolso dos seus adiantamentos; e, não obtendo esse reembolso, sequestraram todas as propriedades suecas de Lubeck. E, então, Gus-

---

[1] Vide pag. 249.

tavo Wasa, em represalia, aboliu todos os privilegios que tinham sido concedidos á Hansa, pelo tratado de 1524.

Seguiu-se uma guerra, em que a Suecia e Dinamarca, ameaçadas nos mesmos interesses, se alliaram entre si, e ficaram victoriosas. A morte de Wullenweber fez terminar as hostilidades; e, na paz que se effectuou depois d'isso, Gustavo declarou como nullo aquelle tratado de 1524, e sugeitou os Lubeckenses ás mesmas condições dos outros povos. Em 1536, cioso da Dinamarca, outorgou ainda alguns favores a Lubeck; mas, querendo esta cidade alcançar muitos mais, e tendo para isso uma linguagem insolente, elle retirou-lhe esses mesmos favores, e até prohibiu por muito tempo o commercio da Suecia com essa cidade.

Na sua animosidade contra a Hansa, Gustavo quiz mesmo tirar-lhe a esperança de jamais obter na Suecia vantagens consideraveis.

N'este sentido, fez com a Inglaterra, em 1551, um tratado commercial, que deu um rude golpe no escriptorio da Hansa em Londres; e, não contente com isso, fez outros tratados analogos com a França e Hollanda. Resultou d'ahi que os navios hollandezes e inglezes começaram a apparecer frequentemente nos portos da Suecia, e a fazerem directamente o commercio que anteriormente era feito por intervenção da Liga; e o monopolio d'esta foi, assim, destruido para sempre, e de modo que ella desappareceu dos mercados scandinavos, no fim do seculo XVI. E' certo que algumas das cidades maritimas da mesma Liga ficaram ainda tra-

ficando com a Suecia, mas sem privilegios e como qualquer simples particular.

Destruido o jugo da Hansa, estava dado o primeiro e o mais importante passo para o desinvolvimento economico dos Suecos; e Gustavo Wasa era um principe energico e activo, que bem comprehendia as necessidades commerciaes e industriaes do seu paiz, e que tinha vontade firme de as satisfazer. Por isso mesmo e por justo titulo, é memorado na Suecia como o criador d'uma economia nacional, que, realmente, não existia antes d'elle.

Mas, depois da expulsão da Hansa, havia tudo a criar — marinha, industria, navegação, communicações; e a propria agricultura precisava de estimulo e de instrucção. Ora Gustavo Wasa atendeu a tudo isso, inclusivamente á criação de novos centros de commercio, pela fundação de novas cidades.

Depois da morte de Gustavo Wasa, o desinvolvimento da Suecia foi interrompido, pelas dissenções dos seus filhos e pela má gerencia dos Governos. Sómente sob Carlos IX, em que se resolveu a favor da Suecia a questão da successão que a Polonia pretendia, é que um pouco d'ordem e tranquilidade entrou no paiz, e que os Suecos trataram dos seus interesses materiaes. Então, as cidades foram engrandecidas e aformoseadas; e Stokolmo, sobretudo, recebeu importantes privilegios, para poder substituir Wisby, já decaida como entreposto do commercio no Baltico; as industrias foram estimuladas, principalmente, a mineira, para a qual esse

rei attendeu especialmente. Sómente a navegação é que retrogradou, porque os Hollandezes tinham ganhado terreno, e haviam-se apoderado do commercio exterior da Suecia.

Depois d'isso, veiu Gustavo Adolfo, cujo reino fez epoca, tanto politicamente como economicamente.

Excedeu ainda os seus predecessores, no cuidado pela industria mineira. Desinvolveu muito a fabricação dos pannos. Desinvolveu tambem as communicações, e fundou novas cidades. Mas, apesar d'estes esforços, os recursos materiaes da Suecia não augmentaram na mesma proporção, em consequencia das guerras que houve, n'esse tempo.

Depois d'isso, Carlos Gustavo tambem augmentou a importancia politica da Suecia, e pouco faltou, para que elle visse realisado o seu sonho de reunir os tres reinos scandinavos no mesmo sceptro. Quasi todas as costas do Baltico estavam em seu poder, e o Sund estava livre; mas as guerras esgotaram da mesma forma o paiz.

Em 1660, com a coroação de Carlos XI, a Suecia encontrou um principe amigo da paz, que juntava a intelligencia á boa vontade e á precisa energia, para tirar partido d'essa intelligencia. Esse rei applicou-se, principalmente, a fazer da Suecia uma potencia commercial. E, n'este sentido, promulgou uma especie de *acto de navegação*, que favorecia o pavilhão nacional, por importantes direitos differenciaes; e, de modo que, a cabotagem e a pesca ficaram reservadas para a marinha nacional.

Os Hollandezes foram, assim, perdendo, pouco a pouco, a sua preponderancia; e, já no fim do seculo XVII, os Suecos tinham tomado a superioridade, e, atravessando o Sund, navegavam até o Mediterraneo.

Carlos XI desinvolveu egualmente as outras industrias, especialmente a mineira; e fundou, em 1668, um banco de emprestimo, para auxiliar o movimento economico do paiz. E, se este rei não póde conseguir a realisação dos seus desejos, é que, além de todos os mais obstaculos, a divida pública era enorme. Subia a 7.500:000 libras, que elle pagou; tendo até para isso de retirar da Hollanda os brilhantes da corôa, que estavam empenhados lá.

Depois, as grandes esperanças da Suecia foram destruidas pelo aventuroso reinado de Carlos XII, que unicamente se importou da guerra. As proprias finanças recairam no cahos e desordem, d'onde Carlos XI as tinha tirado.

Á morte de Carlos XII, a Suecia havia perdido a sua frota, cedido todas as suas provincias allemães do Baltico, menos a Pomerania, e renunciado ás franquias do Sund. E não sómente a Russia, enriquecendo-se dos seus despojos, alcançou a preponderancia do Norte; mas até a propria Dinamarca, antes desprezada, ganhou terreno.

O unico decreto de Carlos XII em materia commercial foi desgraçado. Uma companhia a quem elle tinha abandonado, por uma somma consideravel, o privilegio da venda do alcatrão e do linho alcatroado, elevou exaggeradamente o preço d'es-

ses artigos, para se indemnisar d'aquella somma; e os estrangeiros, que até ahi os vinham buscar á Suecia, dirigiram-se para a Russia. E, além d'essa concorrencia, n'este genero, trazer comsigo a de muitos outros productos, accresceu tambem que a Inglaterra foi pedir aquelles artigos ás suas colonias da America do Norte.

Depois de Carlos XII, a dieta, para ver se levantava o paiz, fez um outro e verdadeiro *acto de navegação;* e, realmente, com isso augmentou o numero dos navios. Mas, por outro lado, uma parte das embarcações estrangeiras, e sobretudo inglezas, foram procurar os productos do norte á Russia, o que fez continuar a decadencia da Suecia.

Em 1772, o reinado de Gustavo III trouxe dias mais felizes. Este principe libertou a realeza da tutella da aristocracia, e collocou-se, d'este modo, nas condições de servir os interesses geraes, sem se preoccupar dos interesses particulares. Decretou muitas medidas dignas de louvor, mas nada fundou duradouro. Os louros militares de Gustavo Adolfo e Carlos XII impediram este principe cavalleiroso de dormir; e, exaggerando os seus recursos, procurou adquirir tambem pela guerra uma grandeza perdida, em vez de conservar e desinvolver pela paz o que lhe restava d'essa grandeza. Frustrou-se um tal intento; e, depois da sua morte, a Suecia recaiu mais que nunca n'um grande abatimento, até que uma revolução profunda lhe veiu preparar, já no periodo contemporaneo, destinos mais felizes.

Tendo nós exposto, assim, n'uma resumida syn-

these, o movimento economico da Suecia, durante a edade moderna, vejamos agora a importancia relativa tambem dos seus factores economicos, e os accidentes que elles soffreram [1].

*

* *

A Suecia, na epoca moderna, comprehendia ainda, além de toda a Laponia, tambem a Finlandia e as ilhas de Götland e Oland, como comprehende ainda hoje. A sua situação commercial tinha, por si, como tem actualmente, a vantagem de estar rodeada de mares, a não ser pelo oeste, na parte confinante com a Noruega. Mas, desgraçadamente, os gelos obstruem esses mares, durante uma grande parte do anno. Assim, o golfo de Botnia gela por inteiro, durante alguns mezes, a ponto de poder ser facilmente atravessado por carroças, mesmo pesadas, e a navegação unicamente é favoravel de abril a setembro. No Oceano Glacial, não pode ella ter logar desde outubro até o fim de maio. E, no Atlantico, cessa de dezembro a abril.

Por outro lado, a latitude septentrional da Suecia

---

[1] Cuidamos tambem agora, em separado, dos factores economicos — situação, aspecto, clima e natureza do solo, porque ainda não tinhamos tratado d'este paiz, nos volumes antecedentes. E, como já dissemos a pag. 299, se não fizemos isso n'este mesmo volume, quanto á França e Allemanha, foi pelo termos já feito nos volumes anteriores.

e o rigor do clima prejudicam tambem essa situação commercial, como acontece na Noruega; e ainda com mais intensidade, porque, em geral, o clima da Noruega, por ser muito beneficiado pela corrente do *gulf-stream*, que passa ao longo das suas costas, é mais doce que o da Suecia. E acresce ainda que as proprias montanhas norueguezas formam um obstaculo ás communicações da Suecia, por esse lado, obstaculo este que, na edade moderna, em que não havia ainda caminhos de ferro, era muito mais prejudicial do que actualmente.

As costas são, geralmente, de difficil accesso, erriçadas de uma infinidade de rochedos e de pequenas ilhas; mas, em todo o caso, são dotadas de portos excellentes, que modificam favoravelmente a má situação commercial da Suecia [1].

*

* *

Quanto ao aspecto e natureza do solo, a Suecia forma um longo declive de planicies, collinas, montanhas e platós, que desce para o Baltico e para o Sund. Está cheia de lagos, e de modo que alguns d'elles correspondem aos fjords da Noruega. Os platós e collinas estão cobertos por toda a parte de pinheiros bravos e mansos e de

---

[1] Scherer, *Histoire du Commerce de toutes les Nations*, vol. II, pag. 648, traducção franceza — Lanier, *L'Europe* — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. V.

betulas, e, em toda a superficie, especialmente ao norte, ha desertos gelados, espaços nus, campos de neve quasi sem fim, e geleiras.

Na epoca moderna, uma decima do solo pertencia aos prados, outra decima aos campos e jardins, ainda outra decima aos lagos, vinte e oito centesimas ás florestas, e o resto á nudez [1].

E esta natureza do solo, já dotada de más condições, é tambem prejudicada pelo clima frio, que, apesar de ser modificado alguma coisa no sul pela corrente do *gulf-stream*, de que já fallámos, é mais rigoroso ainda que na Noruega. Em todo o caso, no interior do paiz, ha planicies, cujo solo, embora pantanoso, está cheio de materias ferraginosas, e tem fertilidade, sobretudo nas provincias mais ao sul [2].

*

* *

Na epoca moderna, de que estamos tratando, superabundavam os productos florestaes dos pinheiros bravos e mansos e das betulas [3]. A agricultura dava trigo, centeio e cevada, productos

---

[1] Onesine Reclus, *La Terre à voil d'Oiseau*, vol. I—Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. III, cap. IX.

[2] Thomaz Raynal, *obr. cit.*

[3] A casca do pinheiro e da betula servia tambem aos camponezes, para a misturarem com centeio e com algumas raizes, e fazerem, assim, um pão, embora duro e desagadavel. Thomas Raynal, *obr. cit.*, vol. III—Eduardo Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. III.

esses distribuidos conforme a respectiva latitude; porque o trigo mal chega até 62°, o centeio só vai até 64°, a cevada até 68°. E havia muita quantidade de bois, muitos carneiros, que se importavam da Allemanha, porque os naturaes do paiz não davam boa lã. Havia tambem muitas cabras, porcos e cavallos. E, no norte, existiam muitas rennas ou rangifers [1].

Havia egualmente, e sobretudo tambem no norte, muitos animaes de pelliças, como castores, raposas, lynces, martas, e as aves chamadas eyders, cuja pennugem é muito procurada para edredons; e, no Mar do Norte, as phocas, morsas e os narvaes, que forneciam productos importantes [2].

Quanto á pesca, havia muitos linguados, pescadas, lagostas, ostras e salmões, nas costas e lagos da Suecia; mas a unica pesca que obteve grande importancia, foi a dos arenques, desde 1730.

Estes peixes habitavam tambem as costas da Suecia, no principio da epoca moderna, desde 1567 a 1644. Desappareceram então, de lá. Voltaram, alguns annos depois, e desappareceram de novo, para só reapparecerem, em 1740. E não se retiraram mais até o fim d'este periodo [3].

---

[1] Os rangifers são animaes muito uteis. A sua carne e leite servem de alimento; a pelle serve para cabedal; e, atrellados aos trenós, na neve e no gelo, atravessam as distancias com uma rapidez extraordinaria.

[2] Sobre esses productos, vide pag. 302.

[3] E. Reclus, *obr. cit.* — *La Scandinave et Russie*, pag. 132 — Scherer, *obr. cit.*

Quanto ao reino mineral, a Suecia abundava, como ainda hoje abunda, de ferro e cobre. Havia tambem prata, cobalto, enxofre e mesmo ouro.

E a Laponia foi sempre conhecida pelos Suecos por terra opulenta de mineraes de toda a especie. É possivel que até fosse este o motivo determinante dos primeiros ensaios da colonisação, que, em todo o caso, não remontam além do seculo XVII. Antes d'isso, e durante a meia edade, a Laponia estava inteiramente nas mãos d'uma poderosa corporação — a dos *Birkarlarna*, cujas rapinas e crueldades dizimavam os habitantes indefezos.

As pelles do rangifer e as pelliças raras, e sem duvida, tambem os mineraes de ferro, prata e cobre formavam os objectos mais preciosos do seu commercio.

A Finlandia era tambem muito abundante de mineraes [1].

*

* *

Pelo que respeita ao movimento industrial, a agricultura estava muito atrazada. Além da rudeza do povo, contribuia para isso a organisação social.

E, com effeito, a Suecia era toda militar. Ao grito do bem público, o trabalhador deixava a charrua, e tomava o arco ou a arma; e a nação inteira achava-se aguerrida, pelas guerras estrangeiras ou luctas civis, que, desgraçadamente, eram continua-

[1] Leoni Bernardini, *Sjoestedt, Pages Suédoises.*

das. O Estado assoldadava primeiramente só quinhentos homens; no anno de 1542, porém, este pequeno corpo já foi elevado a seis mil.

Para ser alliviada da sustentação d'essas tropas, a nação esforçou-se, durante muito tempo, no sentido de se destinar para isso uma parte dos dominios da corôa; e essa pretensão, embora fosse tambem contrariada por muito tempo, foi depois attendida. Por isso, Carlos XI retomou as terras que os seus predecessores tinham dado aos favoritos, e ahi collocou a parte mais importante do exercito.

Havia um outro corpo militar, conhecido pelo nome de *tropas nacionaes,* que era olhado pelo povo como o baluarte do reino. Compunha-se elle de trinta e quatro mil homens, pouco mais ou menos; e reunia-se apenas vinte e dois dias, em cada anno. Não ganhava soldo, mas recebia do Governo, sob o nome de *bostels*, propriedades, que deviam chegar para o seu sustento; e de modo que, desde o simples soldado até o general, todos possuiam casas e terras, que tinham obrigação de cultivar. As commodidades do alojamento e a extensão do solo eram proporcionaes ao posto do miliciano.

Ora, d'esta maneira, as terras estavam sempre n'uma grande desordem; porque o caracter do agricultor é diametralmente opposto ao do militar. O homem que grangeia a terra, liga-se á gleba, pelos cuidados que esta lhe traz; ganha-lhe amor, como á propria familia; e afasta-se, naturalmente, d'ella, com tristeza ou saudade. Pelo contrario, os militares, tendo, em consequencia da sua profissão,

de mudar de logar para logar, de andar de provincia em provincia, e, ás vezes, até de sair do territorio da nação, deviam estar sempre dispostos para partirem alegremente, ao primeiro toque de tambor e ao primeiro signal de trombeta; e só isto contribuia para os despegar dos cuidados e progresso da agricultura.

Além d'isso, os trabalhos ruraes enfraquecem, não sendo secundados por uma numerosa familia, o que pede o casamento. E, pelo contrario, o estado de permanencia nas tendas e nas campanhas e os azares da guerra d'aquella organisação militar pediam o celibato, para que nenhuma doce união amollecesse a coragem do soldado, e elle podesse viver em toda a parte, sem qualquer predilecção local que lhe entibiasse o animo, afim de expor, a todo o momento, a vida sem pesar. Ora tudo isso revertia tambem em prejuizo da agricultura.

Accresce ainda que os exercicios militares tiravam o tempo necessario para a lavoura; e, reunidas as duas profissões no mesmo individuo, só podia haver mediocres lavradores e maus soldados.

Finalmente, as terras distribuidas aos militares, segundo o caracter da concessão, ou se tornavam hereditarias na familia d'elles, ou voltavam para o Estado. E, então, no primeiro caso, ficavam amortisadas na mão d'essa familia, e sem poderem passar a melhores cultivadores, embora os detentores não fossem cuidadosos. E, no segundo caso, lançava-se, de um momento para outro, na mendicidade uma multidão de filhos de ambos os sexos; de modo que, no fim de algumas campanhas, o

reino ficava povoado de viuvas e orfãos desgraçados.

Por tudo isto, o systema do *bostel* era muito prejudicial para a agricultura, como o foi tambem a distribuição das terras feitas por Carlos XI.

A par d'este desgraçado regimen da propriedade, quanto ás terras distribuidas aos militares, havia tambem a divisão forçada na mão dos particulares; porque, a principio, as terras cultivadas eram divididas em 8:052 herdades, que não podiam ser parcelladas; e, por um erro, ainda mais grosseiro, as leis fixaram o numero das pessoas que poderiam habitar cada uma d'essas herdades. Quando esse numero estava completo, o pae de familia via-se obrigado a expulsar de casa para fóra os filhos mais novos, por maior necessidade que elle tivesse de augmentar a producção ou desinvolver a agricultura [1].

O pensamento do Governo foi promover, por esta medida, o arroteamento dos terrenos incultos e a formação de novas herdades; mas devia prever que os homens, assim opprimidos, não podiam ter alegria, nem vontade de se occuparem devidamente das suas herdades, e que a maior parte iria procurar em regiões estranhas a tranquilidade e felicidade de que a sua patria os privava tão injustamente. E, na verdade, tudo isso deu logar a uma grande emigração.

Unicamente, em 1478, sob Frederico I, é que o

---

[1] Eduardo Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. III.

Governo abriu os olhos; e, comprehendendo, então, que os cultivadores só deviam ter a porção de solo que podessem explorar convenientemente, a dieta auctorisou a divisão das herdades em tantas parcellas quantas se quizesse. Esta nova ordem de coisas diminuiu a emigração, e trouxe o melhoramento da agricultura.

A falta da população contribuia tambem, para prejudicar o desinvolvimento agricola; porque, ainda, em 1751, um recenseamento a que se procedera deu apenas 2.229:661 habitantes. Em 1769, este numero estava augmentado em 3.430:000; e, depois d'isso, não augmentou, antes retrogradou, pela miseria e doenças epidemicas.

Havia, assim, a dispersão d'um grande numero de homens n'um grande espaço; e o afastamento em que uns estavam dos outros, obrigava cada qual a prover, de per si, ás proprias necessidades, impedindo-o de se entregar assiduamente a qualquer profissão, mesmo a de lavrador.

Além d'isso, a lei prohibia aos agricultores o terem mais de um criado, para os ajudar na lavoura [1].

O alcoolismo, e, com elle, a distillação de cereaes, que augmentava a miseria e prejudicava e entorpecia a actividade individual de um grande numero de cidadãos, convergia tambem para o atraso de todas as industrias, e, por consequencia,

---

[1] M. Williams. *Histoire des Gouvernemens du Nord*. traducção franceza, vol. II.

da agricultura. Para prevenir esses inconvenientes, sómente em 1772, é que foi prohibida aos particulares a distillação, ficando ella a constituir monopolio do Estado, que vendia o alcool por preços elevados. Mas, ainda assim, as leis foram impotentes contra a paixão do povo, e foi preciso modificar os regulamentos, não, para permittir a fabricação, mas, no sentido do Estado vender o alcool mais barato [1].

Havia tambem o pesado encargo imposto aos lavradores de transportarem e hospedarem gratuitamente os viajantes. E esse abuso durou até o tempo de Frederico I, em que foi abolido, ao mesmo tempo que se estabeleceram tabernas ou casas de pasto ao longo das estradas principaes [2].

E por ultimo, a pessima administração da justiça, a corrupção dos juizes e homens de leis e o continuado emprego de chicanas nos processos judiciaes, faziam que não houvesse segurança nos tribunaes, e que o simples habitante dos campos succumbisse debaixo da influencia, subtilezas e astucias de um habil ou poderoso adversario [3].

Ora Gustavo Wasa, apesar de deixar subsistir aquella má organisação social e militar, e apesar de empregar o seu principal cuidado industrial no campo mineral e na marinha, procurou tambem desinvolver a agricultura, proporcionando aos lavra-

---

[1] Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. III.

[2] Jules Martin, *La Reforme et la Suéde.*

[3] M. Williams, *obr. cit.*

dores maior instrucção, e fornecendo-lhes instrumentos aratorios. E, realmente, com esse impulso, a agricultura foi-se desinvolvendo alguma coisa, de modo que, já no tempo de Gustavo Adolfo, ella suppria, nos annos ordinarios, as necessidades do paiz; e as provincias meridionaes faziam até, de tempos a tempos, algumas exportações.

Mas, depois de Carlos XII, com as guerras do seu reinado, a agricultura chegou a tal atraso que as colheitas eram muito insufficientes, e era mister que a importação da Russia, por um dos artigos do tratado feito com esse imperio, viesse cobrir o *deficit*.

Os principaes artigos cultivados eram, como já dissemos, o trigo, centeio e cevada. E as batatas eram tambem cultivadas com muita intensidade.

Quanto á industria pecuaria, a corôa, sobretudo desde Gustavo Adolfo, criou grandes rebanhos de carneiros e ovelhas nos seus dominios, e favoreceu a importação dos carneiros da Allemanha; porque os da Suecia deixavam muito a desejar, quanto á lã. Criavam-se tambem muitas cabras, cavallos e muitas rennas ao norte. E os Suecos aprenderam dos Hollandezes a tratar melhor do gado.

*

* *

Relativamente ás outras industrias, estavam ellas tambem, geralmente, muito atrasadas, por differentes e variadas causas.

Assim, havia muitos privilegios e monopolios dos nobres que as prejudicavam. Em cada cidade, só era permittido um numero limitado d'artistas e mercadores. Havia um systema de corporações tão defeituoso que, mesmo quando algum individuo tinha feito a aprendizagem de qualquer profissão, só podia exercel-a depois de ter servido alguns annos como companheiro [1], e quando a morte de um dos mestres deixava vago um logar. Isto tornava a mão d'obra muito cara; e, a par d'essa carestia, cada cidade da Suecia formava uma especie de corporação, cujos mestres se uniam, para fazerem subir os seus productos a um preço exaggerado; porque bem sabiam que não tinham rivaes.

Ora tudo isto fazia diminuir o consumo, e, portanto, a producção.

Havia poucas e fracas communicações de um logar para outro. Além d'isso, tambem a importação de um logar para outro era absolutamente prohibida. E os artistas e rapazes novos antes queriam ir trabalhar no estrangeiro do que ficar na sua patria, submettidos a toda a ordem de travações e perseguições. Por isso, o numero dos operarios suecos estabelecidos em Copenhague egualava quasi o dos dinamarquezes de nascimento; e, da mesma forma, nos ultimos tempos d'esta epoca, S. Petersburgo, Dantzick e todas as cidades situadas perto do Mar Baltico, e bem assim Moscou e

---

[1] Sobre as corporações industriaes, veja-se *A Historia Economica*, vol. II, pag. 33.

todas as grandes cidades da Allemanha, estavam cheias de marinheiros, operarios e artistas da Suecia; e tambem a França, Inglaterra e Hespanha abundavam d'elles.

Mesmo no fim do periodo, em geral, só havia maus artistas que, sob a protecção dos nobres e pessoas de influencia, trabalhavam nos seus officios, sem mesmo os conhecerem devidamente; e, por isso as manufacturas do paiz faziam pequenos progressos [1].

*

* *

Em todo o caso, a navegação e marinha e a exploração mineira, que estavam em grande atraso, antes de Gustavo Wasa, mereceram-lhe cuidadosa attenção; e, começaram, então, a progredir.

Desde que elle destruiu o predominio da Hansa, era-lhe essencial promover o desinvolvimento da marinha, pois que essa Liga tinha deixado á Suecia apenas alguns barcos de pesca. N'este sentido, Gustavo Wasa fez vir do estrangeiro calafates e outros operarios de navios. O material de construcção havia-o no paiz. E, para dar exemplo, elle proprio, em 1545, fretou á sua custa dois navios suecos, destinados ao commercio com Amsterdam e Lisboa; e, além d'isso, fez publicar uma lista de mercadorias que mais facilmente podiam ser troca-

[1] M. Williams, *obr. cit.* vol. II.

das por outras dos differentes paizes, segundo as necessidades de cada um d'elles. Á morte de Gustavo Wasa, a Suecia possuia já uma frota de vinte e oito navios de guerra e muitos navios mercantes, que navegavam para além do Sund [1].

Depois de Gustavo Wasa, Carlos XI deu tambem, como já vimos, grande impulso á marinha e navegação, no proposito de fazer da Suecia uma potencia commercial maritima. Promulgou até uma especie de *acto de navegação*, que favorecia o pavilhão nacional, e reservou a pesca e a cabotagem para a marinha da Suecia. Mas as perturbações e a má gerencia dos tempos seguintes, fizeram recuar novamente a marinha e a navegação.

Finalmente, como tambem já observámos, depois de Carlos XII, a dieta, para ver se levantava o paiz do abatimento em que estava, fez um verdadeiro *acto de navegação*, conhecido pelo nome de *Cartaz das Producções*, por meio do qual os navios estrangeiros só podiam introduzir na Suecia generos do paiz a que pertencessem, e nem mesmo podiam transportal-os de um porto sueco para outro.

Com esse acto de navegação, augmentou o numero dos navios nacionaes; mas, por outro lado, uma parte das navios estrangeiros, e sobretudo inglezes, foi procurar os productos similares ao norte da Russia; de modo que, apesar de tudo, continuou a dar-se a decadencia da marinha nacional.

---

[1] Henry Biaudet, *Le Saint-Siége et la Suède.*

*

* *

Quanto á industria mineira, já dissemos que havia muitas minas na Suecia, propriamente dita, e na Laponia e Finlandia. Os Lapões, sobretudo os Finnezes, passavam até antigamente, na imaginação popular, por bruxos ou feiticeiros, que possuiam a arte magica de descobrir, com o auxilio de um anel, os jazigos de mineraes preciosos [1].

Foi um pastor finnez, diz a tradicção, que, no

---

[1] Está confirmado historicamente que os Lapões, nos antigos tempos, se estendiam, na peninsula scandinava mais abaixo que actualmente, mesmo talvez até á altura de Upsala, e que só gradualmente foram sendo repellidos para a zona polar. E, quanto aos Finnezes, que são da mesma origem, e tanto que os Norueguezes lhes chamaram os *Lapões Finns*, e as duas linguas laponia e finneza ou finlandeza teem grandes pontos de semelhança, esses habitam ainda ao norte do Vener, nas florestas denominadas de *Finskarkogen*, e gosaram sempre da reputação de deitarem sortes e lerem o futuro. Formavam elles, na epoca pagã e nos seculos que se seguiram, uma porção consideravel de escravos domesticos; e é verosimil que as caçadas para o extremo do norte houvessem, principalmente, por fim o procurar esses escravos. Possuiam uma grande habilidade para forjar metaes, e trabalhavam nas minas, sem duvida como escravos. São elles que, transformados pela imaginação primitiva, engendraram estes *gnomos* e *anões,* guardiões de thesouros occultos no seio das montanhas, que, das velhas lendas scandinavas, passaram para os contos germanicos [1].

[1] Léonie Bernardini, *Sjoestedt, Pages Suédoises.*

principio do seculo XIII, descobriu as minas de cobre de Falun, na Delacardia. Foi um lapão, Olof Fälck que, em 1640, descobriu as minas de cobre de Svappavara, na parte mais septentrional da Laponia, as quaes foram exploradas quasi durante um seculo com diversa fortuna; e até o rei lhes permittiu, por decreto de 22 de novembro de 1674, poderem forjar como dinheiro chapas de cobre com o cunho do sello real, do valor de um ou dois rixdales [1], conhecidas pelo nome de *Kengis* (Kengis platarna), do nome da forja situada na parte baixa da Laponia, perto da embocadura do Kalikseef, para onde o cobre das minas de Svappavara e de Junosuando era transportado, para ser forjado [2].

Os altos fornos parece que foram numerosos na Laponia, nos seculos XVII e XVIII, mas a maior parte, como os de Kengis foram destruidos, pelas incursões dos Russos e pelos incendios.

Os mineraes de cobre eram quasi os unicos explorados. Mas, apesar d'isso, entre os altos fejälls do lado fronteiro norueguez veem-se ainda os vestigios das minas de prata de Silpatjakko, descobertas, em 1659, e exploradas durante o mesmo seculo, que estavam mesmo na crista da montanha, a mil e trezentos metros acima do nivel do mar.

---

[1] Um ou dois escudos. Vide pag. 325.

[2] Ha ainda duas d'essas medalhas no museu de medalhas de Stokolmo, e outras duas no de Helsingfor, na Finlandia. — Léonie Bernardini, *Sjoestedt, obr. cit.*

Encontrava-se ouro na visinhança do lago Tornea. E, na primeira metade do seculo XVIII, foram tambem descobertos e explorados os campos de ferro de Gellivara, que teem uma area de mais de duzentos mil metros quadrados.

A *Stora Kopparberg* ou *companhia de minas de cobre de Falun* é tão antiga como a antiguidade das mais velhas familias. Data de 1225. Gozou do privilegio soberano de fabricar dinheiro e emittir bilhetes de banco; e, effectivamente, os emittiu, em 1708 e 1710. Esse dinheiro consistia em moedas nominaes de couro, do valor de dois dállers [1], tendo os angulos resguardados de bronze, e n'outras moedas de casca de bétulla. E, em 1685, cunharam-se, por conta do Estado sueco, chapas de bronze rectangulares de $0^{m},65$ de comprimento e $0^{m},32$ de largura, do pezo de $19^{k},5$ e do valor de dez dállers, que é o maior dinheiro que se tem cunhado [2]. Mas, a não serem os raros privilegios concedidos a qualquer empreza, como áquella companhia *Stora Kopparberg*, na edade media, as minas pertenciam aos padres; e, só em 1480, é que passaram para a mão do Governo. Posteriormente, porém, tambem passaram para a mão dos particulares, e sómente uma de ouro, descoberta em 1738, é que ficou nas mãos do fisco.

Gustavo Wasa fez vir da Allemanha mineiros

---

[1] O dáller de prata valia tres dállers de cobre, pouco mais ou menos, um schelling inglez.

[2] Leonie Bernardini — Sjoestedt, *Pages Suédoises*. pag. 265.

experimentados, e promoveu o estabelecimento das respectivas officinas. Restringiu a exportação do ferro bruto; e animou com premios a do ferro em barra. Fiscalisou tambem com todo o rigor a boa preparação do ferro e aço; e desinvolveu grandemente a exploração das minas de prata [1]. O cobre é que sómente adquiriu importancia mais tarde.

Carlos IX olhou tambem com especial attenção para a industria mineira, cuja producção se tornou cada vez mais rendosa, por causa dos pedidos da Europa occidental.

O ferro foi exportado em barra, e não em massa bruta. Estabeleceram-se fabricas de armas brancas, armas de fogo, pregos e utensilios diversos, latão, fundições de balas e canhões; e a importação do cobre tomou, então, mais importancia.

Gustavo Adolfo excedeu ainda os seus predecessores, no cuidado pela industria mineira. Fez vir tambem mineiros da Allemanha e dos paizes wallonezes. Criou novos estabelecimentos mineraes, e promulgou novos e importantes decretos, a respeito d'aquella industria. Sobretudo a exploração do cobre augmentou consideravelmente no seu reinado, aprendendo-se até a purifical-o e afinal-o; e a fabricação das armas teve egualmente um desin-

---

[1] Não obstante o que se diz no texto, a mina de prata de Sola, que era conhecida desde o seculo XI, e que deu, durante o curso do seculo XIV, 24:000 marcos, já no seculo XV, deu sómente 21:280, e foi decaindo até o fim do periodo. — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. III.

volvimento notavel, a ponto de se espalhar em todo o reino, como industria domestica.

Eram os camponezes que se occupavam d'ella, recebendo do Governo um certo salario, parte em dinheiro e parte no proprio producto; e para isso estavam sujeitos a uma organisação official. Essa industria official provia em grande parte os exercitos suecos; e nenhum outro paiz excedia a Suecia na qualidade dos seus mosquetes e das suas lanças e couraças.

A exploração do cobalto e do enxofre desinvolveu-se tambem, mas, não teve comparação com a do cobre, e sobretudo com a do ferro, por que esta foi augmentando por forma que, desde 1754 a 1768, exportaram-se, cada anno, termo medio, 995:607 quintaes. Essa exportação do ferro começou, então, a diminuir, pela concorrencia da Russia; mas os Suecos principiavam tambem a trabalhal-o em canhões, ancoras e outros artigos de necessidade para os povos estrangeiros.

*

* *

As guerras provocaram no tempo de Gustavo Adolfo o estabelecimento de uma outra industria — a dos pannos. Para favorecer o exercito, fundaram-se manufacturas em Upsala, Jönkönping e Calmar, ao mesmo tempo que se estabeleceram tambem em Jönkönping curraes de gado para a maior producção de lã.

A industria dos productos florestaes, como traves, taboas, mastros, lenha, pez, potassa, alcatrão, pannos alcatroados, e a dos productos piscatorios, sobre tudo dos arenques, phocas e baleias, é que representaram n'este periodo as industrias mais importantes da Suecia.

*

*   *

Quanto ao commercio, na epoca anterior, quasi todo elle era feito por intervenção da Liga Hanseatica; e, por meio do auxilio que a cidade de Lubeck deu a Gustavo Wasa, ainda a mesma Liga obteve os privilegios de que já fallámos. Depois, como egualmente já dissemos, dando-se o rompimento da Suecia com Lubeck, o rei aboliu todos os privilegios que tinha concedido á Hansa, e fez equiparar os Lubeckenses aos outros povos. E, embora, posteriormente, com ciumes da Dinamarca, lhe concedesse ainda alguns favores, retirou-lh'os novamente de vez, e prohibiu até, por muito tempo, qualquer commercio com Lubeck.

Destruido o jugo da Hansa, Gustavo Wasa tratou de criar novos centros mercantis e de estabelecer relações com os Hollandezes e Inglezes.

As medidas de Carlos XI, que, segundo vimos, promulgou uma especie de *acto de navegação*, e reservou a cabotagem e a pesca para a marinha nacional, contribuiram tambem para levantar o commercio. Mas as guerras de Carlos XII foram

terriveis para todos os ramos de economia nacional, e, portanto, para o desinvolvimento mercantil; e ainda esse rei augmentou a desordem, abandonando a uma companhia por uma somma consideravel o privilegio do alcatrão e linho alcatroado. Essa companhia, para se indemnisar, elevou exaggeradamente o preço d'esses artigos. E isto deu em resultado que, por um lado, os estrangeiros, que, até então, os vinham buscar á Suecia, dirigiram-se á Russia, cuja concorrencia n'esses productos era já muito antiga, o que trouxe tambem a concorrencia n'outros generos communs aos dois paizes; e a que, por outro lado a Inglaterra fosse munir-se de eguaes productos nas suas colonias da America.

Depois de Carlos XII, como egualmente já vimos, a dieta fez um verdadeiro *acto de navegação*. Mas, embora com isso augmentasse o numero dos navios nacionaes, o commercio não melhorou, antes decaiu; porque uma parte dos navios estrangeiros, e principalmente inglezes, foi procurar os productos do norte da Russia.

Em todo o caso, o atraso da industria, a falta de communicações, a prohibição de exportar de um logar para outro, a par de todas as mais causas que temos apontado, e que influiram na exiguidade do movimento economico da Suecia, produziram tambem o atraso do commercio. E accrescia ainda que havia poucos negociantes estrangeiros, porque as leis lhes eram desfavoraveis.

Assim, como vimos, Gustavo Wasa, para favorecer a Liga Hanseatica, prohibiu até qualquer

outro mercador estrangeiro de se estabelecer na Suecia; e, embora essa prohibição fosse depois revogada, ainda assim, em quasi todo este periodo, o commerciante estrangeiro que tivesse vivido algum tempo na Suecia, não podia deixar o paiz e levar os seus bens, sem pagar ao Governo um terço do valor d'elles, ainda mesmo que se tivesse naturalisado sueco. E, além d'isso, a lei confiscava em proveito da corôa o terço de todos os bens do negociante estrangeiro, se elle morresse no reino [1].

*

* *

Quanto ás relações com os outros povos, antes de Gustavo Wasa, a Hansa é que predominava no commercio da Suecia, como já vimos, e, por isso, as principaes relações do paiz eram com a Allemanha. Quebrado, porém, o jugo da Liga Hanseatica, as melhores relações da Suecia foram com a França e Inglaterra, e tambem com a Dinamarca, Polonia e Russia, nos intervallos de paz que houve com esses povos.

A Suecia, no tempo de Carlos XII, e, depois d'elle, teve tambem relações commerciaes de bastante importancia com a Turquia; pois que um interesse egual, que levava os dois povos a opporem-se ás ambições da Russia, os tinha approxi-

[1] M. Williams, *obr. cit.*

mado. E a persistencia d'esse interesse trouxe até dois tratados commerciaes um de 1737, e outro de 1739.

A Suecia fez egualmente accordos mercantis com os Estados barbarescos, garantidos pela Porta, e, com isso, tambem os Suecos desinvolveram no Levante um commercio de alguma importancia.

*

* *

A importação sueca era formada, sobretudo, pelos vinhos e sal da França, pannos, estanho e chumbo da Inglaterra; sedas, especies e assucar, vindos da Hollanda; espadas, armaduras, obras de cobre e quinquilharias provenientes da Allemanha. Mas, depois que se desinvolveu a industria metallurgica nacional, já a Suecia não importava armas, antes as exportava. Havia tambem muita importação de cereaes da Russia e Pomerania, bem como de manteiga, viandas salgadas de differentes especies, centeio, linho e canhamo [1].

A exportação consistia, principalmente, nos productos mineraes e florestaes e nos productos de pesca de que temos fallado, e como taes nos oleos

---

[1] O terreno da Suecia era muito proprio para a cultura do linho e canhamo, mas a cultura era muito deficiente — M. Williams, *obr. cit.*

de peixe; e bem assim no ferro, que, só por si, formava as tres quartas partes da exportação, e no cobre, fio de arame, lenha e madeira, aduelas de pipas, alcatrão, linho alcatroado e pez.

*

* *

Quanto aos centros commerciaes, a cidade de Stokolmo, chamada a Veneza do norte, pois tão paracido é o aspecto das duas cidades, que, tambem em Stokolmo, segundo diz Lanier, no seu livro *l'Europe*, as praças são lagos e as ruas braços de mar, estava, na edade moderna, como ainda está, n'uma situação privilegiada. Edificada, no seculo XIII, quasi no meio da costa oriental da peninsula, occupa as duas margens d'um estreito que faz communicar um fjord do littoral com o grande lago Mœlar, o qual se ramifica em numerosas bahias, até mais de cem kilometros no interior das terras, e que é navegavel para pequenas embarcações, em toda a sua extensão. A região que esse lago banha, era e é das mais ferteis e mais faceis de cultivar. As florestas eram, ahi mais vastas e compostas de grandes arvores, como tambem acontece ainda hoje, e os jazigos de ferro e de outros mineraes accrescentavam as suas riquezas ás da superficie.

Além d'isto, a saida do littoral, onde o fjord communica com o baixo Mœlar e vem unir-se ao Baltico, é um centro natural para toda a Suecia; porque vem convergir lá, como no eixo de uma

meia roda, os raios que os caminhos seguidos em todos os tempos pelo colonos e pelos exercitos, formam atravez do paiz.

D'estas vias historicas a principal é a que segue a depressão dos grandes lagos, desde o Mœlar á bacia de Gótaelf. Por este caminho, cuja extremidade occidental é guardada por Göttemburgo, a cidade de Stokolmo dispõe das portas do Kategat; e, mesmo no inverno, quando as margens do Baltico estão geladas, pode espedir para o oeste os seus generos e receber pelo Atlantico as suas mercadorias.

Finalmente, a forma do Baltico assegura á capital da Suecia grandes vantagens, como cidade maritima.

E, com effeito, o mar interior forma, no estuario d'essa cidade, uma especie de corredor maritimo; ao norte, prolonga-se o golfo de Botnia; ao sul, a bacia principal do Baltico abre-se para as costas da Allemanha; e ao sudeste, o golfo de Riga, em parte fechado por ilhas, penetra no interior da Curlandia e Livonia, entretanto que, directamente para este, o golfo da Finlandia se adianta ao encontro dos grandes lagos da Russia [2].

Göttemburgo está tambem n'uma boa situação, porque está sobre o Göta, rio navegavel na sua parte inferior, cujas embarcações podem subir os

---

[1] Lanier, *L'Europe* — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle, L'Europe Scandinave et Russie* — Francisco Braga, *A Scandinavia.*

rapidos e cascatas, para entrarem no lago de Wener, e porque forma uma estação intermediaria entre os portos do Baltico e o golfo da Noruega meridional, e entre Christiania e Copenhague. Está no cruzamento dos caminhos commerciaes da Scandinavia. Edificada, no tempo de Gustavo Adolfo, por mercadores hollandezes, que apeteciam um caminho para a India atravez da Suecia, da Russia e do Caucaso, tem o cunho da sua origem. Embora a pedra e madeira existisse abundantemente nos seus arredores, está quasi edificada em tijollos, importados da Hollanda e Dinamarca. Foi, primeiramente, uma feitoria de pesca; mas, um bello dia, o arenque desappareceu de Skager Rack, e Göttemburgo decaiu com isso. Levantou-se, d'esse desastre, para se tornar o principal entreposto do norte, no seu commercio com as Indias Orientaes; mas, tambem esse trafico, depois d'algum tempo, desappareceu totalmente [1].

Ainda assim, Göttemburgo, pela sua situação, e, pelos privilegios que lhe foram concedidos por alguns imperantes, manteve sempre grande importancia commercial, n'esta epoca.

Norrköping, *o mercado do norte*, era já mencionada no fim do seculo XII, como rival de Söderköping, o *mercado do sul*, situado na extremidade de um fjord mais meridional.

Essa cidade de Norrköping está nas margens do Motala, a larga corrente que leva ao mar a agoa

[1] Lanier, *L'Europe* — E. Reclus, *obr. cit.*

superabundante do lago Weter e de muitas outras bacias lacustres de menores dimensões. Na propria cidade, essa agua desce em cascatas e rapidos que dão, e davam já na epoca moderna, força motriz ás rodas e turbinas de differentes manufacturas.

Ao sul, havia as minas de ferro de Aotvidaberg, hoje abandonadas, mas que outr'ora rivalisavam com as do Falun, e onde foram abertas as mais profundas galerias da Suecia [1].

Sund, situada ao nordeste, no meio dos campos mais ferteis da Scania, era, antes da reforma de Luthero, a cidade principal da Suecia. Os reis ahi vinham prestar o juramento. Ella gosava de varios privilegios, e tinha uma universidade, fundada, em 1668, por Carlos x, o que fez tambem augmentar a sua importancia. Mas, sendo despojada d'esses privilegios e arruinada pelas guerras, decaiu rapidamente; e, já no fim do seculo XVIII, só tinha quatro mil habitantes.

Malmo, que é hoje a terceira cidade da Suecia, já na edade moderna, foi rival de Sund.

Wisby, capital da ilha de Gottland é a unica cidade que se diz ter sido fundada pelos Slavos da Vineta pomerania, fugindo, das inundações. A cidade dos emigrantes foi edificada no rebordo de um terraço de rochedos em ruina, d'onde jorravam fontes de agua pura, causa evidente da escolha dos fugitivos.

Alliada ás outras cidades hanseaticas, tomou

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

rapidamente uma grande importancia commercial. Continha dentro de si doze mil burguezes; e, além d'isso, milhares de operarios e marinheiros viviam fóra dos muros. Os Allemães, tambem muito numerosos, possuiam muitas egrejas, e nomeavam metade do conselho da cidade. O direito maritimo de Wisby era o codigo dos marinheiros do norte, como as regras de Oleron de que elle se derivava, o eram para os do occidente [1].

Sendo por muito tempo a capital de Gottland, guardou tambem muito tempo a sua independencia republicana; mas, em 1361, o rei da Dinamarca Waldemar III destruiu-lhe o castello, arruinou-lhe as egrejas e arrebatou-lhe as riquezas. A cidade nunca mais se levantou completamente d'esse desastre. Comtudo, o seu porto foi ainda inportante n'esta epoca, mesmo commercialmente fallando, e os habitantes exerciam grandemente a industria da pesca [2].

Constituiam tambem centros commerciaes de certa importancia Helsingborg, Landskrona, Carlokrona, Upsala, Sala, embora cidade pequena, pelas suas minas de prata, e Norberg, pelas de ferro. Omsberg era notavel pela grande feira que ahi se fazia, no S. Miguel de cada anno, frequentada por vinte mil ou trinta mil pessoas; Falun, pela sua industria mineira e minas de ferro; Sefle, pelo seu commercio, seu porto e sua industria; e

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 85.

[2] E. Reclus, *obr. cit.*

Calmar, onde, em 1397, se concluiu o celebre tratado para a reunião das tres coroas do norte e onde Gustavo Wasa desembarcou, em 1520, para libertar a patria, era tambem centro importante.

*

* *

Quanto á moeda, os Suecos tinham poucas especies em circulação. Suppriam essa deficiencia por grossos pedaços de cobre, onde imprimiam um certo cunho, e por pequenos bilhetes de banco [1].

Mas, em todo o caso, houve n'esta epoca moderna as seguintes moedas:

Ouro

Ducado $= 11^{l}$, e $6^{d} = 2\$205$ rs.

Duplo ducado de Carlos XII, do anno de 1702 $= 23^{fr},21^{c}\ ^{3}/_{10} = 4\$640$ rs.

Ducado de Frederico (1745) $= 11^{fr},60^{c}\ ^{2}/_{3} = 2\$320$ rs.

Ducado de Adolfo Frederico (1761) $= 11^{fr},60^{c}\ ^{2}/_{3} = 2\$320$ rs.

Ducado de Gustavo $= 11^{fr},58^{c}\ ^{1}/_{4} = 2\$310$ rs.

Ducado de Gustavo Adolfo $= 11^{fr},58^{c}\ ^{1}/_{4} = 2\$310$ rs.

---

[1] M. Williams, *obr. cit.*

Prata

Peça de 12 s. da Suecia (1754) = 14^s = 140 rs.
Escudo da Suecia (1755)=$5^l,13^s,10^d$=1$132 rs. [1].

Havia tambem o dáller de prata e o de cobre. O de prata valia tres de cobre, e correspondia a um schelling inglez ou 725 rs. da nossa antiga moeda.

*

* *

Quanto ás communicações, Gustavo Wasa attendeu tambem cuidadosamente para ellas; e até constituiu mercados em differentes terras do reino, onde os negociantes estrangeiros eram admittidos a negociar. E alguns dos seus successores tra-

---

[1] Repetimos aqui o que já dissemos, quanto á Dinamarca e Noruega. Extraimos estes dados, relativos á moeda de ouro e prata, do livro de Joseph Ruelle, *Operations des Changes des principales Places d'Europe,* impressó em Lyão, em 1774, e do livro de J. F. G. Paleisseau, *Métérologie Universelle Ancienne et Moderne* ou *Rapport des Poids et Mesures des Empires, Royaumes, Duchés et Principautés des quatre parties du Monde,* cujas transcripções devemes ao nosso querido amigo e illustre professor do Curso Superior de Commercio, no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, conselheiro Rodrigo Affonso Pequito. E fazemos a transcripção das equivalencias em moeda franceza, tão exactamente como está nos originaes, a saber: em Ruelle, nas antigas libras, soldos e dinheiros, e em Paleisseau, em francos. Pela nossa parte, para reduzirmos tudo a moeda portugueza,

taram egualmente de desinvolver as communicações.

Mas, ao norte da Suecia, e, em geral, no interior de toda a Scandinavia, as communicações eram difficeis, por causa da estructura montanhosa e rudeza das inclinações de uma grande parte do territorio, e do rigor do clima. Os rios são numerosos; mas de tal modo erriçados de rochedos e rapidos, e tão informes, e, até por vezes, intermediarios entre a forma dos lagos e dos pantanos que unicamente a parte inferior d'elles é que se torna apropriada á navegação. Fóra dos seus estuarios, apenas, regra geral, se prestam á fluctuação. Mas, na Suecia central e meridional, os lagos Wener, Weter, Mœlar e Hielmar eram no estio o theatro de uma activa navegação.

Havia poucos caminhos no interior; mas, ao longo do mar, havia algumas estradas boas e praticaveis, mesmo no inverno, por meio de trenós.

Os Suecos pensaram, desde muito tempo, em estabelecerem uma linha de communicações directas entre o Kattegat e o mar Baltico, para approximarem Stokolmo da Europa occidental e liber-

---

demos á antiga libra, soldo e dinheiro a equivalencia franceza em francos; e demos ao franco a equivalencia de 200 rs. ou 20 centavos, por ser esse ordinariamente o valor real do franco, entre nós, nas circumstancias normaes, e, por isso, antes da guerra da Allemanha. Sobre a antiga libra, soldo e dinheiro francezes, vide pag. 322. E fazemos a equivalencia á moeda portugueza, no antigo dinheiro em reis, para irmos de harmonia com os volumes anteriores, como já tambem declarámos, a pag. 247.

tal-a da navegação perigosa dos estreitos dinamarquezes. O bispo de Linköping, Hans Brask, foi o primeiro que fez a proposta, na dieta de 1516. Essa proposta foi adoptada, e os trabalhos começaram junto do lago Roxen, sob os muros do mosteiro episcopal de Norsholm. A adopção, porém, da egreja protestante fez parar com esses trabalhos e arruinar os empresarios.

Em 1584, João III retomou o mesma empresa, mas não a pôde levar a cabo. Em todo o caso, durante dois seculos, proseguiu-se n'esta obra difficil, sem parar; e, desde os primeiros annos do seculo XVII, as quedas do Rannum, vizinhas de Wenesborg, foram torneadas por um canal; mas as de Trollhätta, que se precipitam de uma altura de mais de quarenta metros, pareciam inatravessaveis. Os estudos feitos por ordem de Carlos XI nada conseguiram. O engenheiro Polhem apresentou a Carlos XII um projecto audacioso, pelo qual se obrigou a abrir, no espaço de cinco annos, um canal atravez da montanha granitica, e deter por diques as quedas do Trollhätta, formando uma bacia de navegação entre as eclusas. Este plano ousado seduziu o rei, e o contracto foi assignado em 1718; mas, n'esse mesmo anno, Carlos XII foi morto, e os trabalhos ficaram suspensos ainda outra vez.

Polhem recomeçou essa obra, em 1748. Sete annos depois, as eclusas estavam acabadas, tendo a maior d'ellas cincoenta e seis pés de profundidade atravez do rochedo, n'um cumprimento de duzentos e oitenta metros. Perto da queda enorme, um dique

transversal fazia subir o rio onze metros entre as eclusas. Desgraçadamente, porém, este dique rompeu-se pela acção da agua, e a obra foi aniquilada. Os trabalhos só foram depois acabados, em 1800, e, portanto, já posteriormente á epoca moderna de estamos tratando [1].

Carlos XI attendeu tambem cuidadosamente para as communicações e abertura de canaes; mas depois d'elle pouco se fez, n'este sentido.

*

*   *

Como acabamos de vèr, a historia economica da Suecia, n'esta edade moderna, tem muitos pontos de analogia com a historia economica da Dinamarca e da Noruega.

Para que a Suecia podesse caminhar na estrada mercantil, teve tambem de sacudir o jugo da Hansa, que lá dominava tão despoticamente como n'aquelles outros paizes; e foi, pelo esforço e criterio de Gustavo Wasa, que o pôde conseguir.

Da mesma forma que a Dinamarca e Noruega, tambem a Suecia se abalançou ás explorações maritimas; e fez egualmente da pesca e dos productos florestaes as suas principaes industrias.

Explorou grandemente as minas, como fez a Noruega; e teve egualmente, como aquelles outros dois Estados, imperantes zelosos que se esforçaram

---

[1] M. L. Lanier, *L'Europe*, pag. 293.

por desinvolver o seu movimento economico, taes foram, além de Gustavo Wasa, Carlos IX, Gustavo, Adolfo, Carlos Gustavo e Carlos XI.

Mas, não obstante esses esforços, a má organisação da propriedade, o mau regimen da agricultura, commercio e industria, as luctas internas e externas, e o desastrado governo de Carlos XII, que se preoccupou sómente das guerras e conquistas; e ainda os desastres que a nação soffreu durante esse reinado, acabrunharam a Suecia, e reduziram extremamente o seu progresso economico, sobretudo, nos ultimos tempos d'esta epoca.

CAPITULO XIII

Russia

Leve esboço da historia politica da Russia até o fim da edade moderna

Como só agora tratamos especialmente da Russia, embora estejamos na edade moderna, julgamos conveniente fazer tambem um ligeiro esboço da sua vida politica anterior, para prender os antecedentes com os consequentes, como já fizemos, quanto á Dinamarca, Noruega e Suecia.

Não nos occuparemos, porém, de indagar a origem da palavra *Russos,* tão discutida por alguns historiadores; e basta-nos dizer que os Russos formaram o elemento principal das populações que outr'ora constituiam um povo confundido desde muito tempo com os Slavos; e que, nas regiões occupadas por elles, florescia tambem outr'ora uma republica, — a de Novgorod, a mais antiga cidade da Russia, enriquecida por um vasto commercio, e governada livremente por magistrados, tambem escolhidos livremente por ella. Traficava muito com os povos do mar Baltico e Constantinopola. E esse commercio com o Oriente devia ser muito importante, a ajuizar pelos generos que a

mesma republica fornecia: taes como, escravos, pelles, peixe salgado ou defumado, e outros comestiveis, mel, cera, sal, tudo em troca de vinho, estofos e pannos.

Estes republicanos de Novgorod recebiam tributos das nações de que estavam rodeados, desde a Lithuania até ás montanhas que limitam a Siberia, e desde os lagos Bielo-Ozero e Rostof até o mar Branco. Mas, levantando-se entre elles uma guerra de facções, os descontentes vencidos chamaram em seu auxilio os Varegues, povo de origem scandinava, que os dominou [1].

Tornando-se novamente independentes, depois de uma epoca de oppressão, não souberam governar-se, e pediram principes aos mesmos Varegues, seus antigos vencedores. E estes, vindo como auxiliares, sob o commando de Rurick e de seus irmãos Sinaf e Trêvor, em breve se tornaram senhores da republica.

Rurick (862-879), investido de um grande poder militar, só cuidou de alargar as fronteiras, o que pôde conseguir. Os habitantes de Novgorod levantaram-se contra elle, tendo á sua frente o valoroso Vadime, que foi vencido e morto, e recaiu tudo n'uma servidão, ainda mais dura.

A morte dos irmãos de Rurick, sem deixarem descendentes, engrandeceu logo o dominio d'este

---

[1] Os Varegues, segundo Scherer, eram os Normandos, que, sob esse nome, habitavam as costas do Baltico e margens do baixo Neva.

principe, que, então, distribuiu terras a seus capitães, tratou de viver em paz, e transmittiu a corôa a seu filho Igor, de quatro annos de edade, que ficou sob a tutella d'um seu parente, Oleg.

Oleg (879-913) alargou muito o reino. Tendo reunido debaixo de suas bandeiras uma grande multidão de hordas, de linguas e costumes differentes, Slavos, Tchudes e Varegues, marchou contra os Kerivitches, e tomou-lhes a capital Smolensk e Lubitch. Apoderou-se depois da bacia do Dnieper e de Kief [1], e fez d'esta cidade o centro do Estado slavo, que se formou, então, sob o nome da Russia. Em seguida, desceu o Dnieper, e veiu cercar Constantinopola, em 1904, sob o reinado de Leão o Philosopho, que sómente obteve a paz, á custa de sommas enormes.

Os vencedores voltaram á patria, carregados de despojos, taes como, ouro, estofos preciosos, vinhos finos e fructas deliciosas da Grecia; de modo que os imperadores gregos, tendo comprado a paz, pelo preço de todas essas riquezas, forneceram um estimulante mais energico á audacia guerreira e á sêde de rapina dos seus inimigos. Mas, em todo o caso, parece que se seguiu um tratado de commercio e amizade entre os dois povos.

Oleg guardou, durante trinta e tres annos, a

---

[1] Kief era a capital d'um Estado occupado pelos Russos, assim como Novgorod o era d'outro Estado occupado pelos Slavos. D'ahi por diante, os Russos de Kief, Slavos de Novgorod e Varegues, tomaram o nome geral de Russos.

auctoridade suprema, sem que os Russos, satisfeitos da bondade do seu governo, se inquietassem da sua legitimidade. Por sua morte, Igor (913-945) exerceu os seus direitos, e viu levantar contra elle todos os povos que tinham sido feitos tributarios da Russia, durante a administração de Oleg. Esses povos foram vencidos; mas uma nação, até então desconhecida, saida das margens do Volga e do Iaïk, exerceu muito tempo a sua coragem contra os proprios Russos. Eram os Ptechenegues, que se tinham tornado temidos dos Gregos e dos Russos.

Igor, depois de ter feito a paz com os Petechenegues, dirigiu as suas expedições e rapinas para as fronteiras do imperio. E devastou, assim, a Paphlagonia, o Ponto e a Bythynia, praticando as maiores atrocidades. Em seguida, voltou as suas armas contra os Drevulianos, que foram vencidos; mas não tardaram a conspirar, para recuperarem a sua independencia, e mataram Igor junctamente com os seus soldados, n'uma emboscada (945).

Este rei deixou um filho na infancia, chamado Sviatoslaf. Olga, sua mãe (945-964), tomou as redeas do governo. Querendo fazer-se christã, foi a Constantinopla instruir-se na religião grega, e, depois de convertida, tomou o nome de Helena. Esta ida a Constantinopla serviu tambem, para apertar as relações commerciaes com os Gregos.

Apesar de Olga se fazer christã, não foi imitada, nem por seu filho, nem pelos grandes da côrte.

Sviatoslaf (964-973) foi um principe bellicoso, como seu pae. Subjugou as regiões meridionaes da

Russia, comprehendidas entre o Tanais e Borysthenes, o Chersoneso Taurico e a Hungria; arrancou aos Bulgaros todas as cidades que estes possuiam sobre o Danubio; e formou o designio de estabelecer a séde do seu imperio na cidade de Pereslavetz, hoje Prislaw, na Romelia.

Tendo-se desavindo com os seus alliados gregos, por querer ficar com os territorios que tinha tirado aos Bulgaros, e, além d'isso pela ambição que mostrava, mesmo contra o imperio grego, levantou-se a guerra entre uns e outros, na qual foi derrotado, n'uma expedição feita á Salistria; e, na volta d'essa expedição, foi morto pelos Petchenegues.

Os filhos de Sviatoslaf, Jaropolk, Oleg e Vladimiro (973) partilharam os Estados de seu pae, Kief, Novgorod, e o paiz dos Drevulianos; mas Jaropolk assassinou Oleg, e Vladimiro assassinou Jaropolk, ficando, assim, senhor de todos os Estados. Este Vladimiro — Vladimiro I (973-1015), é chamado *Grande*, na historia da Russia, e tido como santo; porque se fez christão (980), e foi o primeiro que estabeleceu solidamente a fé christã. Emquanto pagão foi muito cruel; mas, apenas christão, fez-se muito brando e doce, dizendo que era o primeiro peccador. Fundou cidades, chamou da Grecia arquitectos e outros operarios. Tratou de desinvolver as artes e chamou tambem ourives e musicos á côrte. Diz-se que os Russos lhe devem o primeiro conhecimento da escripta e letra slava. Mas tal era a barbaria da Russia que os seus esforços pelas artes foram baldados.

Este principe concedeu grandes privilegios á Egreja, inclusivamente a jurisdicção do julgamento de muitos crimes.

Os filhos de Vladimiro tiveram entre si uma guerra encarniçada. Jaroslaf I (1015-1078), que recebera em partilha a cidade e paiz de Novgorod, e que se tinha revoltado contra seu pae, acabou por vencer os irmãos e reunir as vastas regiões que, então, dependiam d'essa capital; a saber, os principados de Kief, Rostof, uma parte consideravel da Polonia actual e a Lithuania. Fez tambem varias expedições contra o imperio grego; mas não foi feliz.

Por intervenção do papa, uma filha de Jaroslaf, chamada Anna, casou com Henrique I, rei da França.

Jaroslaf passa por ser o primeiro legislador da Russia; porque foi elle que fez coordenar as leis existentes. E dizemos que as fez coordenar, pois que os Russos, já no tempo de Oleg, tinham certa legislação, embora muito complicada.

Jaroslaf protegeu muito o commercio e a industria. Assim, por exemplo, para chamar os estrangeiros, e, portanto, os commerciantes, decretou que estes para a prova dos seus direitos só precisariam de duas testemunhas, emquanto que os nacionaes precisavam de sete. E a morte de um trabalhador era punida, como se fosse a de um intendente do principe.

Este imperante, apesar das lições da historia, conformou-se com o uso desastroso de desmembrar o imperio, partilhando-o entre os seus cinco filhos, que, depois, se degladiaram mutuamente.

E o estado anarquico resultante d'este systema pode ser considerado como a causa principal que mais tarde entregou a Russia ás invasões dos Tartaros.

A maior parte dos outros principes d'esta primeira dynastia, até o seculo XIII, passaram a vida n'uma agitação continua de ferocidade e barbaria; e não tiveram quasi nada da grandeza selvagem dos reis soldados, tronco da sua raça. Por isso, não vale a pena tratar da sua historia. Os seus reinados resumem-se quasi todos n'uma anarquia aristrocratica, e n'uma ensanguentada uniformidade de crimes e de catastrophes.

Convem apenas mencionar um successor de Jaroslaf, Vladimiro II (1113-1125), que modificou e augmentou o codigo do seu antecessor. E d'essa refundição saiu o corpo de leis que regeram a Russia até o seculo XVI, em que o czar Ivan Vassilievitch lhe deu uma nova legislação. E esse Vladimiro ajuntou, em favor do commercio, muitas disposições ás leis de Jaroslaf. Por exemplo: ordenou que o mercador estrangeiro, credor de um nacional que estivesse fallido, fosse o primeiro a pagar-se pelos bens da fallencia, o que tambem demonstra a necessidade que tinha a Russia das impulsões de estranhos, para adiantar algum passo na sua barbaria, de forma a conceder taes privilegios aos negociantes estrangeiros.

Quanto aos outros imperantes até o seculo XIII, como dissemos, não vale a pena tratar da sua historia; e, por isso, substituiremos a chronica dos factos pela exposição dos costumes d'esta epoca.

Havia na Russia duas ordens de escravidão, a absoluta e a limitada.

A primeira comprehendia os estrangeiros aprisionados na guerra e os filhos que nasciam d'elles, depois da perda da liberdade.

A segunda comprehendia os escravos por contracto, e abrangia seis classes, a saber: 1.ª, a dos vendidos pelos paes, que sómente o podiam ser por um numero limitado de annos, ou pela vida do senhor; 2.ª, a dos homens livres, que se vendiam a si proprios, em eguaes condições; 3.ª, a dos escravos por dividas, até que as podessem pagar; 4.ª, a dos que se faziam escravos, por causa de qualquer emprestimo, quando não podiam pagar a divida, até que se resgatassem pelo trabalho: caso este em que a estimação d'esse trabalho era de cinco rublos para os homens e de metade, para as mulheres [1]; 5.ª, a dos que se entregavam como escravos, para terem de comer; 6.ª, finalmente, a dos que tambem se faziam escravos, para terem um protector.

Umas e outras d'essas classes, estavam sujeitas a differentes regras e cautellas de tratamento.

A usura era muito grande. O christianismo ia-se propagando. O clero estava muito coarctado nas suas ambições, pelos regulamentos de Vladimiro II. E as relações constantes com a Grecia tinham introduzido na Russia este gôsto das artes e do luxo que precede sempre as vantagens da civilisação.

---

[1] O rublo equivalia a cinco francos.

*

* *

O primeiro quartel do seculo XIII foi marcado por um facto notabilissimo na historia da Russia, e que até constitue a segunda epoca d'essa historia: a invasão dos Tartaros ou Mongoes (1225-1462). Mas, antes de fallarmos d'essa invasão, convem dizer alguma coisa sobre a origem d'este povo.

Tres raças principaes partilharam, desde tempos immemoriaes, as vastas regiões que separam a Siberia da India e da China. Estas raças nomadas são os Turcos, os Kalmukos ou Mongoes e os Mandechus.

Os Kalmukos tiveram na antiguidade o nome ainda mais barbaro de Kiongnus, e, sob esse nome, já tinham elles no tempo de Annibal, abalado o trono dos imperadores chinezes da dynastia de kan. No seculo V, reappareceram, sob o nome de Hunos, que se transformou no de Hungaros, e mesmo no de Ogres, quando os Hunos, depois de terem feito tremer a Europa, desde as margens do Volga até ás do Rheno, se fixaram na antiga Pannonia.

No seculo XIII, operou-se na antiga patria dos Kiongnus ou Hunos (Asia Central), uma revolução que mudou a face da Asia, e acabou com muitos imperios d'esse continente. Jesukai Behadir, kan dos Mongoes, que reinava nas margens do Selinga, morreu, deixando um filho de treze annos, que se

chamava Temudshin. Os Mongoes recusaram reconhecer este filho por senhor. Só treze tribus lhe ficaram fieis. O joven Temudshin, porém, chegado á edade da adolescencia, mostrou uma rara coragem e habilidade; e, por fim, todos os Mongoes o proclamaram chefe de todos elles e rei dos reis *(Dschingis Kan).*

Este principe, altivo do seu novo titulo, e persuadido que nada poderia resistir-lhe, formou o projecto gigantesco de percorrer e conquistar toda a terra e de sómente conceder quartel aos vencidos. Foi, assim, que elle caiu sobre a China, e se apoderou da sua capital Yenking, assim como da Corêa. Dirigiu-se, em seguida, para o occidente, submetteu o Thibet, penetrou na Kaschimira, e ameaçou os Estados do poderoso sultão de Kowaresnia, que tinha arruinado o imperio do Ghauridos, e dominava na Persia e n'uma grande parte do Indostão. Invadiu depois as regiões vizinhas do mar Caspio. E, tendo-se o czar de Russia adiantado á frente dos seus guerreiros até á margem do Kalka, para deter os logares tenentes do terrivel kan dos Mongoes, foi obrigado a fugir.

Depois de ter enchido a Asia de terror e da gloria do seu nome, Dschingis-Kan morreu, na edade de sessenta e quatro annos.

Ainda em vida d'elle, os seus logares tenentes invadiram a Russia, tomaram Kief, e inundaram de sangue os diversos principados russos. Chegaram até Novgorod-Severski, na pequena Russia, ao nordeste de Tchernigof, e, voltando depois para o sul, fartos de victorias e de carnagens, foram

ter com Dschingis-Kan, que estava então na Bukaria. Este principe, espantado do numero prodigioso de prisioneiros que lhe levavam os seus generaes, cobriu-os de honras e de presentes.

Depois d'esta invasão (1228), achando-se os Russos entregues ao furor das guerras civis, os Tartaros prepararam ainda outra invasão, que realisaram, em 1237, commandados por Bati, filho de Dschingis-Kan, e que não foi menos victoriosa e cruel que a primeira. Moscou, Kief, Volodimer e Torjok succumbiram.

Os conquistadores reappareceram no anno seguinte (1238), e apoderaram-se de Pereislave e Tchernigof. E, em 1240, houve ainda uma outra invasão, commandada tambem por Bati, que tomou novamente Kief, e que, em seguida, invadiu a Polonia e Hungria.

Os povos que os soberanos da Russia tinham submettido, aproveitaram tambem esta occasião, para se levantarem. Os Lithuanios cairam sobre Smolensk. Os cavalleiros *Porta-Espadas* [1], possuidores do antigo paiz dos Teutons, chamado Tchude, nas chronicas russas, que é hoje a Livonia e Esthonia, ligaram-se com a Suecia e Dinamarca, para aproveitarem os restos da opulencia que a invasão dos Tartaros deixara a Novgorod. Foram, porém, desbaratados nas margens do Neva por Alexandre, principe de Novgorod, que, devido a

[1] Sobre estes cavalleiros veja-se *A Historia Economica*, vol. III, pag. 67 e seguintes.

essa victoria, d'ahi por diante, foi cognominado *Newski.*

Entretanto, Bati, vencedor da Hungria, voltara a Kaptchak, e exigiu que Jaroslaf, grande principe de Velodimer, lhe fosse prestar homenagem, ao que este se resignou.

Bati, embora tivesse uma auctoridade plena nos paizes do seu dominio, reconhecia a supremacia de Oktai, filho e herdeiro de Dschingis; e este, por seu turno, exigiu que Jaroslaf fizesse ir o filho Constantino para a grande horda dos Mongoes.

Tendo fallecido Oktai, e succedendo-lhe o filho Haiuk, Jaroslaf recebeu ordem de ir pessoalmente prestar-lhe homenagem, e, sendo forçado a obedecer, morreu, ao voltar para a sua patria (1246).

Depois d'estes actos manifestos de vassalagem, nenhum principe russo até Ivan III ousou metter-se á posse do respectivo principado, sem prestar homenagem ao kan, na qualidade de seu soberano. E esta dominação dos Mongoes durou assim, desde o seculo XIII, até o meio do seculo XV, perto de trezentos annos.

Comtudo, os Tartaros conquistadores da Asia, que estiveram unidos, emquanto precisaram de vencer, dividiram-se depois, quando se tratou da partilha (1260 a 1300). Os netos de Dschingis desmembraram a sua vasta herança; e Nogai, um dos mais celebres generaes do kan de Kaptchak, tendo-se revoltado contra elle, estabeleceu um dominio particular sobre a costa septentrional do mar Negro, d'onde os habitantes tiraram o nome de Nogais.

Dmitri Ivanovitck (Dmitri IV), cognominado o *Donski* (1372-1389), subindo ao trono, em 1362, foi o primeiro que recusou pagar o tributo costumado ao kan de Kaptchak. Passou-se um decurso de vinte annos em excursões reciprocas entre os Russos e os Tartaros, até que estes, sob o commando de Mamai, grande kan, se adiantaram até á embocadura do Varoneje, no Dom, e foram derrotados. Os Tartaros voltaram segunda vez (1382). Moscou foi devastada por elles; todos os seus habitantes foram mortos; e Dmitri, isolado, pela cobardia dos outros principes, viu saquear a sua patria, sem poder defendel-a nem vingal-a. Morreu, porém, deixando a merecida reputação d'um principe bravo e justo, digno de outro seculo e d'outra civilisação.

Vassilio II Dmitriewitch (1389-1425), filho mais velho de Dmitri Donski seguiu as pisadas do pae, no sentido de recuperar e libertar os differentes principados da Russia. A occasião era propicia, para executar este designio.

Com effeito, Timurbek, outro devastador predestinado, acabava de surgir na Asia, e os seus ataques abalaram o imperio dos filhos degenerados de Dschingis-Kan. Este conquistador adiantou-se até o Governo de Varoneje, e parecia dirigir a sua marcha sobre Moscou. O terror espalhou-se por toda a parte, e a perda do grande principe parecia certa, quando, ao contrario de toda a espectativa, Timurbek voltou para o sul. Mas, apesar d'isso, já tinha dado um golpe mortal á horda de Kaptchak, a qual, depois d'isso, foi sempre enfraquecendo.

Vassilio II luctou continuadamente contra o kan,

com successos diversos, e o dominio dos Tartaros continuou, por isso, mais ou menos accentuado.

Quanto ao tributo, os Russos pagavam-no, quando se sentiam fracos, e recusavam-no, quando se sentiam fortes [1]. E, foi esse, em resumo, o resultado das luctas d'elles contra os Tartaros, não sómente sob Vassilio II, que falleceu, em 1425, mas tambem sob o seu successor, Vassilio III, que falleceu, em 1462.

*

* *

Esta força tacita da cohesão que forma os grandes imperios e os restabelece, tinha começado a reagir no coração da Russia, quando Ivan III Vassiliewitch (1462-1505), cognominado o Grande, subiu ao trono, com vigor e intelligencia bastantes, para aproveitar esse movimento. No reinado d'este principe, começa a epoca moderna de que nos vamos occupar especialmente, e, ao mesmo tempo, o terceiro periodo da historia politica da Russia.

A maior parte dos principados constituidos pelo desmembramento do imperio de Rurick, tinham caido nas mãos dos herdeiros da sua casa. Por outro lado, os Tartaros, que eram muito aptos para conquistar, não tinham tanta aptidão para conser-

---

[1] Este tributo era pago em pelles. Os Russos ainda não tinham moeda de ouro ou prata.

var as conquistas. E, demais a mais, o solo da China, calcado e invadido por elles, neutralisou as suas virtudes guerreiras, por forma que, receberam dos Chinezes, pelos costumes e pela paz, o jugo que lhes tinham imposto, pela guerra e pela violencia.

Ivan começou, portanto, por se recusar a pagar-lhes o tributo. D'ahi a guerra, que acabou pela victoria da Russia. E Ivan submetteu depois todos os principados que anteriormente haviam sido tomados pelos Tartaros, como Novgorod, Tewer, Kazan, etc., e ainda os Vogules que viviam ao longo do Mar Glacial, e tambem os Uiguros ou Igurs, habitantes dos Uraes.

Por outro lado, Ivan sómente julgava ter cumprido a missão de restaurador do imperio, quando, depois de ter libertado o seu paiz do jugo politico dos Mongoes, o tivesse tambem libertado do jugo commercial da Hansa. D'ahi, em 1494, a destruição de Novgorod, onde ella dominava, a expulsão dos hanseaticos, a suppressão da feitoria que lá tinham, e a apprehensão dos seus bens.

Deu elle grande auxilio ás artes, fazendo vir do estrangeiro, especialmente da Allemanha e da Italia, engenheiros, arquitectos, ourives, fundidores de canhões e outros artistas. Embellezou a capital da Russia, e fez tratados commerciaes com muitos paizes da Europa. E foi desde este reinado que se começou a fallar dos Russos.

Succedeu-lhe Vassilio IV (1505-1533), que seguiu o curso das prosperidades de seu pae, e que, desde 1505, em que subiu ao trono, até 1534, em que

morreu, consolidou as bases da grande restauração.

Succedeu-lhe seu filho Ivan IV (1533-1584), chamado pelos Russos o *Terrivel*, e pelos estrangeiros o *Tyranno.*

Tomou o titulo de czar. Ficando, por morte do pae, debaixo da tutella da mãe Helena, logo aos quatorze annos, estendeu sobre os subditos o sceptro de rei e a garra de tigre; porque houve duas naturezas no principe, a de grande homem e de besta feroz.

Tomou Astrakan e Kazan (1552-1554), ultimos asilos da dominação tartara, e, um pouco mais tarde, a Siberia (1564). Substituiu o arco pelas armas de fusil; e, em 1545, estabeleceu a milicia do *Sterlitz*, depois tão famosa. Antes d'esta milicia, não havia na Russia tropas regulares. Os nobres, eram obrigados a servir na guerra, e cada um tinha de levar com elle um certo numero de infantes e cavalleiros.

Este systema de tropas regulares pode considerar-se o primeiro passo para a elevação da Russia no estrangeiro, e para o respeito da monarquia no interior.

Tendo querido submetter o paiz dos *Irmãos da Espada* ou *Cavalleiros de Porta Espada* [1] ou *Cavalleiros da milicia de Christo*, que governavam a Livonia, o seu Grão Mestre, Gothard Ketler, fez home-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 67 e seguintes - Kock, *Tableau des Revolutions d'Europe*.

nagem da Livonia á Polonia, para obter a protecção d'este reino, reservando, a titulo de feudo, mas tambem dependente da mesma Polonia, a Curlandia e Semigallia.

As cidades de Revel e a Esthonia puzeram-se ao mesmo tempo sob a protecção da Suecia. Outra parte — Arensburgo e a ilha de Oesel foram dadas pelo bispo, que era principe soberano d'este pequeno paiz, ao rei da Dinamarca; e este fez d'ellas um apanagio ao duque de Holstein, seu irmão. O czar conservou ainda uma pequena parte da Livonia e um tributo que ella pagava desde o tempo do avô, Ivan III; e a Suecia teve tambem a sua parte.

Assim, terminou na Livonia (1561) a historia de uma ordem tão famosa [1] de modo que a soberania dos *Cavalleiros de Porta Espada*, foi dividida entre cinco senhores — Ivan Vassilievitch, Eric IV, rei da Suecia, Sigismundo Augusto, rei da Polonia, o duque Magnus de Holstein, e tambem Gothard Ketler, duque da Curlandia e Semigallia, como preço da sua renuncia.

Ivan pretendia a parte do leão; mas, depois d'uma guerra com a Polonia, para lhe arrancar a porção que ella tinha na Livonia, guerra essa continuada com varios successos até 1571, houve entre os dois paizes uma tregoa de tres annos; e o czar abandonou mesmo a sua parte da Livonia ao duque Magnus, reconhecendo-lhe o titulo de rei, sob a protecção da Russia.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 67 e seguintes.

Ivan IV contava, certamente, que, n'uma occasião propicia, não faltaria pretexto para retomar toda a Livonia; e, por isso foi obrigado a addiar d'aquelle modo os seus projectos sobre esta região, por causa das novas invasões dos Tartaros na Crimeia, que, se adiantaram, saqueando cidades e campos, até Moscou.

A Livonia foi, comtudo, subjugada inteiramente, dois ou tres annos depois (1575).

A Polonia e Suecia retomaram, então, as armas, afim de manterem a partilha anterior; e os seus preparativos foram tão imponentes que Ivan pediu a intervenção do papa, promettendo-lhe voltar á egreja latina.

Mas o papa só póde obter a paz, cedendo Ivan de toda a conquista.

Ainda a guerra recomeçou, egualmente por causa da Livonia, entre as tres potencias; e terminou, depois de varios accidentes, por uma nova paz, que foi tambem a fonte de uma contenda futura.

Como já dissemos, quando fallámos de Ivan III, não se occupara elle menos da organisação e adiantamento do seu imperio que das guerras com as potencias do norte. Já chamara estrangeiros, traçando o caminho que mais tarde Pedro Grande seguiu. E, assim, fez vir da Allemaha e da Italia arquitectos, fundidores de metaes, ourives, engenheiros, mineiros, e, emfim, artistas de toda a especie.

Ora Vassilio IV e Ivan IV seguiram o mesmo systema, e applicaram para a importação e animação das industrias estrangeiras sommas considera-

veis. Mas os cuidados por que este ultimo continuou a obra dos seus predecessores, foram ainda mais vastos. Os primeiros só tinham lançado a semente; e elle viu que era preciso preparar o terreno. Para isso, começou por reorganisar toda a legislação, reformando e codificando as leis de Jaroslaf e Wladimiro II, n'uma collecção, chamada *sudobnieck*, que quer dizer *manual dos juizes*. Essa legislação representava um grande progresso embora ainda lá ficasse o uso dos combates judiciaes e outras praticas barbaras.

Tambem Ivan IV estabeleceu em Moscou a primeira imprensa, e obteve da rainha Isabel de Inglaterra os primeiros doutores medicos cirurgiões, para exercerem a arte de curar nas vastas regiões do seu imperio. E foi tambem o primeiro que tratou de estabelecer em Moscou escolas dirigidas por mestres estrangeiros [1].

A Russia, pelas invasões dos Tartaros, havia perdido o seu antigo commercio com o Oriente, e os caminhos da Grecia estavam, por assim dizer, fechados. Precisava, portanto, de voltar-se para as nações occidentaes, repulsadas do sul pelo Islamismo; foi d'isso que tratou Ivan, e o acaso o favoreceu.

Os Inglezes, lançados pelo naufragio nas costas onde o Dwina cai no Mar Glacial [2], tornaram-se os negociadores do primeiro tratado commercial

[1] Emile Haumant, *La Russie au XIII Siècle.*

[2] É ao mesmo facto que deve a sua origem a cidade d'Arkangel. — *A Historia Economica*. vol. IV, pag. 617.

que existiu entre a Russia e a Gran-Bretanha. E, inutilmente, Gustavo Wasa da Suecia, que via com pesar estas empresas da Russia, tão proprias para augmentarem o poder da Inglaterra, já tão poderosa, se tentou oppor ás reclamações commerciaes que d'ellas se derivaram; porque não foi attendido, nem pelo rei da Dinamarca, unico potentado que podia embaraçar a navegação do Mar Glacial, nem pela rainha da Inglaterra.

Emfim, Ivan estabeleceu em Narva um mercado, onde não tardaram a apparecer Inglezes, Francezes, Hollandezes, Lubekenses, e os negociantes das outras cidades hanseaticas, apesar da prohibição de commerciarem com os Russos [1], que ellas tinham estabelecido anteriormente.

Ivan procurou tambem renovar as relações commerciaes com o sudeste, Persia, India e China. Um dos principaes resultados foi a descoberta e conquista da Siberia [2].

---

[1] As exportações que se faziam dos portos da Russia para Inglaterra, sob o reinado de Ivan, e mesmo antes da fundação d'Arkangel, consistiam em peixe secco, caviar, colla e oleo tambem de peixe, cera, cebo, lã, crinas, canhamo, linho, madeira e trigo. O trigo era sobretudo objecto de grande commercio com os paizes do norte, e mesmo com a França.

[2] Esta conquista foi devida a Jermak Timofoow, chefe dos cossacos do Don, que, tendo, por muito tempo, desolado por suas depredações as margens do Volga e as costas do Mar Caspio, em 1577, pôde escapar á perseguição de Ivan IV e fugir para a Siberia, com um grande numero dos seus sequazes. Então, pôde tambem conquistar essa região, e fez homenagem d'ella ao czar, que lhe perdoou, bem como aos seus companheiros.

Mas, a par d'estes esforços economicos e guerreiros de Ivan IV pelo progresso da Russia, as suas crueldades excedem toda a imaginação. E é uma prova da submissão selvagem dos Russos para com os seus czares o não ter havido uma explosão d'indiginação contra elle.

Encerrado n'uma fortaleza, ameaçadora e inexpugnavel, que fizera construir além de Moscou, chamada *Alexandrova Sloboda*, rodeado de numerosos satellites, que tinha escolhido nas classes mais obscuras, para se tornarem os troncos de uma nova classe de familias poderosas, Ivan espalhava por todo o imperio as ordens sangrentas, que elle traçava, nos intervallos das orgias.

Os habitantes de Novgorod, saudosos da sua antiga liberdade, quizeram aproveitar a primeira guerra do czar contra os Tartaros, para se entregarem aos Polacos. Ivan IV foi lá, matou quasi todos os habitantes, e devastou plenamente a região. E Pleskof e Tewer, egualmente accusadas de terem intelligencia com a Polonia, foram tambem castigadas com rigor.

Voltando de Novgorod a Moscou, Ivan matou, egualmente por milhares, as pessoas que lhe pareceu, e obrigou as proprias mulheres a apresentar-lhe os tesouros dos condemnados.

Tendo tomado na guerra de Livonia a cidade de Vittenstein, fez passar ao fio de espada todos os seus habitantes; e procedeu da mesma forma, quanto aos habitantes de Venden e de Volmar.

Quando o terrivel principe pareceu, acabrunhado no peso dos annos, os *boiardos* e a nação inteira

lançaram olhos de esperança sobre o seu herdeiro, e ousaram mesmo conjurar o czar de entregar a seu filho mais velho o commando das tropas que iam marchar contra a Polonia. Este voto tornou-o a sentença de morte contra o czarewitch. Seu pae o matou d'uma pancada com um pau ferrado.

Não se pode descrever a serie de crimes, infamias e crueldades commettidas por elle. As mulheres casadas ou solteiras que lhe agradavam ou a seus cortezãos, eram deshonradas e mortas depois, ou, quando muito, entregues aos maridos, e até muitas dependuradas mortas á porta d'elles. Os grandes senhores e ricos eram tambem mortos sob qualquer pretexto, para serem expoliados. Em summa, seria interminavel a narração das suas crueldades e depravações [1].

Ivan, embora tivesse esposado cinco mulheres, deixou só dois filhos, Fedor ou Theodoro e Demetrio ou Dmitri, e, por sua morte, succedeu-lhe, aquelle primeiro (1584-1598), que era tão debil de espirito como de corpo. A sua fraqueza abriu, por isso, caminho ás ambições que o sceptro do pae tinha comprimido, e preparou novas perturbações do Estado, por espaço de vinte annos.

Seu pae havia nomeado tres boiardos, para lhe servirem de conselheiros; e um quarto grande senhor, chamado Bogdan-Belski, tinha sido nomeado tutor. Este ambicioso aspirava ao trono, e tentou

---

[1] Levesque, *Histoire de Russie* — Alph. Rabbe, *Resumé de l'Histoire de Russie.*

fazer excluir d'elle a Fedor, para lá collocar o joven Demetrio, e reinar, assim, sob o nome d'este; mas esse intento frustrou-se, e Bogdan-Belski foi exilado.

Mais habil, e não menos ambicioso, Boris Godunof, irmão da czarina, viuva de Ivan IV, conseguiu fazer triumphar outra conspiração.

Livre de todos os inimigos, ou pelo ferro, ou pelo veneno, ou pelo convento, (pois que era então frequente o castigo de obrigar qualquer a fazer-se monge), rodeado de numerosos partidarios, cuja fortuna estava ligada á d'elle, e possuidor de immensos tesouros, só lhe faltava commetter um ultimo crime, o maior de todos.

Resolveu-se, pois, a isso, e foi assassinar o joven czarewitch Dmitri, em 15 de maio de 1591, ao meio-dia. Alguns escriptores pretendem que foi á meia-noite, e que Boris Godunof podia fazer substituir um principe por outro. Seja como fôr, o nome de Dmitri ou Demetrio, tornou-se, como vamos ver, o pretexto dos mais ensanguentados debates.

O fraco Fedor falleceu depois, ou porque Boris deixasse as precoces enfermidades produzirem o seu resultado material, ou porque praticasse novo attentado.

Apesar de tudo, a Russia continuou a engrandecer-se no reinado d'estes fracos principes, Fedor e Demetrio, graças á administração activa e firme de Godunof. Assim, foram accrescentadas ainda algumas possessões ao immenso territorio que o Estado possuia. A Ingria e Carelia tinham sido obtidas do rei da Suecia, em troca de Estho-

nia; e as cidades de Ivangorod, Iamburgo e Kaporié, que lhe tinham sido tiradas durante a guerra, ficaram para a Russia, pelo tratado de paz celebrado entre os dois paizes. Este Godunof mandou tambem muitos jovens russos estudar no estrangeiro, e tentou fundar uma Universidade em Moscou [1].

A grande dynastia de Rurick, como lhe chamam os Russos, extinguiu-se na pessoa de Fedor.

Subiu depois ao trono Boris Godunof, eleito pela nação, graças ás manobras dos seus partidarios (1598-1605). Tão cruel como os seus predecessores, soube disfarçar melhor essa crueldade, e usou de toda a prudencia, para se conservar no trono. Contava elle assegurar o seu poder, tratando de involver nos seus interesses os chefes da religião, e de abater os nobres e entreter e envenenar a divisão dos grandes e do povo, que, vendo n'elle um principe popular, se alegrava com as desgraças das mais poderosas familias.

Mas, por outro lado, não foi sómente sobre a ruina dos nobres que elevou a auctoridade imperial; porque foi no seu reinado que se estabeleceu a servidão da gleba, e que os camponezes russos perderam a qualidade de homens livres.

Em todo o caso, a prudencia e cuidados de Boris não conjuraram a tempestade que devia formar-se contra elle.

Um joven da nobresa, votado pelo abuso do pae

---

[1] Emile Haumant, *obr. cit.*

ao estado monastico, para a qual não tinha vocação, Jachko Otrepief ou Gregori Otropeia, concebeu o plano de se fazer passar por Demetrio, aproveitando para isso a semelhança que tinha com elle. Depois de varios accidentes, pôde conseguir o auxilio do rei da Polonia; e, entrando na Russia, após differentes revezes, levantou a capital e quasi todo o paiz a seu favor; de forma que, coincidindo isso com a morte de Boris, veiu a succeder-lhe (1605-1606), começando por matar os filhos e parentes que elle deixara.

Principiaram, então, a apparecer tambem conspirações contra esse Jachko Otrepief.

Á frente de uma d'ellas, achava-se o principe Vassili Ivanovitch Chuiski, que foi julgado e condemnado pelo povo. O czar perdoou-lhe, mas esta generosidade preparou a sua queda, porque Chuiski soube forjar uma revolta contra o mesmo Otrepief, em que este foi assassinado.

Chuiski (1606-1610), proclamado imperador pela sua facção e coroado na egreja cathedral de Moscou, chegou a assentar-se no trono. Mas levantou-se depois o rumor de que Otrepief, (o falso Demetrio), não tinha sido morto; porque, em vez d'elle, o fôra um dos officiaes do seu sequito; e, apparecendo um novo impostor, parte da Russia levantou-se em seu favor.

Este novo pretendente foi, comtudo, batido, e quasi logo substituido por outro, que se dizia tambem filho de Fedor, e que os Cossacos puzeram á frente d'elles. Esse foi tambem aprisionado e morto como o primeiro. Mas ainda um ultimo falso Deme-

trio appareceu na scena, e achou partidarios. E, tendo obtido tambem o auxilio de alguns Polacos, e alcançado algumas victorias, marchou sobre Moscou, onde se estava já formando uma conspiração contra Chuiski. Levantando-se, porém, a divisão no seu campo, teve de fugir.

Ao mesmo tempo, os nobres de Moscou, alliados ao povo, levantaram-se contra Chuiski, e este, abandonado dos seus, foi obrigado a retirar-se para um convento e vestir o habito de monge.

A Russia não tinha já soberano; e achava-se tão abatida que foi invadida pelos Suecos e Polacos, sem que os Russos tivessem a coragem de os expulsar, ficando, assim, no dominio da Polonia, desde 1610 a 1613.

N'este triste estado, veiu-lhe a salvação de um dos seus mais obscuros filhos. Um carniceiro, chamado Kosma Minin, accendeu na alma dos seus concidadãos a chamma do patriotismo, e os Russos, animados pela palavra e energia d'este homem, foram primeiramente procurar Pojarski, bravo guerreiro, que acabava de derramar o seu sangue, combatendo por elles; e que, arvorado em chefe, expulsou os Polacos e Suecos. Depois, afim de consumarem a estabilidade da patria, foram procurar n'um mosteiro de Kostroma, e ainda sob as azas maternaes, Miguel Romanof, filho de boiarino Fedor Nikitich, que, tendo sido feito monge por Boris, se tornara arcebispo de Rostof, que, então se achava prisioneiro em Varsovia, e era muito popular pelas suas virtudes.

Durante as ultimas perturbações que acabamos

de narrar, a Russia tinha caido n'um estado tal de fraqueza que os seus vizinhos, calcando á compita o seu territorio, occupando as suas cidades, e tyranisando os seus cidadãos, tinham chegado ao ponto de agitarem, a respeito d'ella, a questão da sua existencia ou não existencia politica. Cada um reivindicava por seu lado as conquistas feitas no territorio russo. A Polonia tinha retomado Smolensk; a Suecia, Ivangorod, a Ingria e Kexholm; as relações do commercio, reabertas do lado da Persia, estavam suspensas; e, em todos os ramos de prosperidade publica, o movimento e a vida estavam paralisados.

Com a dynastia dos Romanof, a Russia vai levantar-se de novo e fazer-se novamente conhecer na Europa, com respeito e com temor.

Miguel Romanof tinha só dezeseis annos (1613-1645). Incapaz ainda de sustentar com mão firme as redeas da governação, deveu aquella preferencia unicamente ás virtudes de seu pae, e á necessidade que a Russia tinha de fazer uma escolha que terminasse com todas as ambições dos concorrentes. Depois de tantas tyrannias, os Russos encostavam-se á candura de um rei infante, para não serem opprimidos. Romanof nem mesmo era russo; porque os seus avós eram Prussianos, embora estivessem estabelecidos na Russia desde o seculo XIV.

Vendo no trono uma criança, Gustavo Adolfo da Suecia, e o rei Segismundo da Polonia renovaram a guerra contra os Russos, apesar dos esforços empregados por Miguel Romanof, para demo-

vel-os. Em consequencia d'essa guerra, teve elle de abandonar á Suecia a Carelia, a Ingria e muitas praças importantes, entre essas Ivangorod e Narva, de renunciar ás suas pretensões sobre Livonia, pagar uma grande indemnisação, e abandonar á Polonia Smolensk, Severie e Tchernigof.

Restabelecida a paz exterior, Romanof applicou-se a favorecer o commercio com o Oriente, tantas vezes interrompido, e fez partir embaixadores para a Persia e China. O resultado d'estas negociações tinha por fim, principalmente, o trafico da sêda e d'outras mercadorias, cuja falta fazia da Russia uma tributaria das nações que, no norte da Europa, as fabricavam com muito resultado. E tambem este imperador fez vir do estrangeiro, arquitectos, engenheiros, fundidores, ferreiros, e torneiros, etc., ao todo cinco mil artistas. Este numero foi augmentando, de modo que, em 1671, estavam em vinte mil [1].

A morte de Segismundo fez renovar a guerra com a Polonia, porque a Russia julgou que era occasião appropriada para se desforçar dos cheques anteriores. Mas não aconteceu assim; porque essa guerra, terminou mais tarde, pela paz de Viasma (1676), que manteve as estipulações dos precedentes tratados em favor da Polonia, e lhes accrescentou uma formal renuncia da Russia a todas as pretensões sobre a Livonia, Esthlandia e Curlandia.

---

[1] Emile Haumant, *obr. cit.*

A Miguel Romanof succedeu seu filho Alexis I (1645-1676). Este czar, atravez das oscillações d'um reinado sempre tempestuoso, seguiu as pisadas do pae. Abriu novos caminhos ao commercio; estabeleceu manufacturas; esboçou a criação de uma marinha mercante; chamou estrangeiros; e deu a primeira impulsão á exploração de consideraveis minas de ferro e cobre.

A arte de construir navios estava ainda na infancia, mas alguns constructores hollandezes vieram melhoral-a um pouco, esperando que Pedro I fosse em pessoa augmentar as suas conquistas industriaes, trabalhando com o machado na mão nos canteiros de Sardam. Foi tambem sob o reinado de Alexis que as extremidades orientaes do imperio russo na Asia foram exploradas pela primeira vez.

No principio do seu reinado, levantou-se o povo contra o primeiro ministro Morozoff, que abusava duramente do poder, e, por isso, chegou a atacal-o no palacio e a matar alguns nobres, em vez d'elle.

Em 1648, reclamando a Suecia uma grande indemnisação, pelo facto do czar ter acolhido muito bem os Suecos descontentes do governo da rainha Christina e ter animado a expatriação dos subditos do mesmo paiz, teve a Russia de lhe dar esta indemnisação em dinheiro e trigo; e o povo, desgostoso pela saida d'esse trigo, levantou-se de novo contra aquelle ministro Morozoff.

Aplacadas as dissensões internas, o czar declarou guerra á Polonia, com o auxilio dos Cos-

sacos, que vieram offerecer-se e sugeitar-se ao dominio d'elle, em 1650 [1].

N'essa guerra (1655), a Polonia foi vencida, e teve de ceder á Russia as cidades conquistadas — Smolensk, Polotsk, Mohilef e Kief, e de abandonar uma parte da Ukrania e da Severie ou Seversk.

Não foi tão feliz Alexis na guerra que se seguiu contra a Suecia (1656), porque, depois de ser derrotado em Riga por Carlos Gustavo, teve de fazer a paz, em que se manteve o *statu-quo* entre os dois paizes.

No momento em que Alexis obtinha a paz no exterior, um ladrão — Stenka Razin, cossaco do Dom, desolava o interior, a ponto de caminhar sobre Moscou, no designio de a tomar e saquear, e fazer d'ella o tumulo dos nobres, padres e soldados, cumplices da oppressão do povo. Mas este aventureiro foi vencido e morto, em 1670.

Alexis gosou, então, da paz até o fim do seu reinado, e falleceu, em 1676.

---

[1] Os Cossacos, chamados Zaporavianos, ou mais correctamente Zaporoiski, palavra que significa *habitantes d'além dos escolhos*, eram Russos, que procuraram um asylo nas cataratas do Dnieper, em 1471, na epoca em que o rei Casimiro reuniu o principado de Kief ao trono da Polonia. Estes emigrantes da pequena Russia tomaram o nome tartaro de Cossacos, que significa *homens armados á ligeira*, ou porque adoptassem o modo de viver dos Tartaros, ou porque havia muitos Tartaros entre elles. Foram um grande auxiliar da Polonia, emquanto esta os tratou bem, mas, quando quiz obrigal-os a converterem-se ao rito latino, levantaram-se contra ella, e, depois de varias luctas, acabaram por se irem offerecer ao czar.

Este monarca não se fez notar por esse tom de ferocidade commum á generalidade dos seus predecessores; e a maior parte dos historiadores louva a sua doçura. Mas, em todo o caso, instituiu uma chancellaria secreta, especie de inquisição que podia satisfazer a todos os terrores e a todas as fantasias do despotismo.

Succedeu-lhe o filho Fedor II (1676-1682). Este fez guerra aos Turcos, na qual obteve algumas vantagens; mas as suas melhores victorias foram as reformas legislativas. E teve tambem a gloria de abolir os titulos hereditarios, cujo effeito era dar, tanto nos empregos militares como nos civis, uma superioridade absoluta a quem podesse provar o exercicio anterior das grandes funcções na sua familia sobre aquelle que não podesse fazer essa prova, embora mesmo este fosse de um nascimento mais distincto. De modo que, por esta reforma, a antiguidade da raça cedia á illustração dos empregados.

Fedor protegeu as sciencias; mas os meios que empregou para isso, attestaram melhor vontade que bom criterio; pois castigou sem misericordia tudo o que fosse contrario á doutrina ortodoxa da egreja grega, e estabeleceu uma especie de inquisição litteraria.

Mesmo em religião, houve no reinado de Fedor um facto importante. Os chefes da egreja ortodoxa russa, antes d'elle tomavam o nome de *metropolitas,* e eram sagrados e installados pelos patriarcas de Constantinopla. Mas, então, o clero de Moscou saccudiu o jugo dos patriarcas gregos,

ficando a nomear e installar os patriarcas russos. E isto durou até Pedro I, que arrogou a si esse poder [1].

*

* *

Antes de passar adiante, convem consignar qual o estado social da Russia e os seus costumes, no seculo XVII. O clero tinha uma grande influencia. Os padres, porém, eram prohibidos de prégar, porque, diziam os Russos, *a palavra de Deus está consignada nos livros santos, e as interpretações dos padres é que teem dado logar ás contendas entre os christãos.* Ainda hoje a predica é menos frequente na egreja russa que nas outras communhões.

As casas eram ainda feitas de madeira e mal guarnecidas e mobiladas. Os Russos andavam tambem de ordinario mal vestidos; mas, nas grandes cerimonias, ostentavam um luxo asiatico: pelliças, ouro, diamantes, etc. Apesar do brilho de que a côrte ainda gosava, e que podia deslumbrar os estrangeiros, tinha ella perdido as immensas riquezas amontoadas até Boris, que lhe foram usurpadas pelos Polacos.

As mulheres tinham, em geral, os costumes orientaes, e, portanto, a reclusão systematica, em-

---

[1] Achilles Lestrelin, *Les Paysans Russes.*

bora podessem sair algumas vezes. Estavam absolutamente sujeitas aos maridos.

Os Russos eram muito orgulhosos e desconfiados dos estrangeiros. Não havia policia nem segurança publica. Os ladrões infestavam os caminhos, e as miserias, a preguiça do povo e a dureza dos senhores multiplicavam o numero d'elles. O despotismo do czar era o mais absoluto; e o povo, outr'ora livre, estava sujeito á servidão de gleba.

*

* *

Á morte de Fedor (1682), os suffragios da nação acharam-se divididos entre os dois principes, seus irmãos — Ivan Alexievitch e Pedro. O primeiro tinha por si o facto de ser mais velho, mas era extremamente fraco de corpo e de espirito. Por isso, foi o segundo o preferido, apesar da sua pouca edade; e influiu tambem n'essa escolha o respeito por sua mãe, a segunda mulher d'Alexis, chamada Natalia Nariskin, que ficou exercendo a auctoridade suprema, pela menoridade d'elle.

Esta Natalia teve uma grande rival em Sophia, filha do primeiro casamento d'Alexis, que pôde levantar uma revolta contra ella e a favor de Ivan, appoiada pelo strelitz, revolta em que foram mortos os seus partidarios, e Sophia nomeada regente. E Ivan foi proclamado czar (1686-1689), juntamente com o irmão Pedro. Depois, a mesma Sophia tor-

nando-se-lhe insupportaveis os seus proprios partidarios, mandou matar os principaes d'elles.

Tendo ella, assim, triumphado das rebelliões no interior, juntamente com seu ministro Golitzin, assegurou tambem ao imperio grande consideração exterior.

Alliou-se com a Austria, Polonia e Veneza contra os Turcos, obtendo com isso o reconhecimento perpetuo da soberania de Kief, Tchernigof e Smolensk. Depois, o proprio Golitzin marchou com um numeroso exercito contra os Tartaros da Crimeia. Estes illudiram a sua esperança, incendiando as suas esteppes, e Golitzin voltou a Moscou com os restos do seu exercito, que tinha sido quasi aniquilado pela fome, sède e falta d'ordem e disciplina. Apesar d'isso, foi recebido pela soberana como triumphador; e, rebentando, então, contra elle o odio que Pedro lhe votava, ha muito, tanto Golitzin como a czarina juraram a perda do mesmo Pedro, que foi obrigado, por isso, a refugiar-se no convento da Trindade, e ahi manobrou com os seus amigos, até que pôde tomar conta do governo. A regente foi obrigada a um perpetuo captiveiro, e aquelle ministro foi desterrado para a parte mais distante do imperio.

*

* *

Começou, então, Pedro a governar (1688-1725), e principiou tambem com elle a quarta e nova epoca

da historia da Russia, em que esta se tornou potencia influente na Europa.

De todos os estrangeiros que se conservavam em Moscou e cujas relações o imperador mantinha, havia só Lefort e Gordon que se recommendavam por seus merecimentos. Por isso, foram tambem os unicos que elle conservou em volta de si.

Começou Pedro pela reforma do exercito, fazendo vir officiaes estrangeiros, para o ensinar, e obrigando-o a vestir-se á moda estrangeira, principalmente allemã. O proprio imperador, querendo dar exemplo da disciplina, fez-se tambor, para ir subindo os respectivos postos.

Lefort inspirou-lhe o desejo de ter uma marinha; e, n'este sentido, Pedro, aproveitando um constructor hollandez, chamado Cartem Brandt, que fôra chamado a Moscou, no tempo d'Alexis, e ahi vivia esquecido, tratou de fazer construir, primeiramente, um navio sobre o qual percorreu o Mar Branco, e, depois, uma armada sobre o Voroneje, destinada a proseguir a guerra que encontrou iniciada contra os Turcos (1693).

Por um tratado com à China, terminou as questões que se tinham levantado no tempo dos seus predecessores para a fixação dos limites; e de modo que o rio Kerbeski (o Gorbiza) foi marcado como ponto de separação dos dois imperios.

Em 1695, entrou em campanha contra a Turquia, para lhe tomar Azof. Sendo infeliz da primeira vez, voltou segunda vez á mesma empresa, em 1696; e conseguindo, emfim, tomar essa cidade,

concebeu, desde então, a ambiciosa esperança de conquistar a Crimeia.

Logo, entre os jovens que o seguiram na conquista d'Azof, escolheu um certo numero que mandou ao estrangeiro, para alguns d'estes aprenderem a marinha, e outros a arte militar; e elle mesmo resolveu-se a visitar os paizes da Europa, afim de se instruir. Foi, assim, que visitou, primeiramente, a Hollanda, onde trabalhou como operario nos canteiros de Sardam, e onde estudou alguma coisa de cirurgia e de engenharia; e d'ahi passou á Inglaterra, onde estudou tambem alguma coisa da astronomia, da relojoaria, da arte de fundir canhões, e em geral dos misteres industriaes. Sobretudo, o seu cuidado foi recrutar gente d'esses e d'outros paizes que viesse trabalhar productivamente na Russia. Da Inglaterra voltou á Hollanda, e de lá passou á Austria, donde teve de accudir á sua patria, para abafar uma revolução, que se tinha levantado contra elle, fomentada por Sophia.

O castigo foi barbaro e terrivel. O strelitz foi morto em grande parte, e o resto dissolvido; e os seus membros foram espalhados pela Siberia e pelas outras partes do imperio, cessando, assim, de existir esta milicia.

Antes de Pedro Grande, a Russia estava ainda quasi que n'um estado de barbaria. Cidades muito raras, e que cidades! Muros de terra, paliçadas, jardins, choupanas, campos, atoleiros cobertos de tabuas, que se chamavam ruas, e todas estreitas e pequenas, sem albergues, nem lojas; e, nas aldeias proximas, acampados alguns mercadores estrangei-

ros, semelhantemente ás concessões que os Chineses faziam aos Europeus nas cidades da China.

A propria Moscou não valia mais. Vista de longe e do alto da collina dos Pardaes, que lhe está sobranceira, parecia uma verdadeira cidade; mas de perto não passava de uma aldeia immensa, onde os Europeus apenas achariam abrigo, se o czar se dignasse designar-lhes um alojamento, que muito se assemelhava a uma prisão.

Se qualquer estrangeiro visitava um grande do paiz *(boiardo)*, era acolhido primeiramente por escravos, e conduzido, ao longo das cabanas onde elles viviam, até á casa senhorial, que era pequena e baixa. N'uma peça guarnecida de divans, estava o senhor, envergando um amplo vestido com boné, que parecia um turbante, e que não tirava nunca da cabeça. Esta magestosa personagem nada sabia da Europa. Todos os Europeus eram para elle *nients*, isto é, maus e barbaros.

Comtudo, para honrar o estrangeiro, elle queria apresentar-lhe a mulher; e para isso esta saía dos seus aposentos, do *drem*, cingida de um vestido grosso e pintada até os olhos; e, então, cumprimentando á russa, offerecia vinho e aguardente, e retirava-se novamente. Era quanto sabia de trato social.

Os homens do campo andavam vestidos de pelles de carneiro, e traziam a barba muito comprida, bonés forrados, luvas tambem de pelles sem dedos, e machadas suspensas a largos cinturões de couro.

As suas casas *(izbas)* tinham uma peça unica,

um banco, ao longo de um recinto de tóros de lenha; e todos elles pertenciam como servos ou escravos ao imperador, aos conventos e aos ecclesiasticos ou aos nobres. Só gosavam de alguma liberdade nas provincias de Novgorod e Vologda, e em certas partes orientaes da Russia, mas tinham liberdade absoluta na Siberia.

Ainda se vendiam os servos e os escravos. Pedro Grande quiz acabar com essas vendas; e não o podendo conseguir, coarctou muitos dos seus abusos, e alliviou alguma coisa o pêso da escravidão e servidão [1].

O imperador tratou, então, de reformar os costumes da Russia; e, n'este sentido, empenhou-se, em que todos os subditos vestissem á europeia. Pretendeu abolir a barba comprida, quebrou o gyneceu, e lançou as mulheres no tumulto da vida civil, para ter uma sociedade á moda ingleza ou franceza. Aboliu o uso oriental de sómente se ver, nos casamentos, a esposa, depois do contrato estar assignado e quando já se não podia voltar atraz.

A imprensa foi libertada de certas restricções regulamentares. Foram estabelecidas escolas para o ensino das linguas mortas e vivas, e cuidou-se da traducção dos bons livros. Tambem Pedro Grande aboliu o celibato na egreja. Reformou o calendario, á moda europeia, ficando, assim, o anno a começar no primeiro de janeiro. Finalmente, declarou-se o chefe da egreja grega, e estabeleceu

---

[1] Emile Haumant, *La Russie au XIII^e Siècle*.

o chamado *santo sydono*, ao qual confiou a direcção dos negocios ecclesiasticos (1721) [1].

Entre as suas reformas, uma das mais notaveis foi a abertura do canal do lago Ladoga ao Volga.

Mas Pedro suspirava continuadamente pelo dominio do Baltico, para poder fazer da Russia um

---

[1] A religião grega nasceu de Photio, nos seguintes termos:

Tendo este sido, apesar de leigo, elevado, em 857, ao patriarcado de Costantinopla, pelo imperador Miguel III, não obstante a opposição do papa Nicolau I, que o anathematisou, n'um concilio celebrado em Roma, e querendo, por isso, libertar-se da auctoridade da egreja catholica romana, reuniu muitos bispos em Constantinopla, e, por seu lado, anemathisou tambem o papa.

Foram estas discordias religiosas que trouxeram uma separação definitiva entre a egreja romana e a egreja grega.

Os Gregos acreditam na biblia, nos evangelhos, na Trindade, na Virgem, e conservam as orações da egreja romana. Os dogmas são sempre os mesmos. Só ha differença na parte material e forma da cruz; e na maneira de qualquer se persignar, commungar ou baptisar.

Além d'isso, os ortodoxos gregos são *incolonatras*, e o casamento é uma das condições impostas aos seus padres seculares, por forma que, segundo os usos da egreja, nenhum padre, pode obter a parochialidade de qualquer egreja antes de se casar. E, quando fica viuvo, perde o seu logar, e deve entrar n'um convento, pelo resto dos seus dias. Tambem os padres não são tonsurados como os padres catholicos, antes usam barba e cabelleira crescidas.

Dissemos que os sectarios da religião grega são *icolonatras*. Significa isto que adoram de preferencia as imagens, de modo que parece esquecerem-se de Deus, para se dirigirem sómente aos seus santos.

A differença da cruz de que acima fallámos, consiste em que ella appoia-se, algumas vezes, sobre o crescente; e essa

paiz commercial. Isso determinou a guerra com Carlos XII da Suecia, que durou, desde 1700 a 1718, e na qual a Suecia foi vencida a final [1].

Foi n'um dos intervallos d'essa guerra, em 1703, que Pedro fundou S. Petersburgo.

Depois da guerra com a Suecia, Pedro visitou

---

mistura de symbolos do mahometismo e christianismo data da invasão dos Mongoes. Ordenaram estes que as egrejas fossem encimadas por um crescente; e, quando foram vencidos e expulsos por Ivan III, este, para recordação permanente da sua victoria, mandou que o crescente fosse collocado debaixo da cruz.

Os usos da egreja grega não supportam a musica instrumentaria, nem mesmo os orgãos nas egrejas. Segundo os seus dogmas, não se devem celebrar os louvores de Deus senão com a palavra. E ha na egreja grega mais dias magros ou de jejum que gordos [1].

[1] Esta guerra teve os seguintes accidentes: Derrota dos Russos, em 1700; victoria dos Russos em Dorpat, commandados por Chéremetef; cerco e tomada de Marienburgo pelos Russos, onde foi feita prisioneira Catharina, uma pequena orphã obscura, educada por caridade por um pastor protestante, depois esposa de um soldado da Suecia, e que, afinal, em poucos dias, se tornou esposa de Pedro Grande; tomada pelos Russos de Noteburgo cidade n'uma ilha do lago Ladoga, e de Mienchantz (1703), fortalezas que dominam o rio Neva e as suas embocaduras; tomada de Narva pelos Russos; derrota dos Suecos, em Poltalva (1708); retirada de Carlos XII para a Turquia; declaração da guerra feita por Achmet III á Russia; desastres de Pedro nas margens do Pruth; paz de Pruth, em 1711, com a Turquia, que cedeu á Russia todas as possessões do mar Negro; morte de Carlos XII [2].

[1] Voltaire, *Histoire de Charles XII.*

[2] Achilles Lestrelin, *Les Paysans Russes.*

novamente a Europa, indo á França. Na sua volta, fez condemnar á morte seu filho Alexis, que não chegou a ser executado, por ter fallecido na prisão [1].

Tendo-se ateado a discordia na Persia, Pedro achou pretexto de se intrometter nas questões d'esse paiz; e, em paga do auxilio que prestou a um dos principes persas, obteve as cidades de Derbent e Bacher, portas do imperio russo sobre o mar Caspio, com as provincias de Daghestan, Schirvan-Guilan, Mazanderan e Asterabad.

Os ultimos tempos da vida de Pedro Grande foram cheios de desgostos, pela infidilidade da esposa; e morreu, em 1725, segundo alguns escriptores, sob a suspeita de ter sido envenenado por ella.

Desde 1725, em que elle falleceu até o fim do seculo XVIII, em que a Russia foi governada por mulheres, a historia do imperio é preenchida com revoluções e catastrophes, semelhantes ás dos serralhos da Asia. Os prazeres sensuaes misturaram-se ás conspirações sangrentas, e aos crimes domesticos. Uma milicia insolente, mais abjecta que o strelitz, traficava com as grandes dignidades,

---

[1] Alguns escriptores dizem até que elle o fez envenenar na prisão, e que esse procedimento para com o filho foi determinado por intrigas de Catharina. Mas Voltaire sustenta que não [1].

[1] Voltaire, *Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre-le-Grand.*

e explorava a fortuna publica. Mas, apesar d'isso, politicamente, a Russia tornou-se temida e forte.

Assim, por morte de Pedro Grande, subiu ao trono a viuva Catharina I (1725-1727), eleita pelos grandes; pois que o fallecido czar tinha abolido o direito de hereditariedade.

Esta imperatriz reinou só dois annos, e morreu em 1727; mas, n'esses dois annos, fez muitas coisas uteis para o paiz, suavisando as leis criminaes, tratando com doçura as provincias recentemente conquistadas e diminuindo os impostos.

Succedeu-lhe Pedro II (1727-1730), filho de Alexis, tendo ainda só doze annos de edade. Foi dirigido por Menzikoff, e, depois, por Dolgoruki, e morreu aos quatorze annos.

Succedeu-lhe a czarina Anna (1730-1740), irmã d'elle, que teve por favorito Biren. E, embora fosse dotada de caracter doce, aquelle favorito, que exercia sobre ella uma influencia absoluta, fel-a praticar muitas crueldades. Teve guerra com os Suecos e Tartaros, e tambem outra guerra com os Turcos, em que, pelo tratado de Belgrado de 1739, teve de sacrificar todas as conquistas do Mar Negro, do Paulo Meotidas e Ponto Euxino e de ceder as provincias da Persia, que haviam sido conquistadas com grandes sacrificios por Pedro I. Quiz imitar o avô, nas reformas civis e propagação das luzes, á moda europeia, e, n'esse sentido, em 1737, ordenou a todos os jovens gentis homens que aprendessem a contar, ler, escrever, cantar e dançar.

O favorito Biren tinha-lhe arrancado um testamento em favor de Ivan IV (1740-1741), filho da

sobrinha d'ella, duqueza de Mecklemburgo, casada com o duque de Brunswick-Luneburgo, porque a fraqueza das faculdades d'esse principe dava logar á regencia do mesmo Biren. E, effectivamente, por morte da imperatriz, foi este nomeado regente, e afogou a Russia em sangue e crueldades, até que se levantou uma conspiração, pela qual foi deportado para a Siberia.

Foi, então, nomeada regente a mãe do principe, mas tambem contra esta se levantou outra conspiração, que poz no trono a czarina Isabel, filha de Catharina I (1741-1761).

Esta imperatriz entregou-se aos prazeres venereos e aos da mesa e vinho, e foi governada pelos favoritos. Herdou a devassidão da mãe. No seu tempo, houve outra guerra com a Suecia, que tambem continuou com o successor d'ella, Pedro III, filho de Pedro I, que a mesma Isabel escolheu para lhe succeder (1761-1762). N'esta epoca, depois das luctas durante os reinados de Anna e Isabel contra a Suecia, tinha esta sido vencida; e Isabel, por um tratado de paz, conseguiu uma grande parte da Finlandia, o que permittiu recuar as fronteiras de S. Petersburgo. Esta imperatriz prohibiu os nacionaes de tratarem mal os estrangeiros.

Pedro III (1762-1796), pelo voto do Senado de Stokolmo, foi tambem chamado ao trono da Suecia; mas optou pelo da Russia. Casou com Sophia Augusta de Anhalt-Zerbest, depois tão famosa sob o nome de Catharina Alexierna, que ella adoptou, abraçando a religião grega.

Este principe tinha tido um ataque de variola que o desfigurou; e, desde então, embora Catharina disfarçasse o horror que elle lhe causava, o marido tornou-se insupportavel para ella. D'ahi por diante, foi Catharina o centro e o fim de todos os movimentos da Russia.

Já antes de subir ao trono, Pedro III se entregava á torpeza e ao vinho, e Catharina começou tambem, desde muito cedo, a serie das suas torpezas. O palacio tornou-se logo uma crapula pegada. Os amantes de Catharina succediam-se continuadamente, e Pedro III, sem se importar com isso, passava os dias tambem na embriaguez e devassidão. Entretanto, surgiu, nos annos de 1760 a 1761, a guerra com a Prussia; e a Russia obteve victorias brilhantes n'essa guerra.

Não obstante isso tudo, quando Pedro III subiu ao trono, os começos da sua administração deram no interior as melhores esperanças. Perdoou a todos aquelles que tinham offendido Isabel. Supprimiu a chancellaria secreta, essa inquisição do Estado, cujo simples nome fazia tremer. Deu liberdade á nobreza. Libertou os servos que vegetavam nos enormes dominios do clero. Reformou differentes abusos da ordem judiciaria.

Mas tinha feito adoptar os costumes allemães; tinha concedido a Frederico II, quando, vencido, uma paz, que este só podia esperar como vencedor; e declarou por simples ambição guerra á Dinamarca. E tudo isso, junto aos seus defeitos, descontentou muito a nação.

Catharina aproveitou estas circumstancias, para

ir indispondo os animos contra elle; e, conseguindo depois levantar uma revolta a seu favor, foi proclamada imperatriz, e fez encarcerar o marido no castello de Robscha, onde foi depois estrangulado (1762).

Então, Catharina II (1762-1796) entrou no caminho das crueldades e vinganças. Temendo a sympathia de que gosava o principe Ivan VI, filho de Pedro III, mandou-o matar na prisão, onde já estava encerrado. Mas, a par das suas crueldades e devassidões, augmentou muito a Russia, tanto politicamente como economicamente e moralmente. Assim, ligada com a Prussia, e animada pela Austria e França, apoderou-se da Cracovia e de uma grande parte da Polonia (1768). Derrotou depois os Turcos, em varias batalhas, na guerra que se prolongou desde 1768 até 1773, e tratou de effectuar o desmembramento da Polonia, d'accordo com as côrtes de Berlim e Vienna. Effectivamente, a Russia, Prussia e Austria, invadindo á mão armada a Polonia, tomaram para si a maior parte d'esse Estado.

Após isto, Catharina levou os Turcos a assignarem a paz de Kainardgi (1773), que abriu á Russia o Mar Negro e todos os portos do imperio turco, garantiu-lhe a conservação de Azof e Tangarog, e assegurou-lhe a independencia da Crimeia.

Renovando-se a guerra com a Turquia, houve nova paz, em 1784, pelo tratado de Constantinopla; de modo que por elle a Crimeia, a ilha de Taman e quasi todo Kuban ficaram definitivamente incorporados na Russia.

Catharina renovou tambem as relações commerciaes com a China, e estabeleceu outras novas com o Japão.

Teve ainda guerra com a Suecia, que terminou pela victoria da Russia (1788), e uma outra nova guerra com a Turquia (1788-1792), em que tambem se distinguiu o seu favorito e ministro Potemkin, a qual findou pela paz de Jassy. Em 1793, juntamente com a Prussia e Austria dividiu os restos da Polonia, apesar da resistencia desesperada d'esta potencia e da heroicidade de Kosciuszko (1793).

E, pelo lado economico e moral, reformou a legislação, fez desinvolver a industria e commercio, e pugnou, em summa, vantajosamente pelo progresso da Russia, dando-lhe um notavel adiantamento.

Morreu em 1796. O seu grande projecto era conquistar Constantinopla e expulsar os Turcos da Europa; e estava cuidando de realisar esse projecto, quando falleceu [1].

*

* *

Resumindo os progressos politicos e territoriaes da Russia, em face do que fica exposto,

---

[1] Le Clerc, *Histoire Phisique, Morale, Civile el Politique de la Russie ancienne* — Levesque, *Histoire de Russie* — Alfred Rambaud, *Histoire de la Russie* — Emile Haumant, *La Russie au XVIII^e siècle* — Maxime Covalewsky, *Institutions Politiques de la Russie,* traduzidas do inglez por M.^me Derocquieny.

vê-se que, desde o estabelecimento de Rurik em Novgorod, logo no governo de Oleg, successor d'aquelle principe, o Estado alargou-se pelas terras dos Krivitches, pelos dominios de Semolensk, Luvitch e Kief, e pela bacia meridional do Dnieper.

Depois, Seriastolaf (964-973) subjugou as regiões meridionaes da Russia, comprehendidas entre o Tanais (rio Dom) e o Boristhenes, Chersoneso Taurico (Crimeia) e Hungria, e arrancou aos Bulgaros as cidades que estes possuiam sobre o Danubio. E Jaroslaf, filho de Wladimiro, (1015-1078) adquiriu uma parte da antiga Polonia e mais a Lithuania.

No seculo XIII, a invasão dos Tartaros avassallou toda a Russia, obrigando os governantes a pagarem-lhes tributo; e os differentes povos e regiões que os soberanos russos tinham submettido, aproveitaram essa occasião, para se levantarem tambem contra o governo central de Moscou, estabelecendo outros tantos principados independentes, embora sujeitos á suzerania tartara, e ao pagamento d'aquelle tributo. E, além d'isso, foram-se desmembrando, pouco a pouco, differentes apanagios, nas mãos dos representantes da casa imperial.

Em 1462, Ivan III subiu ao trono de Moscou, e os seus Estados hereditarios já eram, então, compostos de Suzdal e Nijni Novgorod, dos paizes que formam hoje o governo de Moscou, de Wladimir, de Tula, de Kaluga, de Jaroslav, de Kursk, de Voronetz, de Olônetz, de Kostroma e de Vologda. E, logo que Ivan se viu firme no trono, subtraiu-se

ao jugo dos Tartaros, (1476), forçou o kan de Kasan a reconhecer a sua soberania, e impoz-lhe um tributo. Conquistou a republica de Novgorod (1478), e submetteu o principado de Tver, assim como o principado de Pleskov e os de Tschernigof e Severesk.

Vassilio IV Ivanovitch occupou as provincias de Arkangel, de modo que o Mar Glacial tornou-se a fronteira do imperio, e obrigou a Polonia a ceder á Russia o principado de Smolensk.

Ivan IV subjugou de novo o kanato de Kasan, que se tinha tornado independente; tomou Astrakan, uma parte do Caucaso, Saratov, o resto dos Estados dos kans de Kaptschak, e de Astrakan (1554); adquiriu a Siberia, pela acção de Jermak Timoov (1581); e tomou o titulo de czar.

Fedor I renunciou aos seus direitos sobre a Esthonia, mas obteve em troca a Ingria e Carelia e as cidades e regiões de Ivangorod, Iamburgo e Kaporié (1594); estendeu as possessões da Siberia até o lago Baikal e ao rio Jenissei, e submetteu Oremburgo e o imperio de Turan.

Sob o reino de Miguel Romanof, todos os povos da Siberia e Kamstchatka se collocaram sob a protecção da Russia (1617-1654); mas elle teve de restituir á Suecia a Ingria, a Carelia e Kexholm, e á Polonia as provincias de Smolensk, Tschernigof e Severesk.

Com o czar Alexis (1654-1676), os Cossacos entram na obediencia, e toda a pequena Russia, assim como as ricas provincias de Karkov, Tambov, Orel, Rioesan e Ecatherinoslav ou Ukrania

tornaram-se provincias russas; e a Polonia teve de ceder Kief, Smolensk Polotosk, Mohilef e abandonar uma parte da Ukrania e da Severie ou Seversk.

No tempo de Fedor II, a Nova Zembla foi incorporada na Russia (1676-1682).

No tempo de Pedro I (1682-1725), a Russia apossou-se de Kamtschatka das ilhas Aleutinas, das Kurillas e outras, da Ingria, de uma parte da Finlandia, da Livonia e da Esthonia, e tambem das provincias do Daghestan, Schervan, Ghilan, Mazanderan e Asterabad, que pertenciam á Persia.

Sob a imperatriz Anna, a pequena e a media horda dos Kirghis-Kaisaks reconheceu a soberania da Russia; foram feitos tributarios os Tschuktchis; e restituidas ao schah da Persia as provincias que Pedro I tinha conquistado.

Sob a imperatriz Isabel (1731-1762), a Suecia cedeu á Russia a outra parte da Finlandia.

Finalmente, sob Catharina II, pela primeira partilha da Polonia, entrou no dominio da Russia uma parte da Lithuania, das provincias de Mohilev e Vitepsk. Pela paz de Kainardji, os Turcos cederam á Russia a cidade de Azof e seu territorio, as cidades de Kimburn, Kertsch, e Jenikale, e lhe asseguraram a livre navegação no Mar Negro.

Heraclius, czar da Georgia, fez, então, homenagem dos seus Estados á Russia. A Crimeia e a parte oriental do paiz dos Nogais, assim como a Kuban, tornaram-se provincias russas; e, pela paz de Jassy, a Porta cedeu Oczakov e o paiz situado entre o Bug e o Dniester.

Ainda depois, sob a mesma imperatriz Catharina II, a Russia adquiriu outras partes da Polonia e outros territorios, mas esses factos já se deram posteriormente á epoca moderna; e, por isso, não fallamos aqui n'essas acquisições.

Resumindo tambem a tendencia economica dos principaes imperadores da Russia, temos que entre os monarcas que contribuiram para o movimento economico d'esse imperio, devemos destacar os seguintes: Jaroslaf, que segundo já dissemos, foi o primeiro legislador da Russia; porque foi elle que fez coordenar as leis existentes, e que chamou commerciantes estrangeiros, concedendo-lhes a sua protecção, com differentes privilegios.

O filho d'elle, Vladimiro II, que modificou e augmentou o codigo de seu pae, d'onde saiu o corpo de leis que regeram a Russia até o seculo XVI, em que o czar Ivan Vassilievitch lhe deu uma nova legislação. E tambem o mesmo Vladimiro II accrescentou muitas leis favoraveis ao commercio.

Ivan III, que deu grande auxilio ás artes, fazendo vir do estrangeiro, especialmente da Allemanha e da Italia, diversos engenheiros; que embellezou a capital da Russia; e fez tratados com muitos paizes da Europa. E bem assim os seus successores Vassilio III e Ivan IV, que seguiram o mesmo systema.

Miguel Romanof, e, sobretudo, seu filho Alexis que, no meio das tempestades do seu reinado, abriram novos caminhos ao commercio; estabeleceram manufacturas; esboçaram a criação d'uma marinha mercante; promoveram a construcção de

navios, chamando já constructores hollandezes, e outros artistas estrangeiros; deram novo impulso á exploração das minas; e reformaram a legislação.

Mas ainda assim, tudo isso tinha levantado insignificantemente a industria e commercio da Russia, quando Pedro Grande subiu ao trono; e este imperador, e, depois d'elle a imperatriz Catharina, é que deram um grandioso impulso economico á Russia, como veremos detalhadamente.

CAPITULO XIV

Historia do movimento colonial da Russia na edade moderna

Como a Russia não ficou estranha ás viagens e descobertas — Conquista da Siberia devida a Jermak — Viagens de Behring e descoberta do estreito que tem o seu nome, das ilhas que orlam a peninsula de Alaska e da parte das ilhas Aleutinas — Colonisação de Kamstchatka, e navegação directa e regular com Okotsk — Explorações do medico portuguez Antonio Ribeiro Sanches, por conta do imperador Pedro Grande — Outras explorações posteriores.

A Russia não foi estranha a viagens e descobertas.

A conquista da Siberia foi devida a Jermak, chefe dos cossacos do Dom, que fugira á colera de Ivan IV, irritado pelas pilhagens que elle fazia em territorio russo. Transpoz então o Ural, e derrotando os Tartaros, os Volgules, e os Khirguis e Samoyedas, apoderou-se de Sibir, em 1580, e fez homenagem d'essa conquista ao czar, que o nomeou principe da Siberia.

Jermak, depois de ter feito tambem a conquista de todo o baixo Irvitch, soffreu varios revezes, e morreu, combatendo na margem do mesmo rio. Mas, posteriormente, os caçadores que buscavam

as pelles preciosas, e sobretudo as de zibelina, foram explorando toda a Siberia até o mar.

Desde 1720 a 1741, Behring, nas differentes viagens que fez, descobriu o estreito de Behring e as ilhas que orlam a peninsula de Alaska; poz o nome ao arquipelago de Schumagus; e descobriu tambem uma parte das ilhas Aleutinas.

Essas expedições de Behring constataram a continuidade entre a America e Asia, e foram um dos maiores titulos de gloria de Pedro Grande. A ponta meridional de Kamstchatka foi povoada de colonos russos, e, em 1716, foi estabelecida uma navegação directa e regular com Okotsk.

Desde 1735 a 1737, o portuguez Antonio Ribeiro Sanches, medico da armada russa, explorou, por conta do imperador, a Ukrania, as margens do Dom até o mar de Zabache (mar de Azot), e os limites de Kuban até Azof. Atravessou os desertos que ficam entre a Crimeia e Bakmut, e visitou o paiz dos Kalmukos, e depois o reino de Kazan até ás margens do Dom; bem como a região dos Tartaros da Crimeia, as de Nogai, de Kirgissé e Keremissi, e o norte de Astrakan, desde 50° até 68° de latitude [1].

No reinado da imperatriz Anna, o capitão Tchiricov descobriu a costa da America; Spamberg e Walton tocaram em varios pontos do Japão, e desenharam o mappa do archipelago das Kurillas;

---

[1] *A Historia Economica,* vol. IV, pag. 21.

emquanto que Schelting reconhecia a embocadura do rio Amur.

Ao mesmo tempo, foram enviadas tres expedições, commandadas por quinze navegadores russos ao Oceano Glacial que banha a Siberia, e que foi, então, em parte reconhecido, sendo Demetrio, Láptev quem n'ellas mais a distinguiu pela sua intrepidez. E por terra João Gmelin, celebre botanico, Müller, Fischer, Steller e Kracheninnicov exploraram tambem differentes regiões da Siberia.

No seculo XVIII, Bársky percorreu a pé os logares santos da Europa, da Asia e da Africa, e gastou vinte e quatro annos n'esta perigrinação, que elle começou em 1724; e o soldado Tefremov (1774-1782) visitou a Bukharia, e Turkestão chinez, o Thibet e a India, d'onde embarcou para a Inglaterra. E ambos esses viajantes descreveram as suas longas aventuras.

Sob o reinado de Catharina II, a academia de sciencias, desde 1768 a 1744, enviou de Oremburgo duas grandes expedições, commandadas por Pallas e por Lepiókhin; e duas outras de Astrakan, sob a direcção de Guldenstaedt e Samuel Gmelin.

Pallas consagrou seis annos á exploração dos paizes situados entre o Ural e a China; Lepiókhim, estudou as margens do Volga e a cordilheira dos Uraes; Guldemtadt o Caucaso; e Gmelim estudou tambem o Caucaso e as margens do Mar Caspio.

E houve egualmente, no reinado de Catharina II, a expedição maritima do tenente Synd (1764-1768) no Grande Oceano, onde elle descobriu as ilhas de S. Matheus e S. Lourenço; a de Krenitzin e

Levachov (1768), ás ilhas Aleutinas; e a de Billings no Oceano Glacial e Grand Oceano.

Chelikhov fez uma viagem de Okhotsk á America Russa; Stepanov realisou uma expedição da peninsula de Kamstchatka a Macau; e Adão Laxmann fez uma viagem ao Japão [1].

[1] Platão Lvovitch Vakcel, *Quadros da Litteratura, das Sciencias e Artes na Russia.*

CAPITULO XV

Movimento economico da metropole

Aspecto e natureza do solo e situação economica da Russia — Pequena população do imperio, na edade moderna — Como se foram povoando e colonisando as vastas regiões do seu territorio — Productos — Agricultura: como a principio predominava a caça e a pesca, e se foi depois alongando a exploração agricola — Desinvolvimento que lhe deu Pedro Grande — Industria: como foi quasi nulla até o seculo XVII; impulso que lhe deram Ivan III, Vassilio IV, Ivan IV, e, sobretudo, Pedro Grande; retrocesso com a rainha Anna! continuação da obra de Pedro Grande por Catharina II — Commercio: como estava primeiramente na mão dos Hanseaticos e em Novgorod — Como Ivan III, para libertar a Russia do predominio da Hansa, destruiu Novgorod, e, não obstante isso, pequenez do commercio até Predro Grande! como este imperador o fez despertar, e como para isso desinvolveu tambem a marinha. — Esforços da rainha Isabel, para tambem desinvolver o commercio, e grande augmento que lhe deu Catarina II — Centros principaes — Relações com os povos estrangeiros — Moeda — Communicações — Conclusão.

Para se poder assimilar mais facilmente o movimento agricola, industrial e commercial da Russia, é conveniente expor, antes de tudo, o seu aspecto, a sua situação economica, a relativa pequenez e demorado augmento da sua população, na epoca

moderna, de que estamos tratando, e o modo vagaroso como se foi operando a propria colonisação interna do imperio.

Ora, quanto ao aspecto, o relevo interior da Russia é pouco importante. Os seus mais altos systemas de montanhas são, por assim dizer, exteriores, como o Caucaso e o Ural. O territorio russo é essencialmente uma planicie.

Do Ural destacam-se, ao sul, as alturas uralo-karpaticas, e, ao norte, as alturas uralo-balticas, que formam uma serie de collinas e de pequenos platós, ligados entre si, e que vão ter á planicie da Allemanha do norte; e um outro plató central, pouco elevado, estende-se entre os cursos do Duina e do Volga. Este plató é sulcado de collinas, cuja altura media é quasi de 100 metros, e cujos pontos mais elevados teem de 300 a 500 metros.

Ha tres partes do solo russo que são muito deprimidas. Assim, ao oeste, entre os Karpathos e o plató baltico, na Russia occidental, estende-se uma região pantanosa, cuja maior profundidade vai n'uma grande extensão do Minsk ao Pinsk. Ao nordeste, ha a região das tundras ou baixas planicies que bordam o Oceano Glacial e que formam uma região muito baixa. Finalmente, ao sudeste, corre a depressão do mar Caspio, entre esse mar e o de Azof, especialmente na região inferior do Volga.

Quanto á producção da Russia ou á natureza do seu terreno, ainda hoje o solo russo se divide nas seguintes regiões, que, mais vasta e accentuadamente, preponderavam, na edade moderna.

1.º A região das tundras, ou baixas planicies septentrionaes, que occupa o littoral do Mar Glacial, desde 64º de latitude, e se compõe sómente de pantanos e turfeiras. N'essa região, as rennas ou rangiferes são os unicos animaes de gado domestico, e a terra só dá lichens ou musgo para o seu alimento.

2.º A região das florestas *(polessia)*, que occupa uma parte do norte, a maior parte do centro, e que, na Russia occidental, attinge Kief para o sul. Fica entre 56º e 64º de latitude, e 26º de longitude e os montes Uraes.

N'esta zona, o inverno dura metade do anno, e, muitas vezes, o solo permanece coberto de neve, durante 200 dias. A cultura é, por isso, pobre e restricta a plantas de rapida vegetação e mediocre valor.

Entre os cereaes apenas a cevada e o centeio dão productos remuneradores; mas essa região é o dominio de uma das melhores culturas industriaes da Russia — o linho. Embora os habitantes, ainda hoje sejam pouco numerosos, e estejam muito disseminados, n'esta região das florestas, fica ahi uma zona especial, chamada *industrial*, que tem por centro Moscou; e nós veremos em breve o que havia a tal respeito na edade moderna.

3.º A região das terras negras *(tchernoziom)* [1], que actualmente constitue a grandeza agricola da Russia. É limitada ao norte por uma linha que

[1] Ou segundo escreve o jornal *La Nature* n.º 2:259 de 13 de janeiro de 1917, tchernozeme ou tchernozom.

passa pelas cidades de Itomeia, Tulla, Kazan e Ufa, e outra linha tirada por Kichener, Ekaternoslav, Saratov e Oremburgo, marca a extrema clareira do sul.

Vem a ser uma Beocia gigante do dobro da França, onde ha uma camada de humus preto, cuja espessura é, geralmente, comprehendida entre meio metro e um metro, e em muitas partes vai até cinco metros. Esse terreno, composto principalmente de argilla e marne, é muito azotado e de uma fertilidade prodigiosa. Attribue-se a formação d'elle á decomposição das hervas accumuladas das esteppes; e um solo assim embebe-se muito depressa, e secca logo. Essa região do tchernoziom, que não tem nenhuma necessidade de estrume, é um dos grandes armazens de trigo do mundo.

4.º A região das esteppes, que se póde dividir em *esteppes ferteis* e *esteppes inferteis salinas.*

A região das esteppes ferteis só differe do tchernoziom, quanto ao trabalho, e não quanto á natureza. É ainda terra negra, mas no estado inculto e selvagem, coberta de matto e herva, cuja altura attinge dois a tres metros. Na sua condição actual, as esteppes não servem senão á criação do gado, feita á maneira dos prados da America do Sul. Mas, pouco a pouco, a colonisação faz progressos, e vai annexando ao tchernoziom esses terrenos, embora o trabalho seja difficil, porque o seu clima aflige cruelmente os agricultores, por ser terrivel o calor do estio e o frio do inverno, e faltar completamente a lenha para se aquecerem.

As esteppes inferteis salinas são espaços abso-

lutamente improductivos; e constituem verdadeiros desertos de solo polvorento, negro, coberto de poeira. Não ha terra vegetal, e apenas alternativas de pedras e areia. Aqui e acolá, lagos salinos, e, só por vezes, essa monotonia é corrigida por um vau cheio de relva. N'essas esteppes, é que está comprehendida a região uralo caspia. É já a vida asiatica. Os povos são nomadas e pastores. Os rebanhos de carneiros constituem a unica riqueza animal, e a exploração do sal e da pesca, n'um grande rio como o Volga, são as tristes compensações da sorte desgraçada d'esses povos.

5.º A Besserabia, que já produz pão e milho, e participa da natureza da Romania e da Hungria.

6.º Finalmente, a região transcaucasica, que, embora situada na Asia, pertence á Russia, e forma um contraste absoluto com todas as outras regiões.

Ao sul do Caucaso e da cadeia da Crimeia, que é a continuação d'elle, está outra região, que tem tanta variedade, como ha de monotonia na Russia. Florestas vigorosas, arvores fructiferas, vinhas, oliveiras, á mistura com productos asiaticos, algodão, canna do assucar, etc.

*

* *

Quanto á situação economica da Russia, embora este paiz communique com a Asia, o que lhe dá a facilidade do commercio asiatico, e, embora communique tambem directamente com a Europa occidental, tem, comtudo, ainda hoje, e muito mais

tinha até a fundação de S. Petersburgo, o grande inconveniente de não ter communicações maritimas livres.

Pedro Grande, que pretendia a todo o panno fazer do seu imperio uma potencia maritima, fundou essa cidade de S. Petersburgo, hoje Petrogrado, no mar Baltico, e tambem Taganrog, no mar de Azof. Mas, apesar d'isso, a Russia só ficou possuindo, como ainda hoje só possue, bacias fechadas.

O porto de Arkangel está bloqueado pelos gelos, durante a maior parte do anno, e, além d'isso, os navios que o frequentam, são obrigados a costear toda a Scandinavia, antes de entrarem no respectivo mar. Os portos do Baltico estão egualmente obstruidos no inverno, e a saida d'este mar está na mão dos estrangeiros, cujas fortalezas podem impedir a navegação. E, se o mar Negro e d'Azof teem a vantagem de ser quasi sempre navegaveis, os seus estreitos de saida acham-se egualmente fechados por uma dupla porta, cujas chaves estão na mão de Constantinopla.

Na Asia, as costas do mar Glacial são de um accesso difficilimo para os navios; e os portos de Kamstchatka e Nikolayevsck sobre o Amur só podem servir na boa estação; e, ainda hoje estão rodeados de vastas solidões, que os tornam inuteis para o commercio e improprios para as communicações [1].

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universele*, vol. v — *L'Europe Scandinave et Russe*, pag. 315.

*

* *

A vida historica dos povos da Russia começou mais tarde que no resto da Europa. Só alguns seculos antes do nascimento de Christo, é que principiaram a apparecer testemunhos, mais ou menos certos, sobre a sua população.

Entre esses testemunhos, o mais antigo refere-se ao paiz do mar Negro. Conta-se, que tres seculos antes de Christo, foi habitado pelos Sarmatas, que eram o mesmo que os Alanos, e que, nas chronicas russas, teem o nome de *Iass*. Os restos d'este povo habitam ainda hoje as inclinações do Caucaso, com o nome de Ossetes.

Depois, vieram os Turcos, e, em seguida, os Hunos, no quarto seculo depois de Christo, e os Bulgaros e Avaros, no sexto seculo. A dominação do sul da Russia passou depois para os Kazares, desde o setimo seculo ao decimo; para os Petchenegues, desde o decimo seculo ao decimo primeiro; para os Komans Polovtzi, desde o decimo primeiro ao decimo terceiro seculo; e, emfim, para os Mongoes ou Tartaros, que dominaram o sul, desde o decimo terceiro seculo ao decimo oitavo.

Tudo isto amalgamou a população do sul da Russia. Em todo o caso, d'entre esses invasores, a influencia preponderante foi da raça turca; e a influencia dos outros elementos na nacionalidade russa foi insignificante.

Quanto aos demais territorios, os dois elementos

etnographicos que mais compozeram essa nacionalidade, foram os Slavos e os Finnezes. Ambos elles tiveram, por muito tempo, como visinhos os Germanos e os Lithuanios ou Lithuanienses; e, por isso, as respectivas linguas tinham traços communs.

Com respeito aos Finnezes, antes de Christo, os do oeste começaram a separar-se dos Finnezes do este (Mordvines); e a influencia lithuaniense, que se fez sentir sobre uns e outros, quando junctos, continuou egualmente, depois de separados, sobre os Finnezes do oriente. Pelo contrario, os do oeste passaram a soffrer a influencia dos Germanos, especialmente dos Godos.

E, com respeito aos Slavos, occuparam estes o sul do Niemen e o oeste do Dnieper, e, assim, o paiz dos Karpathos, a parte superior do Vistula, a Galicia actual e o governo de Volkynia; e começaram, depois do seculo III da nossa era, a espalhar-se, a oeste, para o Oder, e, ao sul, para o Danubio; e, a nordeste, subindo o Dnieper e seus affluentes, uma parte conseguiu abrir outra via tambem para este, pelo Diesna e Siem, até o Don.

Nos seculos IX e X, já elles estavam estabelecidos no paiz de Dnieper.

Quanto á quantidade da população que foi resultando da agglomeração dos differentes povos, os escriptores russos só apresentam dados seguros, desde o seculo XVII.

Desde Ivan o Terrivel até Pedro Grande, oscillou ella ente 10 e 16 milhões, e tinha diminuido muito, pelas guerras e deserções. Em 1724, orçava

por 13 milhões; em 1764, por 19 milhões; em 1796, com a população das provincias annexadas, a quantidade total já tinha 36 milhões [1].

Já se vê que, tendo a Russia uma tão diminuta população não podia ter povoado e colonisado o seu tão largo territorio, quando começou a edade moderna, e que essa colonisação tinha de se ir fazendo lenta e progressivamente.

Por isso, esta colonisação, ainda no seculo XIV, parava no Duina; e, nos confins meridionaes d'essa região, as familias principaes de Bielozero e Jaroslav esmeravam-se em colonisar os seus pequenos apanagios. Mas, tanto n'esse seculo como no seguinte, desinvolveu-se em redor do Vologda a actividade da colonisação dos mosteiros, cuja area se

---

[1] Quanto á densidade da população (13 milhões), no tempo de Pedro Grande (1725), em que a Russia, occupada por elle, tinha 3 milhões de verstes quadrados, e com a Siberia tinha quasi 14 milhões de verstes quadrados ou 13.938:000 kilometros quadrados, porque o verste equivale a 1:067 metros, se nós dividirmos os 3 milhões de verstes do territorio russo, pelo numero dos habitantes, teremos que a população d'esse territorio era de 4,3 por verste quadrado, ou 37 por kilometro quadrado A Prussia, já dois seculos antes de Pedro Grande, tinha attingido aquella densidade; em 1688, tinha 15,8 por kilometro quadrado; em 1740, tinha 18,9, e em 1774, 24,9. A França tinha já no principio do seculo XIV, 40 habitantes por kilometro quadrado. A Inglaterra, mesmo na epoca de Guilherme o Conquistador, metade do seculo XI, tinha 21 habitantes por kilometro quadrado [1].

[1] **P. Milioukov, *Essais sur l'Histoire de la Civilisation Russe*, traducção franceza por P. Dramas e D. Soskice.**

alargou tambem pelos districtos visinhos — Griasoff e Kadnikow.

No seculo XVI, os mosteiros estabeleceram-se egualmente com a mesma actividade colonisadora, sobre o isthmo que fica entre os lagos Ladoga e Onega, descendo o Sukhona e subindo o Vytchedga.

No mesmo seculo XVI, nos confins do norte da região novgorodiana sobre o mar Branco, principiou, n'uma larga escala, a mesma actividade colonisadora dos mosteiros de Solovetzki e Troitzki-Serguieff. E, no seculo XVII, sobreveiu um novo elemento colonisador, chamado dos *dissidentes*, ou Basskolniks, que ahi affluiram.

Por outro lado, no sudeste, a população russa, que tinha relações pacificas com os Tartaros, e ficava proxima das esteppes, foi obrigada, depois da ruptura da paz, a recuar para o norte, o mais longe possivel d'essas esteppes. De modo, que todo o sul da Russia, começando pelo governo de Orel, era já um deserto absoluto nos seculos XIV e XV; e mesmo a população dos governos da Tula e Riazan esforçava por se estabelecer mais perto do Oka e dos seus mais proximos affluentes, o Prona e o Upa, e, a ainda mais para leste, na região que fica entre o Oka e Volga, o Piana e o Tiescha.

A par d'isso, a lucta de Moscou com os seus inimigos das esteppes, que principiou no meio do seculo XV, obrigou os Moscovitas a defenderem as fronteiras, e para isso, no seculo XVI, foi criada a primeira linha regular de defeza. Os logares onde se encontravam os quarteis militares, converteram-se em fortes; e, mais a este, com a conquista

de Kazan, em 1551, Moscou firmou-se na região do Volga. E, então, a população russa não se deteve na parte superior do Viatka e do Kama, antes fez tambem progressos na parte inferior d'este ultimo rio, abrindo ao mesmo tempo uma larga via para a Siberia.

A colonisação n'essa parte augmentou por forma que, em 1568, ainda não havia nos territorios do Kama e do Tchussova campos cultivados ou habitações humanas, e, dez annos depois, havia já 35 aldeias, com uma população de 1:500 habitantes do sexo masculino.

Da mesma forma, após a conquista de Kazan, em 1551, a colonisação caminhou rapidamente no paiz dos Bachkires, sobre o rio Bielaia, onde se construiu uma serie de novas cidades fortificadas, assim como sobre o rio Volga e ao sul da linha de Tula.

A epoca agitada que veiu depois d'isso, deteve esta colonisação, e apagou as grandes vias. Miguel Romanof teve, por isso, de fortificar as fronteiras e construir novas cidades, com o fim exclusivo da defeza.

Ora, a mesma coisa fazia tambem a Polonia, nos paizes vizinhos da Russia; e, assim, tendo a população da Ukrania começado a colonisar o paiz de Poltava, no principio do seculo XVII, a Polonia aproveitou essa colonisação no sentido militar, e por forma que ella se foi estendendo d'ahi pela Grande Russia, fundando differentes cidades, até que, desde 1650 a 1680, foi colonisado todo o sul do governo de Kursk, todo o governo de Karkof,

excepto os districtos do este, e ainda o oeste do governo de Voroneje.

A rainha Anna, desde 1731 a 1735, antes de começar a guerra turca (1736-1739), estabeleceu uma nova linha de defeza para proteger os paizes entre o Dnieper e o Donetz contra os Zaporavianos ou Zaporogos, o que fez tambem estabelecer novas colonias dentro d'essa linha. Mas essa mesma linha não conservou muito tempo a sua importancia pratica, porque o paiz dos Zaporogos voltou para a Russia no fim d'essa guerra.

Quanto aos logares mais orientaes, esses, protegidos por florestas e estabelecimentos de paizes estrangeiros, estavam menos expostos ao perigo do lado das esteppes. Por isso, o governo não tinha interesse urgente em colonisal-os e protegel-os; e, assim, a colonisação, por quasi todo o seculo XVII, não saiu das linhas do Bielgorod e Simbirsk. No meio do seculo XVIII, ainda ella pouco ou nada tinha ultrapassado essa linha, a não ser na sua parte mais segura, isto é, entre o curso do Volga, de Simbirsk a Sarotof e a linha de Simbrisk.

O Don achava-se, ha muito, occupado pelos Cossacos do Don, sempre fieis ao Estado moscovita depois de Ivan o Terrivel. Esses Cossacos, emquanto livres, alargaram o seu territorio pela colonisação egualmente livre. Depois, sob a pressão dos colonos que vieram do norte, os seus territorios começaram a restringir-se; mas em compensação afluiu ahi essa mesma colonisação do norte, que explorou o territorio com vantagem geral.

A colonisação da outra margem do Volga

adiantou-se para o sul, tambem com lentidão egual. Até Pedro Grande, os estabelecimentos russos não excediam o rio Tcheremchan, isto é, o pequeno canto nordoeste do governo de Samara. Mas, depois de Pedro Grande, (1744-1774), os frequentes levantamentos dos Bachkires obrigaram o Governo a defender os estabelecimentos estrangeiros por uma linha fortificada ao longo do Ural, contornando-se, assim, os estabelecimentos dos mesmos Bachkires, e cortando as suas communicações com os Kirghizes.

Oremburgo tornou-se, então, o centro da nova linha. O espaço deshabitado entre ella e a antiga linha começou a encher-se de novos colonos. Os districtos de Buguminsk e Buguruslan do governo de Samara foram povoados; e apenas todo o espaço ao sul de Samara é que ficou despovoado até Catharina II.

A mesma necessidade de defeza fez prolongar as linhas para o extremo oriente da Russia, onde essa defesa se tornou tambem necessaria para proteger a exploração mineira.

Até o meado do seculo XVII, a população russa tinha-se limitado ahi ao curso dos tres rios principaes que a conduziam á Siberia; n'esta epoca, porém, começou o movimento para o sul, no territorio dos actuaes districtos de Krasnoufimsk, Kamychloff, Ekatherinburgo e de Chadrinsk do governo do Perm. E, ao mesmo tempo que a descoberta das riquezas mineraes do sul se seguia de perto com aquella do governo do Pern, surgiam os estabelecimentos metallurgicos e mineiros, cuja

prosperidade estava no animo do Governo, sobretudo depois de Pedro Grande.

Para proteger o paiz contra as invasões dos Bachkires, tambem surgiram os fortes de Ekatherinburgo (1723) e Krasnoufinsk (1736). E, em 1754, construiu-se entre estes dois fortes um grande numero de outros intermedios. Uma larga linha, ao longo do Ural e do Uy, protegeu o paiz contra os Kirghizes. E, desde que a segurança do paiz se tornou assim garantida, já no meio do seculo XVIII, a população accorreu em massa a todo o paiz entre o Uy e o Miass; isto é, a parte mais oriental da Russia foi rapidamente povoada.

A colonisação das esteppes do sul é que só começou com Pedro Grande, que attraiu os Slavos da Turquia e da Austria; e, já na segunda metade do seculo XVIII, elles affluiram em massa para lá.

Desde 1750 a 1760, sobre os flancos da linha de Ukrania, construiram-se burgos militares de Servios — a Nova Servia e a Slaviano-Servia. E o Governo abriu accesso para estas novas regiões, não sómente aos Slavos, mas tambem aos *dissidentes* (Raskolnicks), e mesmo aos camponezes desertores; de modo que estes elementos formaram em pouco tempo a parte preponderante da população.

Depois, no tempo de Catharina II, a linha de fortificações ainda avançou mais para o sul até o territorio dos Nogais, segundo o tratado de Kütchük Kaïnardji (1774), e então as terras dos Cossacos Zaporogos ou Zaporovianos foram definitivamente annexadas ao territorio russo, e a Sietch deixou

officialmente de existir. Mais de cincoenta mil habitantes do antigo paiz dos Zaporovianos foram, assim, incorporados na Nova Russia, e o Governo concedeu o accesso dos terrenos que ficaram desoccupados aos Gregos e aos Armenios da Crimeia.

A colonisação russa fixou-se ao mesmo tempo no Caucaso, desde 1777 a 1799, em que foi construida uma linha fortificada, no curso de Kuban e do Terek; mas as tentativas para penetrar além do Terek e do Kuban falharam, durante a epoca moderna, de modo que, sómente no seculo XIX, a colonisação póde ir além d'esses rios.

A colonisação do curso inferior do Volga adiantou-se tambem muito na segunda metade do seculo XVIII. Catharina II, logo no primeiro anno da sua subida ao trono, convidou os estrangeiros e os raskolniks, que tinham fugido da Russia, a installarem-se no paiz do Volga, ao sul de Samara. Um nucleo consideravel de colonos allemães e raskolniks corresponderam a esse appello, e installando-se, os primeiros no curso do Volga, e os segundos, no curso do Irghiz, toda a parte do governo da Samara ao sul do Irghiz ficou deserta, embora o governo, para proteger a população dos Kirghizes e dos Kalmucos, estabelecesse na fronteira actual d'este governo uma linha de postos militares. O espaço entre o Don e o Volga, ao sul do Tzaritsyn, ficou egualmente deserto, e só no seculo XIX é que esses paizes foram povoados [1].

---

[1] P. Millioukov, *obr. cit.*

*

* *

Quanto aos productos do solo, o mel e a cera foram, em todos os tempos, dos principaes productos dos vastos territorios da Russia. Já Herodoto, no quinto seculo antes de Christo, fallava dos Scytas, que vendiam cera e mel nas cidades da Grecia; e os primeiros annaes da Russia, os de Novgorod, que datam de 911, e depois os do Nestor, Kief e Volkynia testemunham até que os impostos de certos povos primitivos da Russia eram pagos em mel [1].

A par do mel e cera, as pelliças constituiam tambem, e já desde o tempo dos Arabes, outros dos principaes productos de exportação; e, ainda no seculo XIV, essas riquezas zoologicas, sobretudo na região do Volga, eram a base da vida economica. Havia ahi as pelles mais raras e mais preciosas, como as zibelinas negras e as rapozas, sobretudo as de um baio escuro, que eram muito apreciadas. Exploravam-se tambem muito as pelles de castor. As cidades chamavam-se até *castoreas*, *apicultoras* ou *pescadoras*, conforme a preponderancia dos respectivos productos zoologicos.

Essas riquezas, mel, cera, e pelliças, foram desapparecendo; de modo que, no principio do seculo XV, já não havia nas florestas do governo de

---

[1] Luiz Skarzynski, *L'Alcool et son histoire en Russie.*

Moscou outros animaes de pelliças além das lebres. Mesmo os herminios e castores era preciso procural-os no paiz do Volga. Mas, nas florestas do centro, continuava ainda a haver abelhas em abundancia, que faziam os seus cortiços nas cavidades das arvores; e o mel e a cera constituiam ainda grandes riquezas da Russia.

No seculo XVI, era já menor no centro a abundancia das abelhas; e, no seculo XVII, as riquezas zoologicas estavam quasi esgotadas ahi. As regiões da caça iam-se transformando em populações de trabalho; e só nos confins da Russia, é que essas riquezas zoologicas se tornaram n'esse seculo objecto de grande exploração. Sobretudo a apicultura, especialmente nas povoações do sudeste, manteve-se tão activa que attraiu para lá uma grande emigração das outras partes da Russia.

Os productos da pesca tambem constituiram um grande recurso.

No meio do seculo XVI, o sul do governo de Kief, todo o de Poltava e quasi todos os de Kursk e Voroneje constituiam uma das zonas mais importantes da caça e da pesca. Mas, no seculo XVII, iam-se reduzindo os proventos d'essas industrias; e, por isso mesmo, a população d'esta zona tornou-se quasi inteiramente agricola, e a caça e a pesca recuaram ainda mais para o sul, além da linha do Bielgorod, attraindo colonos para lá.

Ainda assim, embora então começassem a ser cultivados aquelles outros terrenos, anteriormente exclusivos da caça e da pesca, e por forma que, segundo dissemos, a população tornou-se quasi

inteiramente agricola, ainda no seculo XVIII, ahi superabundavam terras incultas, onde a caça e pesca dominavam; e as zonas cultivadas eram muito poucas [1].

A par dos productos zoologicos, e mau grado o pequeno desinvolvimento agricola e a grande abundancia de terrenos incultos, a Russia, attenta a grande extensão do seu territorio, produzia sempre muito trigo, cevada e centeio, e muito linho grosso. Era abundante de gado bovino, que fornecia muitos couros e muito cebo; e de gado suino, que dava muito toucinho, gordura e sedas de porco. Tinha tambem muito azeite de cão marinho ou phoca, dentes de morsa, muito caviar, salitre e enxofre. E as madeiras, já nos seculos XVI e XVII, representavam egualmente productos valiosos, bem como a resina e o alcatrão.

No mesmo seculo XVII, começou tambem a exploração do algodão na Russia transcaucasica.

Quanto aos productos mineraes, desde Pedro Grande, em que as minas de cobre, ferro e ouro começaram a explorar-se, tambem a Russia principiou a fornecer abundantemente os dois primeiros mineraes. A exploração do ouro, porém, pouco ou nenhum resultado deu; e só na edade contemporanea é que se iniciaram os grandes fornecimentos das minas dos Uraes.

[1] Milioukov, *Essais sur l'Histoire de la Civilisation Russe*, traduzido em francez por P. Dramas e D. Soskice.

*

* *

Quanto á industria, o desinvolvimento agricola foi muito tardio. Contribuiram para isso a continuidade das guerras e das luctas intestinas; a falta de população; o mau regimen da propriedade, porque o solo não era transmissivel sem licença do czar, que se considerava senhor de tudo; o facto dos camponezes não poderem adquirir bens; e a servidão de gleba a par da escravidão, que prejudicavam o estimulo do trabalho.

Realmente, com referencia á servidão, até Fedor Ivanovitch, os camponezes gosaram ainda de uma certa liberdade. Eram senhores das suas acções, das suas pessoas, e, segundo a sua vontade e recursos pecuniarios, assim, se faziam industriaes, cultivadores, trabalhadores ou domesticos; mas, embora não fossem escravos, não tinham direito de adquirir bens, e sómente se lhe permittia o adquirirem casa para vivenda, nos arredores de Moscou ou de qualquer cidade da provincia. Os prados e florestas que rodeavam as cidades, não eram propriedade de ninguem; e, por isso, cada individuo podia lá cortar lenha ou madeiras ou pastorear o seu gado á vontade.

Quanto aos lavradores que se tinham fixado nas aldeias, esses cultivavam as terras que tinham arrendado aos proprietarios. Cada proprietario tinha tantos rendeiros quantos precisava para a cultura dos seus terrenos; e este systema parecia util, tanto

aos proprietarios, como aos rendeiros, que podiam sempre mudar de senhor.

Mas, segundo os habitos brutaes da maior parte dos nobres d'esta epoca, succedia que um grande numero de proprietarios abusava cruelmente da sua auctoridade, tratando os rendeiros como escravos, e estes, fatigados dos maus tratamentos, tomavam a fugida; de modo que, por causa d'essa constante emigração, tão prejudicial á cultura das terras e á prosperidade do paiz, era frequente encontrarem-se aldeias abandonadas e vastos campos incultos.

Muitos escriptores intendem que foi com o proposito de pôr cobro a esta desordem que o regente Boris Gudonof, que governava a Russia sob o reino de Fedor, tirou a liberdade aos camponezes. Outros pensam, e esta segunda opinião é mais verosimil, que foi para alcançar as boas graças dos nobres, que podiam prejudicar os seus projectos ambiciosos. Mas, seja como fôr, o que é certo é que, em 1598, um decreto sepultou o povo inteiro na escravidão, e de modo que todo o trabalhador do campo, sem excepção, ficou pertencendo ao proprietario do dominio onde nasceu, e por nenhum pretexto podia ausentar-se da sua aldeia, sem permissão do senhor ou intendente que lhe administrava as terras.

O nobre não tinha sómete o direito de infligir, penas corporaes aos seus respectivos servos, mas ainda o de dispor arbitrariamente da sua pessoa e familia e até matal-os. Podia vender tambem o servo com a mulher e filhos ou desfazer-se d'elles

separadamente. O servo não podia escolher esposa, sem auctorisação do senhor, que, a seu bel capricho, permittia ou negava o casamento. O senhor podia tambem desterrar o servo para a Siberia ou desembaraçar-se d'elle, para o entregar ao Estado, que o fazia soldado.

Pedro Grande aboliu esse direito de vida e de morte sobre os servos; mas nem mesmo este gesto libertador teve salutares consequencias, porque, praticamente, ficou tudo na mesma.

A propria ingratidão do solo não estimulava o trabalho nem o progresso da cultura.

Da mesma forma que ainda hoje acontece, as sementeiras do outono gelavam, quando a neve não era bastante espessa para as garantir do frio; e, na primavera, a fundição da mesma neve e do gelo occasionava inundações parciaes, quando os rios se espalhavam nas baixas planicies. Nas provincias do sul, nuvens de gafanhotos caiam sobre os campos, e devoravam os trigos, e até o proprio colmo das cabanas dos camponezes. Juncte-se a este flagello a falta de chuvas e a saraiva, e ver-se-á que as faltas de colheitas eram, como ainda são, muito frequentes em certas regiões da Russia [1].

As principaes riquezas exploradas foram, como dissemos, as zoologicas das abelhas, da caça e da pesca, de modo que, ainda nos seculos XIV e XV, no centro da região do Volga, esses recursos continuavam a ser a base da riqueza economica.

---

[1] Achille Lestrelim, *Les Paysans Russes.*

No seculo XVI, o governo, para favorecer a cultura, concedeu na Siberia lotes de terra para explorar, mas o resultado não foi immediato.

Só no seculo XVII, é que os terrenos do sul, de caça e pesca, se foram pouco e pouco explorando. E, para isso, contribuiu muito o imperador Alexis, que propoz aos prisioneiros o dar-lhes terras para elles cultivarem, se quizessem ficar na Russia, e que, d'esse modo, attrahiu muitos estrangeiros, e conseguiu reduzir a cultura muitas das terras que estavam de pousio.

Ainda assim, no seculo XVIII, havia muita abundancia de terrenos para a caça e pesca. Os Governos de Ekaterinoslav e o sul do Volga, que ainda não estavam colonisados, deixavam toda a liberdade para uma tal exploração. As duas populações dos Cossacos — a Sietch dos Zaporogos ao sudoeste, e os Cossacos do Don ao sudeste guardaram ainda, durante todo esse seculo, o caracter de innumeros *artieis* [1] de terra e caça. Terrenos cultivados havia muito poucos. Só no seculo XIX, é que essas provincias, as mais ricas da Russia, se tornaram, por sua vez, agricolas, e, ainda assim, depois dos tres quartos do seculo.

Sob o governo de Pedro Grande, a agricultura foi-se tambem desinvolvendo, a ponto de que os cereaes, que anteriormente não excediam o consumo interno, foram exportados d'ahi por diante.

---

[1] O artiel era uma communidade que distribuia aos seus membros os productos explorados em commum.

Esse imperador favoreceu, sobretudo, a cultura. do linho e do canhamo, como plantas textis e oleosas [1], mas attendeu tambem com cuidado para os outros generos agricolas.

Assim, a fiscalisação e animação da agricultura foram confiadas a uma administração especial, e muitos districtos incultos foram concedidos a colonos estrangeiros. Nas provincias, que, por estarem muito afastadas do centro e do mar, não podiam exportar os productos do seu solo, foi permittida a distillação da aguardente, mas sómente para o consumo domestico e para a venda á corôa, que conservou o monopolio. Comtudo, Pedro Grande, renunciou á maior parte dos outros monopolios, que os czares tinham exercido até então, por meio do seu direito de preempção. A liberdade da venda na Russia só data d'esta epoca [2].

Afim de se assugurar a materia prima para as fabricas de lanificios, tratou-se com cuidado da educação da raça ovina na Ukrania, e ahi se applicou o metodo que os governos russos tinha aprendido do estrangeiro.

No tempo de Catharina II, a agricultura alguma coisa tambem progrediu, e foi maior a exportação dos generos; mas, em todo o caso, ficou muito abaixo da Europa occidental.

---

[1] P. Mihioukov, *obr. cit.*

[2] Scherer, *Histoire du Commerce de toutes les Nations*, traduzida do allemão por Henri Richelot e Charles Vogel, vol. II, pag. 603.

E além da agricultura ter sido, n'esta epoca moderna, de que estamos tratando, muito pouco intensa, foi sempre muito defeituosa. Acontecia mesmo que os trabalhadores que occupavam as terras virgens, as laboravam seguidamente por muitos annos até o esgotamento completo, para não cultivarem outras novas; e deixavam-nas depois de pouzio, por forma que, muitas vezes, ellas se cobriam novamente de matto ou florestas.

*

* *

O movimento das outras industrias, incluindo o proprio commercio, foi quasi nullo até o seculo XVII, especialmente pelas causas que vamos apontar:

1.º O pequeno desinvolvimento geral do imperio.

2.º As guerras exteriores e as luctas internas continuadas.

3.º Os monopolios do czar. Alguns d'esses monopolios eram permanentes, como os da aguardente, alcool, cerveja e hydromel; e, ás vezes, por graça especial, eram tambem concedidos a certas cidades ou certos nobres ou conventos. Outros monopolios eram extraordinarios ou provisorios, de tempos a tempos, e relativamente a productos que o mesmo czar recebia a titulo de contribuição, como pelliças, cera, cavallos tartaros e linho: productos esses que ninguem podia vender, emquanto o deposito imperial não estivesse esgotado.

4.º *O direito de preempção* tambem do czar, que consistia na preferencia de todas as mercadorias

que elle quizesse comprar, tanto nacionaes como estrangeiras. Enviava para isso pelas provincias commissarios seus, para obter a preços minimos essas mercadorias, que depois revendia por um preço mais elevado.

5.º A falta de probidade industrial e commercial dos Russos. Como não podiam enriquecer honestamente, em virtude d'estes inconvenientes, recorriam á fraude. Por isso mesmo, não havia outros povos tão mal conceituados, commercialmente fallando, como os Russos.

6.º A pequena população, sobretudo nas cidades, que são os centros mais proprios para o movimento industrial.

Por tudo isto, a industria dos Russos, até o seculo XVII, foi como dissemos insignificante; e era até geralmente domestica.

Cada familia fabricava linho para o seu uso, bem como os utensilios de casa e os pequenos instrumentos de trabalho.

Em todo o caso, especificando as industrias que mais sobresaiam, temos as de couro, teias para vellas e cordame, e a fabricação do hydromel, aguardente, alcool e cerveja.

Como dissemos, já desde tempos antigos, se faz menção da fabricação do mel, hydromel e cerveja; mas a distillação do alcool é que principiou só no seculo XVI.

A corôa, como tambem já dissemos, reservava para si o monopolio das bebidas espirituosas, e só por graça especial o concedia ás vezes a cidades mais importantes como Kief, ou a conventos e

boiardos (nobres). E muitas vezes, acontecia tambem que a liberdade da venda e fabrico de taes bebidas era conquistada á força por certas cidades; e, outras vezes, depois de conquistada, era abafada á custa de terriveis crueldades.

A implantação da religião christã na Russia deve-se até ao uso de bebidas espirituosas; porque São Vladimiro Sviatoslavitch, principe de Kief (980 a 1015), antes de se decidir a receber o baptismo, enviou embaixadores aos povos visinhos, para estudarem as religiões dos differentes paizes. Pareceu-lhe a principio que a mahometana seria a que mais convinha á sua patria; mas, sabendo que Mahomet prohibia as bebidas espirituosas, respondeu aos enviados encarregados de lhe proporem essa religião: «A alegria da Russia está em beber, e é impossivel que seja d'outra forma». Por isso, regeitou a religião mahometana; e, em 988, esposou Anna, irmã dos imperadores Basilio e Constantino de Bysancio, e fez-se baptisar com todo o povo [1].

A fabricação da cerveja era tambem monopolio, e tão rigoroso que nem o lupullo se podia ter em casa. Mas, como acontecia com outras bebidas, a corôa concedia ás vezes essa fabricação a uma ou outra cidade [2].

---

[1] Luiz Sharzynski, *obr. cit.*

[2] Apesar d'isso, Basilio III, por causa da embriaguez, só permittiu aos Moscovitas o uso da cerveja e outras bebidas espirituosas, em dias de festa, a não ser aos soldados aos quaes era sempre licita.

A industria do tabaco chegou a ser muito importante; mas, no reinado de Alexis I, em 1648, Nikon, depois patriarca de Moscou, fez que elle prohibisse, o uso d'esse producto, e, por isso, os depositos existentes foram destruidos [1].

Como egualmente já dissèmos, Ivan III deu grande auxilio ás artes, fazendo vir do estrangeiro arquitectos, ourives e outros artistas [2]. E isso foi devido em grande parte á imperatriz Sofia, com quem elle tinha casado, que era filha de Thomaz, *despota* [3] de Morea, e que fôra educada na Italia. Essa princeza trouxe o gosto das artes que floresciam na sua patria e no paiz onde fôra educada, e foi que levou o seu esposo a fazer vir do estrangeiro artistas distinctos em differentes generos. Foi tambem esta imperatriz que, em 1472, ordenou a reconstrucção da cathedral de Moscou.

Vassilio IV e Ivan IV seguiram o mesmo systema e applicaram para a importação e animação das industrias estrangeiras sommas consideraveis; especialmente Ivan IV, que, a par das suas crueldades, se esmerou porfiadamente em desinvolver o movimento economico.

Como já dissemos, elle começou logo a reorganisar toda a legislação, codificando as leis de Jeroslaf e Vladimiro II, n'uma collecção, chamada *sudobnieck*,

---

[1] Luiz Sharzynski, *obr. cit.*

[2] Emilo Haumant, *La Russie au XIII^e Siècle.*

[3] *Despota* era o titulo dos governadores de certos Estados da Turquia.

que quer dizer *manual dos juizes*, legislação que representava um grande progresso, embora lá ficasse ainda o uso dos combates judiciaes, como um dos meios de prova, a par de outras praticas barbaras.

Estabeleceu em Moscou a primeira imprensa, iniciou o desinvolvimento de outras artes; e obteve da rainha d'Inglaterra os primeiros doutores medicos e cirurgiões, que exercessem a arte de curar n'estas varias regiões.

A exploração mineira começou no tempo do imperador Alexis. A conquista da Siberia despertou-lhe a ideia d'essa exploração; e para isso tambem fez vir artistas estrangeiros, sob a direcção de um tal Kitrof, para reconhecer os montes Uraes, as margens do Tobol e o districto de Tomsk; mas a falta de conhecimentos, n'este genero de pesquizas, o preço e demora dos trabalhos, e a modicidade dos productos desviaram o gosto d'essas emprezas.

Com Pedro Grande é que, por assim dizer, começou o despertamento completo da industria russa.

Esse imperador principiou por desinvolver a marinha, por que bem conhecia como ella constitue um dos grandes progressos economicos. O seu antecessor Alexis já tinha organisado a navegação do Volga e do Mar Caspio, com o auxilio dos Hollandezes, e o acaso fez com que Pedro se encontrasse com o unico constructor hollandez que ficara em Moscou. Ambos se intenderam logo, e o czar fez vir calafates e constructores navaes de Sardam; e, depois, elle proprio foi estudar a Inglaterra e veiu trabalhar nas construcções tambem de Sardam.

Além d'isso, para desinvolver a marinha mercante, estabeleceu direitos differenciaes. Todo o navio onde os estrangeiros não constituissem mais da quarta parte da equipagem, era reputado nacional, e gosava da remissão de um terço dos direitos de navegação, bem como de 25 por cento dos direitos aduaneiros sobre a sua carga. Qualquer russo que usasse de um navio estrangeiro, é que sómente obtinha a reducção de 5 por cento. Em todo o caso, a marinha mercante não adiantou tanto como a de guerra, e o commercio maritimo não pòde prescindir da marinha estrangeira.

Por causa d'essa industria de construcções navaes, regulamentou elle o corte das florestas, com o que desinvolveu tambem muito a industria florestal. Mandou jovens ao estrangeiro, para aprenderem tambem outras differentes industrias, e fez egualmente vir de fóra engenheiros, ferreiros, fundidores, armeiros e mestres de outras artes. De modo que os artistas estrangeiros espalharam-se em todas as cidades importantes, e ahi encontraram muitos aprendizes, para que se organisassem corporações, como logo se organisaram.

Estabeleceu fabricas de armas brancas e de fogo, imprensas com caracteres russos e latinos, e tambem fabricas de papel, de polvora, de vitriolo, e de panno para velas, de sèdas, e refinações de assucar. E fez vir da Polonia, Saxe e Silesia pastores de rebanhos, para ter lãs com as quaes podesse fabricar os pannos.

Obrigou tambem geralmente os filhos illegitimos a exercerem uma industria, e os servos que sou-

bessem bem qualquer mister, podiam obter a emancipação, pagando 50 rublos [1] a seu senhor. Os fabricantes estrangeiros estabelecidos no paiz obtiveram adiantamentos consideraveis; foram isentos dos direitos aduaneiros e de outros impostos; e poderam voltar para a sua patria, com a totalidade dos haveres que tinham adquirido. Elles mesmos e os seus operarios foram isentos do serviço militar, e gosaram de monopolio para a venda dos seus productos.

Além d'isso, Pedro Grande chamou mineiros competentes, para exploraram as minas da Siberia, concedendo-lhes, grandes privilegios. E, sendo informado de que se encontravam areias auriferas em algumas regiões da pequena Bukaria, a qual fazia com isso um commercio consideravel, enviou lá um capitão chamado Bucolz, com instrucções que elle proprio redigiu, para a descoberta e exploração das minas d'ouro. Em todo o caso essa tentativa não deu grande resultado [2].

Estabeleceu um systema regular de pesos e medidas. Criou escolas de Geometria, Astronomia e Navegação, e estabeleceu uma academia de sciencias em S. Petersburgo: instituições essas que influiram praticamente na industria, da mesma forma que desinvolveram a sciencia. E criou até

---

[1] Duzentos e cincoenta francos.

[2] A exploração das minas d'ouro dos Uraes foi muito posterior; pois que só começou desde 1920.

um vasto hospital, onde a pobreza e miseria trabalhavam em beneficio do Estado.

Estabeleceu justiça rigorosa, para punir as fraudes, e garantiu os contractos, o que influiu não sómente no commercio, mas tambem na industria. Prescindiu da maior parte dos privilegios da coroa, e estabeleceu a liberdade das compras e vendas. Introduziu os trajos europeus, desinvolvendo, assim, o luxo, e augmentando tambem com isso a industria nacional, a par do commercio externo. Acabou com a reclusão das mulheres, o que augmentou as relações sociaes, e com ellas tambem o consumo, a civilisação e o luxo, e, portanto, a industria e commercio. E a sua iniciativa não foi só para a Russia da Europa, mas tambem para a Siberia. Tobolsk deveu a isso a sua prosperidade.

Depois, a rainha Anna restabeleceu os monopolios abolidos por Pedro, fez voltar o paiz á reclusão e costumes antigos, arrendou a cobrança dos impostos; e, pela má administração do seu governo e dos seus successores — Izabel e Pedro III, a Russia retrogradou muitissimo.

Mas Catharina II é que depois continuou a obra de Pedro Grande, e o seu governo marcou a nova phase do desinvolvimento industrial.

N'esse sentido, levantou muito as tarifas aduaneiras, para proteger a industria nacional. Acabou de todo com o systema de monopolios, estabelecendo a livre concorrencia, e deixando de considerar a funcção industrial como funcção do Estado. E chamou tambem artistas estrangeiros.

Então, a industria de curtimenta e obras de

couro, bem como a do linho, por terem boa materia prima, caminharam com força. A tecelagem da lã custou mais a progredir, porque as lãs nacionaes eram más, e a Russia não as fazia vir de fóra. A da sèda, porém, progrediu um pouco mais em Moscou. Em todo o caso, para se avaliar o progresso que a industria transformadora alcançou, basta dizer que, quando Catharina subiu ao throno, só havia na Russia quinhentas fabricas, e, quando ella morreu, já havia duas mil.

Catharina desinvolveu tambem muito a marinha, com a criação dos direitos differenciaes para o pavilhão nacional e fundação de muitos estaleiros; e aproveitou as florestas das bacias do Donetz e Don para as construcções maritimas do mar Azof e do mar Negro.

Contribuiram muito para esse desinvolvimento a guerra com a Turquia, pelas vantagens que Catharina obteve na paz, e as communicações com o Danubio [1].

*

* *

O commercio interno da Russia até Pedro Grande, apesar dos esforços de alguns dos seus successores, foi quasi nullo; e o externo era exercido pelos estrangeiros, como já vimos em parte, e mais completamente veremos, tratando das relações commerciaes dos Russos com os outros povos.

---

[1] Vide pag. 437.

Até Ivan Vassilievitch (Ivan III) esse commercio estava quasi totalmente nas mãos dos Hanseaticos.

Segundo tambem já notámos, este imperador com o fim de libertar a Russia d'esse jugo commercial, em 1494, destruiu a cidade de Novgorod, onde elles dominavam commercialmente, expulsando-os de lá; e supprimiu a feitoria que tinham n'essa cidade, apprehendendo mesmo os bens da Hansa. Mas a Russia não tinha, então recursos proprios para o commercio interior, e muito menos para o commercio externo. Por isso, além de ser impolitico destruir uma cidade commercial, como Novgorod, o commercio allemão mudou-se para os portos de Riga e Revel, e os transportes maritimos passaram mais e mais dos Hanseaticos para os Hollandezes e Inglezes, sem grande proveito para os Russos. E acresce que esse mesmo commercio externo com os estrangeiros até Pedro Grande, era exercido pelo fisco e, ainda assim, n'um limite muito restricto.

Demais a mais, o commercio interno de trigo, nos seculos XVI e XVII, era monopolio do governo, que fazia com os estrangeiros um trafico importante d'esse producto; e no seculo XVIII, foi travado por continuas prohibições do Estado.

Ora, as vantagens que os negociantes estrangeiros tiravam do commercio da Russia, fez comprehender a Pedro Grande o proveito que haveria para a nação em ella o exercer directamente. N'este sentido, concedeu o direito de negociar a todos os habitantes das cidades, mesmo aos nobres,

cujos preconceitos contra o commercio e contra a industria, por varias occasiões, altamente condemnou, ao mesmo tempo que lhes recommendava com insistencia essas uteis profissões. Enviou ao estrangeiro differentes jovens, afim de se instruirem, ácerca do commercio de grosso trato, nos escriptorios hollandezes e italianos. E esforçou-se grandemente para que os negociantes nacionaes organisassem sociedades mercantis. Mas, n'essa parte os seus esforços ficaram inutilizados; porque, sómente no meado do seculo XVIII, é que taes sociedades começaram a apparecer, e, ainda assim, unicamente para o commercio do sudoeste, onde os estrangeiros se não tinham ainda tornado concorrentes perigosos. A *Companhia russa americana*, fundada no seculo XVIII, foi a unica do tempo de Pedro Grande que prosperou nas suas operações com os povos distantes.

Para o desinvolvimento da fabricação interior, e no sentido da balança do commercio, a importação dos artigos trabalhados no estrangeiro foi reduzida grandemente; e, n'este sentido, entre os artigos admittidos á importação, a das materias primas para aquella fabricação tornou-se logo cada vez mais importantes. E pode dizer-se que a primeira tarifa das alfandegas completa e systematica na Russia foi a do reinado de Pedro Grande, publicada, em 1724.

Importavam-se, sobretudo, vinhos, artigos de mercearia, especies, e arenques.

Como é sabido, o commercio influe na marinha, como esta influe no commercio; porque são duas

rodas da mesma maquina que se auxiliam mutuamente.

Ora, a marinha era quasi nulla e embrionaria até Pedro Grande. Já vimos os esforços enormes que elle empregou, para a desinvolver, a ponto de ir trabalhar nos canteiros de Sardam, com o fim de aprender as artes de construcção naval; mas, ainda assim, mesmo no tempo d'esse imperador, a marinha não fez grandes progressos, a despeito dos subsidios pecuniarios e da reducção de direitos e outros favores que lhe foram concedidos.

Por isso, tambem ella não trouxe ao commercio o desinvolvimento que o czar esperava. É que o movimento mercantil tinha de lutar com a falta da industria e civilisação da Russia e com as demais causas deleterias que já notamos.

E accrescia ainda para esse desinvolvimento a falta de ouro e prata, em geral, e da moeda, em especial.

Com effeito, a extracção da prata só começou tambem sob Pedro Grande, e a do ouro, unicamente no meio do seculo XVIII.

Até ahi, o unico metal precioso era o fornecido pelo commercio estrangeiro.

Ora, esta carencia de metal precioso deu ao commercio interno e externo, até ao fim do seculo XVII, o simples caracter de troca; de modo que os mercadores de grosso trato pagavam tambem com mercadorias. Só depois de Pedro Grande, é que as compras e vendas se foram fazendo a dinheiro. E tambem, por tudo o que fica exposto, só depois de Pedro Grande, é que a perspectiva do commer-

cio, e bem como a da marinha, mudou completamente, devido em grande parte á obra d'esse imperador, coadjuvado pela obra posterior de Catharina, e pela influencia do alargamento dos mares e da civilisação.

Com effeito, ao mar Branco e ao mar Caspio, Pedro Grande junctara o mar Baltico, e Catharina o mar Negro; e a abertura d'esses quatro mares, unida aos esforços d'estes soberanos, determinou um progresso notavel no commercio e na marinha, o qual especialmente se fez sentir no reinado de Catharina.

A imperatriz Izabel tambem contribuiu para esse resultado, abolindo as alfandegas interiores, em 1753. Mas, no reinado de Catharina II, é que segundo já notámos, o commercio tomou a maior expansão que obteve n'este periodo. Vinha certamente de Pedro Grande a velocidade adquirida; mas essa imperatriz, tanto indirectamente, pelo desinvolvimento da industria e marinha, como directamente, por differentes medidas economicas, augmentou consideravelmente o progresso mercantil.

N'este sentido, como egualmente já notámos, ella aboliu de novo os monopolios que tinham sido restabelecidos pela imperatriz Anna, prescrevendo, por isso, a livre concorrencia; e auxiliou a industria e o commercio por pautas protectoras.

Como os negociantes russos gosavam de muito má reputação, dividiu-os em *guildas* ou classes, divisão que continuou no periodo contemporaneo, só com a differença da taxa e dos poderes de cada guilda.

Segundo essa divisão, pertenciam á primeira, segunda e terceira guildas os negociantes que possuissem respectivamente 10 mil, 5 mil, ou sómente mil rublos de capital [1]. Os membros da primeira tinham direito de se entregarem a toda a especie de commercio exterior e interior, assim como de possuirem fabricas, estabelecimentos de forja e navios. Podiam tambem servir-se de carruagens de dois cavallos, e eram isentos das penas corporaes.

A segunda guilda gosava das mesmas vantagens, com excepção de que lhe era prohibido o commercio exterior, e só podia atrellar um cavallo.

A terceira sómente podia exercer o commercio de retalho, a navegação fluvial e qualquer industria.

Ao lado d'estas tres guildas, havia ainda uma classe, comprehendendo os burguezes notaveis de qualquer profissão ou condição que possuissem mais de 50 mil rublos de fortuna. Esses gosavam tambem de todos os direitos da primeira guilda, serviam-se de carruagens de quatro cavallos, e os seus filhos mais velhos podiam conseguir o titulo de nobreza.

Os nobres eram excluidos das guildas, e apenas podiam traficar com os productos das suas fabricas ou das suas industrias. Aos trabalhadores do campo, a lei só permittia a venda dos generos proprios que levavam ás cidades nos dias uteis. Mas, ainda assim, muitos d'elles faziam o commercio

---

[1] O rublo correspondia a cinco francos.

por grosso e a retalho, em nome de uma terceira pessoa.

D'esta maneira, intendeu-se que a força do capital de cada guilda involvia uma presumpção da seriedade dos seus membros.

Tambem Catharina II instituiu uma nova repartição central para o commercio e para a industria, e publicou uma ordenança sobre as letras de cambio e fallencias. Continuou no systema de Pedro Grande, chamando artistas estrangeiros. Deu subvenções consideraveis aos empresarios particulares. E estabeleceu varias empresas por conta do Estado, que, em todo o caso, no fim de alguns annos, se fecharam, quasi todas, com grandes perdas.

*

* *

Quanto ás relações com os povos estrangeiros, desde tempos antigos que os interesses materiaes lançaram os traficantes aventureiros russos nas vias fluviaes do interior da Russia, e muitos estrangeiros acudiam a Kief e Novgorod, para traficarem com os productos do paiz. A riqueza que Kief adquiriu com isso, foi uma das causas que a perdeu, por tentar a cubiça dos conquistadores. Mas Novgorod, mais feliz, exerceu sempre um negocio importante; e, no seculo XII, colonias de Godos e Allemães, fundadas pelos negociantes de Lubeck, vieram augmentar o seu movimento e facilitar as relações com os estrangeiros.

No seculo XIV, a Liga Hanseatica foi estabe-

lecer alli um escriptorio, e aquellas colonias sujeitaram-se, desde logo, ao predominio d'ella; de modo que os Hanseaticos dominaram até 1494, em que Ivan Vassilievitch destruiu Novgorod, e os expulsou de lá, tomando conta dos seus bens e feitorias. Os Hanseaticos mudaram-se, então, para os portos de Riga e Revel, como já dissemos, e os transportes maritimos passaram cada vez mais para os Inglezes e Hollandezes.

Os Russos, afim de combaterem a Liga, fundaram em Moscou uma sociedade, para commerciar com estrangeiros, que tinha por titulo *Os Hospedes do Mar*; e esmeraram-se em criar a marinha nacional; mas esta sociedade não deu resultado. E, por outro lado, as viagens dos mercadores russos em navios estrangeiros, ou mesmo a remessa de mercadorias á commissão, nunca passaram de tentativas isoladas e particulares, que pequena concorrencia faziam á Liga Hanseatica.

Os mercadores suecos e os da cidade de Livonia é que, já no seculo XVI, principiavam a fazer uma séria concorrencia aos Hanseaticos. Mas, no meiado d'esse seculo, sobreveiu um accidente que mudou a corrente commercial da Russia.

Como já dissemos [1], por occasião das expedições inglezas ao mar Polar, com o proposito de se descobrir por esse lado outro caminho para a India, um navio commandado por Chancellor, entrou, em 1553, no mar Branco, e tocou a embocadura do

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 30 e 700.

Duina. Os habitantes, espantados, apressaram-se a dar parte d'esse acontecimento á côrte de Moscou, onde reinava Ivan IV o Terrivel; e, a convite d'elle, Chancellor dirigiu-se para lá, e foi acolhido com as maiores attenções. O czar entregou-lhe até uma carta para Eduardo VI, com o fim de entabolar relações mercantis com a Inglaterra.

Depois, logo á chegada de Chancellor a Londres, formou-se ahi uma sociedade para a exploração do commercio russo; e o czar concedeu aos Inglezes a isenção de todos os direitos, e a permissão de exercerem a industria e de possuirem estabelecimentos industriaes na Russia, além de outros privilegios importantes.

Estes favores deram grande desinvolvimento ao commercio do mar Branco, e logo os Hollandezes, Dinamarquezes e Norueguezes tomaram parte n'elle. Os Inglezes quizeram oppor-se, reclamando o monopolio sómente para si, mas a Russia declarou que esse commercio estava aberto para todos os estrangeiros. O que a Inglaterra obteve a maior, foi a reducção nos direitos aduaneiros, sendo, porém, certo que esses direitos eram pequenos para todos os estrangeiros.

Antes da fundação de Arkangel, em 1584, o deposito principal dos Inglezes era em Kolmogory; e de lá forneciam elles os demais depositos, em Vologda, Novgorod e Moscou, especialmente de pannos e generos coloniaes. Depois, estabeleceram uma companhia commercial tambem em Moscou. E, não só pela protecção da Russia, que, demais a mais, era instigada pelo odio contra a Hansa e

contra os Livonios, mas tambem pela habilidade especial dos Inglezes, esse commercio prosperou grandemente.

Estes nem sequer deixaram aos Russos o papel de intermediarios, que tinham tido com a Hansa; porque trataram immediatamente de estabelecer escriptorios nos centros mais importantes, em relação directa com os principaes açambarcadores locaes [1].

Os generos de commercio, n'esta epoca, eram ainda os mesmos que no tempo da Hansa: pelles e cêra; couros da Russia, que se fabricavam, sobretudo, em Moscou e Jaroslaf; marroquim, que vinha da Persia; linho grosso e linho para velas, cabos, alcatrão, pez e caviar do Volga e mar Caspio. Havia tambem muito azeite de phoca, dentes de morsa, que tinham muitos amadores na Persia e Bukaria, onde serviam para fabricar punhos de sabre, botões e outros objectos miudos; mica ou vidro de Muskovia, salitre, enxofre e ferro.

Os principaes d'esses productos estavam na mão dos Inglezes, e mesmo alguns, como ferro, linho em fio, e linho tecido para velas, só podiam ser exportados por elles. Mas, por seu lado, os Inglezes, que precisavam para a sua marinha dos productos brutos da Russia, davam-lhe uma boa compensação d'esses privilegios. E tudo isso tornava mais importante o commercio da Inglaterra com os Russos.

---

[1] P. Millioukov, *obr. cit.*

Os Hollandezes seguiram o caminho dos Inglezes, e eram depois d'elles os que faziam mais negocio com a Russia. Concorria tambem para isso que, segundo um antigo costume, o curso dos cambios era regulado por Amesterdam. Em todo o caso, encontraram a praça de Arkangel occupada pelos negociantes inglezes, e foram até obrigados a tomal-os como intermediarios para a compra de mercadorias russas.

Ora, no seculo XVII, principiaram os negociantes russos a mover uma grande hostilidade aos negociantes estrangeiros, queixando-se de que estes prejudicavam muito o paiz; e, por isso, o Governo fez-lhes perder, a esses negociantes estrangeiros, a maior parte dos privilegios.

Os proprios Inglezes foram privados da isenção dos impostos para o seu commercio; e os *Hospedes Russos* começaram a preponderar no commercio de todo o imperio, querendo tornar-se os intermediarios exclusivos entre os commerciantes estrangeiros e os productores e consumidores russos. N'este sentido, até o meiado do seculo XVIII, a lei russa limitou o direito dos estrangeiros ao commercio de grosso trato.

Durante os trinta annos do governo de Pedro Grande, bem quiz este luctar com os estrangeiros; mas inutilmente, porque o atraso do imperio ainda o não permittia. E os Inglezes tiveram novamente a preponderancia na industria e no commercio; porque, apesar da predilecção que esse imperador tinha pelos Hollandezes, como a Hollanda estava decaida, e não podia consumir os productos da

Russia, até por causa do acto da navegação de Cromwell, foi a Inglaterra que preponderou, nos mercados do imperio. E, assim, emquanto que os Hollandezes e Allemães se estabeleceram modestamente na Russia, e ahi começaram a agenciar com pequenos capitaes, as principaes casas de Londres fundaram em S. Petersburgo e Moscou succursaes importantes, que dominavam o mercado por seus grandes capitaes.

Esta mesma preponderancia dos Inglezes continuou com os successores de Pedro Grande; mas a guerra da independencia dos Estados Unidos esteve para trazer uma ruptura d'essas relações. A razão d'isso foi que a Inglaterra começou a querer contrariar o principio, então geralmente admittido, de que a bandeira neutra cobre mercadoria inimiga [1]; e isto, para que a França e Hespanha não viessem trazer para a Europa, e, portanto, para a Russia, os generos coloniaes d'aquelles Estados Unidos, nem levassem para lá os productos da Russia que fossem proprios para a construcção dos navios e necessidades da guerra. E essa diminuição das relações com a Inglaterra fez convergir, no fim do periodo, para os outros paizes o commercio com a Russia.

*

* *

Depois da Inglaterra e Hollanda, eram as cidades maritimas allemãs Lubeck e Bremen que faziam

[1] Adriano Anthero, *O Direito Aereo*, capitulo IX.

mais commercio com a Russia, principalmente, o commercio de transporte, concorrendo tambem por isso a tradicção da Hansa, que tinha deixado na Russia grande parte da sua influencia.

As relações com a França é que, só mais tarde, sob Catharina II, tomaram bastante desinvolvimento. Havre e Nantes enviavam generos coloniaes. Bordeus, vinho, e Marselha, fructas do sul [1].

A Prussia, Suecia, Noruega e Dinamarca vinham em ultimo logar.

O commercio por terra com a Hungria e Polonia era menos consideravel. Cresceu comtudo, quando os mercadores russos, desde Pedro Grande, tiveram a faculdade de visitar os paizes estrangeiros.

*

* *

Quanto á Turquia a desgraçada paz de Pruth, em 1711, tinha destruido todos os planos de Pedro sobre o dominio do mar Negro; e, quando a imperatriz Anna quiz tirar a desforra, o tratado de Belgrado, em 1739, não foi mais vantajoso. A Porta prohibiu a Russia de ter uma armada, ou mesmo alguns navios de guerra, tanto sobre o mar d'Azof, como sobre o mar Negro; e, se o commercio entre os subditos dois paizes era declarado livre,

[1] Vid. pag. 147 a 149.

não podia, comtudo, effectuar-se no mar Negro, a não ser debaixo do pavilhão turco [1].

Ora, d'este modo, o commercio com a Turquia não podia prosperar. Algum trafico se fazia por terra com a Crimeia, onde os kans tartaros favoreciam a Russia, e de lá as mercadorias iam para Constantinopla; mas tudo isso era insufficiente para as aspirações do imperio russo.

Começou-se por estabelecer uma *Companhia de Commercio*, em 1756; mas esta companhia, em vista dos obstaculos que lhe puzeram os Turcos, por não quererem soffrer navios russos no mar Negro, foi dissolvida, em 1702.

A França, que occupava um logar muito inferior na navegação do Baltico, procurou obter melhor parte na do mar Negro, e appoiou com todos os seus esforços a companhia russa, na esperança dos Francezes comprarem directamente os productos da Russia e mesmo da Persia. Mas a Porta ficou inabalavel, e recusou abrir a passagem dos Dardanellos. Só Catharina II é que chegou a realisar os planos de Pedro Grande, depois de algumas guerras desabridas.

A primeira, que terminou em 1774, pela paz de Kutchuk-Kainardji, teve resultados decisivos no commercio da Russia. Todas as aguas e provincias da Turquia lhe foram abertas. Obteve a passagem pelos Dardanellos; e, pela aquisição de Azof, Kertch, Taganrog e alguns outros portos, esten-

---

[1] Vid. pag. 312 e 376.

deu o seu territorio até á costa, de modo que os productos russos podiam chegar directamente ao mar.

Ainda subsistiram, comtudo, grandes obstaculos que só puderam ser afastados, pouco a pouco, taes eram: a má condição dos grandes rios Don e Dnieper, e o mau estado dos portos, pois só havia o de Taganrog, que podia ser empregado para a grande navegação; e a falta de marinha mercante e de negociantes instruidos e possuidores de capitaes.

Ora, por meio das florestas que havia na bacia de Dnieper e Don, as construcções tomaram grande desinvolvimento; e, para as relações commerciaes se estabelecerem com os paizes do Mediterraneo, Catharina II fundou, em 1776, em Constantinopla, uma casa ou companhia de commercio, sustentada pelo Governo e submettida á sua influencia. E, em breve, esta casa attraiu os Italianos, Inglezes e Francezes, que achavam maior vantagem em fazer vir as mercadorias russas por este caminho do que pelo mar Baltico.

A sua má administração e a intriga da Porta trouxeram em pouco tempo a ruina d'esse estabelecimento; mas elle teve, ao menos, o valor de abrir o caminho ao commercio do mar Negro, e de mostrar, por especulações acertadas, de que extensão era susceptivel esse commercio.

A par d'aquella companhia, alguns negociantes particulares tentaram, por sua propria conta, expedições directas dos productos russos para o occidente, atravez da Turquia, levando principalmente o

linho e tabaco. Mas, em todo o caso, as operações commerciaes dos Russos, nos dez primeiros annos que se seguiram á paz de Kutchuk-Kainardji, limitaram-se á cabotagem entre os portos do mar Negro, e eram, sobretudo, conduzidas pelos Gregos, navegando sob pavilhão russo.

A czarina pôde então annexar ao seu imperio a Crimeia, que se tinha conservado independente, sob o dominio de um kan tartaro; e, assim, obteve não sómente a feracidade d'esta peninsula, mas tambem os bellos portos de Eupatoria, Theodosia, Sebastepol, Nicolaief e outros. E, ainda, a Porta, receiosa da alliança da Russia com José II, para conjurar esse perigo, fez grandes concessões commerciaes.

O gabinete russo declarou tambem livre os portos do mar Negro e mar d'Azof, e reservou-se o direito de concluir tratados commerciaes com os differentes Estados, como aconteceu, em 1784 a 1789, com a Italia, Polonia, Austria e França, que obtiveram certas vantagens, em troca d'outras. É que, independentemente das vantagens que a Russia contava tirar da França, contava tambem animar por este meio o commercio do Danubio e provocar relações com a Austria e Allemanha. Mas, por um lado, os Turcos continuaram a fechar a passagem do Mediterraneo para o mar Negro. Só os Ragusanos e os Austriacos tinham a fa uldade de o atravessar e, ainda assim, sob o pavilhão da Porta; e, por outro lado, as difficuldades da navegação sobre o Danubio, a insufficiencia das embarcações, a falta de armazens, e a novidade das operações mercantis, impediram a reali-

sação das esperanças que os Russos tinham concebido. Mesmo o transito dos productos da Polonia a jusante do Dnieper foi paralisado, pelo ciume dos Turcos, que tinham um entreposto de cereaes em Belgrado.

Por isso, e apesar da abertura dos portos do mar Negro a todas as nações, os Russos e os Gregos [1] foram quasi unicamente os que fizeram o commercio d'esse mar; mas, ainda assim, os capitaes estrangeiros cada dia se empregavam mais e mais n'esse commercio, e até os navios estrangeiros tomavam muitas vezes de emprestimo o pavilhão russo.

A paz de Jassy, que terminou, em 1792, uma nova guerra com a Porta, não trouxe mudanças essenciaes no commercio. Teve, comtudo, o effeito de estender o dominio russo na totalidade do littoral comprehendido entre o Dniester e o Kuban.

Mais importante foi ainda a acquisição das provincias que tocaram á Russia, na partilha da Polonia. A occupação de Otchakov assegurou a navegação no Dnieper; mas, sendo detestavel a enseada d'esta cidade, procurou-se um porto melhor, entre

---

[2] O commercio com os Gregos era já muito antigo. Constantino Porphyrageneta fez menção do commercio que os Slavos tinham no seu tempo com Constantinopla; mas este commercio não podia consistir senão em pelliças, de que os Gregos fizeram um uso habitual, mesmo no verão, em comestiveis, peixe salgado, mel, cera e talvez escravos. Os Gregos davam em troca vinho, arroz, fructas, pannos, estofos de sêda e de algodão e ouro. Le Clerc, *Histoire physique, morale, civile, et politique de la Russie ancienne,* vol. I, pag. 84 e 136.

as duas bacias do Dniester e Dnieper. D'ahi proveiu a fundação d'Odessa, em 1792. Estes ultimos acontecimentos, porém, pertencem cronologicamente ao periodo contemporaneo.

*

* *

Na Asia o commercio de terra procurou os caminhos que conduziam para a China e India. Concorreu para isso que os Chinezes, depois de violentas commoções internas, se tinham, desde 1644, submettido á dynastia mandechua, e modificado a sua politica tradiccional de reclusão hermetica, vis-á-vis dos estrangeiros. E dois imperios immensos contiguos deviam ter grande interesse em estabelecer mutuas relações, principalmente commerciaes.

Já no principio do seculo VII, os imperadores da Russia pediram e obtiveram da China a permissão de mandarem caravanas a Pekin, e até de lá construirem uma egreja para uso dos Russos e Siberianos. E esse pedido foi tambem determinado pelo facto de muitas familias, que ficaram prisioneiras nas luctas entre os dois paizes, continuarem vivendo na China, pela doçura do seu clima e tolerancia que o imperador lhes concedia.

Depois, jurada solemnemente a paz, em 1653, formaram-se companhias de Siberianos, em Tobolsk. E, a par d'essas sociedades, differentes familias de negociantes bassorianos se estabeleceram tambem na Siberia; e as caravanas d'umas e d'ou-

tras passavam pelas planicies dos Kalmukos, e atravessavam em seguida os desertos até a Tartaria chineza, tirando lucros consideraveis.

Perturbações sobrevindas no paiz dos mesmos Kalmukos e novas contendas dos Russos e Chinezes nas fronteiras desarranjaram essas empresas. Mas restabeleceu-se a paz com a China, em 1689, sob Pedro Grande, e delimitou-se a fronteira dos dois povos, que foi traçada no rio de Karbatchi, a cento e cincoenta milhas da grande muralha.

Os Arabes só tinham obtido permissão de visitar o paiz isoladamente até Singafu. Os Russos, porém, foram auctorisados a enviar todos os annos uma grande caravana a Pekin.

Em breve, as delimitações da fronteira occasionaram questões que interromperam o commercio. Uma embaixada solemne que Catharina I enviou a Pekin, em 1726, restabeleceu essas relações. O tratado de commercio que se concluiu, em vista d'isso, restringiu o trafico dos particulares á cidade fronteira de Kiakhta, onde os mercadores russos e chinezes deviam reunir-se, para effectuarem as suas trocas; e reconheceu-se ao Governo da Russia o direito de enviar directamente, de tres em tres annos, uma caravana a Pekin. O commercio dos particulares não tardou a prosperar; mas não aconteceu a mesma coisa com o d'essas caravanas, pois que era prejudicado pela politica desconfiada dos Chinezes, e, como consequencia, pela pouca liberdade que lhe concediam. Foi, por isso, que Catharina II, em 1762, libertou completamente o commercio, e renunciou aos monopolios e caravanas.

Em consequencia da caça feita ás lontras maritimas, nas ilhas novamente descobertas do mar oriental, a remessa de pelliças para a China tinha tomado uma importancia extraordinaria; e, por isso, estas pelliças russas eram objecto de uma constante procura tambem na China, em troca dos productos do paiz, especialmente do chá e rhuibarbo.

*

* *

Quanto á India, a Russia meridional era antes de Tamerlan um grande entreposto dos productos indianos, o os Genovezes eram os principaes factores d'esse commercio.

O Don e Dnieper andavam carregados dos productos da India. Mas, quando Tamerlan conquistou, no fim do seculo XIV, o Cheroneso Taurico, chamado depois Crimeia, e quando os Turcos foram senhores de Azof, essa grande corrente do commercio desappareceu.

Pedro Grande tentou estabelecer pelo Caspio relações commerciaes com a India, restabelecendo por ahi o antigo caminho do commercio para Bukaria e Khiva. Commercialmente, não aproveitou muito, em relação á India, com as expedições que organisou para isso, por causa dos Kirguises e Bachkires, naturalmente ladrões e indomaveis, que habitavam as regiões intermedias. Mas, sob outro aspecto, foram muito vantajosas estas expedições; porque por ellas a Russia obteve a posse incontes-

tada dos montes de Kolyma, então ricos de mineraes, e cujos thesouros, mais tarde descobertos, proporcionaram grande quantidade de ouro á Russia.

A imperatriz Anna obteve, depois, melhor resultado, no sentido de fixar em entrepostos permanentes esse commercio com a India sobre as fronteiras russas. E a submissão da pequena horda dos Kirguises concorreu para esse resultado.

Em 1734, fundou-se a cidade de Oremburgo, e, desde logo, as trocas foram muito activas, e animaram outras cidades limitrophes das steppes dos mesmos Khirguises.

A principio, as caravanas de Takend e Kachegar eram conduzidas sómente por mercadores asiaticos; no fim do periodo, porém, os mercadores russos tomaram parte n'ellas, e acabaram por se adiantar até Balk, onde vinham as caravanas da India.

*

* *

Quanto á Persia, pouco tempo depois da sua apparição sobre o Duina, a Companhia de Moscou tratou tambem de estabelecer relações directas com esse paiz, chegando para isso a mandar lá o capitão Jenkisson, commandante da ultima flotilha chegada da Inglaterra; e, se não conseguiu estabelecer aquellas relações, em todo o caso, provieram d'essas tentativas noticias mais completas sobre o commercio dos Gregos e dos Arabes, nas

regiões persicas, e sobre os antigos caminhos terrestres que levavam ao norte da India.

Depois, já Alexis, pae de Pedro Grande, fez construir um navio por um Hollandez, para ir traficar de Astrakan sobre as costas persicas. Esse navio foi queimado pelo rebelde Stenke-Razin; e com isso desappareceram todas as esperanças de negociar directamente com aquelle paiz. Mas Pedro Grande, não tendo podido restabelecer o commercio com a India, pela Bukaria, redobrou de esforços, para se apoderar do commercio da Persia; e, n'essa parte, foi mais feliz. Animando, por um lado, o commercio que os Armenios já vinham fazer a Astrakan de productos persicos; e, por outro lado, conseguindo conquistar, em 1722, as provincias Caspias de Ghilan, Daghestan e Chirvan, conseguiu estabelecer, realmente, um grande movimento mercantil com a Persia. Fundou, de proposito para isso, uma companhia onde foram admittidos os Russos e Armenios; mas prohibiu estes de expedirem directamente a sèda e quaesquer mercadorias para os outros paizes da Europa, como anteriormente haviam feito, afim de que todas ellas passassem pelas mãos dos Russos, como intermediarios.

De resto, as proprias provincias caspias forneciam, de per si, artigos importantes, como pão, arroz, vinho, fructas do sul, algodão, cavallos, naptha, sal, etc.

Quiz tambem Pedro Grande fundar uma cidade nas embocaduras do Kur, para servir de entreposto nas trocas entre o mar Caspio e o Ponto

Euxino em communicação com Tiflis. Mas a morte d'elle veiu prejudicar tudo isso. Renunciou-se, então, a fundar essa cidade sobre o Kur; uma sociedade armenia obteve o privilegio do commercio com a Persia, em prejuizo dos negociantes russos, o que obrigou a companhia fundada por Pedro Grande a dissolver-se; e, além d'isso, a imperatriz Anna restituiu as provincias caspias aos Persas.

O commercio com a Persia veiu, por isso, a recair de novo na mão dos Armenios, um dos povos mais commerciaes do mundo, n'esta epoca. E, sómente depois na epoca contemporanea, é que a Russia se expandiu, politica e commercialmente, do lado da Persia [1].

*

* *

Quanto aos centros commerciaes mais importantes, de todas as regiões da Slavia oriental, a mais favorecida por sua natureza, e, portanto, a que devia tomar grande preponderancia politica, era a de Kief.

Um grande rio navegavel, o Dnieper, apesar dos seus rapidos, percorre esta região; e, pelo mar Negro, onde vai desembocar, abre os caminhos de Constantinopla e do Mediterraneo.

O solo d'esta parte da Russia é dos mais ferteis do mundo, e é mais doce o clima que o das outras

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

planicies orientaes. Por isso, é natural que a população se agrupasse, principalmente, na bacia d'esse rio, e nas suas terras negras, que fornecem o pão em abundancia, e que ahi se formasse um grande centro, onde se concentrasse a riqueza e o poder.

Esse centro foi Kief, que, já no seculo IX, era muito commercial e muito frequentada pelos mercadores de Riazan, Rostov, Murom, Volhynia e Halitch; e ahi se encontravam tambem Allemães, Vendes, Tcheques e Moravios. Em 1076, tornou-se emula de Constantinopla, sobretudo, depois que, em 1037, foi reconstruida pelo principe Jaroslav, filho de Vladimiro, que fez tambem construir a cathedral de Santa Sofia e muitos outros templos e mosteiros, e que dotou a cidade de uma magnifica porta de entrada, chamada *porta do ouro.*

Contava, então, oito mercados, e atraia não sómente os negociantes, mas tambem os conquistadores, que vinham atraz da riqueza d'ella; e, por isso mesmo, foi, muitas vezes, occupada e devastada. Era uma outra Capua; e guardou, por muito tempo, a reputação da sua libertinagem.

Muitos seculos mais tarde, o escriptor Leontiew dizia: «Tudo seria bom em Kief, se lá não houvesse a influencia das tavernas e das hetaíras. Eis porque esta cidade é tão dissoluta que até um homem honesto se perde lá» [1].

---

[1] Luiz Skarzynski, *L'Alcool et Son Histoire en Russie.*

Batu, kan da Tartaria, neto do Grande Gengiskhan, occupou e devastou Kief, em 1240; e sómente, em 1320, tendo ella passado para o dominio de Guedimine, gran duque de Lithania (1315 a 1434), começou, pouco a pouco, a levantar-se.

O neto de Guedemine, Jagellon, esposou, em 1386, a rainha da Polonia, Hedwige, filha de Luiz o Grande, rei da Hungria e da Polonia, e subiu ao trono polaco, sob o nome de Vladislas v; e, então, Kief passou definitivamente para a dominação da Polonia.

Como grande parte das cidades d'esse paiz, gosava privilegios especiaes, chamados *Leis de Magdeburgo*, que lhe foram confirmados por Casimiro IV, filho do Vladislas Jagellon, e por Alexandre Jagellon, em 1494.

Entre esses privilegios, figurava o do commercio das bebidas espirituosas; mas essa concessão foi-lhe tirada, em 1558, por Gregorio Chodkiewicz. E, sendo em seguida restabelecida, continuou com differentes intervallos, e ás vezes tambem com differentes restricções, até 1654, em que a pequena Russia, a que essa cidade pertence, foi politicamente reunida a Moscou. Então o czar Alexis Michailowitch prometteu respeitar todos os direitos e liberdades da pequena Russia, e assim, o direito dos habitantes venderam livremente bebidas espirituosas em sua casa.

Apesar d'isso, houve, por parte dos governadores de Kief, successivas restricções á venda e commercio das bebidas espirituosas, o que trouxe tambem frequentes desordens, até que, em 1692,

Kief, Vladimir, e o sul da Russia foram submettidos a um regimen egual, sob o dominio dos czars de Moscou [1].

No fim do seculo XII, dois centros novos, collocados fóra da bacia do Dnieper, começaram a exercer a sua força de attracção, a saber: no occidente, Vladimir-Volinsky, capital de Vladimiria ou Lodomeria, que foi logo substituido por Galitch (Haliez), capital do principado da Galicia; e, ao oriente, Suzdal, á qual succedeu a sua vizinha Vladimir Zaleskigiy ou Transilvania, antecessora politica de Moscou.

Galitch, de uma parte, e Suzdal, da outra, trataram de se engrandecer e approximar á custa de Kief, quando a invasão dos Tartaros veiu pôr termo á rivalidade d'aquellas outras cidades, apoderando-se das margens do Dnieper.

A Gallicia tratou ainda de se manter, pela lucta contra os Tartaros, mas logo, exposta aos ataques dos seus vizinhos, Polacos, Lithuanios, Magyares, perdeu-se n'essas guerras, e acabou por cair, no meio do seculo XIV, na dominação da Polonia.

Menos cavalheirosos, os principes de Vladimir-Transilvania procuraram conciliar as boas graças dos conquistadores tartaros, governando em nome d'elles; e, assim, puderam conservar a posse da

---

[1] Luiz Skarzynski, *obr. cit.* — E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle,* vol. v; *L'Europe Scandinave et Russie* — Guenin, *La Russie.*

sua região e conseguir que a cidade continuasse na respectiva importancia.

Moscou. Em 1147, o grande principe da Sendalia, George Dokgoriski, impressionado pela belleza de um sitio n'uma altura, ao pé da qual corria o Moscova, ahi construiu uma cidade, que, sendo primeiramente um burgo ignorado, e sendo queimada pelos Tartaros, em 1237, foi reedificada, em 1247 a 1263, por Daniel, filho de Alexandre Newski, principe de Novgorod, e denominada Moscou, do nome finnez do rio Moscova, que, n'essa lingua, significa *agua turva.*

Com effeito, Moscou está situada nas margens de um grande rio — o Moscova, que passa na cidade, serpenteando-a; e, embora se preste sómente a pequenas embarcações, graças ás fracas ondulações da planicie, tem communicações faceis com o Volga, Oka, Don, Dnieper; e estava, assim, n'uma situação favoravel, para unir em seus muros os caminhos vindos de todas as extremidades imperiaes do mar Branco, do Ponto Euxino, do Baltico e do Caspio, bem como dos portos da Siberia e Europa Oriental [1].

O successor de Daniel, João Kalita, estabeleceu-se n'essa cidade, em 1305, tomando o nome do principe de Moscou. Conseguiu, então, que a séde episcopal fosse transferida de Vladimir para lá, o que lhe deu grande importancia; e estendeu o seu

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle,* vol. v; *L'Europe Scandinave et Russie.*

dominio sobre outros pequenos principados russos, alcançando um certo numero de cidades e territorios, nos arredores de Vladimir, Kostroma e Rostof, e fazendo de Moscou a capital da Grande Russia [1].

Comtudo, ainda no primeiro quartel do seculo XVIII, Moscou era uma cidade cheia de ruinas e d'immundicie. Havia grandes jardins, verdadeiros parques junto das casas, e os lacaios e ladrões que se acobertavam lá, saiam á noite, para roubarem os transeuntes. Mesmo no centro da cidade, a segurança não era completa. Demais a mais, havia sempre a temer as matilhas de cães errantes, e de bebados, batalhões de soldados, ladrões, etc. E, afinal, segundo já dissemos [2], ainda no tempo de Pedro o Grande, vista do alto da collina dos Pardaes que a defronta, parecia uma verdadeira cidade; mas, de perto, não era mais que uma aldeia immensa, onde o Europeu não achava abrigo, se o czar se não dignasse assignar-lhe um alojamento, que se assemelhava muito a qualquer prisão.

Um notavel progresso foi realisado, em 1739, quando um ukase de Anna Ivanowa ordenou a illuminação das principaes ruas.

Não era naturalmente insalubre; mas foi achacada a epidemias importadas de fóra.

Em todo o caso, até Pedro Grande, Moscou era

---

[1] Guerin, *La Russie* — Luiz Sharzynski, *obr. cit.*

[2] Vid. pag. 425.

o entreposto do commercio interno da Russia, e o centro da importação do sul por terra.

Os Gregos ahi levavam os objectos de luxo do oriente, pedras preciosas, baixellas de ouro e prata, *camelões* turcos, estofos de sêda, objectos de sella, arreios, coberturas, armas de preço, essencias e perfumes.

Tinham de offerecer, primeiramente, essas mercadorias ao czar, que as mandava avaliar, e que em troca lhes dava zibelinas e outras pelliças de valor; e só podiam vender aos particulares o que o czar recusava, como já fizemos vêr.

Quando Pedro Grande começou a reinar, Moscou tinha 300 mil habitantes, no inverno, população que descia a 130 mil, no verão.

Depois, com a fundação de S. Petersburgo, começou esta cidade a desbancar Moscou, mesmo commercialmente.

S. Petersburgo foi fundada, como já dissemos, por Pedro Grande, e augmentou, desde logo, prodigiosamente em area, commercio, navegação e população. Em 1794, já ella contava um milhão e duzentos mil habitantes [1].

A fundação d'esta cidade, de que Pedro queria fazer o seu paraiso, fez começar para toda a Russia uma epoca de trabalhos forçados. Os trabalhadores foram alistados em todas as provincias, como soldados. Em quatro annos, desde 1712 a 1716, mais de cento e cincoenta mil operarios

---

[1] Émile Haumant, *La Russie au XIII[e] Siècle.*

foram assim transportados para os pantanos do Neva, e a maior parte ahi morreu de febre, de fome e de varias epidemias.

Afim de obrigar todos os pedreiros a procurarem trabalho em S. Petersburgo, a construcção de qualquer edificio de pedra e tijollo foi prohibida no resto do imperio, sob pena de confiscação e desterro. Além d'isso, os nobres e o clero foram obrigados a edificar n'essa capital uma casa ou palacio, cuja forma e dimensões eram reguladas para cada um, segundo os seus haveres e respectiva cathegoria.

Para augmentar o commercio, foi-lhe dado logo o privilegio de dois artigos principaes do trafico russo, o canhamo e os couros; e bem assim o privilegio de que dois terços dos outros productos deviam ser exportados por lá, e só um terço por Arkangel. Mesmo Vologda teve de submetter-se a este privilegio do linho e dos couros.

Viram-se, desde logo, aportar a S. Petersburgo mais de duzentos navios. O seu commercio cresceu de dia para dia, por forma que logo eclipsou o dos portos de Narva e Revel. Só Riga é que se foi sustentando, porque traficava sobretudo com a Polonia e com as provincias desprovidas de communicações aquaticas. E tambem o commercio do porto da Livonia ficou sempre no mesmo pé.

O proprio commercio de Arkangel soffreu grande reducção. E era isso que o imperador tambem desejava; porque esse porto era impraticavel, n'uma grande parte do anno; ficava muito affastado de todas as nações; e, segundo Voltaire, o

commercio que se faz debaixo das vistas intelligentes d'um soberano, é sempre mais proveitoso [1]. E demais, tambem segundo Voltaire, é porto pequeno, e não tem tres metros de agua.

Quanto á situação, não sómente o Neva abre a S. Petersburgo todos os caminhos que convergem para Novgorod, quer dizer, para o valle do Volkhov, mas tambem os seus affluentes tributarios do Ladoga são outras tantas vias commerciaes, traçadas pela natureza, continuando, a sul, sudoeste e este, pelas depressões que limitam as bacias dos affluentes superiores do Volga. As communicações de vertente para vertente em nenhuma parte offereciam difficuldades invenciveis ás caravanas do commercio, mesmo antes de serem abertos os caminhos e cavados os canaes. E de todas as partes do littoral da Russia nenhuma está melhor collocada que o da bacia do Neva, porque esse rio está mais proximo do centro da população, e, ao menos, durante o estio, expede mais rapidamente os productos da Europa occidental [2].

No caminho do Volga, havia tambem como centros commerciaes importantes as seguintes cidades: Tver, que foi a mais poderosa rival politica de Moscou, e o porto principal do Alto Volga. Tinha a vantagem de se encontrar no confluente do Tvertza, que desce das alturas do norte, e que deu

---

[1] Voltaire, *Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre-Le-Grand.*

[2] E. Reclus, *obr. cit.*

sempre caminho para a bacia do Neva e do golfo da Finlandia.

Ribinsk, segunda estação commercial do Volga, a jusante do Tver.

Jaroslav, edificada, em 1025, pelo filho de Vladimiro o Grande, e mais tarde rival de Tver e Moscou.

Rostov e Krostoma, tambem cidades muito antigas.

Tula situada sobre o Upa, affluente do Oka.

Nijni Novgorod é, que, ainda na epoca moderna, era uma cidade insignificante; porque a feira cosmopolita, que actualmente lhe dá grande movimento commercial, só data de 1817, em que foi transferida para lá, depois do incendio do bazar de Makarief.

E, no medio Volga, teve sempre grande importancia Kazan, a antiga capital do reino dos Tartaros. Succedeu como importante mercado á cidade de Bulgar, que estava ainda mais bem situada, porque se encontrava a jusante da confluencia do Volga e do Kama, emquanto que Kazan se encontra a montante.

Esta cidade de Kazan é mencionada pela primeira vez nos annaes russos, em 1376, e foi deslocada, no seculo XV, de uma outra velha Kazan que existe ainda a cincoenta kilometros, a montante. Só fica nas margens do grande rio, na occasião das grandes cheias; mas, apesar d'isso, foi durante a epoca moderna, como ainda hoje é, um centro economico muito notavel.

Astrakan, no baixo Volga, actualmente decaida,

possuia outr'ora o monopolio do commercio russo com os paizes do mar Caspio, e recebia as mercadorias preciosas da Persia e da India.

Na edade contemporanea, é que, de um lado, os caminhos terrestres por Oremburgo, e, do outro lado, por Tiflis, foram preferidos pelos negociantes ás vias maritimas, e que os bancos de areia perigosos do Volga começaram a ser cada vez mais evitados pelo commercio internacional.

Comtudo, Astrakan occupa junto das bifurcações do delta uma das posições dominadoras, onde devia necessariamente fundar-se um entreposto; e d'ahi resultou a sua importancia, na edade antiga, media e moderna.

Antes d'ella, figurou tambem nas bacias do Volga Itil, capital do reino de Khasares.

Na bacia do mar d'Azof havia Kertch, cidade muito antiga.

Na Esthonia ao norte, a sua capital Revel, a Kolivan dos antigos Russos, era uma das cidades privilegiadas por sua situação commercial, e uma das mais antigas do imperio, porque já existia, em 1219. Elevava-se nas margens d'uma bahia profunda e abrigada por ilhas. Tinha, como ainda tem, a vantagem de se encontrar perto do angulo nordeste da Esthonia, entre o Baltico e o golpho da Finlandia; e, por esta situação, era, como ainda é, o ponto de partida e chegada natural de muitos caminhos maritimos. Era tambem uma das principaes cidades hanseaticas.

Viatka. Em 1150, certos habitantes de Novgorod, descontentes do regimen da sua cidade, des-

ceram o Volga, subiram o Kama, e, tendo vencido os Tchudes e os Votiades, povos do logar, fundaram uma cidade, que, primeiramente chamaram Chlysoff, mas que, mais tarde, se chamou Wiatka, do nome do rio, em cuja margem foi construida.

Uma bella montanha, elevando-se na margem do mesmo rio, formava um porto de defeza natural, de modo que não havia necessidade de construir muros em redor da cidade. As casas que se enfileiravam em circulo, encostadas á montanha, é que formavam uma especie de muralha. Acabada essa edificação, abriu-se no interior um poço, e construiu-se, perto d'esse poço, a casa do conselho, uma cervejaria e uma fabrica de hydromel.

Wiatka, apesar da sua antiguidade, não teve principes, e era a mais septentrional das republicas. O caracter corajoso dos seus habitantes fel-a passar por inexpugnavel. Comtudo, em 1391, Tokhtamyche, kan dos Tartaros, enviou seu filho Bestuta para vencer os Wiatkenses. Bestuta conseguiu vencel-os; mas o triunfo dos Tartaros foi passageiro. Para se vingarem, os habitantes do Wiatka não tardaram a occupar e destruir Saraj, a bella capital da Horda d'Ouro dos Tartaros, de que se não póde ainda descobrir os vestigios.

Wiatka tinha de soffrer fatalmente a sorte de Novgorod. Caiu, com effeito, nas mãos de Ivan III, mas a sua energia particular e a força de trabalho d'esta cidade continuou a existir nos seus habitantes [1].

---

[1] Luiz Skarzynski, *obr. cit.*

Ao occidente, na Lithuania, Kovno tinha tambem uma boa situação commercial, porque estava na juncção de dois cursos de agua, a uma pequena distancia e a montante de um outro rio, o Nieviaza ou Neveja. Assim, muitos valles se reunem em Kovno, e lhe dão uma importancia consideravel para o commercio.

Além d'isso, o cotovello do Neman, que, na visinhança d'essa cidade, muda bruscamente de direcção, contribue a fazer do Kovno um logar de convergencia para os differentes caminhos. No seculo XIV, já Kovno era um logar de *rendez-vous* para os mercadores allemães e mesmo inglezes. Dois seculos mais tarde, era o principal entreposto da Lithuania, sobretudo para os cereaes, e rivalisava de importancia com Kenigsberg. A guerra, porém, arruinou esse commercio.

Polotzk, situada sobre o Duina, na confluencia do Polota, foi rival de Kief e Novgorod, e durante muito tempo, foi independente. Incorporada, no seculo XIII, no principado lithuanio, não deixou de ser uma cidade importante. Tornou-se, como alliada da Hansa, um dos entrepostos avançados de Lubeck e Wisby, no interior da Russia; e era juntamente com Riga a cidade que tinha o movimento commercial mais importante.

Na segunda metade do seculo XVIII, os jesuitas, expulsos dos Estados da Europa, escolheram Polotzk para capital da sua ordem, e foi lá que residiu o seu geral.

Ostrog e Tchernigov tambem foram centros importantes.

Kursk, na Grande Russia, ao sul, situada perto do logar onde o rio Desna se torna fluctuavel, na juncção de dois dos seus affluentes, e, portanto, n'uma situação favoravel ao commercio, teve tambem outr'ora grande importancia mercantil. A feira de Kurck *(korennaya)* era a mais frequentada do sul, de modo que as trocas se elevavam a quatro milhões de rublos. Mas o centro das transacções entre a região industrial de Moscou e a terra agricola deslocou-se, mais ao sul, para Karkov, que, ainda no meio do seculo XVII, era uma pequena aldeia, e cuja importancia commercial começou a tornar-se proeminente, no seculo seguinte.

Riga, que, em 1710, passou dos Suecos para o poder dos Russos, foi fundada, em 1200, na embocadura do Duina; era a capital das provincias balticas; e estava e está n'um logar muito favoravel para o commercio, sobretudo na epoca moderna, em que não havia ainda communicações acceleradas. É lá que o golfo do mesmo nome penetra mais interiormente nas terras, e que vem lançar-se o Duina, grande rio navegavel, que as caravanas do commercio subiam, para se dirigirem á Russia central e bacia do Dnieper. Os dois *Aa* da Livonia e da Curlandia juntam o rio [1] ou, pelo menos, são deltas de alluviões, na visinhança mesmo do Riga; e esta cidade é, assim, o centro natural dos campos que elles regam.

Em todo o caso, o porto tem o inconveniente

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

de que, no inverno, o seu canal está fechado por uma longa camada de gelo.

Esta cidade foi um dos escriptorios mais florescentes da Liga Hanseatica, e isso tambem contribuia para o seu desinvolvimento commercial [1].

Astrakan, hoje decaida, possuiu outr'ora o monopolio do commercio russo com os paizes d'além Caspio, e recebia as mercadorias da Persia e India.

Novgorod, tambem hoje decaida, foi outr'ora a cidade que se dava a si propria o nome de *Senhora*, e cujo dominio se estendia além dos montes Uraes. Se não foi para a Russia uma capital como S. Petersburgo, foi, ao menos, a grande intermediaria com o mundo occidental; e, construida sobre as duas margens do Volkhov, a alguns kilometros a jusante do lago Ilmen, era o entreposto natural de toda a região superior, e uma das estações naturaes que conduzem do Baltico ao mar Negro.

N'uma epoca de guerras continuas, era uma vantagem para qualquer cidade de commercio o não estar exposta ás incursões dos piratas scandinavos ou germanos. Os Tartaros, que devastaram toda a Russia oriental e meridional, não puderam nunca tocar n'esta cidade. No meio das suas florestas, Novgorod estava mais segura que as cidades do littoral.

Demais a mais, elevava-se na visinhança immediata do lago Ilmen, n'um terreno de uma vintena de metros de altura, rodeado por todos os lados de

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

aguas correntes e pantanos, e esse terraço era uma fortaleza natural. Comtudo não era elle bastante extenso, para receber uma população consideravel, e a cidade nova teve, por isso, de se estabelecer a dois kilometros a juzante, sobre uma outra ribanceira ou encosta do Valkhov. Foi Novgorod que se tornou o centro do poder politico na Russia do norte, e que disputou a Kief o titulo de berço da potencia russa.

Commerciando directamente com as cidades hanseaticas, teve, primeiramente, os seus escriptorios em Wisby, a capital da Gotlandia. Depois, as suas principaes relações estabeleceram-se com Lubeck, e, por meio d'esta cidade, com toda a Liga Hanseatica. Pouco a pouco, os Allemães tornaram-se por Novgorod os senhores de todas as trocas exteriores da Russia; mas foi a propria cidade que se apoderou do trafico do interior, e que, por suas colonias, enviadas ao nordeste, ás costas do mar Branco e mesmo á Siberia occidental, se tornou a suzerana de um territorio egual em superficie a toda a Europa occidental. Além d'isso, ella era com Pskov o centro das artes, das letras e das seitas racionalistas. «Ninguem pode nada contra Deus e contra Novgorod, repetia um proverbio, bem conhecido».

Forte pela sua carta de liberdade, que pretendia ter obtido de Jaroslav o Sabio, e que ella conservava preciosamente, e forte, sobretudo, pela independencia material que lhe davam as suas riquezas e os seus cidadãos armados, Novgorod viveu muito tempo como republica autonoma, livre politica-

mente, mas sempre inquieta, e, muitas vezes, dividida em facções rivaes. Os cidadãos não eram eguaes, e entretanto que os *brancos*, isto é, os privilegiados estavam sempre em lucta uns com os outros, os *negros*, ou gente pobre, continuavam a trabalhar para todos aquelles.

No meio do seculo XV, quando se tratou de defender a cidade contra o Estado moscovita, Novgorod perdeu rapidamente as suas colonias do nordeste, que estavam muito afastadas, para que pudesse soccorrel-as, e ligadas, então, á Moscovia pelo Oust Youg e curso do Vitchegda. Depois, ella propria, sucumbiu, e a sua historia só foi uma longa serie de desastres.

Em 1471, os seus exercitos foram vencidos pelas forças russas e tartaras de Moscou, ajudadas pelo ciume de Pskov. Em 1478, os Novgorodianos foram obrigados a prestar juramento ao principe aristocrata de Moscou; no anno seguinte, os cidadãos suspeitos foram mortos, e mil familias foram transportadas para outras regiões. Em 1494, foi destruida a cidade por Ivan III; renovaram-se os morticinios; e, além d'isso, mais de mil familias foram exiladas. No seculo XVI, a nação novgorodiana estava quasi exterminada, e substituida em parte pelos colonos moscovitas. Ivan IV fez morrer sessenta mil pessoas. Cada dia, durante muitas semanas, quinhentos a mil cidadãos eram lançados no Wolkhov; de modo que este rio foi barrado por cadaveres, e, segundo a tradição, a agua ainda hoje não gela no logar d'essas submersões.

No seculo XVII, Novgorod deu ainda um signal

de vida, por uma sua revolta, mas teve de entrar logo na obediencia; e o que n'ella restava ainda dos seus mercadores, constituiu um dos primeiros elementos da população de S. Petersburgo.

D'ahi por diante, a cidade decaiu completamente [1].

*

* *

Os Russos ainda, em 1356, não conheciam o dinheiro amoedado. Empregavam outros signaes representativos. O primeiro d'esses signaes era a pelle de marta, cujo dinheiro era conhecido pela palavra *kuna*. O *vekokhe*, outro dinheiro, era a pelle de uma especie de *esquilo* ou harda. Vinte d'essas peças faziam uma kuna. O *rezan* era um quarto de pelle do esquilo, e quatro rezans faziam um vekokhe. As orelhas e meias orelhas do esquilo serviam para pequenos trocos, e chamava-se *polucko* (meia orelha) ao quarto da *kopeika* ou soldo russo.

Havia tambem os *lobki*, frontes do esquilo, e os *mordki*, focinhos de marta. O proprio tributo que se pagava ao kan dos Tartaros, consistia em certa quantidade d'estas pelles.

No fim do seculo XIV, este systema foi substi-

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Geographie Universelle — L'Europe Scandinave et Russe.*

tuido por pedaços de couro, tendo gravados um signal qualquer; e, só no seculo XV, é que appareceu o dinheiro amoedado. Mas, ainda assim, antes de Pedro Grande, apenas circulava na Russia dinheiro em cobre ou prata, cuja unidade era o *kopeck*, que vinha a ser a centesima parte de um *rublo*; e o rublo correspondia pouco mais ou menos a 100 soldos tornezes. Vinha portanto o *kopeck* a corresponder a um centavo approximadamente da nossa moeda, e o rublo a um escudo.

Então, quasi todos os imperadores, e além d'elles muitos principes, e até as cidades de Tver, Novgorod, Pskov, Moscou, Rezan e Kaschim cunhavam moedas, que foram muito variadas na forma, tamanho e emblemas.

No seculo XVII, o dinheiro que estava em uso no commercio, era o dos *rixdalers*, e o que se cunhava para uso commum dos Russos, era uma peça de prata, mais ou menos larga, segundo a abundancia d'esse mineral. Ilia, sogro do czar Alexis Mikailovitch, persuadiu-lhe que cunhasse kopecks de cobre, e lhes desse o mesmo valor que aos de prata: o que elle fez. Produziu isso uma crise economica; o preço das mercadorias subiu enormemente; a prata retraiu-se; as moedas de cobre desvalorisaram-se, e tanto mais que não só o czar mas tambem os proprios ministros em proveito proprio, cunhavam esse cobre pelo valor da prata. E essa desordem deu até logar a uma revolta do povo, que o czar afogou em sangue.

Pedro Grande substituiu esse kopeck de prata pelo de cobre, tendo curso forçado pelo mesmo

valor do da prata; e, por morte d'elle, cunharam-se differentes especies de cobre, e uma d'ellas do valor de 5 kopecks; de modo que essa moeda de cobre, pela lei de Groshen [1], expulsou o dinheiro que ainda havia de prata.

Como a moeda de cobre era muito pesada, foi preciso facilitar a circulação, e isso determinou, pela inspiração de Schuvaloff, a fundação de bancos e a substituição do cobre por papeis de credito. Sob Isabel, o senado achou esta ideia prejudicial e perigosa, porque o papel não tinha valor intrinseco; mas essa substituição fez-se, effectivamente, depois, no tempo de Catharina II, em que se fundaram novos bancos em Moscou e S. Petersburgo, destinados a substituir aquellas moedas de cobre por assignados que correspondiam a notas.

No fim da epoca moderna, as moedas russas eram:

Em ouro

A imperial, que valia 10 rublos, e correspondia pouco mais ou menos a 10$000 rs. da nossa antiga moeda.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 218.

[2] Alphonse Rabbe, *Resumé d'Histoire de Russie*, pag. 86—Ao contrario do que diz Alphonse Rabbe, Guenin, na obra já citada, *La Russie*, pag. 29, diz que Jaroslaf fez cunhar moedas, com o seu nome christão Georgios, inscripto em grego n'uma face. Mas, pelo silencio dos outros historiadores, deve concluir-se que a circulação d'essa moeda foi pequena, e brevemente desappareceu.

Meia imperial, que valia 5 rublos = a 5$000 rs.

O ducado que valia 2 rublos = a 2$000 rs.

Rublo de ouro, que valia 100 kopecks = a 1$000 rs.

Meio rublo de ouro que valia 50 kopecks = a 500 rs. Tudo, pouco mais ou menos.

Em cobre

O rublo, que valia 100 kopecks, e correspondia a 1$000 rs. da nossa antiga moeda.

Meio rublo ou poltina, que valia 50 kopecks = a 500 rs.

Peça de 20 kopecks = a 200 rs.

Peça de 15 kopecks = a 150 rs.

Peça de 10 kopecks, que se chamava *grivnes*, e correspondia a 100 rs. E tambem tudo isto, pouco mais ou menos.

Em cobre

Grivnes ou peça de 10 kopecks, que correspondia, pouco mais ou menos, a 100 rs. da nossa antiga moeda.

Peça de 5 kopecks = a 50 rs.

Peça de 3 kopecks, que se chamava *altinas* = a 30 rs.

Peça de 2 kopecks = a 20 rs.

Kopeck = a 10 rs.

Denicka = a 5 rs.

Polucka = a 2 reaes e meio [1]. E tambem tudo isto, pouco mais ou menos [2].

*

* *

Quanto a communicações, a Russia, quasi que até o fim da epoca moderna, não tinha vias de communicação. Nos seculos XVI e XVII, as vias terrestres russas eram impraticaveis. Pedro Grande teve de construir a estrada chamada *Via Perspectiva*, entre as duas capitaes Moscou e S. Petersburgo. Mas esta via, solidificada, na parte lodosa, por fachinas e traves, que se deterioravam sem cessar, e que foi reparada no seculo XVIII, mal podia passar pelo que hoje chamamos uma via artificial. As vias suecas do paiz do Baltico ficaram, todo o seculo XVIII, como ideal que o governo russo tratava em vão de imitar.

Catharina II foi levada a fazer deixar, ao lado dos entulhos artificiaes, largas fachas de terra, que permittiam o viandante sair da estrada, sem se arriscar a cair nos fossos. Só em 1816, sob Alexandre, e, portanto, fóra da epoca de que estamos tratando, é que se começou a calçar a estrada entre aquellas capitaes.

A viação fluvial era tambem muito defeituosa

---

[1] Le Clerc, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 489.

[2] Damos a equivalencia das moedas russas no nosso antigo dinheiro, em reis, pelas razões já apresentadas a pags. 217, 322 e 385.

até Pedro Grande, que tratou de a melhorar. Mas, apesar dos esforços d'esse imperador, os rios forneciam, como ainda hoje acontece, uma communicação muito deficiente.

De novembro a abril, no sul, (excepto no sudoeste e na Transcaucasia), e durante nove mezes, no norte, estão immobilizados pelo gelo; e, além d'isso, enchem desmedidamente durante o desgelo, para baixarem quasi sem interrupção até os primeiros frios, não obstante as chuvas do estio.

O Volga, cuja bacia occupa mais d'um terço da região da Russia, tem, geralmente, uma inclinação e velocidade muito fracas. E, como percorre os territorios do centro e sudoeste, onde as mudanças da temperatura são muito grandes entre as estações extremas, é absolutamente impraticavel cento e noventa dias por anno.

Este periodo dá-se, quando já passaram as enormes cheias, que fazem subir o debito de dezasseis a quarenta mil metros cubicos, a juzante do Kama, até as baixas aguas, que descem perto de Ribinsk e Tver a um tirante de cincoenta a oitenta centimetros. Depois d'isso, e já no outomno, é que a navegação se torna muito activa, quando a corrente começa a engrossar.

Os outros rios não apresentam exactamente os mesmos caracteres. Nenhum é tão longo, tão largamente ramificado, e nem se eleva a niveis eguaes. Mas encontram-se differentes obstaculos á navegação, e mais complicados ainda, se é possivel.

Assim os do norte, Onega, Duina, Petchora,

impedidos pelo gelo nas tres quartas partes do anno, teem, demais a mais, as margens formadas de terrenos pantanosos e inconsistentes, e são cortados de verdadeiros rapidos. O Neva, emissario dos grandes lagos, tem um grande debito, (2:980 metros cubicos na media); mas só fica inteiramente livre de gelos, durante quatro a cinco mezes. O Dnieper, cujo escoamento é sustentado pelas aguas dos pantanos de Pinsk, atravessa uma serie de cataractas entre Ekaterinoslav e Alexandrovse. O Don tem alternativas muito consideraveis, e as suas aguas espraiam-se n'uma tal largura que o ancoradouro se torna quasi impossivel. O Donetz não é utilizado, senão durante as cheias da primavera. O Ural, emfim, verdadeiro rio das steppes, não tem muita agua, e não pode conduzir barcos de commercio.

A Caucasia com o Kuban e o Kuma, eram, em summa, as provincias russas mais favorecidas, no ponto de vista da navegação interior, como hoje ainda são [1].

Tambem Pedro Grande tratou d'abrir o canal do lago Ladoga ao Volga, dirigindo elle proprio os trabalhos, e de juntar o Caspio ao Baltico, por meio de canaes que se concluiram depois. Mas o Ladoga, erriçado de escolhos, sujeito ás tempestades, e, muitas vezes, impraticavel para os barcos, era uma passagem, tambem muitas vezes, funesta. Para remediar os perigos d'essa navegação, o

---

[1] J. Machat — *Le Développement Economique de la Russie.*

imperador formou o projecto de um novo canal, que unia o Volkov ao Neva; mas enganou-se no nivellamento, e esse canal só foi acabado sob Pedro II.

Tambem Pedro I encarregou o principe Tcherkask de ir á Grande Bukaria, para descobrir o antigo leito do Oxus (Amu-Daria), que desembocava outr'ora no mar Caspio, e cujo curso os Kalmukos tinham desviado. O projecto consistia em restabelecer esse curso, para procurar novos ramos ao commercio e abrir uma nova fonte de riqueza para Astrakan; mas Pedro Grande não teve tempo de iniciar tão grande empresa.

*
* *

A primeira organização postal data do fim do seculo XV, a epoca da unidade da politica na Russia.

No fim do seculo XVII, o governo dispunha de duzentas estações postaes, repartidas entre sete estradas, com mudas de cavallos, as quaes estações communicavam com todos os confins do imperio. Mas, antes de Pedro Grande, os correios só serviam para as necessidades governamentaes, e o serviço não era regular; porque, por um lado, o Governo só aproveitava os seus postilhões, quando precisava; e, por outro lado, os particulares não podiam utilizar-se dos *iam* ou correios governamentaes. No seculo XVI, o Estado recusou até aos negociantes inglezes o servirem-se de correios, e sómente

um seculo mais tarde, no reinado de Alexis Michailovitch, é que os mercadores estrangeiros puderam obter o estabelecimento de communicações postaes regulares pelas cidades de Riga e Vilna, com o unico porto commercial d'essa epoca, o de Arkangel.

E para isso deviam custear as despezas da empresa e dirigi-la, debaixo da vigilancia do ministerio dos negocios estrangeiros, que era distincto do ministerio dos correios.

Pedro Grande fez tambem medir officialmente as distancias, e fez passar os correios das mãos dos estrangeiros para o Estado, mas, sómente sob Catharina I, é que a differença entre a posta governamental e a do Estado desappareceu.

*

* *

O antigo commercio servia-se no estio, para o transporte de mercadorias, das vias fluviaes ou mesmo de trenós. Estes dois transportes ficavam pelo mesmo preço, e até o dos trenós era mais barato que o transporte por agua nas grandes vias commerciaes.

A principal d'essas vias era a de Moscou ao unico porto que a Russia possuia, Arkangel. A quarta parte d'esta via fazia-se por agua de Arkangel a Vologda, e vice-versa. Era em Vologda que as mercadorias estrangeiras estacionavam, esperando que o inverno tornasse praticavel a via de Moscou, cujo percurso se fazia por trenós; e era

tambem lá que os mercadores russos, vindos do interior do paiz, esperavam o degelo do rio, para descerem até o mar Branco.

Os preços dos transportes por Novgorod, outra grande via commercial da antiga Russia, quasi que não differiam dos de Arkangel. Comparados aos preços normaes, antes da guerra dos alliados com a Allemanha, esses preços eram duas vezes mais elevados, e comparados aos das linhas ferreas, oito a vinte vezes.

Para transportar as mercadorias no estio, por meio de carroças, era preciso gastar quatro vezes mais que no inverno. Assim, todos os transportes soffriam uma paragem no estio. As trocas entre os mercados interiores e exteriores só tinham logar uma vez por anno, e para isso, recorria-se ás caravanas e ás feiras [1].

*

*   *

Temos percorrido este longo caminho da historia economica da Russia, na edade moderna.

Saindo da barbaria, ainda no seculo XVI, o lento progresso deste grandioso Estado fez-se, umas vezes, a golpes, egualmente barbaros e brutaes de alguns dos seus imperadores, como Ivan IV, e, outras vezes, pelos esforços, ainda rudes mas paci-

---

[1] P. Milioukov — *Essais sur l'Histoire de la Civilisation Russe*, traduzido em francez por P. Damas e D. Loskice.

ficos, de outros imperantes, como Alexis I. E, no meio das revoluções intestinas e ataques estrangeiros, com a compressão da liberdade dos cidadãos, com a amargura dos servos e dos escravos, e com o privilegio odioso dos nobres e da corôa, os Russos foram levando uma vida agitada, obscura e grosseira até Pedro o Grande. Esse imperador, porém, fez todos os esforços para civilisar o seu povo, para o trazer á vida europeia, para transformar os costumes barbaros, para fomentar a agricultura, o commercio, a industria e a marinha, em summa, para que o seu paiz tomasse um logar honroso no festim da civilisação.

Não era possivel que, no atraso em que a Russia ainda estava, os esforços d'um só homem, por maior genio que elle tivesse, pudessem completar uma empresa tão grandiosa, e muito menos colher a maior parte dos seus fructos. Mas Catharina II continuou efficazmente essa obra; de modo que, no fim da edade moderna, a Russia, além de preponderar politicamente na Europa, começava tambem a allumiar pelo progresso os recantos do seu territorio, os desertos das suas tundras e a braveza das suas steppes.

CAPITULO XVI

Italia, Asia e Sudeste da Europa

Como toda a Italia, n'esta epoca moderna, caiu n'uma grande decadencia, e quasi que n'uma obscuridade relativa — Como se deu, por isso, a mesma coisa, quanto ás republicas e Estados da peninsula, que, na edade media, se tornaram tão notaveis — Como tambem, por isso mesmo, se faz apenas um ligeiro esboço da vida politica e economica, tanto da Italia em geral, como d'aquellas republicas e Estados em particular.

Italia em geral — Leve esboço da sua vida politica — Motivos da sua decadencia, a saber: a descoberta do novo caminho para as Indias; as guerras com estrangeiros e as discordias intestinas; a corrupção dos costumes; as fomes e as pestes; e a ruina particular dos differentes Estados italianos, que influiu na ruina geral, como esta influiu na decadencia d'elles — Como só brilharam as artes, as letras e algumas industrias particulares, por exemplo: ourivesaria, mosaicos, bordados, perfumes e arreios de cavallos.

Veneza — Leve esboço da sua vida politica — Como a descoberta do caminho para as Indias a prejudicou — Como tentou inutilmente obter dos reis portuguezes o monopolio da compra dos productos indianos, a ver se, d'esse modo, evitava a catastrofe — Como a decadencia geral da Italia, a corrupção dos costumes, a rivalidade dos outros povos, a má acção dos governos, o desprezo do commercio, e o amor excessivo das riquezas, prejudicaram tambem esta republica.

Genova — Leve esboço da sua vida politica — Fertilidade do seu territorio e más condições das suas costas — Como tambem a decadencia geral da Italia e as causas que a produziram,

os abalos politicos e a nobreza e corrupção dos Genovezes determinaram egualmente a sua ruina economica.
Pisa e Florença — Leve esboço da sua vida politica — Como as causas geraes da ruina da peninsula, as perturbações politicas, e o governo dos Medicis prejudicaram egualmente esses dois antigos Estados.
Napoles — Leve esboço da sua vida politica — Como as mesmas causas da ruina geral da Italia e as perturbações politicas actuaram tambem nefastamente na vida economica de Napoles — Esforços de Fernando, o Catholico, para reparar essa ruina — Má gerencia dos seus successores ou vice-reis, e retrocesso, no governo d'elles — Estado miseravel em que o reino estava, quando passou para o poder de Carlos IV da Allemanha e III da Hespanha — Como este rei nada fez para remediar o mal, antes o augmentou — Como o reino continuou a decair até á sua completa ruina.
Asia e sudeste da Europa e sua decadencia.

Tanto a Italia em geral, como especialmente as differentes republicas ou Estados que a compunham, cairam, n'esta edade moderna, de que estamos tratando, n'uma grande decadencia, e quasi que n'uma obscuridade relativa. Por isso mesmo, tanto com relação á Italia em geral, como com relação áquelles Estados, limitamo-nos a fazer um ligeiro resumo da sua vida politica e vida economica n'este periodo. E o mesmo vamos fazer tambem, e mais ligeiramente ainda, com respeito á Asia e ao sudeste da Europa.

*

* *

Italia em geral. Toda a Italia, com a descoberta do novo caminho para a India, levou um golpe

mortal, porque, segundo já temos dito por differentes vezes, o movimento navegador e mercantil do Mediterraneo passou a fazer-se pelo Oceano, de modo que esse outro mar converteu-se quási n'um lago. E concorreu tambem para a decadencia economica de toda a peninsula a successão de guerras com estrangeiros e de lutas intestinas com os nacionaes [1], e o ter ella andado alternadamente nas mãos dos Hespanhoes, Francezes e Allemães, que a opprimiam pelo seu despotismo, e a exploravam pela sua avareza.

Foi assim que, desde 1503 a 1513, a França e a Hespanha disputaram a posse d'esse bello paiz, e Carlos VIII, Luiz XII e Francisco I, trataram inutilmente de o dominar. A Hespanha conseguiu, por fim, assenhorear-se das Duas Sicilias, e, desde 1505, fez do ducado de Milão uma das suas provincias. E, tendo d'esse modo, em seu poder a Italia a norte e sul, organizou o resto á sua vontade. Sómente Veneza é que ficou independente.

O seculo XVII tirou á Hespanha um pouco d'esta preponderancia, e o seculo XVIII arrebatou-lh'a quasi inteiramente; porque o Milanez e as Duas Sicilias passaram para as mãos da Austria (1706-1731).

Mas, desde 1731 a 1738, duas linhas cadetes da casa de Bourbon de Hespanha obtiveram, uma d'ellas, Parma, e a outra, as Duas Sicillias, com

[1] J. Zeller, *Les Tribuns, et les Revolutions en Italie.*

a condição de que taes Estados jámais seriam reunidos á corôa hespanhola.

Depois, vieram tambem as guerras da revolução franceza, que mudaram a face da Italia; mas esse periodo já não pertence a este volume [1].

A par d'estas guerras, conquistas e perturbações, a enorme e geral corrupção dos costumes, prejudicava tambem o trabalho, e, portanto, a industria e commercio. E ainda accresceram a tantas causas deleterias as fomes e pestes, que, tantas vezes, affligiram a Italia.

Pode dizer-se que, n'essa ruina de toda a peninsula, apenas sobresaiu, como radiosa constellação que allumiava a sombria decadencia economica e politica de um povo, o desinvolvimento das bellas artes: musica, pintura, esculptura, arquitectura e estatuaria, e mesmo das letras e sciencias [2].

E, nas industrias materiaes, apenas durante o

---

[1] Cesar Cantú, *Historia dos Italianos*, traducção franceza, vol. 2.º—Bouillet, *Dictionnaire Universelle d'Histoire et de Géograhie*—Sismondi, *Histoire des Républiques italiennes*.

[2] Como prova do que se diz no texto, podemos citar: os pintores, Leonardo de Vinci, que era tambem um grande sabio, fallecido em 1519; Raphael, fallecido em 1520; Corregio, em 1524, André del Sarto, em 1530; Miguel Angelo, tambem pintor, esculptor e estatuario, em 1564; Ticiciano, em 1576; Veroneze, em 1588; Tintureto, em 1591: os arquitectos, Bramante, fallecido em 1541, Vasari, em 1574 e Francisco Rustici, tambem em 1574: os poetas Ariosto, fallecido em 1533; Aretino, em 1557; Tasso, em 1595: Cellini, ourives e esculptor, fallecido em 1570: Machiavel, historiador, fallecido em 1469; e, na musica, Dentrice, José Caimo, Paulo Cima e Teota.

seculo xvi, as de ourivesaria, mosaicos, bordados, perfumes, arreios de cavallaria, estavam muito desinvolvidas pelo luxo dos nobres [1].

Isto pelo que toca em geral a toda a Italia. Mas, se descermos do estudo geral d'essa peninsula ao exame particular das suas republicas e cidades que tanto figuraram no periodo anterior, encontramos ainda outros accidentes politicos e sociaes, que egualmente as fizeram decair, como vamos expor, e que, por consequencia, fizeram tambem augmentar a ruina geral da Italia.

*

* *

Veneza. A liga de Chambray, formada contra Veneza, em 1508, pelo imperador da Allemanha e pelo papa e reis da França e de Aragão, poz essa republica a dois dedos de uma perda total, e custou-lhe a Polecina, com cinco cidades que tinha no reino de Napoles. Chypre e as Cicladas foram-lhe arrancadas por Selim ii, em 1571; e, sob Mahomet iv (1669), uma guerra terrivel arrancou-lhe tambem a ilha de Candia. E debalde a republica recuperou algumas das praças da Morea, desde 1683 a 1699; porque as tornou a perder, em 1739.

Ainda assim, desde a paz de Passovitz (1738), em que perdeu a Morea, possuiu sempre o dogado, isto é, as ilhas e arredores das lagunas, e as pro-

[1] Cesar Cantú, *obr. cit.*, vol. viii.

vincias de terra firme, a saber: Padua, Vicença, Verona, Brescia, Bergamo, Creme, a Polesina de Rovigo e a Marche Trevisana, que comprehendia Feltre, Bellume e Cadoro; ao norte do seu golfo, o Friul; ao nascente, a Istria, a Dalmacia com as ilhas que d'ella dependem; na Albania, o territorio de Cattaro, Butrinto, Parga, Prevesa e Vonizza; e, no mar Jonio, as ilhas de Corfu e Paxo, Santa Maura, Cephalonia, Theaki, Zante, Asso, as Strophades e Cerigo [1].

Emfim, ainda que Veneza tivesse ficado apparentemente neutral, nas luctas da revolução franceza, foi occupada, em 1797, por Bonaparte, que, pelo tratado do Campo-Formio, a entregou á Austria, menos as ilhas a sudeste, em troca do ducado de Milão, que elle guardou, e do limite do Rheno.

Mas, a descoberta do novo caminho para a India deu-lhe um golpe mortal; visto que o commercio oriental, em vez de seguir o Mediterraneo e o mar Vermelho, seguiu a via do Atlantico, desviando, portanto, para o occidente da Europa as correntes mercantis.

Por outro lado, a acção politica dos governos, os costumes dos cidadãos, a molleza dos habitos e a rivalidade dos outros povos da Italia, convergiram egualmente para a ruina da republica.

Assim, o Estado concentrava-se na cidade de Veneza, e a cidade resumia-se, por assim dizer, em algumas familias.

A fraqueza e falta de estimulo politico dos cida-

[1] Cesar Cantú, *Hist. d'Italia;* vol. x, pag. 329.

dãos eram plenas: já tão despidos se achavam elles de todas as energias salutares.

A politica externa sómente via na republica uma presa cubiçada; e a prudencia tão lisongeada dos senadores limitava-se a manter a neutralidade entre as potencias belligerantes da Italia, a impedir as provincias sujeitas de se não levantarem, e a occultar a propria fraqueza do Estado.

A concentração dos productos orientaes no porto de Lisboa, e o desvio para esse porto dos generos asiaticos, que anteriormente vinham pelo Mediterraneo, deu tambem um profundo golpe, e, certamente, o maior, no commercio de Veneza. Para prevenir as suas consequencias, quiz ella obter dos reis de Portugal o monopolio da compra dos productos da India [1]. Mas, não o tendo conseguido, o commercio veneziano decaiu tão rapidamente que foi apenas uma sombra da sua antiga prosperidade. E parece até que arrostou uma especie de infamia, por isso que foi prohibido aos nobres o negociar: medida essa absurda a que, só muito tarde, em 1784, se quiz obstar, excitando, então, a nobreza a empresas mercantis. O credito, que representa a alavanca do commercio, desfallecia; e o proprio banco da circulação esteve, muitas vezes, a ponto de fallir. A cidade viu diminuir successivamente o numero das lojas de negocio, e a marinha mercante e militar, cada vez, se foi reduzindo mais.

Além d'isto, ao amor da acquisição das rique-

[1] *A Historia Economica*, vol. IV, pag. 322.

zas substituiu-se a paixão dos prazeres; e uma existencia molle e efeminada enervava as multidões.

Por isso mesmo, o luxo era muito grande, embora a diminuïção da riqueza fosse enorme; e a corrupção dos costumes era assombrosa.

Foi comtudo isto que a rainha dos mares, na edade media, a successora da antiga Carthago, emfim, essa republica de Veneza, cujo pavilhão dominou ovante no Mediterraneo, e cujo commercio se estendeu triunfantemente pelo mundo conhecido, se abysmou tambem, como toda a Italia, a par da sua decadencia politica, n'uma completa ruina economica.

Mesmo a população da cidade, que, no fim do seculo XVII, ainda contava 200 mil habitantes, desceu, no correr do seculo XVIII, a pouco mais de 100 mil [1].

*

* *

Genova. Já em 1458, os Genovezes tinham perdido, no meio das suas revoluções, a maior parte dos seus dominios; e a invasão dos Turcos roubou-lhes tambem os estabelecimentos que possuiam no mar Egeu e no arquipelago (1475). André Doria submetteu de novo Genova á França; mas, des-

[1] Obras de Lord Byron, traduzidas em francez por Amadée Tichot, vol. II, appendice, nota G.

contente do rei, alliou-se a Carlos v, que livrou a republica do jugo dos Francezes, e lhe deu uma nova constituição (1528).

Os doges foram, então, restabelecidos, mas nunca foram vitalicios. Eram eleitos por dois annos, e ajuntou-se-lhes dois consules e um censor, que foi, então, o proprio Doria. Genova ficou depois estreitamente ligada á Hspanha, e tomou partido por ella contra a França. Em 1648, Luiz XIV bombardeou a cidade, que tinha insultado o seu embaixador. Em 1746, os Austriacos occuparam a mesma cidade, e foram expulsos, tres mezes depois. Em 1768, os Genovezes tiveram de ceder á França a ilha de Corsega, por não poderem já dominar os revoltosos. Finalmente, em 1796, Genova foi occupada pela França, e o seu territorio formou, no anno seguinte, a Republica Liguriana.

Ora, todos estes accidentes e a decadencia geral da Italia e do commercio do Mediterraneo, pelas causas que já mencionamos, trouxeram egualmente a ruina economica d'esta republica.

O territorio que se estendia sobre as costas da antiga Liguria, e se apertava entre o mar e os Apeninos, de forma a apresentar de longe o aspecto de duas praias, produzia muito vinho, grande abundancia de laranjas e de azeite, e era repleto de amoreiras. Mas, em geral, as costas são aridas, erriçadas de rochedos, e os peixes parece fugirem da agua que as banha. A natureza convidava, sobretudo, á marinha e ao commercio, mas nenhuma d'essas industrias podia prosperar, em consequencia dos abalos politicos da republica e

das más condições economicas da Italia: tanto mais que a corrupção e molleza dos Genovezes era parallela á de Veneza [1].

*

* *

Piza e Florença. Piza, vencida, em 1405 e 1406, por Florença, ficou sempre debaixo do seu dominio, excepto desde 1494 a 1509, em que uma expedição de Carlos VIII, na Italia, expulsou temporariamente os Medicis, que, desde 1420, dominavam Florença, e fez revoltar os Pizanos. Mas Piza foi de novo submettida, em 1509, e o dominio dos Medicis foi restabelecido, em 1513. Portanto, n'esta epoca moderna, a historia economica e politica dos Pizanos, que anteriormente hombrearam até com o poderio de Veneza e de Genova, mesmo no periodo aureo d'estas republicas, confunde-se com a historia de Floronça.

Ora, Florença, a partir de 1420, caiu, como já dissemos, sob a influencia dos Medicis, e acabou por se tornar o patriotismo d'essa familia. Conservou ainda assim o nome de republica; mas, a partir de 1560, tanto a cidade como o seu territorio foram elevados a um gran ducado, sob o nome de Gran ducado de Toscana.

Quando o poder dos Medicis se extinguiu, em

---

[1] Cesar Cantú, *obr. cit.* — A. Chambolle, *Resumé de l'Histoire du Piemont et de la Sardaiyne.*

1737, o Gran Ducado foi dado á casa de Lorena, que, logo depois, se tornou a nova casa da Austria, e que o possuiu por toda a epoca moderna. E, repetimos aqui, parte do que já dissemos, quanto a Genova: as causas geraes da ruina da peninsula, a par do absolutismo dos Medicis, abateram egualmente o movimento economico de Piza e de Florença [1].

*

* *

Napoles formou com a Sicilia por muito tempo, e já desde a edade media, o reino das Duas Sicilias.

Estando, porém, o reino de Napoles anteriormente separado, algumas vezes, da Sicilia, achava-se egualmente separado, em 1504, quando Fernando III de Aragão o Catholico reuniu de novo os dois reinos; e, d'esta vez, essa reunião durou até que se extinguiu a casa da Austria hespanhola, em 1703 [2].

A paz de Utrecht (1713) deu a Sicilia a Victor

---

[1] Cesar Cantú, *obr. cit.* — Bouillet, *Dictionaire Universel d'Histoire et Géographie.*

[2] N'esse periodo, teve logar em Napoles, em 1647, a celebre eleição do pescador Masaniello para rei, e a revolução que o levantou a esse logar. J. Zeller, *Les Tribuns et les revolutions en Italie.*

Amadeu, duque de Saboia, emquanto que Napoles passou para a Austria, com a Sardenha, sob Carlos III. Mas, em 1720, Victor Amadeu trocou a Sicilia contra a Sardenha; e as Duas Sicilias ficaram de novo reunidas, primeiramente, em favor da Austria (1735), sob Carlos IV da Allemanha (Carlos III de Hespanha), e em seguida, em favor do principe mais novo da linha da casa de Bourbon, que reinava na Hespanha. Um d'esses principes, Fernando IV de Hespanha e I de Napoles, da casa de Bourbon, casou, em 1767, com uma princeza da Austria, Maria Carolina; e esta, dominando esse fraco esposo, mas deixando-se tambem dominar por um favorito, J. Acton, e por uma mulher depravada, lady Hamilton, e tornando-se senhora dos destinos de Napoles, opprimiu os Napolitanos, e deu todos os cargos aos estrangeiros.

Tendo este ramo da casa de Bourbon sido chamado ao trono de Hespanha, em 1759, ficou pertencendo o reino das Duas Sicilias a um outro ramo cadete; e os seus descendentes o guardaram até á conquista franceza (1806-1815).

Ora, aquelle Fernando o Catholico de Hespanha, que, segundo dissemos, reuniu de novo os dois reinos das Duas Sicilias, em 1504, tendo encontrado ainda esses dois reinos, no desinvolvimento economico que lhes vinha do periodo anterior, tratou de secundar tambem esse progresso.

Assim, para proteger a industria local, onerou de direitos os pannos de fóra, e não permittiu que os estrangeiros pudessem estabelecer fabricas no reino, senão mediante a concessão do Governo.

Com isso, não sómente Napoles, mas Aquila, Tesano, Ascoli, Arpino, Isola de Sora, Piedimonti d'Adife e a Calabria forneceram muitos pannos; e a cultura da sêda tomou grande desinvolvimento.

A maior parte da população de Napoles occupava-se em tecer pannos de toda a qualidade, e até brocados de ouro, que os Venezianos lhe tinham ensinado a fazer. E a propria côrte e nobreza consumia uma grande parte d'esses artigos para os vestuarios e adornos domesticos.

Brevemente, porém, essa industria da sêda foi prejudicada por absurdos regulamentos, decretados pelos successores de Fernando o Catholico e pelos vice-reis.

E, com effeito, o vice-rei duque de Arcos, em 1657, não contente em rodeal-a de muitas restricções, prohibiu ás provincias a venda da sèda e a sua tinturaria e tecelagem, que foram reservadas para os compradores e industriaes da real alfandega de Napoles, aos quaes, portanto, os productores deviam vender os casulos. E, em 1685, foi até prohibido introduzir novas invenções, n'este genero de industria, com ordem de não expor no mercado senão estofos trabalhados á moda antiga, e pelos preços de outr'ora.

A par d'isso, houve differentes medidas prohibitivas, quanto á venda do pão, vinho, carne, peixe e outros generos. E, d'este modo, mau grado o incitamento de Fernando o Catholico, a industria e o commercio tiraram pouco resultado de costas tão favoraveis e terrenos tão ferteis, como tinha o reino de Napoles.

Quando Carlos IV da Allemanha (Carlos III de Hespanha) tomou conta d'esse reino, achava-se elle no mais infeliz estado. As servidões reaes prejudicavam a agricultura. Os pastores levavam os gados a pastar nos campos, que deviam servir para alimentar o povo. E os caminhos tinham-se arruinado, por forma que era muito difficil o transporte para Roma, como, geralmente, acontecia nas outras regiões da Italia.

Nenhum d'esses caminhos estabelecia communicação entre as cidades do interior e as das costas, e não havia estrada que fosse de Napoles á Calabria.

Graves inconvenientes resultaram tambem da multidão dos monges, que eram propagadores de uma devoção irracional e de milagres infinitos, e possuidores de grandes terrenos, e mesmo de bairros inteiros; porque os legistas sustentavam que os proprietarios de casas e terras, confinantes com mosteiros, deviam ceder-lh'as, conforme o preço marcado por arbitros. Pode dizer-se que os homens da egreja possuiam quatro partes de todo o reino [1].

E, a par d'esta miseria pública, espantava a riqueza dos templos, como, por exemplo, o dos Cartuchos e os de S. Martinho e S. Januario.

Os legados, as dotações e fundações em favor dos clerigos e das egrejas reduziam á mendicidade

---

[1] Cesar Cantú, *obr. cit.*

muitas familias plebeias. Os paes compravam um logar no ceu com o pão de seus filhos. Variavam as leis civis, conforme as provincias. N'uma parte, dominavam os costumes sarracenos, n'outra parte, os dos Lombardos, n'outra ainda, os dos Normandos. A par d'isto, reinava o direito feudal, que excluia os filhos mais novos e as filhas da successão dos feudos. Prohibições mal entendidas contra a exportação dos productos territoriaes paralisavam o andamento do commercio, da industria e da agricultura. E, nos logares os mais afamados por sua fecundidade, havia immensos terrenos incultos e desertos: tristes consequencias da má administração municipal.

A percepção dos impostos estabelecidos no reino era tambem vexatoria na forma e na essencia; e a repartição d'elles era a mais injusta. O systema financeiro, em geral, repousava sobre bases tão falsas como abusivas. As despezas do Estado excediam muito os seus rendimentos. As fortalezas caiam em ruinas. Os portos açoriavam-se. Os piratas da Argelia e de Marrocos faziam frequentes irrupções nas costas, roubavam os navios mercantes, e entregavam-se a uma pilhagem desenfreada, tanto mais violenta quanto o desgraçado estado da marinha real não permittia reprimil-os. E, finalmente, a massa da população não era representada por qualquer corporação que lhe pudesse servir de orgão ou valimento para as suas reclamações e necessidades.

Vê-se, assim, quantos flagellos reclamavam imperiosamente os cuidados de Carlos III.

Como cumpriu elle essa tarefa?

Augmentou o mal por medidas absurdas. Entre essas, promulgou uma ordenança para a ilha de Procida, prohibitiva sobre a caça, que diz assim: *Considerando que o gato come o coelho, prohibimos, sob pena de morte, a todos os habitantes da ilha de Procida de conservarem algum gato na dita ilha*; e differentes gendarmes de caça foram incumbidos de executar essa ordenança.

Ora, aconteceu com isso que as toupeiras, ratos e ratinhos se multiplicaram infinitamente, inundando as casas, e devorando as proprias crianças nos berços. Os habitantes de Procida, afim de fugirem a tão terrivel flagello, resolveram expatriar-se. E foi necessario que tomassem tal resolução, para Carlos IV revogar tão absurda ordenança.

A par da miseria do povo, tambem havia a sua ociosidade, o seu espirito bulhento, e tumultuario, de modo que estava sempre prompto a pegar em armas, e o reino pullulava de bandidos [1].

Em summa, Carlos IV nada fez, para remediar aquelle desgraçado estado de coisas, antes, pelo contrario. E Napoles, sob o dominio d'elle e dos seus successores, caiu egualmente na ruina economica geral da Italia.

[1] Cesar Cantú, *obr. cit.*, vol. X, pag. 98.

*

* *

Asia e sudeste da Europa. A Asia, a não ser a India, de que já fallámos no capitulo IV, ficou sepultada na lethargia a mais profunda; e a sua participação, outr'ora tão activa no commercio do mundo, cessou quasi inteiramente. A barbaria invadiu mesmo a extremidade do sudeste da Europa; e, n'essa extremidade, onde maior prosperidade commercial tinha reinado, e parecia dever sempre reinar, foi substituida a riqueza, o luxo e a liberdade, pela pobreza, ignorancia, preguiça e escravidão.

RECAPITULAÇÃO

Temos percorrido este longo espaço da edade moderna, desde a descoberta da America até á revolução franceza. Vimos como, surgindo da edade media, um pequeno povo — Portugal — atirou com um pedaço de panno para o tôpo de uma caravella, e foi com ella arrancar do Mar Tenebroso o segredo de um novo caminho para a India e a descoberta de um novo mundo. Vimos depois como, após este exemplo, os outros povos, especialmente a Hespanha, Hollanda, Inglaterra e França, se esforçaram baldadamente por descobrir tambem novos caminhos, vendo-se, finalmente, obrigados a seguir na esteira dos Portuguezes. Assistimos, com o alargamento material do mundo, ao alargamento moral das artes e sciencias e á dilatação intellectual em todas as espheras do espirito humano.

O Mediterraneo tornou-se um lago, e, por isso, a Italia, Grecia e sudeste da Europa perderam o seu antigo fastigio commercial.

O Oceano Atlantico e Oceano Pacifico transfor-

maram-se no theatro immenso de um commercio universal.

Estabeleceu-se um novo systema colonial, e com elle a exploração mercantil dos povos da Europa sobre as regiões de além-mar.

Transformou-se tambem o predominio economico das nações; porque, ao passo que a Italia se arruinou, tambem a Hollanda e Allemanha declinaram. E, pelo contrario, sobresairam Portugal, Hespanha, Inglaterra e França, e começaram a radiar no horizonte mercantil povos anteriormente apagados, como a Russia, a Dinamarca, a Suecia e Noruega.

Alargou-se a area dos productos, com a descoberta e colonisação de novas regiões. E, finalmente, o mundo, escravisado e comprimido no jugo dos despotas ou dos senhores feudaes, foi refervendo na retorta da liberdade, para, no fim do periodo, alumiar todo o universo, com o facho deslumbrante, embora sangrento, da revolução franceza.

FIM DO QUINTO VOLUME

INDICE

CAPITULO I

CAPITULO II

CAPITULO III

CAPITULO VI

CAPITULO VII

Dinamarca e Noruega

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

CAPITULO X

Suecia

CAPITULO XI

CAPITULO XII

CAPITULO XIII

Russia

CAPITULO XIV

CAPITULO XV

PRINCIPAES ERRATAS E OMISSÕES

Pag.	*Linhas*	*Onde se lê*	*Deve lêr-se*
33	1	Australiano	australiano
34	2	na edade media	na edade moderna
59	4	permittiam	permittia
66	17	crida	criada
75	21	*Ouvrières de l'Industrie*	*Ouvrières et de l'Industrie*
78	1	Colonne	Calonne
82	3	e aggravou	e alargou
83	21	Briareu	Briare
84	29	Briareu	Briare
96	20	Endem	Eden
102	20	quando estes podiam	quando estes, bem regulados, podiam
112	4	*ruennries,*	*ruenneries,*
223	14	pannos de seda	pannos, seda
273	1	Trianquebar,	Tranquebar,
334	26	Eric IV	Eric XIV
384	5	725	225
401	1	Ivanovitck	Ivanovitch
443	5	Demetrio, Láptev	Demetrio Laptev